

LÉXICO  
**FATALUCO—  
—PORTUGUÊS**

NÁCHER

# **LÉXICO FATALUCO-PORTUGUÊS**

P. ALFONSO NÁCHER<sup>†</sup> (1905—1999)

Os coordenadores agradecem a Geoffrey S. Hull a sua disponibilidade e autorização para reproduzir nesta edição os seguintes textos originais:

**Nácher, A.** 2003. «Fataluco-Português: Primeira Parte (Introdução e edição de Geoffrey Hull)».

*Estudos de Línguas e Culturas de Timor-Leste*, 5, 135-196.

**Nácher, A.** 2004. «Léxico Fataluco-Português (Parte Segunda)». *Estudos de Línguas e Culturas de Timor-Leste*, 6, 119-177.

#### **Financiamento**

Agência Espanhola de Cooperação ao Desenvolvimento (AECID), Projeto de Desenvolvimento Rural de Liquiçá II (RPDLII) & Salesianos de Dom Bosco Timor-Leste

#### **Coordenação editorial**

Alberto Fidalgo Castro & Efrén Legaspi Bouza

#### **Direção artística, desenho, paginação e edição das fotografias**

David Palazón

#### **Ilustrações**

Elena Tognoli

#### **Textos**

Frederico Delgado Rosa, Efrén Legaspi Bouza, Alberto Fidalgo Castro, Geoffrey Stephen Hull & Alfonso María Nácher Lluesa

#### **Colaboradores**

Atanásio Pereira Xavier, Paulino Rosário do Carmo & Felícia Maia

#### **Fotografias**

O autor ou a fonte são mencionados na legenda de cada fotografia

**Tradução e revisão em língua Portuguesa** do «Prefácio», «Introdução», «*Oleu Pitine*» e «A Religião em Timor-Leste desde uma perspetiva Histórico-Antropológica»

Advance Translations, S.L. | [www.advance-translations.com](http://www.advance-translations.com)

#### **Apoio logístico**



IMAGEM, DESIGN & ARQUITECTURA LDA.

© **desta edição** Salesianos de Dom Bosco Timor-Leste, 2012. © **dos textos** Os autores. © **das ilustrações** Elena Tognoli | [www.elenatognoli.eu](http://www.elenatognoli.eu) © **das fotografias** Os autores ou proprietários da fonte, indicados na legenda © **do desenho** David Palazón | [www.incidentaldoc.com](http://www.incidentaldoc.com)

Edição não comercial. Proibida a sua venda. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrónico, e mecânico, fotográfico e gravado ou qualquer outro, sem a permissão expressa dos titulares do copyright.

ISBN: 978-84-695-4633-8

#### **Impresso em**

Gráfica Patria, Rua Presidente Nicolau Lobato 3, Dili, Setembro 2012.

# **LÉXICO FATALUCO-PORTUGUÊS**

Manuscrito de Alfonso Nácher, 1984  
Digitação de Justino Valentim, 1992  
Edição de Geoffrey S. Hull, 2003 e 2004  
Presente edição, 2012



# **ESPAÑA E TIMOR-LESTE PARA A PROMOÇÃO DA CULTURA PARA O DESENVOLVIMENTO**

A Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento em Timor-Leste promove a Cultura para o desenvolvimento, e isto não seria viável se não se actuasse com o consenso e a valorização dos actores, sem os quais os projectos de cooperação para o desenvolvimento não seriam possíveis.

A Espanha e Timor-Leste estabeleceram um programa bilateral que se baseia nas prioridades do Governo de Timor-Leste, comprometendo-nos a prestar especial atenção aos grupos de população que vivem em situação de pobreza.

Este cenário implica que se procure uma globalização mais inclusiva e equitativa, que nos ajude a enfrentar as desigualdades e os problemas globais partilhados, entre os quais a pobreza e a deterioração do meio ambiente estão em primeiro plano.

Procuramos a concertação entre as diferentes instituições, as organizações não governamentais para o desenvolvimento (ONGD) e os diferentes actores, baseados na articulação e na participação para chegarmos a objectivos comuns.

É com grande satisfação que apresentamos este dicionário com a intenção de continuarmos a perpetuar o trabalho do padre salesiano Alfonso María Nácher Lluesa, que indubitavelmente —neste caso— levou por diante o seu trabalho com um sentido unificador no entendimento das palavras, fonte e refúgio das culturas, palavras que unem os habitantes deste ninho morno do sudeste asiático chamado Timor-Leste ao resto do mundo.

Através da contribuição do padre Nácher para a área linguística, etnográfica e antropológica e da divulgação que se efectua com o contributo da AECID do Governo da Espanha, o presente dicionário tenta ser um emblema da articulação entre culturas e expor a diversidade interpretada pelo sacerdote salesiano.

Desde o Estoril até Timor, a fraternidade entre os nossos povos está sinalizada e é por isso que, como sócios no desenvolvimento, impulsionados para melhorarmos a qualidade de vida dos nossos povos, continuamos a trabalhar e a juntar esforços, sentindo-nos simultaneamente muito gratificados por sucessos como o desta publicação que nos compromete, como o fez durante a sua vida o Pe. Alfonso Nácher, a continuar a trabalhar em solidariedade e com rigor de compromisso sempre, sempre mais, sempre mais forte, sempre mais longe.



Javier José Calviño Pazos  
Coordenador Geral  
A AECID em Timor-Leste

# ÍNDICE

Introdução	09
<i>Uruvatju e Tjiapu: Genealogias Invisíveis da Etnografia</i>	11
Missionária em Timor-Leste Frederico Delgado Rosa	
<i>Oleu Pitine</i> Efrén Legaspi Bouza	41
A Religião em Timor-Leste a partir de uma Perspectiva	79
Histórico-Antropológica Alberto Fidalgo Castro	
Léxico Fataluco-Português	121
Introdução Editorial Geoffrey S. Hull	123
(Primeira Parte A—L) Padre Alfonso Nácher	129
(Segunda Parte M—Z) Padre Alfonso Nácher	203



# INTRODUÇÃO

—  
Alberto Fidalgo Castro e Efrén Legaspi Bouza

Apresentamos nas páginas seguintes uma edição crítica do *Léxico Fataluku-Português* do padre salesiano Alfonso María Nácher Lluesa, a partir de uma perspectiva antropológica, histórica e linguística. Esta edição é uma iniciativa pensada a partir do *Projeto de Desenvolvimento Rural de Liquiçá II (RPDLII)*; que tem como financiador a Agência Espanhola de Cooperação para o Desenvolvimento (AECID) e como sócio local a Fundação Companhia de Jesus de Timor-Leste.

O livro coloca a reimpressão do trabalho que —sob a dactilografia do manuscrito do padre Nácher— foi efectuado pelo linguista Prof. Geoffrey Hull e que foi publicado na revista *Estudos de Línguas e Culturas de Timor-Leste*, —hoje desaparecida e de difícil aceso— dividido em duas partes, nos anos de 2003 e 2004. Nesse sentido, o objectivo principal da obra é colocar à disposição dum público amplo e dum público académico a obra do padre Nácher, para que sirva de referência para futuras investigações. Assim, o presente livro também é uma homenagem à pessoa do padre Nácher e aos frutos do seu trabalho como missionário em Timor-Leste.

O manuscrito original do padre Nácher recolhe definições em português de léxico e expressões em língua Fataluku, assim como a tradução correspondente nas línguas Tétum e Makasae. O léxico recolhido contém uma quantidade significativa de conceitos e expressões referentes ao património cultural, tanto tangível como intangível (rituais, gastronomia, tarefas agrícolas, tradição oral) dos falantes da língua Fataluku.

Na sua edição do manuscrito do padre Nácher, o Prof. Hull faz uma correcção linguística do trabalho original, ajustando a ortografia portuguesa utilizada pelo padre à normativa oficial de 2003, purgando parte dos usos redundantes em língua Fataluku que o texto original contemplava e reduzindo as palavras em Tétum que, sob o seu juízo como linguista, pudessem ser mais úteis do ponto de vista etimológico. Nela também, acrescenta breves apontamentos biográficos sobre Nácher e uma introdução sobre a metodologia utilizada do ponto de vista da linguística.

A presente edição do livro está dividida em duas partes, constituindo a segunda parte a reimpressão do trabalho que o Prof. Hull efectuou sobre o texto do padre Nácher. Além disto, o dicionário é precedido duma primeira parte composta por três artigos inéditos que, a partir da Antropologia Social e Cultural, proporcionam um conhecimento académico que permite a contextualização e a valorização do trabalho realizado na devida altura pelo padre Nácher. Esta primeira parte é composta por um artigo de Frederico Delgado Rosa em que analisa a génese das etnografias feitas por missionários e religiosos em Timor-Leste, em que se inclui a do léxico do padre Nácher. Em segundo lugar, apresenta-se uma história de vida do padre Nácher realizada pelo antropólogo e jornalista Efrén Legaspi Bouza e, finalmente, um texto sobre as relações entre o catolicismo e a religião tradicional a partir de uma perspectiva histórico-antropológica, escrito por Alberto Fidalgo Castro.

Queremos aproveitar esta oportunidade para manifestarmos os nossos agradecimentos às seguintes instituições e pessoas que, de diversas formas, colaboraram para a que a publicação deste livro fosse possível: Agência Técnica para a Cooperação (OTC) da Agência Espanhola de Cooperação para o Desenvolvimento (AECID) em Timor-Leste e a todos os trabalhadores da mesma; Companhia de Jesus de Timor-Leste; Salesianos de Dom Bosco Timor-Leste; IDA, Imagem, Design & Arquitectura, Lda.; Tatoli ba Kultura; Serviço de Bibliotecas da Universidade da Corunha; Geoffrey Stephen Hull, Frederico Delgado Rosa, María del Mar Bermúdez González, Enrique Alonso Población, Lucía Fernández Álvarez, Atanásio Pereira Xavier, Paulino Rosario do Carmo, Felicia Maia, Victor de Sousa, Alfeo, David Palazón, Elena Tognoli, Nuno da Silva, Joana Franco, Sansón e Teresa.

*Ami mos hato'o agradesimentu ba ami-nia viziñu sira husi Lospalos iha área Metiaut.*

*Ba ita-Boot sira hotu, obrigadu barak!*

# **URUVATJU E TJIAPU: GENEALOGIAS INVISÍVEIS DA ETNOGRAFIA MISSIONÁRIA EM TIMOR-LESTE<sup>1</sup>**

—  
Frederico Delgado Rosa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa,

CRIA — Centro em Rede de Investigação em Antropologia

«— *Quo vadis, Domine?* Onde vais, Senhor?

«Nazário não ouviu qualquer resposta, mas aos ouvidos de Pedro chegou uma voz inefavelmente doce e triste, que disse:

«— Se tu abandonas o meu povo, eu tenho de ir a Roma para ser outra vez crucificado.»

Henryk Sienkiewicz, *Quo Vadis?*, 1895

«Do passado restava apenas a memória dolorosa dos lugares onde outrora a fé florescera.»

Pe. Abílio José Fernandes, *Esboço histórico e do estado atual das missões de Timor*, 1931

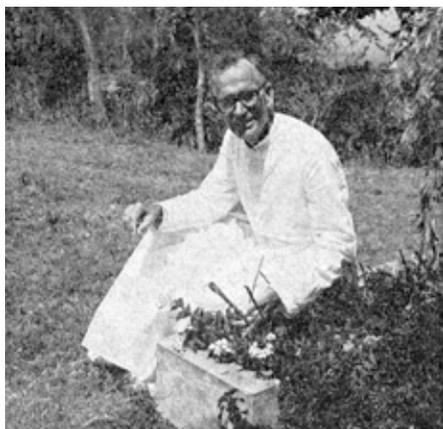
«*Afa naunuku alim ura lauhe*. Todos nós resucitare/ mos.»

Pe. Afonso Náchér, *Dicionário de Fataluku-Português*

## **A GESTA DOS DICIONÁRIOS PERDIDOS**

Num artigo de 1975 sobre «A Obra salesiana em Timor», o Pe. Afonso Maria Náchér viu-se obrigado a falar de si próprio e das suas realizações na missão de Fuiloro, informando nomeadamente o leitor que elaborara com «trabalho aturado» um dicionário de Fataluku, mas «aproveitando os apontamentos dos missionários anteriores», entre os quais destacava o Irmão leigo José Ribeiro, que ali trabalhava há mais de um quarto de século sem interrupção. «O Senhor Ribeiro é como um de nós», diziam os timorenses da região, em homenagem desde logo ao seu domínio do vernáculo. Era tão-somente o salesiano que melhor praticava o Fataluku, em resultado de um velho hábito de escrever «cadernos de frases tal como as pronunciavam os nativos». Não era então de estranhar que fosse «o melhor catequista que se possa ter imaginado», assim dizia o Pe. Náchér, porquanto era capaz de explicar a doutrina «com parábolas e vocábulos muito do uso do povinho». A estreitíssima relação entre língua e

1. Texto elaborado no âmbito do projeto The Sciences of Anthropological Classification in “Portuguese Timor”, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal



1

1. Legenda original: «P. José Rodrigues —catequese a um casal de Raça». (*Boletim Salesiano*, 1986, 378: 13)

2

3

2. Pe. Afonso Nácher, c. 1967. (*Boletim Salesiano*, 1967, 229: 15)

3. Irmão José Ribeiro à direita. Legenda original: «Um dos chefes da povoação saúda o missionário beijando-lhe muitas vezes a mão. O beijo consiste em esfregar o nariz várias vezes na mão.» (*Boletim Salesiano*, 1971, 271: 7)

cultura traduziu-se como que inevitavelmente na metamorfose desse homem em verdadeiro etnógrafo, ainda que olvidado, quase anónimo, se não fossem estas palavras de Afonso Nácher a seu respeito: «Tem, sem publicar, uma obra com costumes e lendas, maravilha de génio, singeleza e arte literária.»

(Nácher 1975: 163, 175)<sup>2</sup>

Este não é um caso isolado e deve mesmo considerar-se que, no processo de aprendizagem das línguas timorenses, verdadeira prova de fogo dos clérigos na ilha, a anotação de expressões e frases ultrapassava sempre o âmbito linguístico em sentido estrito, não podendo deixar de ser etnografia também, independentemente do gosto e da sensibilidade de cada um para o registo dos usos e costumes locais. E assim como seriam inexistentes para a História os apontamentos dos seus predecessores, caso Alfredo Nácher os não tivesse mencionado e aproveitado em parte para o seu dicionário, muitos manuscritos passados se perderam, alguns para sempre, por destruição física, outros no limbo da arquivística portuguesa, timorense ou da Igreja Católica. Os que chegaram à letra de imprensa podem bem ser entendidos como a ponta de um *iceberg* plurissecular, a julgar por esse e outros indícios. Até mesmo Ezequiel Pascoal, o missionário que mais etnografia terá feito em Timor no século XX, sendo reconhecido por antropólogos profissionais como «uma autoridade», teve ocasião de revelar que nunca chegou a publicar a maior parte do que escreveu, designadamente sobre as crenças e os ritos timorenses, sendo hoje a localização desses documentos um enigma por resolver. (Pascoal 1967; Hicks [1976]: 26) Tencionava, é certo, reuni-los em livro, mas não chegou a fazê-lo, contrariamente à sua coleção de lendas nativas, *A Alma timorense vista na sua fantasia*, de 1967, notório projeto de etnografia de salvação. E era justamente a par da aprendizagem do Galóli, desde a sua colocação em Manatuto em 1932, que o missionário «ia esquadrinhando (...) costumes e superstições gentílicas da região». (Pascoal 1967: 13) É caso para perguntar se o Pe. Afonso Nácher não terá também deixado manuscritos etnográficos, para além do pouco que chegou a publicar no *Boletim Salesiano*.<sup>3</sup>

2. O irmão coadjutor José Ribeiro chegou a publicar, na verdade, pelo menos um artigo no *Boletim Salesiano*, intitulado «Da morte do jacaré à conversão do rei», em 1966. Para além disso, deu uma entrevista ao mesmo boletim, na qual admitia ter aprendido «com certa facilidade» o Fataluku «e outros dialetos», e daí o seu papel de «intérprete» dos missionários «que vão chegando e ainda não sabem falar aquelas línguas com os indígenas.» (Ribeiro 1971). 3. Ver bibliografia. Agradeço a Vicente Paulino as pistas bibliográficas que me facultou.

Convém entretanto lembrar que a Antropologia dos nossos dias, essencialmente por razões de natureza ética, faz questão de olhar para os informadores nativos, do passado ou do presente, como especialistas da sua própria cultura, em pé de igualdade com os observadores, e não na obrigatória categoria de observados, a que supostamente estavam votados por tabela no período colonial. E devemos assim frisar que, por detrás dos missionários com obra impressa, linguística ou etnográfica, não se escondem apenas os pares que anonimamente os ajudaram ou antecederam, mas também os autóctones que diretamente lhes possibilitaram essas aprendizagens das línguas e dos costumes. São mais raros ainda, no *arquivo* em sentido lato, os nomes desses homens e mulheres timorenses, sendo que o Pe. Nácher mencionava a dívida dos salesianos, incluindo o Irmão José Ribeiro, para com «um tal Vicente» que lhes serviu de intérprete nos primeiros anos. (Nácher 1975: 161) Tratava-se de um «cristão antigo», mas nem por isso o seu nome de batismo ficou inteiramente na memória.<sup>4</sup> É curioso notar que o Pe. Ezequiel Pascoal veio a prestar tributo tardio ao seu principal informador na década de 30, um cristão que já tinha sido *matan-dook*, um «misto de curandeiro, arúspice e feiticeiro»:

«Não havia superstição que não conhecesse, cerimónia pagã a que não tivesse assistido ou presidido, estilo que lhe fosse estranho, urat em que não primasse, palavras de hamúlac (...) que não tivesse pronunciado ou cujo sentido ignorasse. E o Chico Lárac —era este o seu nome de que nunca me hei de esquecer— que tanto sabia, nada me ocultava. Contava-me tudo com uma franqueza infantil. (...) Com tão franco e abalizado mestre —verdadeiro livro aberto de paganismo— não tardou que me sentisse habilitado a falar dos costumes locais quase ex cathedra.» (Pascoal 1967: 13)

Exatamente na década de 30, encontramos referências concretas a manuscritos linguísticos e etnográficos, produzidos por missionários, cujo paradeiro ou sorte atualmente se desconhecem. (Fernandes 1931: 124; Correia 1935: 257) E se a História timorense do século XX, a começar pela ocupação nipónica durante a Segunda Guerra Mundial, explica em grande medida essas tragédias arquivísticas, a verdade é que podemos imaginá-las noutras épocas. Vejamos uma ilustração de Oitocentos. Da autoria do jesuíta Sebastião Maria Aparício da Silva e impresso em Macau no ano de 1889 pela Tipografia do Seminário, o primeiro *Dicionário de Português-Tétum* foi alegadamente um fruto do ressurgimento missionário do último quartel do século; mas a verdade é que um militar já vinha há mais tempo preparando «um livro sobre a língua dos indígenas», cuja publicação susteve, em face do aparecimento daquela obra. Provavelmente nada saberíamos hoje a esse respeito, se Rafael das Dores não tivesse decidido

apesar de tudo publicar o seu *Dicionário de Teto-Português*, já no século XX, no que foi incentivado pelo grande vulto e seu amigo José Leite de Vasconcelos.

Ora, o interessante é que, além do léxico propriamente dito, Rafael das Dores dizia ter «grandes maços» de apontamentos sobre os usos e costumes de vários reinos timorenses, sobretudo da então chamada contracosta, sendo que alguns desses manuscritos lhe foram oferecidos por outras figuras coloniais. Nos «preliminares» do seu dicionário de 1907, fazia aliás uma revelação surpreendente a respeito dos padres indianos que estavam à frente das missões de Timor no início dos anos 1870, ou seja, por altura da sua chegada à ilha:

«(...) entendi que devia aprender a fala do país em que tinha de viver algum tempo, e por isso comecei a tomar notas de tudo o que os naturais diziam, sendo-me então graciosamente oferecidos bastantes apontamentos pelo Rev.º Padre Mesquita, superior da missão católica, índio muito inteligente e instruído, que posteriormente foi perseguido, para dar lugar ao estabelecimento da missão dos europeus ordenados em Sernache do Bonjardim, sem dúvida mais instruídos que os missionários de Goa.» (Dores 1907: 2)

Sendo quase proverbial, na historiografia das missões de Timor, a má fama desses padres goeses indigenizados e considerados responsáveis, no terreno, pela decadência das mesmas ao longo do século XIX, não podemos senão concluir que a gesta dos dicionários perdidos está por escrever e que, em qualquer dos casos, é sempre mais antiga do que a mais antiga referência encontrada. Uma nova geração de clérigos de “pura extração portuguesa” foi encarregada, a partir de 1877, da remissão das velhas e *envilecidas* cristandades, mas quem sabe se não era mais profundo, justamente pela sua indigenização, o conhecimento linguístico e etnográfico dos missionários indianos? Uma coisa é certa: o recorrente, quase fatídico descaminho dos documentos de antanho é indissociável de uma outra perda sucessiva, a dos esforços evangelizadores passados, algures entre a história e a mitologia.

## «A RUÍNA DAS RUÍNAS»: UMA *WELTANSCHAUUNG* CRISTÃ

Foi o Bispo de Macau, D. José da Costa Nunes, quem nos anos 1920 vislumbrou que só seria possível, em Timor, um ressurgimento definitivo das cristandades —uma «ressurreição», como era dito amiúde em metáfora— se estas se tornassem gradualmente independentes dos sacerdotes vindos da metrópole. A escassez de missionários na ilha tinha de ser colmatada duma vez por todas pela criação derradeira de um clero nativo. «Este é que há de evangelizar o indígena, como o clero europeu evangelizou a Europa». A ideia não era propriamente sua, antes emanava do Vaticano, tendo em conta que no mundo havia «mais de um bilião de pagãos a converter e apenas uns treze mil missionários». Influenciado pela missiologia da época —a qual antecipava mais ideias do Concílio Vaticano II do que comumente se crê— chegou a escrever no boletim da diocese que um missionário nativo tinha certas qualidades que o colocavam acima do europeu, pelo conhecimento da língua, dos «usos e costumes», da «mentalidade e gosto» dos seus conterrâneos.

(Nunes 1935: 611, 612, 613)

No caso específico de Timor, e não havendo condições para atingir bruscamente essa meta, o Bispo apostou na criação, em 1924, de uma primeira escola, em Lahane, para formação de professores catequistas nativos, recrutados entre os finalistas das escolas das missões. Era apenas um embrião, mas viria a culminar no primeiro seminário para clero indígena ainda nas vésperas da Segunda Guerra Mundial e na criação da própria diocese de Díli em 1940. É certo que a ditadura favoreceu por si só a atuação das missões e lhes restabeleceu a dignidade política. Houve um incremento de todas as estatísticas católicas de Timor logo na década seguinte, associado à chegada de mais missionários, formados em novos seminários da metrópole, e à concomitante reabertura de velhas missões há muito encerradas. O importante é que, numa perspetiva diacrónica mais profunda, o arranque do processo de formação de um clero nativo se revestia de um significado transcendente. Não se tratava apenas de colmatar uma desproporção, mas de encerrar teleologicamente o ciclo de retiradas e regressos que pautava a história missionária da ilha e a percepção da mesma pelos próprios missionários.<sup>5</sup>

O Pe. Sebastião da Silva e a demais equipa de Sernache do Bonjardim que foi para Timor em 1877, tendo como superior o Pe. (futuro bispo) António

Joaquim de Medeiros, representavam justamente uma dessas voltas simbólicas, após um longo período de abandono e decadência, causado pela extinção das ordens religiosas em 1834, após a vitória liberal na Guerra Civil. Não era afinal a História de Portugal marcada por recorrentes surtos de anticlericalismo, expressos em medidas políticas dessa natureza? Para completar o quadro, o rápido e relativo zénite daquela geração, a que vem associada a publicação dos primeiros dicionários conhecidos, tinha mais uma vez os dias contados. Os jesuítas e todo o clero regular tiveram de abandonar Timor muito mais cedo do que eles próprios poderiam ter imaginado. Em 8 de Outubro de 1910, apenas três dias após a proclamação da República, foi novamente decretada a expulsão das ordens religiosas de Portugal e das suas colónias, enquanto o clero secular viu substancialmente fragilizadas as suas condições de permanência.

Durante a Primeira República, com estatísticas inferiores a 5% de cristãos nativos, a Igreja não podia senão promover a ideia de que a derrocada de antigos sucessos era uma forma de Deus pôr à prova os seus pastores. Mas este reconhecimento dos desaires de quatro séculos de evangelização era indissociável da renegação de toda e qualquer sobrevivência cristã fora da Igreja. Sempre que uma comunidade de conversos ficava abandonada a si própria pela força das circunstâncias, via-se condenada, o que tinha a ver justamente com a natureza insubstituível do clero católico. Os membros ou descendentes das cristandades tresmalhadas não só não seriam capazes de reproduzir o Evangelho de forma adequada, como ficavam sem acesso aos sacramentos. Convém desde logo lembrar que as comunhões, segundo uma metáfora muito em voga no discurso da época, eram o «termómetro da vida religiosa», não estando apenas em causa uma manifestação exterior de fé por parte dos convertidos, mas a continuada redenção dos seus pecados.

Sucede que esta perspetiva temporal também nos informa sobre o olhar dos missionários a respeito da cultura e em particular da religião nativa, que eram como que personificadas em detrimento dos atores históricos e julgadas enfim muito poderosas. Seriam obra do demónio, do ponto de vista católico de então? Uma questão antropológica crucial. Adiantemos, para já, que a submersão das cristandades no meio envolvente era considerada praticamente inevitável.

5. A invasão japonesa despoletaria uma nova partida do clero de origem europeia, bem como um novo regresso, mas a visão pioneira do bispo veio a ser de certa forma comprovada pela história. (v. Pascoal, 1949b)

Apenas a continuada presença e a perseverança dos missionários — assim diziam os próprios— podia eventualmente erradicar a influência paralela da *superstição*. Rodeados como estavam de *gentios*, os nativos cristãos de outra forma recairiam de modo infalível no *paganismo*. «Sem o padre, o timorense deixa logo o Deus de Abraão.» (Fernandes 1931: 35)

## **LE TEINU: TRADUÇÃO OU DESTRUIÇÃO?**

Um dos maiores enigmas contidos no dicionário de Fataluku do Pe. Afonso Nácher é a tradução de *le teinu* como «igreja, capela», mas não como casa sagrada. Considerando que o mesmo é permeado de abundantes referências etnográficas a tradições autóctones, materiais e imateriais, parece haver aqui uma redução semântica intencional, tanto mais estranha quanto as casas sagradas eram um dos grandes vetores da proclamada unidade cultural nativa, em detrimento da reconhecida diversidade linguística. Mais do que a obsessão classificatória amiúde associada ao colonialismo, o que marcava os escritos etnográficos missionários era essa visão abrangente do *povo timorense*, por vezes até do seu *Volksgeist*, ou da sua alma em bom Português. Se diferenças havia de região para região, nomeadamente na esfera religiosa, eram tidas precisamente por variações dentro de um tema, à sombra duma ideia tácita de profunda difusão cultural, associada às remotas e endémicas guerras entre reinos e concomitante captura de mulheres e crianças. A obra do Pe. Nácher integra-se nesta opção antropológica, pelo uso recorrente da expressão «o timor» para significar o nativo, bem como pelas muitas equivalências encontradas entre palavras e respetivos conteúdos culturais do Fataluku para o Tétum e o Makasai.

Não é porém o caso de *le teinu*, como se porventura fosse possível, em todo o caso desejável ao tempo da conclusão do dicionário nos anos 1970, ignorar o sentido original do termo, para ceder enfim o lugar às igrejas ou capelas na paisagem espiritual e geográfica da região fataluku ou de Timor em geral. Razões históricas não faltam para sustentar tal hipótese: nos momentos de reforço humano e político das missões católicas, as casas sagradas timorenses, os seus conteúdos e os seus guardiães, foram efetivamente um dos principais pontos de mira da atuação missionária, se não o principal.

Note-se bem que não pretendemos aqui historiografar especificamente o dicionário e o tempo de Alfredo Nácher e dos salesianos na região fataluku, a partir de 1947-1948, mas direcionar o olhar para os esforços missionários, etnográficos e linguísticos desde gerações anteriores. Deixamos proposadamente em aberto as datas desta história, porque se trata em certo sentido de uma *lenda* ou, se preferirmos, de um ensaio antropológico em torno da etnografia ou mesmo antropologia missionária. É com esse desafio em mente que tomamos de empréstimo à historiadora da Antropologia, Regna Darnell, a expressão *genealogias invisíveis*. E podem então servir-nos de referência estas palavras de 1934, proferidas pelo Bispo de Macau, D. José da Costa Nunes, palavras que diziam bem respeito à história de Timor, marcada por episódios missionários francamente agressivos na forma de lidar com as casas sagradas:

«A religião foi sempre, para todos os povos, o reduto, onde se concentram os sentimentos mais delicados da vida espiritual. Pretender assaltar diretamente esse reduto e, o que é pior, empregar no assalto armas que, magoando, revoltam, é dificultar enormemente a propagação do Evangelho. O missionário que começa a sua vida de apostolado, ferindo os sentimentos religiosos do povo que pretende evangelizar, verá logo fecharem-se-lhe todas as portas à pregação evangélica. Mais grave será, se ele teve a imprudência de praticar qualquer ato irreverente ou violento contra, por exemplo, os ídolos, os pagodes, os objetos sagrados dos pagãos.» (Nunes 1934: 461)

Precisamente pela mesma altura, o Superior das Missões de Timor, Pe. Abílio José Fernandes, sem dúvida que vinha sendo responsável por uma política de destruição sistemática dos elementos mais tangíveis da *religião timorense*, em particular as famigeradas relíquias dos mortos e demais objetos conservados nas casas sagradas. Gabando-se ele próprio de apreender «um verdadeiro arsenal» de lanças e catanas, entre «diversas bugigangas», o padre ia ao ponto de conciliar esse método missionário com os intuítos “pacificadores” do colonialismo português:

«[E]m Timor, converter um indígena é desapossá-lo de todos os instrumentos bélicos herdados dos seus maiores, que deve entregar como condição sine qua non para receber o batismo, por serem para ele ocasião de atos de idolatria. Deste modo, reino convertido é reino desarmado (...).» (Fernandes 1931: 102)

Em voga durante o ressurgimento missionário dos finais da Monarquia, essa prática tinha decaído com a própria decadência das missões na Primeira República, mas foi efetivamente retomada em maior escala na ditadura, sem que as palavras de D. José da Costa Nunes tenham propriamente invertido tal tendência. Na verdade, os missionários que assim procediam tudo lhe relatavam nas cartas enviadas para Macau. Um contexto complexo na doutrina e ambíguo na prática, o que se explica, talvez, pelo entendimento de que não se tratava já de exercer uma violência, mas tão somente de fazer uma exortação, conceito-chave da atuação missionária. Ora, esses relatos não só podem ou devem ser considerados etnografias, como formam um todo orgânico com os textos etnográficos em sentido estrito, isto é, produzidos pelos missionários para registo dos usos e costumes timorenses. Aliás, podemos amiúde tropeçar, na escrita corrente das missões, em considerações alegadamente *objetivas* sobre a cultura nativa e portanto com algum tipo de alcance antropológico nessa aceção clássica, que hoje tende a ser considerada ultrapassada, ou pelo menos limitada. Por outro lado, os juízos de valor católicos e até mesmo as declarações de combate às tradições religiosas timorenses não estão ausentes dos textos explicitamente etnográficos dos missionários. Em suma, os critérios do que é ou não etnográfico, a par duma eventual tipologia documental, são suscetíveis de criar demarcações forçadas. É que não se trata de facto de uma dicotomia, mas de uma gradação entre as várias componentes do arquivo missionário, que pode assim ser enquadrado numa leitura antropológica de forma menos artificial, de acordo com uma sensibilidade mais atual. O interessante desta opção, e também o irónico, é que as narrativas de destruição de casas sagradas e dos seus conteúdos são também, insensivelmente, narrativas *avant la lettre* das relações de poder em contexto colonial.

É muito expressivo o exemplo do Pe. Ezequiel Pascoal, que a par das suas publicações etnográficas em sentido clássico, deixou descrições dessa natureza, como seja a duma «colheita razoável de *luliks*» que ele próprio fez em 1935 numa das suas visitas a Lacló, estação missionária dependente de Manatuto. Decorreu tal ação em três fases. Na primeira, identificou uma casa sagrada pela sua «forma especial» e, suspeitando que nela se encontrava «o *lulik* principal do reino», quase sucumbiu à tentação de atuar à margem da sanção nativa: «Pensei em entrar na casa e destronar o *lulik*.» (Pascoal 1937: 847)<sup>6</sup> Mas este impulso foi refreado, dando lugar a uma segunda fase de improfícuo diálogo:

«(...) [P]areceu-me que, sem uma certa preparação que dispusesse favoravelmente os ânimos, não seria prudente uma tal atitude. Limitei-me a falar com o guarda do *lulik* —um velho esquelético, curvado ao peso de muitos anos, que tinha, como quase todos os que têm o mesmo encargo, o cabelo muito comprido, como o das mulheres. O velho recebeu-me à porta de casa, como se quisesse impedir-me a passagem, mas com extremos de gentileza. (...) Respondia com umas gargalhadas sarcásticas, que mais pareciam dadas pelo próprio Diabo, aos conselhos que lhe dei, dissuadindo-o do valor dos *luliks* e recomendando-lhe que se preparasse para uma morte que não viria longe e que só seria boa se fosse cristã. O velhote morreu passados tempos nas trevas das superstições que o cercavam.» (*Idem*: 848)

Numa terceira fase, a ação destrutiva acabou sendo perpetrada, mas não de forma imediata, pois sempre envolvia agentes nativos que legitimavam o processo do ponto de vista missionário, nem que fosse pela sua simples presença:

«Só outro dia, devido, por assim dizer a uma coincidência, me foi dado destronar esse *lulik*. Acompanharam-me os maiores. Tirámos tudo - uma infinidade de coisas cheias de pó e fumo, sem valor absolutamente nenhum a não ser aquele que os próprios indígenas lhes atribuíam como *lulik*. O *lulik* propriamente, era um objeto de ouro, uma meia lua (...). Fez-se ao lado da Capela uma fogueira com tudo isso incluindo os dois tambores que antes de serem *luliks*, foram vezes que chamaram a mais de uma guerra os moradores aguerridos de Lacló.» (*Ibidem*)

É curioso notar que o Pe. Afonso Nácher concedeu uma entrevista ao *Boletim Salesiano*, em 1967, para refutar a ideia, posta a circular na edição italiana, de que fosse um «destruidor de ídolos». A bem dizer, começava por questionar a pertinência desta palavra, quando aplicada aos *teis*, equivalentes fataluku dos *luliks*, mas a sua explicação final não era muito convincente. «Se então não destruiu ídolos, nem *teis*, nem coisa parecida», perguntava-lhe o entrevistador, «qual foi a sua ação nesse sentido?» Ao que o missionário respondeu:

«- Volto a repetir que nunca toquei com as minhas mãos em nenhuma dessas coisas. Enquanto o catequista, de acordo com a família, retirava alguns desses objetos, deitando-os pela janela, eu ia dando catecismo aos moradores. Falava-lhes de Jesus, Filho de Deus, e de Nossa Senhora, Sua Mãe. Depois subia, com água benta, para benzer a casa, e colocava, em lugar dos *teis*, uma linda imagem de Nossa Senhora Auxiliadora. (...)» (Nácher 1967: 15)

6. Neste documento, Ezequiel Pascoal escreve «lúliqe». A palavra surge com diferentes grafias em diferentes textos seus, bem como nos de outros missionários.

## PALAVRAS ESTROPIADAS: DO TEMOR AO AMOR

O termo *lulik*, mais celebrizado na literatura colonial, missionária e antropológica, que o seu correspondente *tei* em Fataluku, era ao mesmo tempo adjetivo, com a conotação de sagrado ou interdito, e substantivo, correspondendo neste caso a entidades espirituais associadas a objetos ou lugares, também designados pela mesma palavra. (v. Pascoal 1949a: 13; 1967: 9) E se muitos missionários no período do Estado Novo participaram de forma empenhada na destruição desses objetos, foi pela convicção de que, para o nativo *gentio*, os espíritos correlativos eram seres «sombrios, vingativos, arbitrários» no seu modo de interferência na vida dos homens. O «culto dos *teis*», como lhe chamava o Pe. Nácher, ou o «culto dos *lulik*», como foi estudado pelo Pe. Ezequiel Pascoal, era simplesmente desprovido de bondade:

«Eles são a sua obsessão contínua. A sua ideia impregna-lhe a vida dum modo paradoxal, inacessível à mentalidade europeia. Os *lulik* são uma sombra que o persegue e, ao mesmo tempo, uma defesa a que se acolhe. São um pesadelo que o atormenta mas são pretexto, ao mesmo tempo, para as suas maiores orgias (...). Do que fica dito é fácil depreender que no culto dos *lulik* nada há que se pareça com amor ou afeto. O medo é o único móbil que orienta todas as relações com esses seres estranhos que têm nas suas mãos o destino do pagão timorense.» (Pascoal 1949a: 13, 14; v. Rodrigues 1957-1959, 144: 18-19; 145: 17)<sup>7</sup>

Tudo somado, não é de espantar que o missionário afirmasse, numa carta ao seu bispo, que «são os *luliks* um dos laços mais fortes que prendem esta gente ao jugo do demónio». (Pascoal 1936b: 283) Mas para convencer disso os prosélitos nativos, foi preciso introduzir em Timor, em algum momento, duas palavras estrangeiras: desde logo *Diabo*, e naturalmente esta outra, *Inferno*. Já no dicionário do Pe. Sebastião da Silva, de 1889, se encontrava a seguinte “tradução” do Português para o Tétum: «Diabo: Diabo». É caso para adivinhar uma vez mais a existência de genealogias invisíveis e sem ponto de partida. Dito de outra forma, consideramos incerta, em qualquer língua de Timor, a data em que esses termos entraram no léxico vivo dos nativos, em processos independentes da dicionarização, tanto mais que algumas descrições etnográficas apontam para processos de indigenização da figura do Diabo à revelia da ação missionária, ou pelo menos de articulação com outras representações ou designações nativas, como Maupara em Fataluku. (v. Pascoal 1936a)<sup>8</sup>

Uma tese contrária a este ponto de vista era avançada por Rafael das Dores em 1907, através de uma «Lista das palavras portuguesas, puras ou estropiadas, que julgo foram introduzidas na língua Teto posteriormente a 1873, e que constam do Dicionário Português-Tétum do Sr. Padre Sebastião Maria Aparício da Silva». Aí encontramos, de facto, Diabo e Inferno, a que este missionário terá efetivamente dado bastante uso, de sua própria declaração. O Vaticano vinha insistindo na eternidade das chamas infernais, sendo que o fogo lançado a várias casas sagradas das terras altas de Soibada, numa excecional jornada em 21 de Maio de 1907, foi aproveitado pelo jesuíta para discorrer sobre o tema. As labaredas diretamente visualizadas como que reforçavam a força das palavras e vice-versa, pelo que é possível achar verosimilhança no relato de que aquela gente, nesse momento, «dizia que só queria ter por si a Deus e ir para o céu, prometendo que desceriam dos montes até nós.» (Silva 1908: 195)

Mesmo que Rafael das Dores não tenha ouvido aquelas palavras em 1871-1873, não é caso para concluir que não fizessem ou que não tivessem já feito parte do vocabulário local, seguindo a mesma lógica de deixar sempre em aberto a História das missões em Timor, das suas etnografias, das suas línguas e das suas pontes culturais. É certo, em contrapartida, como aliás o próprio revela, que o Pe. Sebastião criou alguns circunlóquios em vernáculo, podendo nós imaginar que terá sido nomeadamente o caso dos vários que serviam para designar o Inferno, a saber, *rái kidun*, *rái ócós*, *diabo ráin* e *diabo nia fátin*.<sup>9</sup> O interessante é que, neste labirinto de (re)criações linguísticas e etnográficas em diálogo com um passado profundamente desconhecido, o missionário da *Belle Époque* dava protagonismo aos seus principais e verdadeiros «mestres», isto é, «todos os timorenses com quem convivi». (Silva 1889: ii)

A delicada questão do aspeto demoníaco das casas sagradas, sob o ponto de vista dos missionários do imperialismo tardio, não se esgota porém nestas considerações. A par da veneração dos espíritos *lulik* propriamente ditos, e de seus tabernáculos, entendiam os etnógrafos da *religião timorense* que a mesma assentava em grande medida num culto dos antepassados, cujas relíquias justamente formavam uma componente crucial do recheio de

7. Falaremos um pouco mais adiante deste outro missionário etnógrafo, José Bernardino Rodrigues, que se debruçou especificamente sobre o culto fataluku dos *teis*. 8. Informando o leitor que não existia o som “d” em Fataluku, Afonso Nácher suprimiu essa letra do seu dicionário, esclarecendo então, na entrada *Tjiapu*, que se tratava de uma palavra portuguesa. Há no próprio dicionário indícios etnográficos de antigas apropriações indígenas do Diabo. 9. O mesmo terá acontecido em algum momento com o circunlóquio fataluku *alivana kaparana* ou *alivana ikaparana*, o lugar da maldade. Na coluna do Tétum, o Pe. Nácher incluía um circunlóquio que não constava do dicionário do Pe. Sebastião da Silva: *fatin a’at liu*.

uma casa sagrada. Chegam a ser pungentes, nessa medida, as etnografias da aniquilação cega de objetos afetivamente ligados às memórias, às vidas, de parentes falecidos dos timorenses convertidos, como um pedaço de pano em que uma avó «se adestrava na arte de bordar» ou um dente que «devia ter sido, também, dela». (Pascoal 1937: 847) Na ótica da diabolização dessa espiritualidade nativa, havia em suma duas grandes categorias indígenas de espíritos, sendo uns e outros responsáveis pelas desgraças humanas:

«Para os timorenses - profundamente supersticiosos - todos os males físicos que os atormentam no corpo ou nos haveres, têm a sua origem na intervenção de seres sagrados —os luliks— ou na dos seus mortos que, de além túmulo, os acompanham em todas as manifestações da sua vida, ora propícios ora irados, conforme a sua memória for amada ou esquecida.» (Pascoal 1936a: 428)

Notemos desde já, no fecho desta passagem, uma palavra da família de amor, que fará a diferença no cômputo final. Mas havia sem dúvida, no corpo missionário, quem fechasse antropologicamente o *culto dos antepassados* no sentimento único do temor. Era o caso do Pe. Abílio José Fernandes, que tacitamente justificava a destruição de casas sagradas pela total ausência de uma componente moral que só o Cristianismo trazia aos timorenses. Era o medo das intromissões malfazejas dos mortos no mundo dos vivos, e não o amor aos parentes falecidos, que determinava a realização de sacrifícios, destinados pois a aplacá-los, quer nas casas sagradas, entendidas como templos gentílicos, quer nas sepulturas. Quanto mais elevado o estatuto social do defunto, maior o número de animais sacrificados, começando logo no funeral, transformado em «bacanal imunda». (Fernandes 1931: 20, 21)

A verdade é que a etnografia missionária dificilmente podia perseverar nessa leitura radical, que acabava por obstar à própria apropriação católica do universo obviamente crucial que era o dos mortos timorenses. Outros olhares, como o do Pe. Pascoal já depois do regresso após a Segunda Guerra Mundial, colocariam em posição de destaque o «amor» pelos parentes falecidos, entre os motivos que determinavam as várias manifestações do velho culto dos mortos.

É certo que a forma como estes se imiscuíam nos quotidianos podia ser nociva, e por conseguinte temida, mas isso dependia de serem «mais ou menos intensas, mais ou menos frequentes, as provas de estima para com eles». (Pascoal 1953-1955: 275, 98) Ainda que não fosse de forma intencional,

uma tal leitura estava de facto relacionada com a necessidade de criar uma ponte entre o Cristianismo e as tradições religiosas autóctones, que por conseguinte não podiam já ser lidas exclusivamente como obra do demónio.

Em vez de condenar tudo o que, no tratamento dos mortos, fosse de origem nativa, encontrava-se um elo de ligação, aprofundando-o para melhor expurgar as componentes julgadas inaceitáveis do ponto de vista da Igreja. Tratava-se de adaptar, de reformar as ditas «provas de estima» já existentes, para que fossem realmente prestadas em prol dos defuntos, da salvação das suas almas, e não para os manter apaziguados em benefício dos vivos. Os sacrifícios animais e a deposição de outros bens nas sepulturas eram associadas à ideia de continuação, sendo pois muito significativo, na perspetiva missionária, que essas práticas tradicionais estivessem a ser substituídas, em resultado de maior difusão do Cristianismo, pela colocação de flores, pouco importando que tal hábito europeu pudesse ter reminiscências pagãs, comprovativas afinal da antiguidade dos fenómenos de adaptação da Igreja.<sup>10</sup> Era uma transformação moral, mas feita, em bom jeito católico, através de sinais exteriores. Embora o Pe. Ezequiel Pascoal não referisse explicitamente a campanha missionária nesse sentido, os efeitos da mesma permeiam o seu texto «Matebían» duma ponta à outra, criando um emaranhado antropológico de que talvez o autor não se desse bem conta. O itálico é nosso nestas palavras de abertura, que chegam a ser desconcertantes:

«Não há nesta província cemitério, pequeno ou grande, seja onde for, no cimo dum monte, num sulcalo de encosta, ou perdido na extensão das planícies, que, em 2 de Novembro, *não regorgite de cristãos e até de gentios. Não admira. Poucos povos terão, como os timorenses, um culto tão arreigado pelos mortos* —os seus *matebían*, palavra conhecida em todos os dialetos de Timor.» (Pascoal 1953-1955: 275)

Note-se portanto que era através dos cristãos e do calendário católico —apesar da relação historicamente conturbada entre o dia de Todos os Santos e o dos mortos— que era anunciado o culto pré-cristão dos *matebían*, peremptoriamente considerado «uma herança de tempos imemoriais», uma «tradição certamente milenária», que se refletia em «mais de metade das festas timorenses». (*Idem*: 96, 97; 275) É caso enfim para perguntar em que medida se dissociam ou se confundem, nas etnografias ou antropologias católicas, o momento colonial cristão e a realidade pré-colonial *pagã*.

10. Embora pouco caras à Antropologia atual, estas questões relacionadas com a difusão antiga e medieval do Cristianismo no continente europeu são cruciais para um cruzamento mais profundo da disciplina com a História.

## A VERTIGEM PRÉ-COLONIAL DA ANTROPOLOGIA CATÓLICA

O exercício porventura mais delicado de toda a empresa antropológica em Timor, de reconstituição histórica das condições culturais pré-coloniais e em particular da religião autóctone, recebeu em 1931, pela pena do Pe. Abílio José Fernandes (então Superior das Missões, recorde-se) uma solução que faz lembrar o ovo de Colombo. No seu *Esboço histórico e do estado atual das Missões de Timor*, e mais concretamente no capítulo sobre o «Estado primitivo dos nativos à chegada dos missionários», o desaparecimento ou desconhecimento de relatos etnográficos do século XVI era ultrapassado através de uma alternativa heurística conjectural:

«Podemos, no entanto, reconstituir com bastante exatidão esse estado primitivo, se aceitarmos, como moeda corrente dessa já afastada época, atos de selvagismo que ainda hoje se praticam em segredo nos reinos mais afastados de Díli e sobretudo nos reinos onde a ação evangelizadora do missionário menos se tem feito sentir. É o que vou tentar esboçar ao leitor desconhecedor dos usos e costumes deste povo.» (Fernandes 1931: 15)

O enfoque retórico nas partes mais arredadas da ilha do ponto de vista colonial, em particular católico, permitia-lhe aceder, assim cria o padre, a uma realidade puramente timorense. Este método comparativo de senso comum assentava, em todo o caso, no pressuposto do conservadorismo da sociedade nativa, e por conseguinte da continuidade multissecular de certas tradições, mesmo quando supostamente erradicadas por ação portuguesa. Numa palavra, o ovo de Colombo do missionário é um alvo perfeito da crítica, hoje dominante na Antropologia, das tentativas de reconstituição dos mundos pré-coloniais, consideradas como uma forma de essencialismo veiculador de «ideologias nostálgicas de continuidade cultural, diferença e autenticidade».

(Tagliacozzo, Wilford 2009: 17)

Para os missionários de várias épocas, os objetos *tei* ou *lulik* eram uma realidade puramente nativa, que não tinha nada que ver com o Cristianismo, nem espiritual, nem historicamente. Mas até mesmo em lugares supostamente recônditos podiam ser encontrados vestígios imprevistos duma influência católica de outras eras. Ignorantes da história completa dos seus antecessores, os missionários do século XX tinham dúvidas históricas, por exemplo, quanto às missões no reino de Bobonaro antes de 1908, sendo corrente a ideia de que as suas gentes eram possivelmente as mais “selvagens” de Timor.

Só ao fim de vários anos de intenso trabalho, no começo dos anos 1920, é que um missionário finalmente ouviu uma tradição nativa segundo a qual tinha havido duas missões na região há muito tempo atrás, uma na planície tétum de Rai-Méa e outra mais a ocidente em Suai. Aprofundou as suas pesquisas nesses dois locais e os resultados foram surpreendentes. Entre os objetos nativos, podiam encontrar-se itens católicos, sendo o mais espetacular uma imagem em madeira de Nossa Senhora do Rosário, que se encontrava mutilada. Em carta ao seu bispo, escreveu o missionário a propósito:

«Não quer isto dizer que os mesmos povos que conservaram por tanto tempo os objetos do culto, tenham também conservado a fé religiosa dos seus antepassados. Possuem objetos religiosos das antigas missões, pelo costume que todos os indígenas têm de guardar tudo o que pertenceu aos antepassados, ainda que seja uma simples carta sem importância alguma. Esta gente com o decorrer do tempo caiu novamente no paganismo, tornando-se tão supersticiosa como os povos aonde nunca tenha havido missão e nesse estado se encontra atualmente.» (Cardoso 1923: 50)

Havia por exemplo uma carta portuguesa de 1790 que foi lida pelo padre e lhe permitiu concluir que as missões de Rai-Méa e de Suai já não existiam em finais do século XVIII. É extraordinário que tais documentos, possivelmente de grande valor para a reconstrução da presença católica em Timor em séculos passados, fossem melhor estimados e preservados pelos timorenses não cristãos do que pelos missionários católicos, que não só depreciavam o seu significado histórico como sobretudo o religioso, considerado extinto. O que é irónico nesta dialética é que para os timorenses *gentios* esses objetos de origem portuguesa não só *ainda* eram sagrados, como tinham permanecido no interior de uma casa sagrada por um período de tempo indefinido mas certamente muito longo, ou de outra forma os itens de papel, pegando no material mais frágil, ter-se-iam desintegrado por completo. Estamos claramente perante um caso de «arqueologia do colonialismo». (Lyons, Papadopoulos 2002)

No próprio *Boletim da Diocese*, eram ocasionalmente publicados artigos a lembrar que a doutrina católica não considerava que as imagens santas tivessem um estatuto sagrado intrínseco e perene, mas um significado simbólico inseparável da fé. (v. por ex. Gibbons 1925: 108-115) Se esta desaparecesse, como tinha desaparecido entre os descendentes tresmalhados de antigos fiéis, os objetos tornavam-se *luliks* puramente nativos do ponto de vista doutrinário.

Em suma, os processos de indigenização dos objetos de origem católica eram enfeitados pela Igreja, mesmo que fossem o resultado histórico imprevisto de uma antiga e mais forte influência missionária. Assim, não é para admirar que, no seu artigo sobre o «O Culto dos *lulik*», o Pe. Ezequiel Pascoal mostrasse indiferença ante a origem portuguesa ou católica desses peculiares objetos, embora atribuindo aos nativos a responsabilidade por essa perda de significado:

«Peças de louças, bastões, bandeiras, até mesmo uma lâmpada do sacrário, um castiçal, uma estátua, podem ser *lulik*. Desde que caíram na posse do indígena em virtude duma guerra ou por outro motivo, serão guardados com a máxima veneração e, com o andar do tempo, passarão a ser considerados pura e simplesmente como *lulik*. Lembro-me, a propósito, duma visita que fiz, há anos, ao cimo dum monte, a pouca distância da atual capela de Caju-Laram, na circunscrição civil de Viqueque. Disseram-me que lá tinham vivido frades. Que me podiam mostrar o sítio onde existira uma capela cujas estátuas estavam guardadas numa palhota erguida nesse local. Fui. Quis ver as estátuas. Entrei no paupérrimo e escuro compartimento onde as guardavam. Numa espécie de oratório, entre variegados objetos *lulik*, sujas, meio carcomidas, lá estavam as estátuas.» (Pascoal 1949a: 13)

Esta opção era uma forma de violência não apenas para os timorenses, mas para os próprios missionários, suscetíveis que eram de projetar inconscientemente a sua fé nas imagens, restaurando por assim dizer o seu valor religioso. Por muito que se reconstituam de forma mais pormenorizada os quatro séculos de presença missionária na ilha, presumir conteúdos cristãos nas casas sagradas não é mais hipotético ou conjetural, metodologicamente falando, do que presumir conteúdos estritamente nativos. A eliminação inadvertida de objetos tradicionais timorenses encerrava pois uma dimensão escondida, auto-destrutiva duma herança material e espiritual relacionada com os convertidos ou pelo menos com os missionários portugueses de outras eras. E se porventura, nalgum caso considerado excecional, ainda não estivesse totalmente aniquilado o sentido cristão duma imagem perdida para as casas sagradas, a mesma lógica «anti-sincrética» impunha-se através de um resgate em sentido contrário, para o seio da Igreja, como sucedeu em 1933 com o célebre Amo-Deus Coronel Santo António, de Manatuto. (v. Pascoal 1938; 1949-50)

Devemos aqui fazer especial referência à compilação de lendas e tradições fataluku pelo missionário salesiano José Bernardino Rodrigues, original e parcialmente publicada em diversos números do *Boletim Salesiano*, no final dos anos 1950 e também na década seguinte.

Esse conjunto de artigos, que numa versão mais extensa deram origem a um livro homónimo, *O Rei de Nári: histórias, lendas e tradições e episódios da vida missionária*, publicado em 1962 pela Agência Geral do Ultramar, resultava de pesquisas realizadas justamente num dos mais *recônditos* quinhões da região de Lautém, *descoberto* num «labirinto de carreiros» por ninguém menos que o Irmão José Ribeiro. Era também, por conseguinte, o reino «mais conservador». À primeira vista, tudo levava a crer «que nunca ali tenha penetrado missionário algum», para não dizer europeu algum, segundo os mais afoitos.<sup>11</sup> Sucede que, ao ouvir da boca do próprio rei de Nári uma série de lendas locais, o Pe. José B. Rodrigues ficou perplexo. É que as mesmas denotavam uma inequívoca influência cristã, ainda que distorcida pelo tempo e pelo isolamento, desde a criação e culpa do primeiro homem até ao dilúvio destruidor de todos os seres vivos à exceção de um homem e de uma mulher, passando por uma outra «lenda interessante» sobre uma pobre rapariga que engravidara «sem o concurso de ninguém» e cujo filho «trazia gravada no peito a imagem do Sol e nas costas a da Lua». (Rodrigues 1957-1959, 125: 121; 129: 30)

Impunha-se pois uma reflexão sobre estas ocorrências:

«Será uma tradição recebida de missionários que há séculos tenham aportado a esta ilha? Sabe-se apenas que quando os Salesianos se estabeleceram em Fuiloro em 1947, não havia aqui memória da existência de qualquer centro missionário, nem sequer o menor vestígio duma cristandade desaparecida.» (*Idem*)

Embora os timorenses mostrassem relutância em falar das suas tradições aos missionários, acabavam por fazê-lo «quando já se lhes ganhou o coração». E foi assim que José Bernardino Rodrigues veio ainda a saber duma lenda que era porventura a chave das outras, a respeito de «seis padres vestidos de preto» que «há muito tempo» tinham ali chegado, iniciando a construção de uma casa cujas pedras ainda se podiam vislumbrar no cimo de um morro. Como tivessem sido hostilizados pelos locais, acabaram fugindo pelo mar durante a noite, sem nunca mais voltarem. Mas teriam proferido nesse momento uma profecia: «Esta gente bravia e má será a última de Timor a ser evangelizada.» (Rodrigues 1957-1959, 129: 31)<sup>12</sup>

**11.** O Pe. Náchér ia mais longe, e afirmava que «não havia sequer um cristão» em toda a região de Lautém, à chegada dos Salesianos. (Náchér 1967: 15). **12.** O Pe. Rodrigues terá deixado inéditos outros escritos, como sejam dicionários de Fataluku-Português e uma compilação de mais 110 lendas timorenses, a que daria o título de *História de Timor*. (v. Obituário de P. José Bernardino Rodrigues, *Boletim Salesiano*, 1987, 380 : 21)

O problema da interação secular entre a *religião timorense* e o Cristianismo foi essencialmente resolvido, pela Antropologia católica, através da sua renegação. Dito de outra forma, as representações nativas foram sistematicamente excluídas da Igreja como distorções, quando não remetidas por completo para o universo pré-colonial, mesmo quando eram identificados *luliks* de origem cristã ou outras situações do género. Esta visão pode ser considerada um caso limite do que foi afinal prática corrente na cena antropológica internacional do período clássico. Devemos por outro lado ter em conta que o objetivo de aceder às realidades pré-coloniais em contexto colonial não está definitivamente banido da academia. Uma outra dimensão porventura ainda mais profunda deve entretanto ser atribuída à leitura que os missionários faziam desses fenómenos de apropriação indígena, não já como Antropologia, mas mais propriamente como Teologia. Queremos com isto dizer que o discurso católico pesa por si só como metade da equação histórica em causa, devendo impreterivelmente ser tido em conta numa avaliação do que significavam de facto os fenómenos religiosos nativos com influência cristã.

É caso para evocarmos a acusação que Marshall Sahlins dirige à Antropologia Histórica atualmente hegemónica: ao negar às culturas não-europeias uma existência exterior à situação colonial, realiza no discurso o que o Imperialismo tentou na prática, isto é, a destruição dessas mesmas culturas. (Sahlins [1993]: 478)

Ao considerar inaceitável a identificação de antigas estruturas nativas em contexto colonial, esse ramo da Antropologia contemporânea como que atribui um excessivo protagonismo à presença europeia em qualquer circunstância, suficiente para justificar o tratamento sistemático de qualquer tema cultural indígena como um tema colonial. Em face destas considerações, mais indiscutível se torna o alcance antropológico contrastante da leitura missionária da *religião timorense*. Decididamente, o que os missionários não fizeram, em termos intelectuais, foi “destruir” a cultura timorense, e pelo contrário estiveram sempre dispostos a admitir a vitalidade da mesma, em detrimento da própria influência cristã. A Igreja como que abria mão desse universo religioso mais lato que as estatísticas dos sacramentos. E a verdade é que permanece delicado, para não dizer polémico, o veredicto da Antropologia e da História a respeito dessas realidades, suscetíveis de tratamentos díspares. Reforcemos por isso a ideia de que era puramente retórica a procura de um passado remoto nas regiões mais recônditas da ilha, não só porque o recôndito era relativo, mas porque na prática os missionários estavam habilitados, pela sua visão das coisas, a encontrar em qualquer lado a autenticidade ou ancestralidade religiosa timorense.

## IGNOTO DEO: DA REVELAÇÃO À INTUIÇÃO

A negação de um ponto de contacto entre a religião timorense pré-colonial e o Cristianismo revela que foi conturbada a chegada a Portugal, e por conseguinte a Timor, dos ventos da Missiologia, a *ciência das missões*, de que era ramo importante a Etnologia. Ainda nos anos 1930, uma boa parte do clero português revelava-se muito refratária às teorias dos missiólogos que, sem terem passado pelas provações do terreno e sem conhecerem as idiossincrasias dos povos, vinham definindo princípios e métodos de maior aproximação dos missionários aos costumes locais, como se fosse superficial o conhecimento dos mesmos até à data. No *Boletim eclesiástico da diocese de Macau*, os missiólogos chegaram a ser praticamente acusados de anti-colonialistas, para não dizer bolchevistas, pelo menos os de certa ala. (BEDM 1932) Sucede que a Missiologia, geradora no plano internacional de congressos e cursos universitários, exposições, conferências e publicações as mais variadas, era apadrinhada por ninguém menos que Pio XI, «o Papa missionário», o que exigia um apaziguamento. (Capela 1934: 853)<sup>13</sup> «[N]ão englobemos nesta designação as ordens e diretivas de Roma», escrevia o Pe. Jaime Garcia Goulart (futuro Bispo de Díli), num editorial de 1932 a propósito da «chamada missiologia de gabinete». (Goulart 1932: 109)

O próprio Bispo de Macau viajou à Europa no ano seguinte com o propósito deliberado de encontrar «alguns dos mais autorizados propagandistas das modernas ideias missiológicas», para poder assim «desfazer preconceitos correntes». (Goulart 1933: 366) Regressado ao Oriente, D. José da Costa Nunes publicou no boletim da diocese um artigo destinado a ajudar os seus missionários a abraçarem a nova tendência. Tratava-se aliás de trazer para a modernidade a mais antiga tradição evangelizadora da Igreja, do próprio São Paulo quando fora buscar para tema da sua pregação o altar dos atenienses a um deus desconhecido: «Pois esse Deus, que vós adorais ignorando quem seja, é o Deus que eu vos anuncio.» O missionário do século XX devia proceder da mesma forma, agora com o auxílio da Etnologia:

13. Os missionários em Timor tinham até sido instados a contribuir, não só com «objetos nativos», mas com compilações de «usos e costumes», para os pavilhões de Etnografia e Etnologia da Exposição Missionária Universal, inaugurada no Vaticano em Dezembro de 1924. (Nunes 1924). A lista dos artigos enviados encontra-se reproduzida no boletim eclesiástico. (BEDM 1925)

«Estude ele, em primeiro lugar, a religião do povo evangelizando, certo de que encontrará muitos pontos de contacto entre essa religião e o Cristianismo, visto existirem sempre entre todas as religiões certos princípios morais e certas crenças que lhes são comuns.»

(Nunes 1934: 462)

Se o missionário não devia converter sem ao mesmo tempo estudar, isso implicava, do ponto de vista missiológico, procurar Deus na religião nativa e desde logo aceitar que era possível encontrá-Lo —em maiúscula— algures perdido numa teia de representações *pagãs*. A verdade é que já se admitia a possibilidade de encontrar esse elo antes de assim o preconizar a moderna Missiologia. Tal não é de espantar, uma vez que o Degeneracionismo bíblico, ofuscado embora pela ascensão do Evolucionismo, se manteve no século XIX como paradigma alternativo, segundo o qual os povos *selvagens* ou *bárbaros* eram descendentes perdidos dos filhos de Noé, cujas religiões decaídas eram restos patéticos e adulterados das primevas revelações de Deus ao homem. Em Timor, tratava-se portanto de recuperar ao menos uma palavra, a mais importante de todas, que teria sobrevivido nesse longo processo de degradação. Na produção de dicionários, catecismos e breviários em línguas nativas, a geração do ressurgimento missionário dos finais do século XIX encontrou efetivamente tradução vernacular para a palavra Deus, com destaque para o tétum *Maromak*. (Silva, 1889)

Quando o Bispo de Macau, em 1934, lançava aos seus homens o desafio de procurarem Deus nas religiões nativas, estava no fundo a retomar o argumento de uma «religião natural» ou «revelação primitiva» que teria sido «deformada no andar dos séculos por mil superstições». (Nunes 1934: 462) O universo católico, e missionário em particular, estava entretanto marcado por uma atualização do velho paradigma degeneracionista, sobretudo através da difusão das ideias do padre austríaco Wilhelm Schmidt, muito influenciado por sua vez pelo antropólogo escocês Andrew Lang. No plano internacional, havia agora como que uma predisposição dos missionários etnógrafos para a identificação, nos mais variados contextos *selvagens*, de um «Ente Supremo» que partilhava características morais e demiúrgicas do Deus monoteísta. Surgia muitas vezes, é certo, numa atmosfera animista que tendia a privilegiar espíritos menores e “ímorais”, entendendo-se que, na maior parte dos casos, a importância dessa divindade decaía efetivamente em favor de seres espirituais mais envolvidos na mesquinhez dos quotidianos humanos. Já Andrew Lang equacionara essa relação em 1898: «Quanto mais animismo, menos deísmo». (Lang 1899: 1016; 1898)

O Pe. Ezequiel Pascoal ecoava essa fórmula poderosa e muito difundida, ao escrever meio século depois: «O pagão timorense é animista. De Deus tem apenas uma ideia muito vaga.» (Pascoal 1949a: 12) Citemos ainda, no mesmo sentido, as palavras do Pe. José Bernardino Rodrigues sobre o rei de Nári:

«Apesar de ele ter de Deus a ideia de Senhor Supremo que ama o bem e aborrece o mal, dá tal importância ao poder das almas e dos teus, que parece despojar Deus dos seus atributos naturais, deixando ao cuidado das almas a aplicação dos prémios e castigos que se tenham merecido nesta vida.» (Rodrigues 1957-1959, 140: 18)

E ainda, a respeito dos Fataluku em geral:

«Remotamente, no seu subconsciente, talvez tenham em vista honrar a Deus com os seus sacrifícios e outros atos religiosos, mas a obcecação dos teus é quase total (...), e assim a ideia de Deus fica obscurecida (...).» (Rodrigues 1957-1959, 144: 18)

Cabe aqui referir que o entendimento missionário das visões nativas de Deus, em que se incluía o Uruvatju dos Fataluku, era muito variável, não apenas consoante as épocas, mas consoante os indivíduos e suas disposições ou sensibilidades etnográficas. O Pe. Abílio José Fernandes, por exemplo, era um caso extremo de repúdio de quaisquer representações timorenses, criando um divórcio permanente entre as duas esferas. A perspectiva degeneracionista era levada às últimas consequências, ou seja, no caso de Timor já não era possível encontrar Deus, cuja decadência estava há muito completa, sob o empório de um animismo em pleno e milenar vigor à chegada dos primeiros missionários. Mas se quisermos escolher uma figura simbólica, em homenagem até aos homens, aos escritos e aos esforços totalmente caídos no oblévio, quando não desaparecidos sem rasto do arquivo missionário, então destacaremos o caso de um sacerdote que em 1920, aos vinte e quatro anos de idade, escreveu para o *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau* oito pequenos artigos que foram os primeiros textos produzidos, ou pelo menos publicados por um missionário português em Timor com uma índole especificamente etnográfica, conforme o atesta o seu título geral comum, «Em Timor. Usos e costumes». Cada artigo tinha além disso um subtítulo mais sugestivo, nomeadamente: «O major», «O funeral», «Homenagem ao batuque de Poetete», «A colheita do milho», «A adúltera», «Um caso de justiça», «O jogo do pé» e «O jogo do galo».

Este homem gostava de fazer etnografia e, mais do que isso, observação participante. O leitor dos seus instantâneos etnográficos é praticamente autorizado a imaginá-lo confundido na multidão aos gritos, contagiado pela excitação coletiva do jogo do pé, como do jogo do galo. «É extraordinário», escreveu, referindo-se ao modo como viveu a vitória de um animal, «confesso que (...) um frémito de entusiasmo, de admiração, de culto quase, me percorreu as veias. Briosa ave! (...) Cocorococó...!» (Andrade 1920h: 257) O valor desse envolvimento emocional pode ser atestado por contraste com a estrita posição na matéria por parte justamente do Pe. Abílio José Fernandes: «Um cristão não pode, evidentemente, assistir voluntariamente a tais espetáculos». (Fernandes 1937: 122) O jovem Pe. Andrade tinha pois uma atitude mais aberta em relação à cultura timorense e quando morreu prematuramente de tifo em 1931, aos trinta e quatro anos, talvez algo mais tenha morrido com ele.

Da mesma forma que a natureza humana podia ser encontrada através da alegria de um jogo, considerava ele que os timorenses tinham sentimentos religiosos como qualquer outro povo. «O homem sempre e por toda a parte», dizia, «não pode e não sabe prescindir da ideia da sua pequenez e dependência de um ente superior (...)». Enquanto fruto da mente humana, tal entidade podia revestir muitas formas diferentes, mais ou menos estranhas ou aberrantes. Mas também como fruto da mente humana e, mais do que isso, como necessidade ou tendência intrínseca da humanidade, era sempre um movimento em direção a Deus, mesmo quando as imagens resultantes estavam muito afastadas do Seu verdadeiro rosto. «O mais», escreveu, «é anti-científico, anti-histórico e anti-humano.» (Andrade 1920c: 346) Ainda que fosse «semi-selvagem e ultra-bárbaro», com um *modus vivendi* que «nos leva à compaixão», o nativo timorense «não se esquece do Ente Supremo.» Admitindo embora que os Timorenses fossem muito desligados do seu próprio Deus, quase ao ponto de Maromak não ser muito mais do que uma palavra porventura para a maioria das pessoas, o missionário identificou-o como uma boa divindade e testemunhou que os *gentios* por vezes lhe chamavam *Na'i Maromak*, Senhor Maromak - ou «Senhor Deus» na sua tradução em letra maiúscula. (Andrade 1920c: 346)<sup>14</sup>

Tudo somado, não tinha dúvidas de que havia um desequilíbrio entre o estatuto distante desse Ente Supremo e as discussões mais obsessivas em torno da bruxaria e dos espíritos malignos. Em qualquer caso, o Pe. João José de Andrade não considerava existir uma dicotomia entre as criações religiosas

autóctones, como meramente humanas, e o Cristianismo como religião historicamente revelada, emanante da manifestação de Deus. «O homem é religioso por natureza», escreveu. (*Idem*: 344) Apostando justamente na ideia de religião natural, mais do que no degeneracionismo bíblico, entendia que os nativos, através de um caminho espiritual de sua lavra, tinham uma percepção de Deus, mesmo que fosse uma percepção defeituosa. Para falar de religião, era desnecessário por conseguinte imaginar um Maromak ou um Uruvatju mais bem posicionado em eras remotas. O universo sagrado nativo simplesmente era o que era —e o timorense «obedece e atua em conformidade com uma ideia religiosa, se bem que difícil de defini-la». (*Idem*: 346)

## O FUTURO DAS ETNOGRAFIAS ESQUECIDAS

O resgate missionário desse fundo religioso local era crucial para trazer aos nativos a Boa Nova cristã, sendo Jesus Cristo associado ao “Ente Supremo” timorense através de versões vernaculares para *Filho de Deus*, como *Marômak ôan*, o mesmo acontecendo à Virgem Maria como Mãe de Deus, *Marômak nia Ínan*, o que por sua vez remetia para a sempre espinhosa catequese da divina Trindade. (Silva 1889) Estas questões transversais a toda a história do Catolicismo em Timor devem sobretudo lembrar-nos que o dicionário do Pe. Afonso Nácher, produzido numa época em que o ciclo da *morte e ressurreição* das missões não estava ainda encerrado, em virtude da iminente ocupação indonésia, ganha porventura o seu sentido mais pleno, e muito do seu valor, em relação diacrónica com os textos do passado, tanto aqueles que se conhecem, como os que se desconhecem. «*Uruvatju Ma’ar Lauhana utu atere horune, po jejene*. Em Deus, há três pessoas iguais e distintas.» (Nácher, s.d.)

A presente edição do dicionário de Fataluku-Português dialoga, é claro, com a de outros dicionários no quadro da independência de Timor-Leste, como o simbólico *Dicionário de Tétum-Português*, em 2000. E se Luís Costa evoca, na introdução ao mesmo, antigos dicionários do início do século XX, é sobretudo no sentido de alertar para as suas «falhas graves», em virtude, entre outras razões, de «um conhecimento tão insuficiente quanto datado e preconceituoso

14. Considerando que a palavra Uruvatju aglutinava o Sol e a Lua, o Pe. José Bernardino Rodrigues tecia várias hipóteses sobre a *história de Deus* entre os Fataluku e admitia que pudesse exprimir «realmente a ideia de Deus, abstraindo da sua origem etimológica.» (Rodrigues 1957-1959, 140: 17-18)

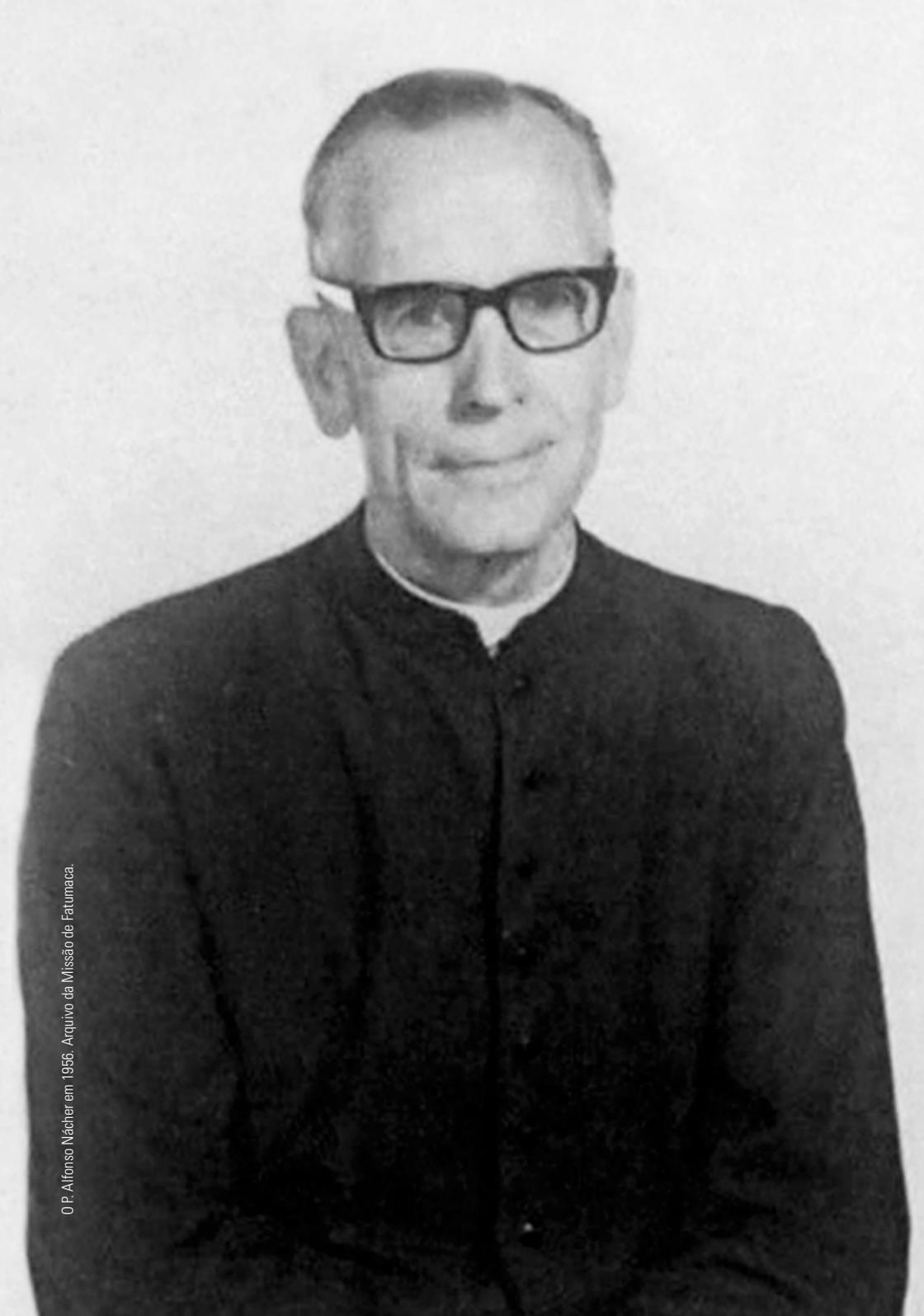
da cultura dos nativos de Timor-Leste, patente em alguns dos artigos neles contidos.» (Costa 2000: 11) Esse alerta é, por assim dizer, uma obrigação científica. Mas as *genealogias invisíveis* desse diálogo apontam noutros sentidos também. Podemos dizer que aquilo que os missionários levaram aos timorenses foi em parte, numa aceção especial, aquilo que estes mesmos lhes ensinaram. Um ensinamento que se escondia afinal nas casas sagradas, aquelas mesmas que foram destruídas ou esvaziadas; que se escondia nos objetos *lulik* ou *tei*, fossem eles *genuinamente pagãos* ou imagens mutiladas do Cristianismo de outras eras. Tratava-se enfim de um ensinamento de humildade e de respeito pelos mortos, pelos antepassados, pelas suas relíquias, fossem de ouro ou de materiais perecíveis. E é nesta categoria que entram, também, os escritos destruídos ou perdidos, as etnografias esquecidas e os esforços conjuntos, por vezes antagónicos, dos missionários e dos timorenses que construíram línguas e culturas e religiões ao longo dos séculos. No seu processo de inculturação em Timor-Leste, a Igreja não abdica, hoje, desta lição humanista, mas ela é de atualidade não só para os seus membros, como para todas as pessoas que amam este país.

## REFERÊNCIAS CITADAS

- Andrade, (Pe.) João José de.** 1920a «Em Timor. Usos e costumes. “O Major”», *Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), N. 199: 16-21
- 1920b «Em Timor. Usos e costumes. O funeral», *Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), N. 200: 288-291
- 1920c «Em Timor. Usos e costumes. Homenagem ao batuque de Poetete», *Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), N. 201-202: 344-349
- 1920d «Em Timor. Usos e costumes. A colheita do milho», *Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), N. 205: 12-17
- 1920e «Em Timor. Usos e costumes. A adúltera», *Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), N. 206: 63-66
- 1920f «Em Timor. Usos e costumes. Um caso de justiça», *Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), N. 207: 128-130
- 1920g «Em Timor. Usos e costumes. O Jogo do pé», *Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), N. 208-209: 186-189
- 1920h «Em Timor. Usos e costumes. O jogo do galo», *Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), N. 211-212: 255-258
- Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau (BEDM).** 1925 «Lista dos artigos enviados pelas Missões de Timor e da China para a Exposição Missionária Vaticana», *BEDM*, 258-259: lxxxii-lxxv
- 1932 «Observações a um missionário», *BEDM*, 342: 189-192
- Capela, (Pe.) Joaquim.** 1934 «Necessidade de despertar vocações missionárias», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 361: 853-862
- Cardoso, (Pe.) Germano António.** 1923 Carta ao Bispo de Macau, em «Cartas de Timor», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 241: 50-52
- Correia, Armando Pinto.** 1935 *Gentio de Timor*, Lisboa, Lucas & Cia.
- Costa, Luís.** 2000 *Dicionário de Tétum-Português*, Lisboa, Edições Colibri
- Darnell, Regna.** 2001 *Invisible Genealogies. A History of Americanist Anthropology*, Lincoln, London, University of Nebraska Press
- Dores, Rafael das.** 1907 *Dicionário de Teto-Português*, Lisboa, Imprensa Nacional
- Fernandes, (Pe.) Abílio José.** 1931 *Esboço histórico e do estado atual das Missões de Timor e refutação dalgumas falsidades contra elas caluniosamente afirmadas por um ex-governador de Timor*, Macau, Tip. Mercantil
- 1937 «Por terras de Timor. Dois homens de “boa vontade”», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 401: 118-123

- Gibbons, C.** 1925 «O Culto das Santas Imagens», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 266-267: 108-115
- Goulart, (Pe.) Jaime.** 1932 «Editorial. Missões e Missiologia», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 341: 108-110  
 ——— 1933 carta ao Pe. Neves, in «Correio das Missões. Visita Pastoral», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 356: 366-368
- Hicks, David.** [1976] *Tetum ghosts and kin. Fertility and gender in East Timor*, Long Grove, Waveland Press, 2004
- Lang, Andrew.** 1899 «Mr. Frazer's Theory of Totemism», *The Fortnightly Review*, 65: 1012-1025
- Lyons, Claire L.; Papadopoulos, John K. (eds.).** 2002 *The Archaeology of Colonialism*, Los Angeles, Getty Publications
- Nácher, (Pe.) Afonso Maria.** 1967 «Não há ídolos em Timor», *Boletim Diocesano*, 229: 14-16  
 ——— 1970 «Tenho a cabeça dura», *Boletim Diocesano*, 258: 7, 15  
 ——— 1974 «Timor. Os Feiticeiros têm razão», *Boletim Diocesano*, 302: 10-12  
 ——— 1975 «A Obra salesiana em Timor», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 73 (843) : 161-186  
 ——— s.d. *Dicionário de Fataluku-Português* [a presente obra]
- Nunes, (D.) José da Costa.** 1924 «Ofício-circular aos Mt. Rev.dos Superiores das Missões de Timor», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 248: 500-501  
 ——— 1934 «O Ataque... (Notas missionárias)», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 369: 461-463  
 ——— 1935 «Recrutamento de vocações indígenas (Notas missionárias)», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 371: 611-615
- Pascoal, (Pe.) Ezequiel.** 1936a «A Medicina sagrada do feiticeiro timorense», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 382: 428-432; 388: 17-22  
 ——— 1936b carta ao Bispo de Macau, em «Correspondência das missões. Timor», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 391: 280-285  
 ——— 1937 Cartas ao Bispo de Macau, em «Correio das Missões. Timor», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 398: 847-850  
 ——— 1938 «Visita Pastoral de S. Excia Rvma. às Missões de Timor», *BEDM*, 406: 426-470  
 ——— 1949a «O Culto dos “Lúlic”», *Seara. Boletim eclesiástico da Diocese de Díli*, 1: 12-15  
 ——— 1949b «Dezoito anos de intensa actividade - 1924 a 1942», *Seara. Boletim eclesiástico da Diocese de Díli*, 2: 29-31  
 ——— 1949-1950 «Amo-Deus Coronel Santo António», *Seara. Boletim eclesiástico da Diocese de Díli*, 6: 135-136; 7: 154-157; 9: 217-219; 11: 257-259; 5-6: 83-86  
 ——— 1953-1955 1953 «Matebían», *Seara. Boletim eclesiástico da Diocese de Díli*, 5: 274-276; 6: 322-324; 1: 42-44; 2: 96-98; 3: 162-164; 4: 211-212; 5: 272-273; 6: 297-298; 1: 47-48  
 ——— 1967 *A Alma de Timor vista na sua fantasia*, Braga, Barbosa & Xavier

- Ribeiro, José.** 1966 «Da morte do jacaré à conversão do rei», *Boletim Salesiano*, 217: 12-14; 218: 14-15; 219: 114-16  
 ——— 1971 «Ouvindo um missionário», *Boletim Salesiano*, 271: 6-7
- Rodrigues, (Pe.) José Bernardino.** 1957-1959 «O Rei de Nári», *Boletim Salesiano*, 124: 106-107; 125: 121-123; 126: 139-142; 128: 14-15; 129: 30-31; 130: 53-44; 131: 15-17; 135: 29-31; 139: 17-18; 140: 17-19; 144: 18-19; 145: 17-19; 146: 29-30  
 ——— 1962 *O Rei de Nári: histórias, lendas e tradições e episódios da vida missionária*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar  
 ——— 1964-1965 «O Rei de Nári», *Boletim Salesiano*, 194: 17, 20; 196: 19-20; 202: 17-18; 204: 17-19  
 ——— 1986 «A 1ª Palestra missionária», *Boletim Salesiano*, 378: 13
- Sahlins, Marshall.** [1993] «Goodbye to *Tristes Tropes*: Ethnography in the Context of Modern World», *Culture in Practice*. Selected Essays, New York, Zone Books, 2000
- Silva, (Pe.) Sebastião Aparício da.** 1889 *Dicionário de Português-Tétum*, Macau, Tipografia do Seminário  
 ——— 1908 «Correio das Missões. Timor - Missão de Soibada», *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), 55: 192-196
- Tagliacozzo, Eric; Wilford, Andrew (ed.).** 2009 *Clio/Anthropos. Exploring the Boundaries Between History and Anthropology*, Stanford, Stanford University Press



O.P. Alfonso Nacher em 1956. Arquivo da Missão de Fatumaca.

# OLEU PITINE

—  
Efrén Legaspi Bouza<sup>1</sup>

*«Ecco la storia di un salesiano nato il 24 maggio, atleta fuori gara che cominciò gli allenamenti a sei anni, confessore di un ragazzo diventato re, missionario che non riusciva a partire, 76enne che continua a fare progetti. E quel che è peggio, li realizza...»* (Bianco, 1981)

## INTRODUÇÃO

Apresentamos nas páginas que seguem uma breve biografia do Padre (P.) Salesiano Alfonso María Nácher Lluesa.<sup>2</sup> Tal como qualquer biografia, esta especialmente, é um relato incompleto. A natureza da obra em que se apresenta este trabalho, a reedição do léxico Fataluku-Tétum-Makasae-Português elaborado pelo P. Nácher e editado pelo Professor Geoffrey Hull em 2003, convidam a apresentar um texto centrado no trabalho de sacerdote espanhol como missionário Salesiano em Timor-Leste, desde a sua chegada no ano de 1955 até à sua morte em 1999.

Durante o processo de documentação e redacção, o que no início se apresentava como um texto introdutório de ampliação das notas biográficas já publicadas por Geoffrey Hull na sua reedição do léxico do padre Nácher (Nácher, 2003, 2004), foi derivando num texto em que cabem apontamentos sobre os diferentes processos históricos que foram vividos em Timor durante os anos de estadia do religioso espanhol, envolvimento no processo de cristianização da ex-colónia portuguesa, notas sobre o processo de elaboração do dicionário que este artigo precede ou a sua relação com um ou outro actor que passaria a entrar na categoria de ‘histórico’.

**1.** Este trabalho foi efectuado no âmbito do contrato com o Instituto Nacional da Juventude (Injuve) do Governo da Espanha, entre os meses de Outubro de 2011 e Junho de 2012, e com destino na Agência Técnica de Cooperação que a Agência Espanhola de Cooperação para o Desenvolvimento (AECID) mantém em Timor-Leste. **2.** Agradecemos a colaboração do Padre João Paulino Aparicio, Superior Salesiano da Província da Indonésia e Timor-Leste, do Padre Virgílio do Carmo, actual Director da Missão de Fatumaca, do P. Eligio Locatelli, P. João de Deus, Diácono Baltasar Pires, P. Joseph Vattampari, P. Andrew Wong, Gil da Cruz, Felipe García, Justino Valentin e Patricio Cabral. Agradecemos especialmente o trabalho de Atanasio Xavier, intérprete, ajudante de campo e colega de trabalho. Agradeço a ajuda inestimável de Alberto Fidalgo, sem a qual este texto não teria sido escrito.

Tal como se poderá imaginar, o resultado não aprofunda academicamente nenhum dos aspectos mencionados. Trata-se pelo contrário de uma polifonia resultante do contacto com as pegadas que o seu protagonista deixou em Timor-Leste. Uma modesta intra-história em que começamos por revelar as nossas fontes.

## **SOBRE AS NOSSAS FONTES**

Muitos dos documentos que teriam ajudado a cobrir as lacunas que este texto apresenta possivelmente nunca sejam recuperados, pelo facto de terem desaparecido durante os últimos cinquenta anos da ‘incendiada’ história em Timor. Por outro lado, as limitações logísticas e temporárias não nos permitiram a consulta dos arquivos das províncias salesianas na Espanha e em Portugal a que o Padre Nácher esteve adscrito no desempenho do seu trabalho antes da vida missionária.

As principais fontes documentais que utilizámos provêm dos arquivos conservados pela ordem salesiana em Timor-Leste. De entre elas destacam-se as crónicas das missões de Fuiloro e Fatumaca.

As Crónicas das Casas Salesianas e das suas missões são documentos que respondem ao imperativo expresso no artigo 170 dos regulamentos salesianos, em que se alude à responsabilidade do director: «Tenha ou mande ter em dia a Crónica da Casa, onde se devem registar primeiramente as notícias sobre sua natureza e escopo e depois todos os acontecimentos de alguma importância com as respectivas datas». As indicações para o desenvolvimento da Crónica incluem, entre outras, «fixar nas páginas da mesma Crónica as fotografias, programas, recortes de jornais ou revistas, telegramas e outros documentos que se relacionem com a vida do Instituto», assim como efectuar o armazenamento de estatísticas relacionadas com a tarefa evangelizadora.

A Crónica da Missão de Fuiloro a que tivemos acesso abrange desde o dia um de Novembro de 1968 até Março de 1974, embora Nácher só tenha exercido como Director e cronista da casa a partir de Setembro de 1971 —substituindo o Padre Manuel Carvalho de Magalhães que, após ter sido director durante o período 1967-71, passou a residir na povoação de Baucau como Delegado

do Provincial salesiano<sup>3</sup> —e fins de Fevereiro de 1972— data em que Nácher partiu para a Missão de Fatumaca, distrito de Baucau, e foi substituído pelo Pe Bernardo Soares<sup>4</sup>. Tendo em conta a indisponibilidade das crónicas prévias que devem ter sido escritas a partir de 1955, data em que o P. Nácher se encarregou da Missão de Fuiloro, os meses em que exerceu como cronista são o único documento escrito pelo seu punho e letra a que tivemos acesso referido ao lugar em que trabalhou de forma quase ininterrupta durante os primeiros 12 anos da sua vida em Timor-Leste.

Pela sua parte, a Crónica de Fatumaca que se conserva, ou pelo menos a que pudemos consultar em referência ao período em que Nácher exerceu aí o seu trabalho, abrange desde a nomeação de sacerdote espanhol como Director em Agosto de 1973, até à última anotação de 4 de Setembro de 1975. Apesar de ter continuado como Director de Fatumaca entre os anos 1979-83, e de em 1983 ter sido novamente nomeado Director para um triénio, cargo renovado por mais três anos em 1986, não pudemos dispor das crónicas que ele deve ter escrito durante esse período —possivelmente perdidas no incêndio dos arquivos da diocese de Díli em 1999.

Se a Crónica de Fuiloro proporciona um conteúdo rico em aspectos da vida quotidiana da Missão, deixando ver algumas das qualidades pessoais do seu autor, a Crónica de Fatumaca permite-nos seguir, através das anotações diárias do Padre Nácher, o desenvolvimento dos acontecimentos que foram vividos a partir da missão durante um período crucial para a história recente de Timor-Leste. O período que abrange a Crónica contempla o processo de alterações políticas que Portugal viveu a partir de 25 de Abril de 1974 e que teriam profundas consequências no território ultramarino. À medida que a situação política mudava, a crónica passou de um diário das actividades quotidianas

**3.** Ao Padre Magalhães dedica Nácher a sua primeira entrada da Crónica no mês de Setembro de 1971: «O que foi Director é nomeado Delegado do Provincial, e passou a residir em Baucau. O seu trabalho foi muito louvado pelos da casa e pelos de fora: espírito alegre, bondoso, desejoso de que reinasse a paz e o bem-estar, conseguiu a harmonia em tudo. Os campos continuaram em franco desenvolvimento, a pecuária deu um grande impulso, dando bons lucros ao Colégio; a alimentação melhorou, tendo carne diária, os internos (...) Não houve pormenor que não fosse atendido e melhorado. Contribuíram para isso os Irmãos de Fuiloro, Kussy e Ribeiro. O P. Manuel Marques de Carvalho Magalhães deixa a melhor parte da sua vida em Fuiloro e os salesianos, alunos e cristãos ficam-lhe muito obrigados.» **4.** Ao Padre Alfonso dedica Bernardo Soares a sua primeira entrada como cronista, em 24 de Fevereiro de 1972: «Efectivamente três dias após a chegada do P. Bernardo partiu para Baucau o Rev. P. Afonso Nácher. Sua reverência já é conhecido de todos como o grande amigo destas paragens. Fuiloro fica a dever-lhe muito. O seu tino de mentor da comunidade fez com que empreendesse obras de envergadura, não receando a escassez de dinheiro nem as outras circunstâncias muito adversas. Fuiloro fica com a certeza de que o Rev. P. Afonso continua ligado a esta sua casa, mesmo se agora vai repousar num ambiente mais pacífico e acolhedor.»

# Geopreiro

1936

- 1 Segundo dia do Tríduo - S. João porcos. Acima às 11:30; falas ao Evangelho e Sr. Carlos Grauba sobre a infância de Santo Antônio, para os sarauas primários.
- 2 À meia-noite 11:30 foi rezado pelo P. Director. Consideraram a festa para os externos. Receberam soupos, abundantes, vindos de Barcelos. Não sendo possível no dia da festa foram



Jantar junto dos externos

obsequiados na véspera. Havia de tudo, menos os carapuzados. Camarões e... Deber... si um Tenor!

Estiveram os alunos toda a tarde à espera de Antigo Aluno de Curitiba. Chegaram por fim às 19:30. As Riteiras abençoaram e os que não se preocuparam de que os

mais esperam, também. Dormiram, com edredões e alguns em colchete, não todos, no chão. O cansaço não deixou muita a dormir. Fez-se uma linda velada - muito. Tão a propósito, por isso. Garibaldi e o Anjo. Cêlo. São de Fátima. Se não vieram preparando festa com um biscoito. Falta a luz, a chuva. O requinte do dia. Festa de São João.



Festa de São João: aspecto do salão

Fevereiro 1974

48 de Fátima, 50 externos e 110 internos, reunidos na Igreja e no salão

de fim. Para  
satisfação a  
fatos, reuniões  
que se tornaram  
e cumprindo, ja  
vamos de praxian  
em ordem, a  
e muito pouco  
no Norte Filiz  
3 Festa de S. I. de  
Os A.H. de Fátima  
so, ja de modo



dia  
3  
/ 2  
74

FEITA  
11/2

Os A.H. de Fátima, com Superiores e alunos, confraternizando.

gada tiveram compresença. O Sr. Frmas, seu assistente, trouxe o não  
só para festa, mas para o TIRSO.eram 60 jovens com annos de reunião.

Depois de pequeno almoço houve outra reunião, com  
participação dos nossos alunos finalistas. Muito se barrou  
da vida que  
os A.H. de Fátima  
lhos manifestar  
taram.

Para poder  
confraternizar  
a todos, não só  
para o exte-  
rno, neste dia  
os hóspedes e  
internos com  
os externos do  
seminário,  
abaleu-se uma

Refeição na Festa de S. I. Basco



A comida boa, o apetite melhor: São savidos?

vaca e o berraco, já unido e ceitado se uniu.  
Antes deste banquete de confraternização houve o des-  
fio desportivo, de cuja actividade faz a reportagem  
gráfica das passivas reuniões.  
O mais solene e importante foi a Missa, concluída.

de uma instituição missionária, ao registo da urgência e da angústia próprias dos membros de uma comunidade de religiosos que viam como a violência que rodeava a comunidade adquirir novas e terríveis formas.

Nas páginas dos dois documentos fica patente, sobretudo ao compará-las com os períodos escritos por outros Padres, o gosto de Alfonso Nácher pela concepção e pela fotografia —a sua mão adivinha-se por detrás da maioria das imagens que ilustram as crónicas—, a sua predilecção pela escrita —que o levaria a impulsionar em 1974 o nascimento dos *Ecos do Planalto*, órgão de expressão do Colégio de Fatumaca, e a colaborar com as publicações do Boletim Salesiano -, a sua minuciosidade quando se tratava de registar os factos —as suas entradas diárias são distintamente mais frequentes e extensas do que as dos seus outros directores—, o afecto pelos seus colegas e pelos estudantes, a sua minuciosidade ao tratar de estatísticas e orçamentos ou um ou outro apontamento sobre as suas concepções pedagógicas. São escritos que facilitam enormemente a tarefa de quem se quiser aproximar tanto da sua figura como do trabalho da sua ordem em Timor.

Para agilizar a leitura, de agora em diante citaremos os extractos destas duas Crónicas como CdFL para Fuiloro e CdFC para Fatumaca. Juntar-se-á a data em que aparece registada a consulta ou a fotografia na respectiva Crónica.

Além da CdFL e da CdFC, utilizámos uma grande variedade de fontes documentais não publicadas, todas elas provenientes dos arquivos da ordem salesiana em Timor, quer no seu centro de Comoro - Dili -, quer em Fatumaca. Incluem a nota biográfica escrita por Fr. Ramoncito A. Padilla, SDB., reitor de Dom Bosco-Fatumaca em 1999, aquando da morte do P. Alfonso, as diversas cartas de nomeação de Nácher para Director da Missão assim como de outros cargos, epistolário, a sua ficha pessoal nos livros da ordem, um breve documento autobiográfico redigido pelo próprio Padre, a Crónica da Missão de Santa Teresinha de Ossu, etc.

Quanto às fontes orais, correspondem a entrevistas efectuadas na zona da Missão Fuiloro - Distrito Lautem —e da Missão de Fatumaca— Distrito Baucau. Todas elas foram efectuadas durante o mês de Abril de 2012.

Com base nestes materiais e na bibliografia referida, escreveram-se as páginas que seguem tentando-se, sempre que foi possível, e apesar do risco de se abusar das citações textuais, dar directamente a voz a Alfonso Nácher através dos seus documentos ou do seu testemunho recolhido por terceiros.

## **1905-1945. NASCIMENTO E FORMAÇÃO DE UM SALESIANO ESPANHOL**

Alfonso María Nácher Lluesa nasceu em 24 de Maio de 1905 em Ruzafa, naquela altura um bairro dos arredores da cidade de Valência. Filho de Francisco Nácher y Nácher e de Carmen Lluesa y Tomás, o casal teve um total de dez filhos, de entre os quais três homens acabariam por se converter em sacerdotes salesianos: Enrique, Ricardo —que exerceria o cargo de secretário pessoal do Arcebispo salesiano Marcelino Olaechea<sup>5</sup>—, e o próprio Alfonso.

A data de 24 de Maio, dia dedicado à Virgem Maria Auxiliadora no calendário cristão, teria uma grande importância simbólica ao longo da vida de Alfonso. Se a ordem salesiana tem desde o próprio momento da sua fundação por D. Bosco uma relação especialmente estreita com a invocação da Virgem Auxiliadora —basta lembrar que a sua ordem feminina adoptou precisamente o nome de ‘Filhas de Maria Auxiliadora—, Nácher transferiria este simbolismo institucional para o plano pessoal, coincidindo, ou fazendo coincidir muitos dos principais ritos da sua vida como religioso com essa data. Neste sentido, Enzo Bianco deixou patente no perfil que escreveu sobre o padre espanhol em 1981 o simbolismo deste dia ao longo da sua vida:

«Em 24 de Maio. Alfonso nasceu em 1905, exactamente em 24 de Maio. Em 1914 fez a sua primeira comunhão, e era novamente 24 de Maio, no altar de Maria Auxiliadora. Sinal evidente de que... se devia tornar salesiano. Foi ordenado sacerdote em 21 de Maio de 1932, mas não recebeu a comunhão durante dois dias, como sempre fazia, porque queria rezar a sua primeira missa em 24 de Maio». (Bianco, 1981)

5. Marcelino Olaechea Loizaga (Baracaldo, 9 de Janeiro de 1888 - Valência, 21 de Outubro de 1972) foi bispo de Pamplona (1935-1946) e mais tarde arcebispo de Valência até à sua retirada em 1966.

O Padre João de Deus, companheiro de missão em Timor-Leste, refere-se à relação de Nácher com o dia do seu nascimento com estas palavras: «Ele era devoto do 24 de Maio. Toda a sua vida era orientada e organizada à volta do dia 24 de Maio. Morreu apenas alguns dias antes do dia 24, mas foi em Maio.»<sup>6</sup>

Alfonso começou a frequentar a escola salesiana da Calle Sagunto em 1911, com seis anos de idade.

«A escola estava na cidade, a nove quilómetros de distância. Naquele longínquo 1911 era necessário ir a pé. Ele e quatro irmãos, duas horas de ida e duas horas de volta. O tempo que restava para estudar era pouco... Foi então —diz o padre Nácher— que preparei umas robustas pernas para as viagens que como missionário me esperavam no futuro». (Bianco, 1981)

Em 1917, imediatamente após a conclusão dos seus estudos primários e com doze anos de idade, entrou no Aspirantado de Campello (Alicante), instituição em que continuaria a sua formação até 1921.

Em vinte e cinco de Julho de 1921 transferiu-se para Carabanchel (Madrid) para iniciar o seu noviciado. Permaneceria um ano, até ao dia vinte e cinco de Julho de 1922, data em que fez a sua primeira profissão. No seu caminho preparatório para o sacerdócio estudou filosofia em Sarriá (Barcelona) desde 1922 até 1924.

Entre 1924 e 1927 Alfonso María residiu em Mataró, desenvolvendo o seu primeiro triénio de carreira salesiana. Aí efectuou os seus votos de profissão perpétua em 25 de Dezembro de 1927. Referindo-se a este rito, Nácher apontaria com o seu punho e letra, em forma de comentário na sua ficha pessoal da missão de Fatumaca: «perante o inspector mártir José Calasanz.»

Nos seus apontamentos biográficos Nácher relatou como Calasanz lhe pediu para prolongar por mais um ano o seu triénio em Mataró, até 1928, para depois lhe pedir que estudasse aí teologia, estudos que concluiu, conciliando-os com a docência de bacharéis.

Entre 21 de Março e 21 de Junho do ano de 1931 exerceu como Subdiácono em Barcelona, data em que passou a Diácono. Até Maio do ano de 1932 continuou a exercer esta função sob a direcção do P. Miralles. Referindo-se a este sacerdote, e tal como já tinha feito com o P. José Calasanz, Nácher apontou na sua Ficha Pessoal de Fatumaca: *'mártir em 1936'*

Depois de ter concluído a sua formação, foi ordenado sacerdote em Gerona no dia 21 de Maio de 1932. Nácher deixaria escrito nos seus apontamentos: «Não rezei missa nem em 22 nem em 23 de Maio para ser ‘a minha’ primeira missa em 24 de Maio». Para esta primeira celebração da eucaristia transferiu-se para Valência, a sua cidade natal.

O seu primeiro destino como sacerdote seria Mataró, onde exerceu como catequista e professor. Aí viveria a experiência da Guerra Civil espanhola entre 1936 e 1939. Permaneceria com as mesmas funções até 1941.

A experiência da perseguição e assassinatos de religiosos durante o conflito bélico deixaria uma profunda pegada no P. Nácher<sup>7</sup>. Tal como referíamos algumas linhas acima, quase quatro décadas depois da contenda, e já em Timor-Leste, Nácher preocupou-se em completar pelo seu punho e letra a ficha sobre a sua pessoa no arquivo de Fatumaca com as referências aos assassinatos dos que tinham sido seus superiores, o P. Mirallés e o P. Calasanz.

Dois anos depois de terminada a contenda, transferiu-se para Saragoça para estudar Física e Química na sua universidade durante o curso de 1941-42. Após este primeiro curso regressou a Valência para prosseguir a sua carreira. Na que foi a sua cidade natal, estudou até ao quarto ano. Em 1945 abandonou a Espanha. Os seus superiores enviaram-no para Portugal como Mestre de Noviços em Mogofores.

## **A METRÓPOLE. FORMADOR DE MISSIONÁRIOS E CONFESSOR DA FAMÍLIA REAL**

No Noviciado de Mogofores —distrito de Aveiro— formava-se uma boa parte dos salesianos portugueses que partiam como missionários para os territórios das colónias. Seria esse o destino do P. Nácher durante sete anos, entre 1946 e 1952. Enzo Bianco refere-se a este cargo de formador de missionários como uma «ironia do destino». Baseando-se no testemunho do próprio P. Alfonso e procurando as raízes na mais tenra infância, fala-nos da sua vocação, naquele momento ainda frustrada:

**6.** Entrevista ao P. João de Deus. Lospalos, 14 de Abril de 2012. **7.** Em carta remetida pelo P. António Gonçalves aquando do falecimento de Nácher em 1999, conservada no arquivo da missão de Fatumaca, aparece novamente a lembrança do mártirio: «Um dia fui aflito ter com ele, para lhe expor a seguinte preocupação, quando ele nos falava dos mártires: Eu teria receio de dar a vida. Ele tranquilizou-me dizendo: Nesses momentos, o Espírito Santo dá forças especiais.»

«Perto da casa da sua infância, em Valência, vivia a família de um missionário salesiano no Equador, apóstolo dos índios jíbaros, figura sugestiva. Sentia curiosidade até mesmo pelo seu nome, Pla Tomás que, se for lido tal como se pronuncia, quer dizer mais um prato, o da comida dos domingos. De forma que tinha algo de festivo.

(...) Sob o exemplo do padre Pla queria ser missionário, enviou o seu pedido ao Reitor-Mor, renovando-o inúmeras vezes, mas tinha que se conformar em ver os outros partir. Finalmente, terminada a guerra civil e frequentada a universidade, aos quarenta anos mandaram-no... para Portugal.

Era mestre de noviços. Por ironia do destino incumbia-lhe preparar os jovens afortunados que partiam para as missões antes dele. Durante sete anos, esta ironia do destino.» (Bianco, 1981)

Nácher acabaria por ver cumprida a sua vocação, mas antes disso esperava-o o seu último destino na península: a Escola de Santo António no Estoril. Durante os cursos escolares 1952-53 e 53-54 exerceu como Director desta instituição.



1

2

1. Antes da partida. O P. Nácher —segundo a contar da direita— no noviciado de Mogofores. 16/08/1954. Arquivo salesiano de Comoro.

2. O Jeep apresentado pela Família Real espanhola. CdFL. Fevereiro de 1971.

Na vila do Estoril, próxima de Lisboa, vivia exilada a Família Real Espanhola. Esta coincidência faria com que Nácher iniciasse uma relação com o que acabaria por se converter em Rei da Espanha:

«Uma das funções atribuídas ao director do Estoril naquele ano foi a de exercer como confessor da casa real da Espanha, que desde 1931 se encontrava no exílio em Portugal. O Padre Nácher lembra: O rei telefonava-me: Pode vir? Eu tirava a soutaina cheia de medalhas, que se tinha sujado a jogar com os meninos no pátio, enfiava um limpa e ia. Numa ocasião chamou-me para celebrar a missa. Lembro-me daquele dia em Villa Giralda. Eram as bodas de prata de Juan de Borbón. Antes da missa deveria confessar a rainha-mãe, mas não tínhamos o confessorário com a grade necessária. Pusemos ao meio, atravessado, o apoio de uma cadeira... Sim, era gente de fé, e observante.

A nossa casa de 1946 era muito pequena, mas tinha um teatrinho, e os nossos estudantes do liceu de vez em quando faziam alguma representação para as crianças. Não havia muitas diversões naquela altura no Estoril; de facto não havia nenhuma. Os dois infantes – D. Juan Carlos e D. Alfonso – nunca faltavam àqueles recitais. Divertiam-se muito. Também frequentavam o oratório, brincando no pátio com os outros jovens. Toda a família foi muito participativa nas nossas funções dominicais; preferiam a nossa igreja à da sua paróquia.

Em 1952 Juan Carlos tinha dezasseis anos e frequentava o liceu. Era já muito alto; eu tinha que erguer a cabeça para falar com ele. Influiu numa faceta da sua vida, quando ao terminar o liceu a família se questionava onde devia continuar os seus estudos. Uns propunham Oxford, outros Bolonha, onde o seu pai tinha estudado. Um dia em Madrid fui chamado para celebrar missa na casa do Embaixador de Portugal, e por casualidade ouvi dizer que se Juan Carlos continuasse os seus estudos fora da Espanha, dificilmente os espanhóis o aceitariam como rei. Disseram exactamente: Não será rei. Eu permiti-me relatar essa conversa. De facto, continuou os seus estudos na Espanha, na Academia Militar de Saragoça. E... converteu-se em rei.» (Bianco, 1981)

A sua relação com a família real teria consequências materiais em Timor-Leste. Em 1961 D. Juan presentear-lhe-ia um Jeep que a família utilizava nas suas caçadas.<sup>8</sup> Uma vez transportado por via marítima até Timor-Leste, este transporte seria utilizado pelos missionários salesianos durante as duas décadas seguintes.

Em 1955 Nácher já tinha passado sete anos como mestre de noviços e dois cursos como Director de colégio em Portugal. Embora ainda não o soubesse, estava prestes a deixar a metrópole para iniciar uma nova vida como missionário. Assim o lembra para o texto de Enzo Bianco:

**8.** Informação proporcionada pelo P. João de Deus em entrevista pessoal. Lospalos 17 de Abril de 2012.

«No fim de 1954 o padre Nácher enfadou muito o seu inspector. O motivo era que o Reitor-Mor em Turim parecia querer aceitar o seu centésimo pedido de ir para as missões, e o inspector perderia um salesiano com que muito contava. Não conseguia partir. Era 1954 e ainda lá estava, de forma que escreveu rapidamente ao inspector: há vinte anos que peço para partir, seguindo a minha vocação missionária. Se por sua culpa mesmo desta vez não aceitar o meu pedido, eu serei obediente e ficarei. Mas se continuar a contrariar a minha vocação, saiba que o faz sob a sua responsabilidade. E o inspector aceitou» (Bianco, 1981)

Após o visto dos seus superiores, Nácher foi atribuído à colónia portuguesa de Timor. Em 1955, com cinquenta anos de idade, partiu para as missões do ultramar.

## **A PRESENÇA SALESIANA NO TIMOR PORTUGUÊS ANTES DE ALFONSO NÁCHER.**

Antes de desembarcarmos com o P. Alfonso em Timor, seguiremos as suas palavras para descrevermos a situação da ordem salesiana na ilha antes da sua chegada. Para tal, servir-nos-emos do seu texto 'A Obra Salesiana em Timor', publicada no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau* em Fevereiro de 1975. Ao longo do texto refere-se aos três lugares em que a ordem já estava instalada naquela altura: Díli, a Missão de Baucau e a de Fuiloro. Esta última seria o seu primeiro destino no Timor Português. Assim relata a sua fundação e primeiros anos:

«Dois anos depois da vinda dos Salesianos para Timor, radicados em Díli, o Sr. D. Jaime Garcia Goulart, Bispo de Diocese, quis entregar aos salesianos uma Missão nova, onde os missionários anteriores, diocesanos, não puderam exercer acção apostólica, quer pela distância da capital —214 Km— quer por não ter missionários suficientes.

Assim, pois, partiu para Leste da ilha o primeiro grupo de salesianos, o P. José Bernardino Rodrigues, o padre Aníbal Vighetti, os irmãos salesianos Isidoro Aranda e João Aranda, espanhóis e o José Ribeiro, português.

O superior desta área, de 2.300 Km<sup>2</sup> e na altura 32. Habitantes, era o P. Manuel Alves Preto, Director da Escola de Lahane, residente em Díli.

Registam-se, pouco depois da entrada que foi na véspera de São João Bosco, 30 de Janeiro de 1948, apenas 13 cristãos. Depois descobriram-se mais de 60 baptizados por um padre missionário chamado Manuel Jerónimo, que andou por aqueles lados em 1918, baptizando os que podia, depois de uma prática feita nos dias de bazar, ficando apenas com o nome cristão português, sem nenhum contacto nem instrução posterior.

O P. José, zeloso e apostólico, com perto de 60 anos, leccionava catequese todos os dias. Depois dum mês tinha quase 400 catecúmenos a ouvir diariamente o Evangelho desde as 8 até ao meio dia. Havia aulas de português para todos e de canto. Contava o missionário que esteve mais de um mês para meter-lhes no ouvido os 7 tons da escala musical. Seus cantos folclóricos eram apenas com umas notas guturais, formando dueto quase sempre, mas muito fora das notas da nossa escala.

(...) No fim do 1º ano, depois dum certame de catecismo de Pio X, feito diante do Administrador do concelho de Lautem, admitiram-se ao santo baptismo 146 catecúmenos, primeira célula desta cristandade.

Os salesianos viviam no posto antigo de Fuloro, daí o nome da Missão, com muita pobreza e mal acondicionados, pois as ratazanas os incomodavam todas as noites e quando caía a chuva, tinham de defender a cama com guarda-chuvas.» (Nácher, 1975: 161-162)

No mesmo texto, Nácher descreve como os integrantes deste primeiro grupo de salesianos na missão de Fuloro começaram a cultivar a terra com a ajuda dos materiais que o exército japonês tinha abandonado na zona após a sua retirada da ilha na Segunda Guerra Mundial:

«Aquela zona foi o quartel geral dos nipões, sede em CAPORO durante a sua ocupação na guerra 1941-45. Reuniram material nesta área para dar o assalto à Austrália. Na retirada em 1945 Lautém ficou cheio de material bélico. Um tanque de guerra serviu de motor para as culturas. Os muares para a lavoura secundária. Os carros meio estragados, recompostos pelo habilidoso Irmão José Kus, que em breve se juntou a eles, serviram de meios de transporte numa boa série de ferro velho, ainda hoje útil para concertos de máquinas e para construções e canalizações. Os baptismos andavam por volta dos 150 anuais» (Nácher, 1975: 162)

Foi durante os anos imediatamente anteriores à chegada de Alfonso Nácher que a comunidade salesiana entrou em contacto com a comunidade de falantes de fataluku. Perante uma realidade em que a evangelização em língua portuguesa se tornava impossível devido à falta de conhecimento da mesma por parte da comunidade, os missionários adoptaram uma dupla estratégia: ensinar a língua da metrópole e aprender o fataluku. Foi a partir desta necessidade linguística e evangelizadora que começaram os trabalhos que acabariam por culminar, através do P. Alfonso, no dicionário que se reedita nesta obra:

«Estabeleceram-se estações missionárias nos postos administrativos, como o Sr. Bispo orientava; e colocavam-se catequistas, que eram os antigos alunos; o primeiro, porém, era cristão antigo, aluno da escola de Lautém, um tal Vicente que serviu de intérprete aos missionários na explicação do catecismo

O Padre José iniciou-se no conhecimento de dialecto FATALUCO, conhecido no resto de Timor por DAGADA, porque eles não têm o som 'D' em 'GUE', reunindo as palavras por ordem alfabética, num início de dicionário, português-fataluco» (Nácher, 1975: 162)

Sobre a missão de Baucau, segunda concentração mais importante da colónia portuguesa, Nácher oferece sobretudo dados do número de cristãos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, quando os primeiros salesianos se instalaram, e 1954:

«Dos Arquivos do Cartório de Baucau consta que depois da guerra foi colocado nesta Missão o P. Ave Maria de Almeida, que tratou de organizar a cristandade.

Os baptizados eram 3.105, —mas a maior parte estavam já muito esquecidos, quer da doutrina, quer do cumprimento dos deveres de cristãos.

O P. Afonso (Francisco dos Santos Afonso) estivera no ano anterior, e alistou 2.267 cristãos. As famílias, isto é, os casais, eram 163. O P. Almeida já controlou 411 casais, que deram as primeiras células da restauração. No ano 1951, trabalhou o P. Jacinto, elevando o número de católicos a 5.606. (...) Deixou para o P. Aleixo, em 1954, mais de 7.700 cristãos.» (Nácher, 1975: 184)

Sobre os inícios da obra salesiana em Díli, capital do Timor português e primeiro ponto de entrada da ordem, Nácher refere:

«Sem arquivos para fixar datas e pessoas, vou dar um resumo do que ouvi antes de minha vinda, que foi em 1955, ou eu presenciei. Busquem-se outras fontes para ampliar ou frisar bem as datas.

A primeira obra dos salesianos em Timor foi Díli. Veio em 1946 como chefe da expedição o P. Manuel José Alves Preto. O Sr. Dom Jaime deu-lhes a direcção da escola de Lahane. Era um externato, onde se cursava apenas o ensino primário, até à 4ª classe complementar. Chegou a ter mais de 600 externo» (Nácher, 1975: 185)

Quando o P. Alfonso se uniu à comunidade salesiana que tinha chegado à ilha a partir de 1946, a igreja católica tinha iniciado um firme empreendimento evangelizador em Timor-Leste, uma vez recuperada a soberania do território por parte de Portugal após o fim da Segunda Guerra Mundial.



Comunidade salesiana em Timor-Leste em 1956. Nácher, na primeira fila segundo a contar da direita. CdFL.

## **NÁCHER EM *FUILORO*. MISSÃO EM TERRA DOS *FATALUKU***

Alfonso María Nácher desembarcou no porto de Díli em 3 de Fevereiro de 1955. Partiu imediatamente para a Missão de Fuiloro, no distrito de Lautem, aonde chegaria no dia 13 do mesmo mês. Nem tudo lhe era desconhecido na ilha. Aguardavam-no alguns dos seus antigos alunos no noviciado de Mogofores: «Encontrei-me aí com os meus noviços. Durante alguns anos, todos os sacerdotes salesianos de Timor-Leste foram os meus noviços» (Bianco, 1981). As suas primeiras ocupações em Fuiloro, no entanto, não pareceram agradar-lhe: «O primeiro trabalho não foi emocionante: destinado a Fuiloro, puseram-me a executar tarefas de escritório. Era necessário registar os baptismos e os casamentos. Disse ao director: para fazer este trabalho põe qualquer rapaz.» (Bianco, 1981)

O P. Nácher, introduzindo-se no seu próprio texto através da terceira pessoa, regista a sua incorporação na Missão:

«Em 1955 veio o P. Manuel Preto de Díli para Fuiloro como Superior da Missão e o P. José Rodrigues seguiu para Díli para tomar conta da Escola de Lahane. Neste ano veio o reforço de dois missionários para Fuiloro, o P. Alfonso María Nácher e o Irmão salesiano Manuel Duarte Ferreira. Com este aumento de pessoal intensificaram-se as visitas missionárias e o número de locais visitados mensalmente.» (Nácher, 1975: 162)

Bianco ajudar-nos-á a descrever a situação que Nácher encontrou no momento da sua chegada:

«A missão tem 37.000 habitantes. Tinha sido confiada aos salesianos em 1948, os primeiros missionários armaram as suas tendas de campanha num estábulo. Anteriormente, os missionários itinerantes tinham conseguido a conversão de cerca de cinquenta cristãos. À chegada do padre já eram cerca de três mil. Os filhos de D. Bosco tinham aberto uma escola de agricultura para ensinarem as pessoas a cultivar verduras e criar gado» (Bianco, 1981).

A mesma fonte faz referência à génese dos trabalhos de recolha de léxico fataluku, derivados das necessidades linguísticas tendo em vista o trabalho evangelizador que o sacerdote enfrentou em Fuiloro, e que acabariam por cristalizar no dicionário a que este texto serve de contexto. No entanto, não menciona os trabalhos prévios que o próprio Nácher se preocupou em reconhecer na sua resenha histórica da obra salesiana em Timor.

«Colocaram-no no ministério activo, mas foi necessário lidar com o idioma local, o fataluco. Não teve gramáticas ou dicionários, e para ajudar a sua memória oxidada começou a escrever as palavras com os seus significados, fabricando assim um vocabulário para uso pessoal.» (Bianco, 1981)

«O P. Afonso, com um trabalho aturado compôs um dicionário de fataluco para o tétum, macasai e português, aproveitando os apontamentos dos missionários anteriores, P. Miguel Bernardino Rodrigues, P. José e principalmente do irmão José Ribeiro que fez uma série de estudos linguísticos, tais como manuais para aprender uma língua em 60 dias. É o salesiano que melhor domina a língua nativa; os habitantes dizem: 'O Senhor Ribeiro é como um de nós.'» (Nácher, 1975: 163)

Nácher permaneceria doze anos na missão de Fuiloro, até 1968. Só interromperia a sua presença para tomar conta do colégio de Santa Teresinha, na povoação de Ossu —distrito de Viqueque—, no curso de 1960-61: «Como em 1959 eram 4 os Padres (P. Manuel, P. Joaquim Gama, P. Marvão e P. Nácher) e em Ossu apenas um, o P. Júlio Ferreira, diocesano, o Sr. Bispo pediu um sacrifício aos salesianos, deslocando para lá o Sr. Duarte e o P. Nácher, que tomariam conta do internato. Em Maio de 1960 o P. Nácher foi de licença graciosa, e na volta regressou de novo a Fuiloro, já como Superior, em 26 de Novembro.» (Nácher, 1975: 165)



- |   |
|---|
| 1 |
| 2 |
| 3 |

1. Instalações da Missão de Fuioro em 1956. CdFL.

2. Alunos na Missão de Fuioro 1959. CdFL.

3. Transporte de alunos em Fuioro 1955. CdFLL.

Aí e seguindo os dados disponíveis no relatório do colégio correspondente a 1961, conservado no arquivo da Missão de Fatumaca, encarregou-se de uma população cristã que ascendia a 8.105 pessoas de um total de 54.370, assentes em quase 2.200 Km<sup>2</sup>. Seguindo a classificação do documento, no colégio estava matriculado um total de 212 alunos, 203 dos quais eram de «raça nativa», 5 «mestiços» e 4 na categoria de «outros». Por religião, 176 eram católicos e 36 «gentios». A mesma fonte oferece uma descrição interessante, em que novamente a questão da diversidade linguística adquiriu importância no contexto da evangelização:

«A Missão, que pertence à Diocese de Díli, foi fundada em 1938. Corresponde, em território, à circunscrição administrativa de Viqueque e tem de superfície cerca de 2.200 km<sup>2</sup> e uma população computada em 54.000 habitantes. Ao todo contava, em 30 de Outubro de 1960, sete mil cristãos.

Além do português (língua oficial), fala-se, na área desta Missão, mais cinco línguas: tétum (Viqueque, Caju-Laran e Lacluta —12 a 15 mil pessoas), macasai (Viqueque, Ossu, Uato-Lari e Uato-Carabau —18 a 20 mil pessoas) midique (Viqueque —2 mil pessoas) nauete (Viqueque, Uato-Lari e Uato-Carabau —10 mil pessoas), cairui (Ossu, Dilor e Lacluta —8 mil pessoas). Números aproximados e baseados em estatística antiquada e duvidosa quanto a número e distribuição geográfica.

A missão faz-se pelo tétum, língua da Diocese (que os missionários têm espalhado, por a obra missionária de Timor ter começado pela região onde esta língua se fala) e, na medida das possibilidades, pelas línguas locais. As escolas, porém, onde se ensina exclusivamente o português, tende a [ilegível] o uso desta língua; tal como, paralelamente, os catecúmenos o macasai, falado por mais de 1/5 da população de Timor, é a língua mais importante da zona leste da Província, e o seu uso será de grande utilidade aos Missionários e de grande proveito das almas.»

Nácher deixaria o seu cargo em Ossu em 16 de Maio de 1961 para embarcar para a metrópole por motivos de saúde. Ao regresso da sua viagem para recuperar o seu estado físico, Nácher reincorporou-se como Director na Missão de Fuiloro, onde permaneceria até 1968. O trabalho e a vida diária durante os seus anos de trabalho nessa missão podem ser seguidos através dos testemunhos recolhidos em 'A obra salesiana em Timor' e na CdFL. Os trabalhos agrícolas e educativos, o trabalho evangelizador e a construção de infra-estruturas ocupavam a maior parte do tempo. Utilizaremos o texto da primeira das fontes para descrevermos as tarefas missionárias e as fotografias da segunda para ilustrá-las:

«Conseguimos que Serpa Rosa, Governador de Timor até 1957, nos oferecesse o primeiro tractor que talvez entrou em Timor, pelo menos na ponta leste, e que hoje se tornou um meio de que os próprios nativos, com a ajuda das Administrações, lavrassem terrenos, tornados férteis depois de três anos de culturas. Serpa Rosa dizia que era gastar dinheiro inútil. O P. Manuel que era necessário suprir com a máquina o que o Timor, fraco, não pode fazer.

Hoje há uma enchente de tractores, multiplicando os benefícios das hortas e o rendimento das várzeas; embora, neste sector ainda não se convenceram os timorenses de que é mais remunerativo e menos extenuante o tractor do que o sistema de esmagar e enterrar as ervas com as patas dos búfalos.

Um segundo benefício que se estendeu a toda a ilha, iniciado em Fuiloro como o Sr. Manuel Preto foi a armazenagem do milho em bidões. Antes o gorgulho dava cabo das reservas alimentícias, hoje todos imitaram este belo e fácil sistema de encerrar o grão em bidões, durando assim, melhor do que em outros silos, durante dois ou mais anos sem se estragar.

(...) Quando o P. Manuel veio definitivamente de Díli em 1954 para tomar conta só da Missão de Fuiloro tinha esta 1.217 cristãos católicos. As visitas missionárias eram feitas com irregularidade. Faltavam catequistas, faltava localização de apostolado. Aproveitando os melhores cristãos formados pelos salesianos nos seis anos anteriores, conseguiu estabilizá-los em 10 centros: Tutuala, Com, Moro, Daudore, Laivai, Luro, Leuro, Iliomar, Loré, Muapitinie e a sede da Missão em FUILORO.

Com esta divisão aumentou o número de catecúmenos e se chegou a uma média de 550 baptizados por ano, chegando em 1960 o número de cristãos a 3.858.

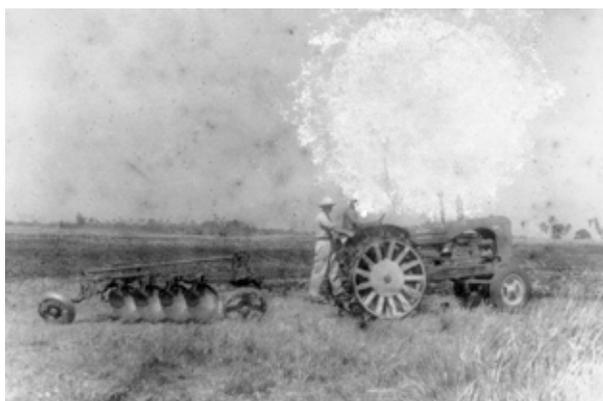
(...) Com as reservas que o P. Miguel Bernardino Rodrigues, que administrou a Missão por 3 anos, e com o zelo por arranjar pingues esmolas, acabou o futuro refeitório que tinha as paredes apenas sem cobertura nem portas e janelas por ser um lindo pavilhão que serviu de ampla capela durante muitos anos.

(...) Iniciou-se uma central eléctrica, por conta dos salesianos, construindo uma pequena barragem na ribeira de Camano, chegando a produzir hortaliça em terrenos que antes da rega eram muito pobres. (...) É nestes empreendimentos e sacrifícios que se baseia o sustento do Colégio-internato (com 150 alunos) e o prato de milho dado gratuitamente aos externos, que às vezes chegam a mais de 500.

(...) A ginástica foi neste tempo uma das notas de honra da Missão. Acompanhados dos clarins da banda, e por vezes com vários instrumentos musicais, procedia-se todos os domingos com grade apurmo e elegância ao içar da bandeira, acto solene que contribuiu muito para a formação patriótica do povo, já que todos assistiam com religioso respeito àquela homenagem tributada ao símbolo da Pátria.

(...) O P. Nácher conseguiu interessar o novo Governador Alberto Correia na construção duma escola exemplar. Mandou fazer uma planta de 12 aulas, 4 salas e um átrio central a um architecto de Obras Públicas. E, ao tempo que se iniciava, em 1964 a Escola de Fatumaca, ia dando verba aos poucos, com o que o P. Afonso Nácher conseguiu, antes de acabar o seu segundo mandato de 3 anos, levantar mais de metade do lindo edificio escolar.

Os Cristãos, em 1968, quando o P. Nácher deixou Fuiloro para ir a Baucau, já eram 8.400 e as famílias cristas passavam de mil. Era um avanço formidável, em 20 anos duma Missão que começou quase do zero.» (Nácher, 1975: 166-172)



1

2

1. Comunidade salesiana de Fuiloro em 1956. Nácher, primeiro a contar da esquerda. CdFL.

2. Trabalhos com tractor na Missão. 1959. CdFL.



3	4
5	
6	

3 & 5. Competições desportivas. Dezembro de 1971. CdFL.

4. Danças folclóricas dos alunos. Fevereiro de 1972. CdFL.

6. Instalações da Missão de Fuioloro em 1971. CdFL.

Se na sua condição de professor em Portugal o destino o fez conhecer um rapaz que se converteria em rei, o seu cargo na Missão de Fuiloro fá-lo-ia influir na formação de um dos fataluku que, anos mais tarde, se converteria num dos heróis mais assinalados da resistência timorense, Nino Konis Santana. Assim o relata José Mattoso na sua obra *A dignidade. Konis Santana e a resistência timorense*:

«Deve ter revelado desde cedo os seus dotes intelectuais, porque, terminada a aprendizagem das primeiras letras, passou, como aluno interno, para o colégio dos padres salesianos de Fuiloro, então dirigido pelo reverendo padre Magalhães, futuro apoiante convicto da Resistência, que os actuais sobreviventes da luta clandestina recordam com saudades. [...] Interessava-se pela leitura. Lia livros e revistas emprestados pelo padre Afonso Nácher. Era habitual a sua participação nos eventos culturais, nos quais declamava poesia ou entrava como actor das peças de teatro escolhidas pelos missionários salesianos» (Mattoso, 2005: 41)

Anos mais tarde o cenário de formação intelectual que representava a Missão de Fuiloro mudaria de natureza. O distrito de Lautem foi invadido pelo exército indonésio em 3 de Fevereiro de 1976 e a missão passou a ser um campo de concentração. Os padres de Nino Konis Santana seriam internados no seu antigo colégio (Mattoso, 2005: 62). Mas antes de a guerra chegar novamente à vida de Alfonso Nácher, ainda faltavam alguns anos.

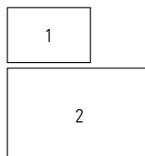
## **A MISSÃO DE FATUMACA. O FIM DA COLÓNIA PORTUGUESA.**

Em 1968 o nosso protagonista deixou Fuiloro, após doze anos de trabalho, para se incorporar na Missão de Baucau sucedendo ao P. João de Deus Pires. Ao mesmo tempo, durante dois anos, exerceria como Oficial do Delegado do Provincial de Portugal. Naquele momento o P. Alfonso já tinha a nacionalidade portuguesa, que lhe tinha sido concedida em 20 de Julho de 1966. A embaixada de Jacarta renovou-lhe depois a cidadania espanhola, pelo que a partir desse momento gozaria de dupla nacionalidade.

Quando Nácher chegou a Baucau há já quatro anos que tinham sido iniciadas as obras da que seria a Escola Elementar Agrícola de Fatumaca. Situada a cerca de 20 quilómetros a norte da cidade da povoação de Baucau, a escola era patrocinada pelo Governo da colónia. O P. João de Deus, antigo aluno de

Nácher no Noviciado de Mogofores, estava à frente da iniciativa com o apoio do P. Eligio Locatelli.

«Enquanto se levantava o pavilhão com dois andares para as aulas e três outros de um andar para dormitório, serviços higiénicas e refeitório, os salesianos começaram a viver num barracão. Ainda hoje estão nele, à espera da construção da residência. Dizem os pioneiros desta obra – hoje veteranos no serviço dos timores – que é assim que se dá testemunho. Os alunos num palacete; os missionários numa choupana.» (Nácher, 1975: 182)



1. Primeira habitação dos Salesianos em Fatumaca. 1964. CdFC.

2. Escola de Fatumaca em 1985. Arquivo salesiano de Comoro.



Os primeiros pavilhões foram inaugurados em 1967. O seu primeiro director, o P. José Evaristo Rodrigues, renunciou um mês depois de se ter encarregado da escola, e foi substituído pelo P. Correia, que um mês mais tarde morreria em acidente de trânsito ao regressar de uma visita à Missão de Fuloro. Encarregou-se então do colégio o P. Eduardo Vicente Roxo, que se manteve no cargo durante dois anos. Seria substituído pelo P. João de Deus.

«No seu mandato de três anos deu-se uma nova orientação e ampliação ao fim da Escola, já que os alunos de Agricultura iam diminuindo, por não terem colocação ao acabarem seu curso, oficial e com diploma, de 'Capatazes Agrícolas'. Iniciou o Ciclo Preparatório e ainda depois os cursos de artesanato, mecânica e carpintaria. Construiu um novo pavilhão e deixou a obra iniciada para realizá-la o seu sucessor como Director, ao acabar o triénio de seu cargo, o P. Alfonso María Nácher.» (Nácher, 1975: 184)

Em 29 de Agosto de 1973 o P. Alfonso instalou-se em Fatumaca como Director da Escola. Ele mesmo registou a sua chegada na primeira entrada que escreveu na crónica da casa: «Procedente de Baucau veio o Padre Alfonso María Nácher, recém-nomeado Director, já que o Governo pôs reparos ao que tinha sido proposto, Padre Eligio Locatelli». (CdfC. Agosto de 1973) A carta seguinte, datada de 27 de Dezembro de 1973, escrita por Nácher ao Director da Cáritas Internacional e conservada no arquivo da Missão de Fatumaca, fala das necessidades que se sentiam na tarefa de formação profissional da escola:

«Os Salesianos, nesta Diocese, vêm desde há anos desenvolvendo uma acção deveras notável em prol da promoção social entre as populações nativas, especialmente entre a juventude timorense. Além do trabalho pastoral, em geral, mantêm eles um conjunto de obras sociais, a todos os títulos beneméritos, que visam ministrar uma esclarecida, sólida e prática formação integral à juventude de Timor. Pretendem, agora, no prosseguimento desse programa, apetrechar de maquinaria apropriada as Oficinas de Serralharia e de Marcenaria, para a formação profissional dos rapazes nativos timorenses, tornando-os desta forma aptos a realizarem a sua Missão de homens, social e profissionalmente preparados, na sociedade timorense.

(...) E, porque a situação humano-sócio-económica dos 600 mil habitantes desta Diocese de Díli é verdadeiramente subdesenvolvida, as referidas oficinas de serralharia e de Marcenaria da Escola Salesiana de Fatumaca, Baucau, carecem absolutamente de todos os auxílios materiais e merecem carinhosamente uma ajuda substancial da Cáritas Internacional»

Os trabalhos continuam, mas está prestes a começar um período difícil. A partir de Fatumaca Nácher viveria os acontecimentos que, a partir de Abril de 1974, iniciariam uma mudança política na Metrópole que teria consequências directas na colónia de Timor. O processo que levaria à proclamação da independência em 28 de Novembro de 1975, à invasão por parte de Indonésia do território de Timor-Leste e à luta de resistência iniciada contra a ‘integração’ representaria um período de violência que rodearia o sacerdote espanhol até ao momento da sua morte.

A CdFC pode ajudar-nos a introduzir-nos na forma como se vivia o dia-a-dia das mudanças políticas em Timor-Leste, desde a situação prévia com Timor como colónia do ‘Estado Novo’, passando pela Revolução dos Cravos e chegando à situação de violência civil prévia à invasão Indonésia. Nácher exercia como cronista:

«**Fevereiro 1974.** Domingo. O içar da BANDEIRA reveste, todos os domingos, um ato solene e de formação cívica e patriótica. Cumprindo o dever com a Pátria, preparasse para cumprir com Deus, indo participar na liturgia da palavra e na ação eucarística. É domingo!

**26 de Abril 1974.** Veio a Fr. Benaggato, as 12:30. Trazia 2 Madres de Ossu. Informou-nos do golpe de estado do General Spínola —que nos ignorávamos— e da Junta de Salvação Nacional com o Movimento das Forças Armadas. Desapareceu a DITADURA o FACISMO de 50 anos e abre-se a porta a Democracia. Rogamos pela Pátria.

**30 Setembro 1974.** Spínola renuncia ao cargo de Presidente da República.

**02 Outubro 1974.** Na radio ouviu-se esta frase: os padres não colaboram para a democracia.

**04 Outubro 1974.** Veio o novo administrador de Baucau, Sr. Salgueiro. Disse que o Governo confia nos salesianos.

**12 Outubro 1974.** O Ten. Cor. Níveo Herdade chamou a um Inspetor Administrativo vindo de Lisboa, e que estava na sala de espera e disse-lhe: Veja V. Ex<sup>a</sup> o trabalho e projetos dos Salesianos. Com a metade do dinheiro fazem o dobro que os administrativos. Ele colocam nas obras os seus trabalhos e os seus haveres. Confiamos nos salesianos para o futuro dum Timor melhor.

**13 Outubro 1974.** O P. Diretor regressou de Dili. Dormiu em Baucau. O Ministro não se sabia quando viria. Um tufão o obrigou a ir a Jacarta e a Canberra antes de vir para Timor. Os moradores, povo e Liurai, ficaram em Dili. Muitíssima gente já estava no aeroporto,

e rapidamente recolheu para as suas casas, deixando as ruas de Dili desertas, que horas antes estavam de lés a lés cheias de pessoas e sobre tudo de camionetas dos três partidos: FRETILIN, Apodeti e UDT, com suas bandeiras.

**17 Outubro 1974.** Esperava-se o Ministro Dr. António Almeida Santos, mais foi logo esclarecido que não virá ate o sábado 8 dias depois do que se tinha anunciado.

**21 Outubro 1974.** Ida ao aeroporto. Estavam ali só uma camioneta de Vemasse e as escolas de Baucau e Fatumaca a despedir ao Dr. António Almeida Santos, Ministro de Coordenação Interterritorial. Falou cordialmente com o Pe Diretor e disse que tivemos um bom advogado (o Encarr. De Governo. Tn. Cor N. Herdade). Este afirmou que o Sr. Ministro concordava com todo o exposto e pedido. O Dr. Almeida Santos, abraçando ao Pe Diretor, antes de subir ao avião de regresso, disse-lhe: levo as plante e pedidos de vossa Escola para Lisboa. Vamos estudar o assunto. Foi pena não ter tido tempo de vos fazer uma visita. Gostava de ir-la. Está muito longe?...

**30 Janeiro 1975.** Na missa falou (ou fez a homilia) o P. C. Gamba, parafraseou 3 homens cume do século passado, Marx, Lenin e Engels, debruçados para o mal: confronto com D. Bosco, debruçado para o bem.

**08 Fevereiro 1975.** Em carta lida por um dos alunos ante o novo Governador, Coronel Mário Lemos: Oxalá V. Ex. possa encontrar tudo na ordem e feliz orientação do 25 de Abril. Somos uma célula do nosso Timor. Nesta escola aprendemos a trabalhar para o tornar valioso na independência que as Forças Armadas nos conquistaram. Aceitamos a voz de comando de trabalhar para engrandecer a Pátria. E queremos desta maneira, contribuir com a nossa pedrinha para a contração desta nova casa de Trimos. Estamos convencidos de que sem o trabalho de todos não se pode construir uma Pátria nova e digna. (...) Por isso estamos certos de que o Governo não deixará de animar, apoiar e ajudar esta obra que nos parece indispensável para a formação da juventude operária dum Timor novo.

**9 Fevereiro. 1975.** Conseguiu-se hoje aprovar o regulamento de Concelho de Estudantes, foi publicado e a seguir procedeu à votação dos elementos constituintes. Nas 'Boas Noites' fixou-se o pensamento: Liberdade, democracia, sua RESPONSABILIDADE à que não se pode fugir.

**12 Fevereiro 1975.** Em Dili tudo fechado. O Padre Afonso foi com o Intendente, P. Santa, ao plenário do FRETILIN, no ACAIT, forma os dois únicos 'Malaes' que ali estavam.

**12 Março 1975.** Correu a voz de revolta em Portugal e fuga de Spínola em helicóptero para Espanha.

**13 Março 1975.** Fizeram uma visita, na manhã de hoje, enquanto continuávamos perto do 2º período, um grupo de políticos australianos, acompanhados de dirigentes de Fretilin

e UDT. Não visitaram as oficinas... Causou maravilha aos professores do Colégio um desinteresse desse género (forja de trabalhadores do povo) naqueles que se dizem do povo e para o povo. Deu sensação de que era uma viagem turística.

**20 Março 1975.** Voltaram de jeep os de Dili. Ouve-se na Radio a norte do infante D. Jaime de Borbón, filho de Alfonso XIII, rei de Espanha, com 72 anos.

**22 Março 1975.** Volta o P. Afonso. Em Baucau Fretilin montou uma escola. 1º lição “ Já os colonizadores chuparam a sangue dos maubere” (SIC). Traduzido ao Tetum.

**11 Julho 1975.** Veio o C. Mouzinho comprar um porco para o Hotel. Fala do que se trata uma cimeira de Macau, dizendo o que perdeu Fretilin com não ter comparecido.

**11 Agosto 1975.** Correu noticia de que a UDT tomou os quarteeis de Dili e do resto da provincia. Os alunos voltaram para o colégio, desistindo de ir a Manatuto e o Engº com os 2 Regentes seguiram –cheios de medo- para Dili. Tinham tomado as refeições do pequeno almoço, almoço e merenda. O estado devia pagar essas despesas e a alimentação dos alunos nos 40 dias que devia durar o curso.

**12 Agosto 1975.** Como não vinham os professores, o Pe Locatelli foi até Baucau para os interrogar sobre as decisões a tomar. Deixaram recado que, de voltar, só no dia 18 viriam a Fatumaca. O Pe Locatelli rezou Missa em Gari Uai pois lho pediram os fiéis.

**14 Agosto 1975.** Seguia-se o trabalho de construção de refeitório para os alunos. Hoje colocou-se a cinta de cimento sobre as janelas, na parte S, na ultima hora de trabalho. Nesse tempo vieram engenheiros da Brigada das Estradas com um chefe de O.P, fugidos da ponte nova (em construção) de Manatuto. O Pe Lobato foi a Baucau. O Pe Locatelli comunicou: “Venham todos os que desejem ser evacuados para a Metrópole. A situação não é segura. As madres vau sair.” O P. Lимоes aceitou, e o Pe Matias (de Fuiloro) que se encontrava por cá, não tinha muita vontade, mais foi aconselhado, e aceitou, por causa da doença que o levava varias vezes a Dili: pernas inchadas, —efeito do coração?— e diabetes.

**16 Agosto 1975.** Veio o Pe Ribeiro com o Pe Matias. Levava hortaliça para o Hospital. Os alunos do CURSO DE RECICLAGEM, são hoje advertidos, que, dada a fuga dos professores, da-se o curso por acabado. Muitos ficaram desapontados, embora o ambiente está agitado, com noticias de guerra e prisões, muito confusas. Nada certo se sabe de Dili.

**17 Agosto 1975.** O Pe Diretor rezou Missa em casa, Bercoli e Venilale. O Pe Locatelli em Uai Lili e de tarde em Loi Lubo. Estão os espiritos muito agitados, em tenção, dada a nova face da vida de Timor, perdida a PAZ.

**19 Agosto 1975.** Anunciam que foi apresado e inutilizado o helicóptero do Governo, em Aileu, onde há forte resistência contra o golpe dos de UDT em Dili. Estes anunciam que querem eleições livres e em colaboração de todos, mas que saiam os comunistas que cá vieram.

**20 Agosto 1975.** Fala-se que Aileu e Maubise resistem coma ramas e vão avançar sobre a Capital.

**26 Agosto 1975.** Radio Austrália anuncia que Bispo e Madres caíram presas e que o Governo de Timor saíra de Dili para Ataúro.

**31 Agosto 1975.** Houve missa em Case e só em Venilale, a onde foi de cavalo o Pe Locatelli. No aeroporto um fugitivo ameaçou com bomba de mão inutilizar o avião se não o levavam a ele. Isto valeu que o Pe João de Deus pudesse conseguir que embarcassem também as madres de Ossu e Baucau. Acompanharam nas o Pe Isidoro —açoriano— superior de Colégio masculino de Ossu e o Pe Benazzato, missionário em Timor desde 1953.

**01 Setembro 1975.** Invasão de gente para pedir 3 kg de milho para semear. Todos pedem sal. Faz-se um esforço para ajudar.

**02 Setembro 1975.** Um avião australiano aterrou em Baucau. Deixou em Ataúro o Ministro Dr. Almeida Santos. Um barco pesqueiro evacuou 300 pessoas de Baucau. Vista o Colégio (vindo de Same) Madres da C. Ferreira, AA das Oficinas de San José de Dili. (...) Diz que em Same lhe queimaram as casas e roubaram 500 cabeças de gado bovino e a industria de álcool. Diz que se queimaram as casas uns aos outros e maltratara más mulheres, deitando as crianças ao fogo dentro das casas (será?)

**03 Setembro 1975.** Assegura que as tropas da ONU vão vir em breve. Chegaram as 19:30 h. as madres de Soibada (3) com o Pe Leoneto e Pe Tavares, com eles 20 seminaristas. Vieram desde Bibileu de camioneta; de Laitada a Bibileu a pé, em etapas, durante uma semana. Nada sabem dos de Dare. A Madre Rosa conta um sonho: “Vinhm muitos num carro, guiado por João XXIII. Um touro feroz, de chifres compridos, olhos grandíssimos, queria opor-se-lhe no caminho (que ela sabe já falecido) puxa de debaixo uma corda, assim o boi não atingiu o carro. João XXIII dizia: «Vamos a Fatumaca». A M. Rosa ficou impressionada ao ver que, por avaria do camião que as trazia de Viqueque, não puderam chegar a Baucau: “a Fatumaca”. O sonho, dizia ela, foi real graças a João XXIII. Estavam seguras e atendidas muito bem, depois de tanta canseira.

**04 Setembro 1975.** Veio o Pe Reitor com mais (uns 13) seminaristas (...) Diz o Aleixo que os Australianos se comprometem a compaginar a paz em T. A rádio nada diz. Há centenas de almas na Praia de Baucau, à espera de barca que os evacue. As madres forma para Baucau no nosso jeep. Tomaram (chegando no momento preciso) o avião Australiano que as 17:15 saiu de Baucau para Darwin.»

Assim terminam os apontamentos do Padre Alfonso María Náchter na Crónica da Missão de Fatumaca. As páginas que se seguem no caderno estão em branco. O que viria depois é bem conhecido. A Indonésia invadiu Timor-Leste em 7 de Dezembro de 1975.

## **OLEU PITINE. INVASÃO DE TIMOR E EVANGELIZAÇÃO**

Poucos dias depois o exército indonésio chegou junto à missão de Fatumaca. Nácher recordaria anos depois a situação a Enzo Bianco:

«As tropas regulares apoderaram-se rapidamente dos centros urbanos e a guerrilha da Fretilin retirou-se para a montanha. Antes do Natal de 1975 —lembra o P. Nácher— os soldados também ocuparam o nosso colégio em Fatumaca, mas as autoridades permitiram que conservássemos o edifício. No entanto, tivemos que nos retirar por alguns meses e regressou imediatamente a guerrilha. Todos os dias as pessoas vinham pedir-nos arroz, milho e iuca. Distribuímos 23 toneladas de cereais. Depois os guerrilheiros decidiram evacuar-nos e deram-nos oito dias para lhes transferirmos as instalações da escola. Dissemos que não. Não podíamos, o delegado do Papa em Darwin tinha-nos dito que não abandonássemos a escola por nenhuma razão. (...) Na prática estávamos sob detenção domiciliária, privados de qualquer contacto com o exterior. Assim durante cinco longos meses» (Bianco, 1981)

Não é este o lugar para se entrar em pormenores sobre a crueldade da violência que se registou em Timor-Leste após a ocupação. Basta mencionar o papel desempenhado pelos poucos sacerdotes estrangeiros que permaneceram na já ex-colónia portuguesa como administradores da ajuda internacional que conseguia entrar no país. Na área dependente da Missão de Fatumaca, as capelas e igrejas foram transformadas em armazéns dos cereais provenientes do auxílio católico, uma das poucas fontes de alimento disponíveis para uma boa parte da população.

O Padre João de Deus lembra assim aqueles dias:

«Naquela altura chegou da América um preparado de milho com mistura de arroz. Nós transformámos as igrejas em armazéns. Quando necessitávamos usávamos... ninguém roubava... Isso era do povo. Foi inicialmente no ano setenta e sete ou setenta e oito. Aquilo salvou muitas vidas; notava-se muito a diferença. Uma semana ou duas semanas a comer aquilo e melhoravam. As pessoas estavam a passar muita fome. A mim apanharam-me, fui feito prisioneiro, trataram-me mal, mas não me importava... sou timorense...»<sup>9</sup>

Em Maio de 1979 Alfonso Nácher voltou ao distrito de Lautem para efectuar um trabalho evangelizador urgente a partir da sua capital, Lospalos. A esta tarefa específica se refere o próprio Nácher nos seus apontamentos autobiográficos como «baptismos em massa». Dedicar-se-á a isso até 1982.

<sup>9</sup> Entrevista ao Padre João de Deus. Lospalos 14 de Abril de 2012.



1

1. O P. Nacher recebe um transporte de autoridades militares. 1988. Arquivo salesiano de Comoro.

2

2. O P. Nacher com militares indonésios. 1988. Arquivo salesiano de Comoro.

O processo de conversão ao catolicismo do povo de Timor, que até à invasão, e de acordo com as estimas do Padre Eligio Locatelli<sup>10</sup> «não chegava a 30 por cento de cristãos» registou um aumento exponencial nos últimos anos da década de '70 e nos primeiros da de '80. Coincidiu com o momento em que uma grande parte da população, refugiada nas selvas e montanhas junto à guerrilha, teve que abandonar as suas bases, que se tinham tornado insustentáveis devido à pressão militar do exército.

Uma vez agrupados e sob o controlo do exército, os rendidos deviam inscrever-se como cidadãos indonésios. Para cumprirem o trâmite, deviam escolher uma das cinco religiões oficiais contempladas na lei — hinduísta, budista, muçulmana, católica e protestante. O ateísmo ou as religiões tradicionais não eram aceites. Para o caso de Baucau, Enzo Bianco, seguindo o testemunho de Nácher, citou alguns números:

«Baucau é agora uma cidade cheia de catecúmenos. Em 1980 teve 7.454 baptismos e há 18.224 pessoas a estudar catequese (onze mil dos quais em estágio na última fase de preparação). Os baptizados são já 42.800, os animistas são menos de 13.000 (como novidade há alguns protestantes, muçulmanos e budistas).» (Bianco, 1981)

Foi neste contexto que Nácher, conhecedor do fataluku e com doze anos de experiência na zona, regressou por três anos ao distrito de Lautem. Aí acompanharia o Padre João de Deus na sua tarefa evangelizadora. O que fora o seu aluno no noviciado de Mogofores calcula que durante esse período efectuou a maioria dos 80.000 baptizados em que calcula ter participado como missionário em Timor-Leste (Antunes, 2010). O próprio João de Deus oferece um testemunho directo deste processo.

«Eu apliquei um sistema diferente. Naquela altura eu estava em Baucau. Para que os islâmicos não ganhassem, porque estavam a comprar vontades e eu tinha conhecimento daquilo, ao descer a população da montanha vinham todos procurar-me, eu dava-lhes a primeira parte do baptismo. Na porta das igrejas perguntava-lhes. Como é que te chamas?... pois em católico és Manuel... fazíamos-lhes uma ficha com os catequistas, fazia-lhes o sinal da cruz e, com base nos indonésios já eram católicos. Depois, com o tempo, aprendiam a doutrina e baptizavam-se...»<sup>11</sup>

**10.** Entrevista ao Padre Eligio Locatelli. Fatumaca, 29 de Abril de 2012. **11.** Entrevista ao Padre João de Deus. Lospalos 14 de Abril de 2012.

Em 1979, recém-chegado a Lospalos, Nácher reabriu a escola da Missão de Fuiloro, que tinha sido ocupada pelo exército indonésio em 1976 para ser usada como parque de campismo. Gil da Cruz, vizinho da missão, descreve o empenho do sacerdote para não a entregar ao exército.

«Aquilo de que ainda me lembro é de que os indonésios queriam obrigar o Padre Nácher a ficar com uma companhia nos edifícios da Missão. Eles tentaram ficar, mas Nácher nunca os deixou. Nunca quis entregá-la.»<sup>12</sup>

A mesma fonte descreve assim o trabalho evangelizador desenvolvido por Nácher:

«Naquele tempo, quando descíamos do mato já ouvimos que eles tinham uma lei, um princípio, que exigia que cada um escolhesse uma das cinco religiões. Como a igreja católica já conhecia o modo de actuar dos muçulmanos e dos indonésios, então os missionários juntaram todos os gentios, velhos e velhas, de cinquenta, de sessenta, e baptizaram-nos a todos. Fizeram isso o Padre Alfonso e o Padre Luis de Preto a partir do ano de 1979.

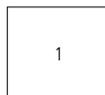
O meio era o seguinte: eles explicaram aos timorenses, aos gentios desta zona de Fuiloro, ensinaram a doutrina em todos os parques de campismo, em todas as aldeias, depois levaram-nos à igreja e baptizaram-nos aí. Eu conheço a cerimónia porque naquela altura eu tinha 18 ou 19 anos, e já tinha sido aluno do colégio de D. Bosco em Fuiloro. De cada vez baptizavam numa aldeia setenta ou oitenta pessoas. Todas juntas. Fizeram grandes cerimónias. Os sacramentos eram dados todos num só momento. Primeiramente o baptismo, segundo a primeira comunhão. Também baptizavam os filhos e netos dos que iam entrar.»<sup>13</sup>

Com mais de setenta anos, Nácher tinha deixado crescer a barba pela primeira vez na sua vida. Uma barba longa e branca pela qual seria conhecido pelos residentes em Lospalos como *Oleu Pitine* —barba branca em língua fataluku. Nunca chegaria a cortá-la:

«Só quando os indonésios invadiram Timor é que o Padre deixou crescer a barba. Antes da invasão, quando Timor estava normalizado como colónia de Portugal, nunca a tinha deixado crescer. Só quando os indonésios invadiram Timor-Leste e o povo de todo o território saiu para o mato é que Nácher deixou crescer a sua barba branca.»<sup>14</sup>

Em Dezembro de 1982, após três anos de intensa tarefa, Nácher voltou a tomar conta da Escola de Fatumaca. Aí exerceria novamente como director durante um primeiro triénio entre 1983 e 1986, tendo o seu cargo sido renovado até 1986 e posteriormente para um último triénio até 1989.

Durante este período coincide com outro dos personagens que teriam de se converter em protagonistas da história recente de Timor-Leste. Em 1981 Carlos Filipe Ximenes Belo, que em 1996 seria reconhecido juntamente com José Ramos-Horta com o Prémio Nobel da Paz, chegou a Fatumaca como Mestre de Noviços. Aí permaneceria, juntamente com o padre espanhol, durante quase dois anos.



1. Comunidade salesiana em Fatumaca em 1986. Náchér, segundo a contar da esquerda. Arquivo salesiano de Comoro.

2. Náchér com equipas desportivas de Fatumaca. CdFC.



**12.** Entrevista a Gil da Cruz. Fuioloro 17 de Abril de 2012. **13.** Entrevista a Gil da Cruz. Fuioloro 17 de Abril de 2012. **14.** Entrevista a Gil da Cruz. Fuioloro 17 de Abril de 2012. **15.** Entrevista a Justino Valentin Cailoru. Lospalos 17 de Abril de 2012.



Com alunos de Fatumaca nos anos '90. Arquivo salesiano de Comoro.

Nácher aproximava-se dos 80 anos e ia deixando responsabilidades no trabalho diário para se centrar no papel de confessor da comunidade salesiana. Timor continuava a sua agitada história, e chegámos a 24 de Maio de 1992. Alfonso María celebrou o seu octogésimo sétimo aniversário e os seus sessenta anos como sacerdote. Na escola de Fatumaca recebeu um presente, das mãos do que tinha sido o seu ajudante e catequista em Fuiloro, Justino Valentin Cailoru: uma cópia dactilografada do original manuscrito do seu léxico Fataluku-Tétum-Makasae-Português.<sup>15</sup>

Já ancião, o padre Alfonso María Nácher, faleceu em Fatumaca em 11 de Maio de 1999, com 93 anos. Alguns meses depois, em 30 de Agosto, Timor-Leste realizaria o referendo que o levaria à independência.



Sepultura do P. Alfonso Nacher em Fatumaca. Efrén Legaspi.

## BIBLIOGRAFIA

- Antunes, J.** (2010). "Entrevista. Padre João de Deus". *Boletim Salesiano*. Retrieved June 25, 2012, from <http://www.salesianos.pt/public/UserFiles/Downloads/bsmajun10.pdf>
- Bianco, E.** (1981). "Protagonisti-Padre Alfonso Nácher Missionario a Timor". *Bollettino Salesiano*. Retrieved June 25, 2012, from <http://biesseonline.sdb.org/bs/1981/198114.htm>
- Mattoso, J.** (2005). *A Dignidade: Konis Santana e a Resistência Timorense*. Lisboa: Temas e Debates.
- Nácher, A.** (1975). "A obra salesiana em Timor". *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau, LXXIII* (843), 161-186.
- Nácher, A.** (2003). "Fataluco-Português: Primeira Parte (Introdução e edição de Geoffrey Hull)". *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, 5, 135-196.
- Nácher, A.** (2004). "Léxico Fataluco-Português (Parte Segunda)". *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, 6, 119-177.

## ENTREVISTAS

P. João de Deus. Lospalos, 14 de Abril de 2012.

P. João de Deus. Lospalos, 17 de Abril de 2012.

Gil da Cruz. Fuiloro, 17 de Abril de 2012.

Justino Valentim Cailoru. Lospalos, 17 de Abril de 2012.

Eligio Locatelli. Fatumaca, 29 de Abril de 2012.

## OUTRAS FONTES CONSULTADAS

**Crónica da Missão de Fatumaca.** Agosto de 1973 — Setembro de 1975 (CdFC). Arquivo Salesiano de Dom Bosco, Comoro.

**Crónica da Missão de Santa Teresinha de Ossu.** (sem data). Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

**Crónica da Missão de Fuiloro.** Novembro de 1968 — Março de 1974 (CdFL). Arquivo Salesiano de Dom Bosco, Comoro.

**Padilla, Fr. Ramoncito A.** (1999) Nota biográfica sobre Alfonso Nácher. Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

**Gonçalves, P. Antonio** (1999) *P. Alfonso Nácher*. Carta aquando do falecimento de Nácher em 1999. Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

**Relatório do Colégio de Nossa Senhora de Fátima, Fatumaca** (1961). Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

**Nácher, A.** (sem data). *Ficha pessoal*. Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

——— (27/12/73). *Carta ao Director da Cáritas Internacional*. Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.



# A RELIGIÃO EM TIMOR-LESTE A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-ANTROPOLÓGICA<sup>1</sup>

—  
Alberto Fidalgo Castro  
Doutorando da Universidade da Corunha  
Bolseiro MAEC-AECID

«Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo»  
José Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote*, 1914.

Timor declara-se maioritariamente católico. O número de pessoas que é considerado *sarani*<sup>1</sup> soma 96,9% da população conforme dados do censo de 2010. Esta foi uma das premissas com as quais cheguei a Timor-Leste e que me fazia crer —quando iniciava o meu trabalho de campo em 2007— que seria um elemento que facilitaria a compreensão cultural do país devido à minha própria educação de raiz católica. Estava enganado, pois havia determinados aspectos do catolicismo que se praticava em Timor que não coincidiam com a religião que eu conhecia, na minha condição de homem nascido na periferia de uma cidade industrial em crise do noroeste da península ibérica e socializado na doutrina católica por um ‘sacerdote operário’ durante os anos oitenta e noventa.

O contexto histórico do Timor-Leste a que chegava não era, claro está, o mesmo que o espanhol de que saía. Há cinco anos que as Nações Unidas tinham devolvido a soberania ao Estado e a Igreja saía do desempenho de um papel fundamental durante a resistência contra a ocupação Indonésia. A legitimidade moral que a Igreja e os religiosos detinham era reconhecida por uma grande maioria da população. Em 2005, antes da minha chegada a Timor-Leste, a Igreja tinha efectuado uma demonstração do seu poder quando se tratou de dirigir as políticas de estado. Os factos começaram quando o governo tentou converter em optativa a disciplina de religião no ensino primário, o que levou a igreja a opor-se oficialmente e a organizar uma manifestação de dezanove dias à volta do Palácio do Governo na capital, Dili. O governo cedeu face à pressão da igreja que, amplamente secundada pela população, conseguiu manter a obrigatoriedade do ensino da religião.<sup>2</sup>

**1.** Agradeço a ajuda de Enrique Alonso Población na edição e revisão deste artigo. **2.** *Sarani* significa «cristão, baptizado» em Tétum. Todas as traduções do Tétum são minhas, à excepção daqueles em que se indique o contrário. **3.** Uma análise destes acontecimentos já foi efectuada pela antropóloga Kelly Silva num artigo, pelo que não aprofundarei mais os mesmos. Para mais informações, veja da Silva 2007.

Mas o choque cultural mais forte não se deveu tanto ao poder que a igreja parecia deter como instituição no país —entre outras coisas porque também na Espanha tem uma grande influência política—, quanto à coexistência da prática do catolicismo com outras práticas religiosas externas à doutrina da igreja, embora não necessariamente contrárias.

Foram dados muitos nomes a tais práticas, mas neste artigo referir-me-ei a elas denominando-as de «religião tradicional». Quero especificar que o termo tradicional se afasta da ideia de uma religião timorense prístina ou estática até à chegada dos portugueses, a que por vezes se faz referência do ponto de vista romântico, projectando uma imagem profundamente ideologizada e de fraca base empírica. O conceito de religião tradicional, tal como o utilizo, refere-se ao sistema de crenças que localmente é definido em oposição ao católico; isto é, é aquilo que os meus informadores entendem como pertencente à esfera de crenças e práticas *jentiu* —por vezes também referida pelos meus informadores como *adat*, *lisan*, *kultura* ou *kultura-adat*. É, em última análise, *o outro-próprio* que se constrói face à identidade católica<sup>4</sup>. Decidi utilizar tradicional em vez de outros termos como ‘nativa’, porque muitos nativos timorenses se consideram católicos enquanto professam também a religião tradicional. Embora com uma forte base animista, prefiro não usar este termo dado que a religião tradicional inclui um heterogéneo leque de práticas e crenças que podem não ser classificadas como tal. Outras categorias como ‘pagã’ ou ‘aborígene’, usadas por vezes por técnicos e analistas, são frontalmente rejeitadas pela conotação negativa que possam ter ganho para os timorenses.

É minha intenção explorar neste artigo essa relação entre a religião católica e a tradicional a partir de uma perspectiva histórico-antropológica. O objectivo do mesmo é triplo. Em primeiro lugar, pretendo mostrar que a relação entre catolicismo e religião tradicional em Timor não consiste numa hibridação resultante da mistura de elementos tomados dos dois sistemas de crenças (a religião tradicional e a católica) que tenha resultado na construção de uma espécie de terceira via; não se verifica —salvo alguma excepção— um novo sistema de crenças fora do católico ou do tradicional. Neste sentido, sustenho que o que realmente encontramos actualmente em Timor-Leste, para além de um sincretismo ou uma hibridação, consiste na tensa coexistência entre os dois sistemas de crenças.

Em segundo lugar aponto, mediante alguns exemplos, o cenário estratégico que se constrói através de um complexo jogo de transposições simbólicas, quer de elementos pertencentes à religião tradicional dentro do sistema de representações católicas, quer de elementos católicos dentro do tradicional. Sugiro, deste modo, que estas integrações, assimilações e intercâmbios de elementos entre os dois sistemas de crenças são resultado de uma luta de poderes que se expressa e institui em diferentes esferas da vida, obedecendo a uma lógica prática (Bourdieu 2007), neste caso orientada para fins práticos e posta em jogo por diferentes actores sociais.

Por último, mediante um estudo de caso que tem um *rai-na'in kaer bua-malus*<sup>5</sup> como protagonista, mostro como este vive essa relação entre catolicismo e religião tradicional. Utilizando fragmentos de uma entrevista situada num presente etnográfico (2009), mostro como o entrevistado manuseia ambos os sistemas de crenças, tendo por objectivo reproduzir, reafirmar e conquistar espaços de poder; fim para o qual adopta ou rejeita, invocando-os discursivamente, os elementos dos dois sistemas que legitimam a sua posição social. Com isso pretendo mostrar como uma das esferas de conflito entre religiões — a tensa coexistência anteriormente apontada — se dirime no plano do discurso. Desse modo, o entrevistado emite e constrói explicações que dão sentido e legitimam a validade do sistema — ou parte do sistema — de crenças que o dotam de autoridade, ao mesmo tempo que deslegitima a parte ou as partes que o arrebatam.

Para tal, dividi o presente texto em três partes. Na primeira parte, *Notas sobre a influência da teoria estruturalista na antropologia de Timor-Leste*, efectuo uma rápida revisão da influência do estruturalismo na antropologia realizada em Timor-Leste antes da invasão da Indonésia e assinalo algumas das críticas que foram esgrimidas pela teoria antropológica. Considero que os pressupostos do paradigma estruturalista continuam a influir significativamente em muitos dos estudos sociais que são actualmente efectuados em Timor-Leste, com as suas limitações que, no meu modo de ver, deixam fora da análise antropológica aspectos da realidade social cuja análise é capital para uma compreensão mais certa da cultura e sociedade timorenses.

4. Deixo fora da presente análise outras religiões tais como o protestantismo, o islão, budismo e as religiões de origem chinesa. Estas, embora minoritárias, coexistem juntamente com a religião católica e a tradicional no país. O antropólogo Brasileiro Alessandro Boarccaech fez a sua tese de doutoramento em data recente, em que trata das interações entre a religião católica, a protestante e a tradicional na ilha de Ataúro. 5. Na terceira parte deste artigo analiso mais pormenorizadamente a expressão *rai-na'in kaer bua-malus*. Adianto que se refere a um tipo de autoridade muito relacionada com a religião tradicional que, tal como veremos mais adiante, desempenha um papel público a nível comunitário.

A segunda parte, *Contextualizando o objecto de estudo: introdução e consolidação do catolicismo*, trata do contexto histórico da chegada do catolicismo a Timor. Nela, assinalo os momentos que considero fundamentais no processo histórico que levou à instauração deste sistema de crenças em Timor. Isto permite que se compreendam melhor as circunstâncias sociais em que a religião tradicional e religião católica se encontram imbuídas.

Na terceira, *Tensão entre religiões*, trato das relações entre a religião tradicional e a religião católica. Na primeira das secções, *Interações entre catolicismo e religião tradicional: sincretismo e transposições de significados*, analiso a ideia de sincretismo religioso e as suas limitações. Na segunda secção, *A coexistência de sistemas de crenças do ponto de vista de um agente social: a visão de um rai-na'in kaer bua-malus*, apresento um estudo de caso mediante o qual pretendo demonstrar como um agente social desdobra discursivamente uma grande narrativa através da qual dá sentido e legitima, face ao seu entrevistador (eu), os elementos do seu próprio poder.

## **NOTAS SOBRE A INFLUÊNCIA DA TEORIA ESTRUTURALISTA NA ANTROPOLOGIA DE TIMOR-LESTE**

Considero oportuno que se efectue uma breve revisão dos paradigmas teóricos que dominaram o desenvolvimento da antropologia efectuada em Timor-Leste; apenas se trata de um esboço em que o numeroso volume de estudos efectuados desde o início da independência (1999) até hoje em dia, por questões de tempo e espaço, ficarão fora do presente estudo. O meu interesse nesta revisão radica-se na importante influência que a antropologia estruturalista teve e continua a ter sobre os estudos sociais que são actualmente efectuados em Timor-Leste.

Parte da investigação antropológica do Sudeste Asiático tem vindo a reconhecer Timor-Leste como parte da área cultural da Indonésia Oriental (*Eastern Indonesia*), conceito que começou a ser desenvolvido durante o estruturalismo *avant-la-lettre* da escola de Leiden (Holanda) durante os anos vinte e trinta do século XX.<sup>6</sup> Este projecto pré-estruturalista, de influência maussiana e durkheimiana, ficou parcialmente frustrado depois da II Guerra Mundial e do processo de independência da Indonésia. No entanto, foi em parte continuado

por alguns representantes da tradição antropológica australiana, de que James J. Fox<sup>7</sup> é talvez o representante mais reconhecido (Keurs 2006: 42).

A antropologia estruturalista britânica<sup>8</sup> também desempenhou um papel importante nos desenvolvimentos deste projecto, sendo Rodney Needham um dos antropólogos que mais influência exerceram nos estudos do Sudeste Asiático. Needham efectuou trabalho de campo na Indonésia —fronteira Indo-Birmanesa e Sumba— durante a década de cinquenta (Fox 2008; Needham 1966, 1980). Para o caso de Timor-Leste, a influência do antropólogo britânico David Hicks continua a ser uma referência básica, pelo facto de ser um dos primeiros antropólogos profissionais a efectuar trabalho de campo extensivo na ilha durante a década de sessenta, deixando numerosas publicações (Hicks 1973, 1978, 1981, 1984, 1987, entre muitas outras). Além de um grande número de documentos, Hicks também foi director de uma tese de acentuado carácter estruturalista, efectuada pelo antropólogo Toby Fred Lazarowitz (1980).

A antropologia francesa também deixou a sua marca nos estudos efectuados sobre Timor —tanto português (leste) como indonésio (oeste)— através de duas missões etnológicas do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*), levadas a cabo em 1966 e entre 1969-1970 respectivamente.<sup>9</sup> Algumas destas publicações, apesar de conterem elementos estruturalistas, seguem mais a tradição etnológica da cultura material de Leroi-Gourhan do que a do próprio Lévi-Strauss (Lameiras-Campagnolo 1975: vi). A influência de George Condominas nestes estudos também é patente.

6. Por intermédio de figuras como J. P. B. Josseling de Jong, B. E. Josseling de Jong ou de F. A. E. van Wouden. Este último é especialmente relevante para o estudo da Indonésia Oriental e Timor, graças ao seu estudo de 1935 *Types of Social Structure in Eastern Indonesia*, que foi traduzido para inglês pelo antropólogo estruturalista Rodney Needham. Influenciado por Marcel Mauss, foi Josseling de Jong quem começou a delimitar a ideia de Indonésia como um particular «*field of anthropological study*», que foi posteriormente desenvolvida pelo também antropólogo e seu sobrinho, B. E. Josseling de Jong (Jong 1980). 7. O já clássico *The Flow of Life. Essays on Eastern Indonesia* (1980), reconhecendo a obsolescência de alguns dos pressupostos teóricos dos primeiros etnógrafos da escola de Leiden, tem uma forte base estruturalista. 8. Uma das diferenças que se assinalaram entre o estruturalismo britânico e o francês —excluindo talvez Dumont— está no facto de evitar o debate sobre os universais culturais e os esquemas cognitivos para se centrar mais na análise estrutural de sociedades e cosmologias concretas (Ortner 1984: 137). 9. Nestas missões etnológicas participaram Luis Berthe e Claudine Friedberg que efectuaram os seus estudos entre os búnak do centro e Timor (fronteira entre o Timor indonésio e Timor-Leste) (Berthe 1972; Friedberg and Berthe 1978; Friedberg 1971a, 1971b, 1973, 1974, 1977a, 1977b, 1979, 1999), Brigitte Clamagirand entre os kémak de Marobo (Ermera) (Renard-Clamagirand 1975, 1980, 1982) e Henri Campagnolo e Maria Olímpia Lameiras-Campagnolo entre os Fataluku do distrito de Lospalos (Campagnolo 1972; Lameiras-Campagnolo and Campagnolo 1979, 1984; Lameiras-Campagnolo 1975). Luis Berthe tinha efectuado previamente investigação em Timor, como regista em várias publicações (Berthe 1959, 1961, 1963, 1965).

Foi talvez a chegada de vários antropólogos formados nos Estados Unidos que começou a provocar uma alteração de paradigma teórico na antropologia realizada sobre Timor-Leste. Elizabeth G. Traube e Shepard Forman efectuaram trabalho de campo entre os Mambai de Aileu (Traube 1974, 1980a, 1980b, 1986, 1995) e os Makasae de Baucau (Forman 1976, 1977a, 1977b, 1980a, 1980b, 1981) durante os primeiros anos da década de setenta. A própria Elizabeth Traube reconhece que a sua linguagem analítica é estruturalista, mas em *Cosmology and Social Life. Ritual Exchange among the Mambai of East Timor* (1986) começa a introduzir —tomado de Bourdieu— o conceito de *prática* face a uma noção estática de *estrutura*:

«[...] certas formas de análise estrutural mostram a tendência para atenuarem a sociologia da acção ritual a favor das suas funções lógicas. O ritual contempla-se nestes casos como um mecanismo objectivador de um sistema abstracto de categorias, definidas apenas mediante as suas relações internas de oposição e correspondência. [...] Os ritos, tal como eu os entendo, projectam categorias simbólicas dentro de situações vividas, dentro de pessoas, objectos e actos concretos. Quando os esquemas simbólicos se activam durante o desdobramento do processo ritual, os participantes renovam a compreensão dos laços que os unem a outros. Isto é, o que se reproduz e reforça mediante os desempenhos rituais são relações significativas.»  
(Traube 1986: 133, tradução própria)

Gostaria de retomar, como base para os objectivos que pretendo atingir neste artigo, duas das críticas que foram esgrimidas ao estruturalismo: o seu carácter sincrónico, dado que deixa fora da análise antropológica o impacto que os processos históricos e os acontecimentos têm sobre o desenvolvimento das sociedades; e, em segundo lugar, o facto de não contemplar a acção dos actores sociais e o seu impacto no processo sócio-cultural (Ortner 1984: 137-138).

A noção de estrutura já tinha sido purificada e dotada de dinamismo por Edmund Leach, que criticou fortemente algumas das assunções do estruturalismo: «a estrutura social [diz Leach] nas situações práticas (em contraste com o modelo sociológico abstracto do sociólogo), consiste num conjunto de ideias de distribuição dos poderes pelas pessoas e pelos grupos de pessoas. Os indivíduos podem suste e sustêm ideias contraditórias e incoerentes devido à forma como as suas ideias se manifestam» (Leach 1976 [1964]: 26). Também põe em relevo a necessidade de se introduzir a história dentro da análise dado que, nas suas palavras, «Qualquer sociedade é um processo no tempo» (Ibid.: 27)

Sahlins também aborda estas limitações do estruturalismo e tenta superá-las com a sua noção de «estrutura da conjuntura», mediante a qual localiza dentro da análise antropológica a história, os sistemas e os seus agentes: «Por “estrutura da conjuntura” entendo a execução prática das categorias culturais num contexto histórico específico, como se expressa na acção interessada dos agentes históricos, incluindo a microsociologia da sua interacção». (Sahlins 2008 [1977]: 14) Este autor analisa em detalhe o conceito de estrutura, tentando com isso libertá-lo das limitações que o seu uso tem no âmbito do paradigma estruturalista:

«[...] o conceito de estrutura não rende ao máximo em utilidade quando é representado, ao estilo de Saussure, como um conjunto estático de oposições e correspondências simbólicas. Na sua representação global e mais vigorosa, a estrutura é um processo: um desenvolvimento dinâmico das categorias culturais e das suas relações que equivalem a um sistema mundial de geração e regeneração. No seu carácter de programa do processo da vida cultural, o sistema tem uma diacronia interna (estrutural), temporária e mutável por natureza. A estrutura é a vida cultural das formas elementares. Não obstante, precisamente pelo facto de esta diacronia ser estrutural e reiterativa, enceta um diálogo com o tempo histórico, como um projecto cosmológico para abranger o acontecimento contingente» (Sahlins 2008 [1977]: 83)

Apenas refiro duas das críticas que foram feitas ao estruturalismo sem aprofundar os profundos envolvimento teóricos que tiveram. A minha intenção é chamar a atenção para a importância de se considerarem os actores sociais como agentes activos e não meros pacientes do sistema (de crenças, no nosso caso); assim como do devir histórico na configuração das sociedades. Estes são, no meu modo de ver, elementos fundamentais que nos ajudam a melhorar a compreensão e explicação das complexas relações entre o catolicismo e a religião tradicional em Timor-Leste. Seguidamente farei uma breve introdução histórica, tendo em vista proporcionar uma visão panorâmica do contexto em que se verificam tais relações.

## **CONTEXTUALIZANDO O OBJECTO DE ESTUDO: INTRODUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO CATOLICISMO**

A colonização portuguesa de Timor-Leste está indissociavelmente unida à história da presença missionária na ilha. Por detrás dos quase quinhentos anos de colonização, o que por vezes se torna óbvio é a fraqueza da presença da Coroa portuguesa durante os primeiros anos; de facto, a ilha de Timor não estava sequer listada como posse ultramarina no ano de 1681 (Villiers 2001 citado em Andaya 2010: 393).

No entanto, a presença de algumas ordens religiosas de missionários, que evangelizavam em nome da igreja de Portugal,<sup>10</sup> já era uma constante na região. Foram eles que entraram em Timor muito antes de a Coroa se começar a interessar de forma genuína pela ilha, já no início do século XVIII. Desta forma, quando o primeiro governador de Timor —António Coelho Guerreiro— foi nomeado em 1702, as comunidades religiosas já se encontravam bem estabelecidas na ilha.

Os motivos religiosos também estavam ligados aos interesses comerciais. Os missionários não efectuavam exclusivamente tarefas de evangelização, mas também se dedicavam ao comércio do sândalo (Loureiro 2001). A missão mais importante para os inícios da colonização missionária de Timor foi a do forte Dominicano de Solor —criado em 1566—, que fez desta ilha um porto em que ancorava um grande número de naves com destino às ilhas das especiarias e a Timor à procura de sândalo (Barnes 1987). À volta desse forte criou-se uma comunidade mista de nativos e portugueses —marinheiros, soldados e mercadores— conhecidos como *topasses*, ‘portugueses pretos’ ou *larantuqueiros* que também foram protagonistas essenciais na colonização da ilha.<sup>11</sup> A aliança de facto entre os dominicanos e os topasses levou-os a enfrentar a Coroa por várias vezes (Carey, 1999: 78), com o significado oculto da luta pelo controlo do mercado do sândalo. Esta luta Coroa-Igreja repetir-se-ia várias vezes durante a história de Timor, chegando os missionários a ser expulsos da ilha entre 1834-1874 (Hull 2002).

Estas tensões ficaram reflectidas em alguns comentários de autoridades da Coroa portuguesa. Um exemplo disso é a reflexão efectuada pelo governador Afonso de Castro sobre o papel colonizador dos missionários em Timor:

«E que ha n'isto para admirar, se ha conquista de Timor foi obra dos religiosos? Foram elles que primeiro ali aportaram, e elles constituíram o governo. Quando o poder temporal mandou lá o seu legado, encontrou já os povos ligados a Portugal por contratos, avassalladoes e adscictos a certas obrigações. E o que nos espanta é que em Timor se não reproduzissem os factos acontecidos no Paraguay, onde a companhia de Jesus, pondo em pratica o socialismo e dominando o povo, disputou o governo d'aquelle paiz a duas poderosas nações.» (Castro 1867: 53-54)

Outros comentários de autoridades da coroa não seriam tão condescendentes com os missionários, e assim por exemplo o Vice-rei de Goa se queixava amargamente da vida dissoluta que os dominicanos levavam «*whose fruit was*

*not so much that which they gathered in the vineyard of the Lord, as that which they begat in the freedom and licentiousness in which they lived»* (Boxer, 1960: 354).

Apesar destes eventuais problemas com a Coroa, o catolicismo avançava conseguindo novas conversões em Timor. A conversão ao catolicismo de reis timorenses não era apenas uma vitória para a Igreja, mas também representava, como assinala Hans Hägerdall (2005: 21), uma aproximação à esfera política portuguesa, tal como a conversão a outras religiões o fazia a outras esferas de poder, dado que o catolicismo não era a única religião presente na ilha; o protestantismo dos holandeses e o islão dos estados muçulmanos da região também pugnaram pelo controlo da ilha. O caso da destruição do reino de Wehali em meados do século XVII (1642), cujo rei se tinha convertido ao islão procurando aliar-se ao sultão de Makassar para fazer frente aos portugueses (Castro, 1867: 25; Therik, 2004: 60-61), é um exemplo das lutas pelo controlo religioso na ilha. Relativamente ao protestantismo, um dos casos mais relevantes é talvez o que aconteceu no reino de Maubara, quando após o tratado luso-holandês sobre a delimitação da fronteira de 1859, o reino é entregue a Portugal e se verifica a conversão da sua população do protestantismo ao catolicismo. Embora esta conversão se tenha verificado mais no papel do que na prática, dado que até meados-fins do século XIX e princípios do século XX o domínio das potências coloniais em Timor (Países Baixos e Portugal) era mais *de iure* do que *de facto* e não controlavam nem política nem religiosamente a maior parte dos territórios que, no papel —tratados de 1859 e seguintes—, possuíam. Depois da *Conferência de Berlim* (1884-1885) estabeleceu-se a obrigação de as potências coloniais exercerem um controlo efectivo do território como condição para que pudessem conservar os seus domínios ultramarinos (Schouten, 2001: 209). No caso do Timor português, esta alteração de orientação de administração colonial começou a tornar-se efectiva durante a época do governador Celestino da Silva (1894-1908).

**10.** Embora seja certo que a igreja serviu os interesses coloniais, não se pode estabelecer um paralelismo mecânico entre os dois. A igreja serviu a nível colectivo e individual como foro de expressão e fonte de poder para movimentos e pessoas em situação marginal, pelo que seria errado considerá-la como uma força totalmente conservadora (Moore 2004: 197, *pássim*). Em Timor temos como exemplo o caso do boletim da diocese de Díli a revista Seara, que deu cabimento nas suas páginas a artigos que criticavam o colonialismo português, o que fez com que fosse encerrada pela PIDE (*Policia Internacional de Defesa do Estado*) em 1973 (Paulino 2011: 6). Foi também canal de comunicação da resistência durante a ocupação Indonésia, proporcionando um espaço de comunicação público e seguro. **11.** Apesar de se dizerem portugueses e católicos, os *topasses* não aceitavam o domínio que a Coroa portuguesa queria impor-lhes a partir da metrópole, rejeitando a autoridade dos emissários enviados de Portugal.

A presença portuguesa foi aumentando progressivamente desde então até à invasão da Indonésia, o que fez com que também aumentasse o número de conversões ao catolicismo; especialmente após o regresso dos missionários depois da sua expulsão e, mais ainda, com as alterações que a ditadura de Salazar e o *Estado Novo* trouxeram consigo. A assinatura de uma nova Concordata com o Vaticano em 1940 representa uma subida exponencial da presença de religiosos no Timor português que veio a resultar num aumento das conversões. Desta forma, em 1952 encontramos um total de 60.000 católicos numa população de 460.000, enquanto em 1973 o valor tinha ascendido a 196.670 num total de 659.102. Isto é, passou-se de 13% a 29% de católicos em 21 anos (Carey, 1999: 79).

No entanto, o período de maior aumento do número de católicos da ilha não se verificou durante a colonização portuguesa, mas sim durante a invasão e ocupação indonésias em resultado da aplicação em Timor da ideologia nacionalista *pancasila*.<sup>12</sup> Desse modo, o número de católicos ascendeu a 90% em resultado das ‘conversões em massa’ (Legaspi, E., presente volumen). A conversão dos timorenses ao catolicismo foi utilizada para evitarem ser considerados ‘comunistas’ ou simpatizantes da resistência (McWilliam, 2011: 755).

Após esta breve revisão histórica, passemos a analisar algumas das relações entre a religião tradicional e a católica em Timor.

## TENSÃO ENTRE RELIGIÕES

### **Interações entre catolicismo e religião tradicional: sincretismo e transposições de significados.**

No caso de Timor-Leste verificamos que a chegada histórica dos portugueses representou uma situação de encontro cultural que deu lugar a uma grande alteração. Timor, apesar de ser uma ilha, não tinha estado ‘isolada’ até à chegada dos europeus, dado que navegantes chineses e muçulmanos já tinham chegado às suas costas à procura de sândalo e de outras mercadorias muito antes deles. (Durand 2010; Ptak 1983, 1987). A marca destes contactos pode ser rastreada não só em elementos materiais da cultura, mediante a investigação arqueológica, mas também em mitos e lendas que actualmente continuam

muito vivos, tendo como exemplo o conhecido mito de Xina Mutin Malaka (o chinês branco de Malaca).<sup>13</sup> No entanto, o dos portugueses representou com diferença o contacto mais prolongado e influente sobre a cultura timorense, sendo o catolicismo um dos elementos introduzidos.

A interacção entre catolicismo e religião tradicional em Timor apresenta-se muitas vezes como uma hibridação, uma mistura sincrética derivada do contacto cultural que tem vindo a acontecer há cinco séculos. Não se apresenta exclusivamente como o resultado do contacto entre portugueses e timorenses, mas também com outras culturas, principalmente a(s) indonésia(s) fruto do contacto durante a ocupação. Augé assinala como o estudo antropológico dos movimentos religiosos em realidades coloniais foi tratado durante muito tempo do ponto de vista do sincretismo, que define como uma «amalgama de referências a elementos tradicionais e de elementos cristãos» (Augé 1998: 132). De igual modo, também aponta que tal amalgama foi utilizada em antropologia como a causa que explicava os ulteriores desenvolvimentos políticos desses movimentos religiosos. Neste contexto, não julgo que o catolicismo timorense possa ser considerado como sincrético para além de uma definição de sincretismo demasiado vaga que a converteria —parafraseando Sahlins—, numa categoria analítica debilitante (Sahlins 2008 [1977]). Por isso, quando falo de sincretismo, refiro-me exclusivamente à «tentativa de misturar ou combinar elementos pertencentes a duas ou mais culturas ou sistemas de crenças para produzir uma nova, terceira e melhor, cultura ou sistema. No sincretismo, um indivíduo ou grupo inventam uma mistura particular de elementos culturais e apresentam-nos à sociedade como a ‘nova via’»<sup>14</sup> (Eller 2007: 175). Neste sentido, creio que se poderia falar da existência de alguns movimentos sincréticos em Timor, já assinalados por vários autores, tais como o culto de *Hoho-Hulu* em Aileu (Traube 2007), o dos *Rabuta* em Ataúro (de Almeida e Carmo 2002), o caso de *Kolimau 2000* em Ermera (Molnar 2004) ou o caso da organização *Sagrada Família*, fundada por Cornelio Gama (L-7). No meu modo de ver, casos como o da *Sagrada Família* também podem ser interpretados à luz da teoria dos sistemas de

**12.** *Pancasila* era a ideologia oficial da República de Indonésia, composta por cinco princípios e cujo primeiro ponto exigia a adesão de todos os cidadãos indonésios a uma das cinco religiões oficiais reconhecidas pelo estado. (da Silva, 2007: 216). **13.** É um mito muito associado à língua Tétum-Terik e à área de Betun, em Atambua; embora tenha registado versões do mesmo entre os búnak de Ainaro (Hatu-Udu) e me tenham referido a sua existência na zona Tétum-terik de Manatuto (Eugenio Sarmento, em comunicação pessoal). Para uma revisão mais pormenorizada deste mito veja: Barnes 2008: 351; Berthe 1965; Fox 1982; Francillon 1967: 80-82; Friedberg 1977: 162-163; Schulte-Nordholt 1971: 232-234; Therik 2004: 48, 52-53, 236-244; Traube 1986: 52-53; van Wouden 1968: 45-46. **14.** A tradução é minha.



Igreja em Venilale. Victor de Sousa.

grandes homens, em que a figura central funciona como um acumulador e redistribuidor de riqueza para um grupo social concreto, no qual reside a fonte de legitimação material e simbólica do seu poder.<sup>15</sup>

Também me parece pertinente considerar as apropriações pela religião tradicional de elementos católicos assim como as apropriações pelo catolicismo de elementos da religião tradicional. Um exemplo da transposição de elementos tangíveis da religião tradicional por parte da igreja é assinalado por Pena Castro (2010: 50): «[...] muitos dos elementos reverenciados e particularmente significativos na tradição timorense têm passado a fazer parte do meio das igrejas cristãs, como os ai-to'os presentes na maioria dos átrios eclesiais». Não considero que se possa falar de sincretismo neste caso, mas tratar-se-ia pelo contrário de apropriações de elementos estranhos a um sistema de crenças por parte de outro, transpondo o seu significado.<sup>11</sup> Nem os agentes individuais do catolicismo nem os da religião tradicional criam um novo modelo a partir de elementos tomados dos dois sistemas de crenças

e símbolos, mas incluem-se, apropriando-se deles e atribuindo-lhes novos significados, dentro do sistema que em cada um deles habita, com o objectivo «de defender, afirmar e impor cada qual o seu próprio modelo» (Lupo 1996: 32). Sobre este particular, considero que o facto de os timorenses continuarem a estabelecer a diferenciação entre *jentiu* (religião tradicional) e *agaman katolik* [sic]<sup>17</sup> (catolicismo), distinguindo-os entre si e estabelecendo quais os valores e práticas que entram no âmbito do normativamente aceite de uma ou de outra religião —num exercício de exegese permanente— é significativo em si mesmo.

Não só se trata da transposição de elementos materiais mas também intangíveis, como categorias linguísticas com atribuição de novos significados. Um exemplo disto pode ser a utilização de vocabulário nativo com fins de evangelização, sendo o *Léxico Fataluku-Português* de Alfonso Nácher um exemplo privilegiado disso. No seu artigo no presente volume, Frederico Delgado Rosa analisa o uso de alguns destes termos e a sua mudança de significado depois de serem adoptados pela igreja: *lulik* —*tei* em Fataluku— para expressar a ideia de sagrado; *Maromak*<sup>18</sup> ou *Na'i-Maromak* para fazer o mesmo com o conceito do deus católico; *uma-lulik* —*le teinu* em Fataluku— para o fazer com a instituição da igreja.<sup>19</sup>

**15.** A narração de façanhas mítico-históricas de figuras da resistência foi uma constante repetida durante o meu trabalho de campo. Entre outras façanhas, narraram-me como muitos deles sobreviveram milagrosamente a disparos à queima-ropa devido a terem *biru maka'as* —espécie de amuleto protector com diversos poderes associados, (Fidalgo Castro 2010: 227)—, também como podem ver pelas costas por ter olhos na parte traseira da cabeça ou, também, como fugiram de emboscadas indonésias por serem invisíveis ao inimigo, etc.. Parece-me que a interpretação destas façanhas bélicas, por vezes também acompanhada de elegias das qualidades de alguma destas figuras —bondade, generosidade, fama, entre outras— não passa de uma série de discursos indicadores da proximidade ou filiação política dos seus narradores em relação a estes 'grandes homens'. **16.** De forma muito semelhante, Traube analisa como os Mambai de Aileu tinham assimilado a presença e o domínio colonial português mediante a sua assimilação a uma 'ordem cultural' (Traube 1986: 52). Nele os portugueses são considerados como o 'irmão menor' que regressa a Timor e, por isso, se legitima o seu governo, enquanto os timorenses —como 'irmão maior'— mantêm a autoridade ritual (Traube 1995). **17.** Esta expressão, em indonésio, continua a ser muito utilizada na zona em que efectuei o meu trabalho de campo. **18.** De acordo com Tom Therik (2004: 66, nº. 12), que efectuo o seu trabalho de investigação entre as comunidades Tétum-Terik do Timor indonésio, especialmente em Atambua, a palavra *maromak* derivaria de *roman* ou *kroman*, que significa «brilhante». Traube (1986: 264, nº. 10, 2007: 22, nº. 7) identifica-o como Pai Céu (*Father Heaven*) entre os Mambai de Aileu que também o interpretam como Deus católico, assinalando que se trata de uma palavra em Tétum. Pela minha parte, parece-me que *maromak* seria um adjectivo substantivado composto pelo prefixo *ma-* (variação de *mak-* o/a que), o adjectivo *roman* ou *naroman* e a partícula *-k*, podendo significar «o/a que brilha, o que brilha», que parece apontar para o sol entre os de língua Tétum-Terik de Carabalu de Viqueque tal como assinala David Hicks (1990: 89). Também António Duarte de Almeida e Carmo (2002: 3) assinala que *Maromac* é «aquele que brilha». **19.** As alterações de categorias linguísticas não se verificam apenas dentro dos termos em línguas nativas, mas também no uso dos termos portugueses que foram introduzidos como empréstimos. Desta forma, por exemplo, dentro do parentesco referencial vemos como algumas categorias portuguesas de parentesco foram reinterpretadas em código timorense. O caso do termo *tiun* —do português 'tio'— é um exemplo disso que, além de se referir a FB (Fathery MB tal como o parentesco português, também faz referência à linhagem dadora de esposas (*umane*, que por vezes se refere como *tiun umane*). Outro caso interessante é o da equiparação dos termos portugueses *avô e bisavô a bei'ala* (antepassados). Um caso de parentesco fictício relacionado com a igreja católica é o do padrinho (*aman-sarani*) e madrinha (*inan-sarani*), cujo sobrenome católico transmitem ao baptizado e cujas funções de parentesco diferem muito das dos portugueses.

Também acontece na direcção contrária, transpondo da religião tradicional categorias católicas. É o caso da palavra *diabo* (*tjiapu* em Fataluku ou *diabu* em Tétum, veja o artigo de Frederico Delgado Rosa neste volume), tomada do português. No meu modo de ver ocorre neste caso uma atribuição de um novo significado ao termo português *diabo* por parte dos timorenses e com base numa cosmovisão local, encontrando como equivalente com o qual se possa efectuar um paralelismo no conceito de *buan*.<sup>20</sup> Não encontrei referências na literatura etnográfica desta reinterpretação do Diabo como *buan*, mas encontrei-a frequentemente durante o meu trabalho de campo. É provável que a mais convincente, divertida e surpreendente de todas elas tenha sido a do dia 14 de Dezembro de 2010, que passo a relatar:

Naquela noite, enquanto dormia na minha casa de Biralara<sup>21</sup>, fui mordido por um rato no ombro. Já de manhã, sem ter conseguido dormir durante toda a noite, fui dizendo à família com que vivia, à medida que iam despertando, que durante a noite um rato me tinha mordido. A primeira pessoa a quem o disse foi uma das mulheres da casa, que foi a primeira a levantar-se. Depois de lhe ter contado a ocorrência respondeu-me «*ne'e saida?... diabu mak ne'e karik* (O que é isto?... Acaso é coisa do diabo?)». Posteriormente disse-o à outra mulher da casa, segunda a despertar, que ficou surpreendida e calada por instantes. Depois disso disse-me: «*ne'e buat aat... ne'e buan, buan* (isto é algo mau... é o *buan, buan*)». Esta segunda mulher disse à sua mãe, pouco depois, que «*laho tata malae kalan-boot* (um rato mordeu o malae já noite cerrada)» e esta respondeu-lhe o seguinte: «*ne'e nu'usá... nia la bá merkadu ida* (Como é possível?... não foi ao mercado para nada)». Eu não entendia nada. A pouco e pouco foram despertando todos eles e, depois de ter tomado o pequeno-almoço, voltei a falar no assunto. Um dos homens da casa, que era um dos meus informadores fundamentais, disse-me que «*bainhira ita bá book sala ema feto-buan ida... ne'e kalan nia haruka nia elementus mai* (quando alguém vai cortejar uma mulher *buan*... à noite envia aos seus elementos [tendo por objectivo atacar])»<sup>22</sup>.

Uma vez despertada toda a família e tendo todos eles comentado o assunto, começava-se a debater sobre o passo a dar em seguida para se solucionar o problema: chamar um *matan-do'ok* (curandeiro, adivinho) para averiguar quem era o *buan* que me tinha atacado. Não participei nisso porque estava submerso nos medos próprios da cosmovisão ocidental a que pertencço e, por isso, preocupado com as eventuais doenças que a mordidela do rato me pudesse transmitir, fui para Dili nessa mesma manhã tendo por objectivo tratar-me no médico. Quando cheguei à minha casa em Dili — tinha aí também um quarto em que vivia juntamente com uma família timorense — contei a ocorrência. Todas as pessoas consultadas voltavam a repetir-me a mesma frase: «*ne'e diabu.... buat aat, buan buan* (isso é o diabo, algo mau, a bruxa)».

A categoria *buan* faz referência a pessoas reais e concretas, que se descrevem essencialmente como más e causadoras de penúrias, doenças ou morte, entre as pessoas.<sup>23</sup> Como se chegou a verificar essa tradução ou reinterpretção de uma categoria ocidental em código timorense é algo que me escapa. É possível que outros estudos sobre a bruxaria em Timor pudessem lançar alguma luz sobre este particular. António Duarte de Almeida e Carmo trata brevemente sobre a bruxa dizendo «que podia ser a pessoa mais inofensiva deste mundo; tal aparência não passa de cínico disfarce, asseguram-nos, pois o *buan* actua sempre voluntariamente, por pura malvadez. A sua maior delícia é comer (isto é, destruir) a alma de cada um, especialmente daqueles de quem tem razão de queixa» (1965: 1158). O uso interessado de alguns termos timorenses por parte da igreja católica tendo em vista a evangelização parece bastante óbvio; no entanto, não parece que este tenha sido o caso, mas considero que se trata de uma apropriação a partir da cosmovisão tradicional de uma categoria simbólica forânea.<sup>24</sup>

Este exemplo da categoria de *buan* serve-me para chamar a atenção para uma tendência que se regista em alguns estudos sociais e que tende a apresentar a conversão dos timorenses ao catolicismo como fruto de uma imposição unidireccional. Esta visão nega, erradamente, a acção dos timorenses na sua história. Desta forma, como exemplo, deve-se assinalar que durante as primeiras fases de conversões ao catolicismo isto não se poderia ter feito sem o estabelecimento de uma aliança portuguesa com os timorenses convertidos. Converter-se ao catolicismo era, em muitos casos, mais uma vantagem do que um inconveniente, dado que era susceptível de ser utilizado como uma estratégia deslegitimadora da ordem social nativa — e com ela, das suas hierarquias.<sup>25</sup> Os timorenses que se encontravam numa posição social marginal

**20.** A palavra *buan* traduz-se geralmente como *bruxa*. O *Dicionário Nasionál ba Tétum Ofisial* (2005) define *buan* como «pessoa, geralmente mulher, que pode possuir [*sic*, tradução de *soi*] um poder mágico e pode utilizar esse poder para efectuar algo de bom ou algo de mau» (tradução própria). A única tradução semelhante que encontrei foi no *Dicionário Teto-Português* de Rafael das Dores (1907), que o traduz como «goureiro, satanaz», e que poderia ser um precedente desta equivalência *diabo:buan*. **21.** «Estrangeiro» em língua Tétum. **22.** O mercado como lugar de engate. **23.** O P. Ezequiel Enes Pascoal escreveu sobre os *buan* num artigo publicado na revista *Seara*. Veja Pascoal 1950a e 1950b, para obter mais informações sobre o assunto. **24.** A carga negativa implícita ao termo *buan* pode ter sido potenciada e reafirmada mediante a identificação com o diabo dos católicos. Esta questão, que requer muito mais investigação, é do máximo interesse dentro da antropologia aplicada em Timor, dado que o assassinato de *buan* continua a ser um problema na transição do sistema de justiça tradicional para o formal. Tal como Daniel Simião (2010) mostra, um enfoque de tradução cultural em vez da estratégia de confrontação com que algumas instituições jurídicas tratam este fenómeno social (veja Dili 2011) poderia contribuir para a sua solução. **25.** Sahlins explica, devido ao contacto nativo com os europeus à chegada do capitão Cook ao Havai que «As condições específicas do contacto europeu deram origem a formas de oposição entre os chefes e o povo que não estavam previstas nas suas relações tradicionais» (Sahlins 2008 [1977]: 130). Considero que em Timor pôde ter ocorrido e continua a ocorrer algo muito semelhante a este processo.

na ordem social tradicional, ou os que, desejando obter mais poder, se viam deslegitimados dentro do sistema dessas crenças, puderam — e em muitos casos fizeram-no — acorrer a uma aliança estratégica com os portugueses mediante a sua conversão ao catolicismo, usando-o como um mecanismo de promoção e legitimação social. A conversão ao catolicismo, que neste contexto funciona como sinal de aliança, envolvia um benefício material (militar e económico) e simbólico (concessão de cargos militares) para os timorenses, funcionando também como marcador de posição social. Neste sentido, a conversão ao catolicismo nas suas formas rituais (o baptismo) era um verdadeiro *acto de instituição* (Bourdieu 1993), dado que estabelecia e consagrava a diferença entre os timorenses convertidos e os não convertidos, *distinguindo-os* entre si. Com base nisto, é mais fácil imaginar as causas que levaram alguns timorenses a destruir as suas próprias *uma-lulik* ou objectos sagrados (Hicks 2008), numa demonstração pública do seu novo estatuto social: havia um horizonte do benefício por detrás disso através da acumulação de capital simbólico face à igreja — e aos portugueses — com esta acção. Isto não exclui, em caso nenhum, que a igreja católica também tenha praticado o proselitismo na sua relação histórica com a religião tradicional timorense. Não considero que se possa falar de uma relação equilibrada de poder entre as duas religiões, mas pode-se e deve-se falar de uma situação de dominação por parte da igreja católica, o não que implica que tal situação explique mecanicamente todas as alterações. Existe uma relação de assimetria de poderes em que ambas as posições — manifestadas na prática mediante agentes concretos — lutam por conseguir esferas de poder e, num modelo ideal, converter-se em hegemónicas.

Vimos até agora as alterações que se verificaram numa perspectiva histórica. Com isto ainda não mostrámos como se materializa essa interacção entre religiões na acção, na prática quotidiana da sociedade actual, cuja execução considero como base para a mudança social. No seguinte estudo de caso analiso, a partir de uma perspectiva de um agente individual timorense — um *rai-na'in kaer bua-malus* — quais as interacções que ele traça entre a religião tradicional e o catolicismo.

## **Estudo de caso. A coexistência de sistemas de crenças do ponto de vista de um agente social: a visão de um *rai-na'in kaer bua-malus*.**

O seguinte estudo de caso baseia-se em trabalho de campo que desenvolvi no distrito de Liquiçá, num lugar que denominarei de *Biralaran*. O caso mostra como um *rai-na'in kaer bua-malus* trata de se tornar indispensável a nível comunitário a partir do plano discursivo. Mobiliza, activa, constrói e manipula uma grande série de crenças, práticas, valores e normas, tendo por objectivo legitimar a sua posição social como autoridade tradicional. Nele tentarei mostrar quais são, do ponto de vista do *rai-na'in kaer bua-malus*, as causas que levaram ao declínio das práticas rituais relacionadas com a religião tradicional — e com elas as suas estratégias de legitimação— e assim analisar as estratégias discursivas que ele mesmo põe em jogo para reconquistar a sua esfera de poder a nível comunitário no novo contexto da independência.

### **Contexto do estudo de caso**

*Biralaran* é um lugar de importante produção agrícola, cujas actividades produtivas principais são o cultivo de cereais —arroz e milho—, a criação de gado —bovino, suíno, e aves— e o cultivo de frutas de temporada que são usadas como cultivos de rendimento. São poucos os empregos formais remunerados, sendo os professores de escola primária a maioria deles. Não há abastecimento de electricidade em nenhum momento do dia e o abastecimento de água sanitária é muito deficiente.

A maior parte dos habitantes é composta por imigrantes, tendo vindo para o local em época relativamente recente por causa da abertura de um programa de transmigração (*transmigrasi*) durante a ocupação Indonésia, há menos de 30 anos. O programa de transmigração mudou totalmente a zona, como muitas outras em Timor-Leste, através da deslocação de populações; abrindo campos de cultivo, arrozais com sistemas de regadio e promovendo a criação de gado. Na zona existe uma capela que apenas é utilizada nas raras ocasiões em que o pároco se desloca da capital do distrito. A religião católica tem o seu máximo representante a nível comunitário na figura de um ex-seminarista que é professor da escola primária e exerce simultaneamente a função de catequista.

É esta a pessoa encarregada de levar a cabo as orações em datas assinaladas do ciclo ritual católico e noutros rituais em cuja celebração se solicite a sua presença —especialmente nos rituais funerários e matrimoniais. Por isso, recebe uma contraprestação económica variável a título de ‘pagamento do seu cansaço’ (*selu katekista nia kolen*).

Antes da abertura do programa de transmigração já existiam alguns habitantes na zona, embora, conforme me informaram, não consistissem em mais do que duas linhagens (*uma-lisan*) diferentes. Hoje em dia, estas linhagens são consideradas como os *rai-na'in* da zona e são amplamente reconhecidos como tais pela população.

O conceito de *rai-na'in* é de tradução difícil. Antes de continuar a avançar, considero que é necessário efectuar alguns esclarecimentos prévios sobre duas expressões chave utilizadas pelo interlocutor; estas são: *rai-na'in* e *rai-fukun*.

### ***Rai-na'in***

*Rai* significa terra, mas o campo semântico da palavra vai para além do conceito de terra física e, na cosmovisão do grupo estudado —tokodede na sua maioria embora com muita gente de origem búnak e Mambai— considera-se a terra como uma deidade (*Mãe Terra*) que é a fornecedora de vida e fertilidade (*buras*).<sup>26</sup> A tradução do sufixo *-na'in* é realmente complicada, dado que o seu significado varia contextualmente. No caso de *rai-na'in*, registei os seguintes significados no uso linguístico: (1) espírito da terra, (2) proprietário da terra, (3) linhagem considerada a nível local como hierarquicamente superior, primeiro entre as linhagens presentes num determinado espaço geográfico, com base numa narração mítico-histórica, (4) nativo, (5) oriundo de um lugar, (6) espírito de mulher de nacionalidade australiana e pele branca, (7) utilizado para expressar a noção de *rai-na'in kaer bua-malus*, (8) antepassado (9) diabo. Neste estudo de caso que apresento mais adiante, refiro-me principalmente aos significados (1), (3), (7) e (8) do termo *rai-na'in*.

Estes são apenas alguns dos significados, mas é provável que existam muitos mais e que se criem, percam ou variem, em momentos e lugares diferentes. Neste caso considero que o sufixo *-na'in* insiste numa qualidade que define um *ente*; isto é,

aquilo por que é reconhecido socialmente. Desta forma, por exemplo, *lia-na'in* foi traduzido muitas vezes como 'senhor da palavra', quando creio que seria mais correctamente 'o que fala', 'o que sabe falar', 'o que pode falar', 'guardião da palavra', 'o que tem o direito de falar', 'orador', 'o custódio da palavra', etc.. Mas também 'senhor dos rituais', ou 'organizador de um ritual' porque *lia* também se poderia traduzir, entre muitas outras formas, como «ritual» (*halo-lia* = fazer + ritual).<sup>27</sup>

Noutros contextos podemos ver mais exemplos do uso de *-na'in*, definido pelo *Disionáriu Nasional ba Tetun Ofisial* (2005) como «sufixo que se usa para expressar as pessoas que desenvolvem uma acção ou actividade»<sup>28</sup>. Por exemplo: *hakerek-na'in* (escritor), *uma-na'in* (grupo de pessoas reconhece uma casa como sua ou dono de uma casa), *tó'os-na'in* (dono de um campo ou agricultor), ou *rezisténsia-na'in* (pessoa que lutou na resistência contra os indonésios), etc... Assinala também o dicionário que um dos sinónimos do sufixo *-na'in* é o prefixo *mak-* (e as variações *mah-* e *ma-*), definido como «prefixo agentivo que se une a um verbo básico para poder expressar quem faz alguma coisa»<sup>29</sup>. Na literatura etnográfica encontra-se frequentemente este exemplo sob o termo *makaer* (por vezes escrito como *macair* ou *makair*). *Kaer* é um verbo que significa, entre outras, coisas, «1. depositar na mão, 2. guardar na mão» e *makaer* significaria literalmente «quem deposita/guarda na mão»<sup>30</sup>, funcionando como metáfora da pessoa que ocupa um cargo, é custódio ou encarregado de algo, sendo também utilizado em referência a um «capataz»<sup>31</sup>. Assim *-na'in* e *makaer* funcionam neste caso como esclarecedores de alguma pessoa ou *ente*<sup>32</sup> que desenvolve uma actividade. Por isso, a pessoa que é *-na'in* de algo é a pessoa que *kaer* esse algo. Há exemplos actuais no caso da palavra *ukun* (governo)

26. Em palavras do xamá: «*Tanba rai ne'e... iha istoria ida rai ne'e hanesan ita-nia inan. Ita-nia aman iha lalehan.* (Porque a terra... existe uma *istória* [que diz que] a terra é igual à nossa mãe. O nosso pai está no céu.) [...] «...*dehan Maromak sai ba lalehan, rai iha fatin; mais rai ne'e hanesan ita nia Na'i-feto. Ita-nia aman hanesan... iha lalehan, ita-nia inan mak iha rai. Ita-nia inan fó-han ita, ita mos tenke fó-han ita-nia inan. Ne'e mak halo kultura rai nian mak ne'e: buat hotu ita halo tenke oho na'an, tenke tau osan mutin ho mean, bua-malus, tenke entrega ba nia para nia bele fó-han ita.* (...diz-se que Maromak subiu ao céu, e a terra [rai] ficou aqui; mas a terra é como a nossa Senhora Mãe. O nosso pai... está no céu, a nossa mãe na terra. A nossa mãe dá-nos de comer e nós também devemos dar-lhe de comer a ela. Por isso, a cultura da terra [kultura rai nian] faz-se assim: para tudo é necessário sacrificar animais, entregar dinheiro branco e dinheiro dourado, bêtele e areca, é necessário dá-lo a ela para que nos possa dar de comer)». 27. A minha tentativa de delimitar o conceito de *-na'in* é devedora a muitos interlocutores, fruto de um constante debate durante os últimos anos. Neste sentido, devo mencionar as análises de Luis Gárate, María Jesús Pena e Enrique Alonso, de que sou devedor em grande parte, assim como das frutíferas conversações com Rui Miguel Pinto, Demetrio Amaral de Carvalho e Eugenio Sarmento, cujos conhecimentos da cultura timorense me proporcionaram um profundo olhar sobre este conceito. É complicado estabelecer onde começam e onde terminam as minhas contribuições e as suas, pelo que siga em frente o meu reconhecimento e agradecimento. A tradução de *lia-na'in* como "custódio da palavra" e "o que tem acesso privilegiado à palavra" são contribuições de Enrique Alonso. 28. Cf. «*Sufiksu hodi hatudu ema ne'ebé hala'o asaun ka atividade ida*». 29. Cf. «*Prefiksu ajentivu ne'ebé liga ba verbu báziku atubele hatudu sé mak halo buat ruma*». 30. Cf. «1. *Tau iha liman laran. 2. Rai iha liman laran*». 31. Cf. AAVV 2005: entrada *makaer*, p. 68. 32. A palavra *Maromak* é exemplo disso.

*ukun-na'in* y *kaer ukun*. Do mesmo modo, *makaer-lulik* literalmente: o que guarda o *lulik*<sup>33</sup> na sua mão) é o mesmo que *lulik-na'in*. Alguns autores reflectiram o *makaer-lulik* como uma autoridade tradicional. No meu trabalho de campo, desenvolvido principalmente em Liquiçá, Ainaro e de forma secundária em Aileu e Bobonaro, não registei o uso de *makaer* como substantivo, mas sim como descrição do desenvolvimento de uma actividade; assim *liurai* (um tipo de autoridade tradicional) foi-me explicado como *nia mak kaer* [makaer] *ukun* (é ele que detém o governo).

*Rai-na'in* no seu significado número 7 (veja *supra*), foi referido pelos meus informadores como a pessoa que *mak kaer* [makaer] *bua-malus*.<sup>34</sup> (é ele que detém a noz de areca e a folha de bétele). Neste significado, a figura do *rai-na'in* é a autoridade tradicional que é sujeito da entrevista que guia a exposição posterior. Trata-se da pessoa que, num determinado território e num determinado período de tempo, detém o *bua-malus*; elementos que são um símbolo ubíquo da cultura timorense e cujo significado varia de forma contextual. Neste caso, interessa-nos assinalar o seu uso num contexto ritual como comunicador simbólico que possibilita a abertura de um canal de comunicação com os antepassados (*be'iala*, *abón*) e o *rai-na'in* (no seu significado número). Desta forma, *rai-na'in kaer bua-malus* refere-se à pessoa que detém um cargo de especialista ritual que, dentro de uma linhagem —ou sublinhagem— identificado como *rai-na'in* isto é, como a linhagem que detém um acesso privilegiado à terra com base num reconhecimento social baseado numa narração mítico-histórica. Como tal, é a única pessoa legitimada para efectuar um determinado tipo de rituais que envolvem a terra como agente, da qual é legítimo interlocutor. Neste sentido, o *rai-na'in* não é um cargo excludente, mas faz referência ao desenvolvimento de uma actividade pública, podendo a mesma pessoa ocupar outros cargos como autoridade ritual em diferentes contextos. Desta forma, ser *rai-na'in* não é óbice para que a mesma pessoa possa eventualmente actuar como *lia-na'in*, por exemplo, numa cerimónia matrimonial. *Rai-na'in* (ou *rai-na'in kaer bua-malus* na sua forma completa) seria, em última análise, uma autoridade no emaranhado hierárquico intra e interlinhagem que detém um estatuto social precedente, derivado da sua capacidade de comunicar com os espíritos guardiães, de actuar como guia de um determinado território e de conduzir determinadas acções rituais.

## *Rai-fukun*

Por vezes o conceito de *rai-na'in* no seu significado nº 1 apresentou-se-me com o termo de *rai-fukun*. Aprender o significado do conceito de *fukun* é-me especialmente fugidio neste caso. Revendo a literatura científica, encontramos este termo referido como *matriclã* entre os Tétum-Térik do Timor indonésio (Francillon 1980: 248) e unidade administrativa formada por várias aldeias, sendo sinónimo de *suku* (Hicks 1973: 13). O dicionário (2005) define *fukun* como: «(Substantivo) 1. extremidade de uma corda ou fio, atado para fixar alguma coisa. 2. parte da mão ou perna em que se unem dois ossos. 3. Parte de uma árvore de que nasce um ramo»<sup>35</sup>. Noutras circunstâncias *fukun* serve como metáfora para se referir à «causa de um problema». É este o caso da consulta de oráculos mediante a leitura de vísceras (*halo urat*). No caso do sacrifício de um galo, consulta-se o seu intestino e as protuberâncias que aparecem ao longo do mesmo são interpretadas como adversidades —de gravidade variada— cujas causas são denominadas de *fukun* e, por vezes, também *hun* (tronco).

Quando se utiliza como parte de uma palavra composta, considero que Hicks tem razão quando diz que *fukun* se refere a «ligação que liga duas coisas que de outro modo estariam separadas» (Hicks 1973: 14, tradução própria). *Fukun* seria, desse modo, o elemento de união, isto é, a ligação entre duas entidades conceptualmente diferentes e que, unidas mediante o *fukun*, passam a formar uma nova —terceira— entidade. Um exemplo disso seria o termo *uma-fukun* que designa as casas que, fazendo parte de uma linhagem, são consideradas subalternas de outra tida como superior e que, geralmente mas nem sempre, é reconhecida como a casa de 'origem' (*uma-lulik*) (Eugenio Sarmento, Com. Pers).<sup>36</sup> O termo *rai-fukun* tal como o *rai-na'in kaer bua-malus* é utilizado em exposição posterior. Considero que se refere precisamente ao laço de união entre as pessoas e a terra (que se personifica por intermédio de um *rai-na'in* —no seu significado nº 1). Este laço de união é legitimado mediante uma narração mítico-histórica reconhecida e tida como verdadeira num momento e lugares determinados.

33. O termo *lulik* é mais um dos conceitos de difícil tradução. Não é nosso objectivo determo-nos nele e, por agora, bastará referirmo-nos ao mesmo como sagrado ou tabu. 34. O *bua-malus* foi definido por alguns dos meus informadores como a *óstia jentiu* (a hóstia da religião tradicional), numa aguda comparação da religião tradicional do comunicador simbólico católico. Para uma interessante análise sobre a visão de diferentes agentes timorenses sobre o *bua-malus* veja Sousa 2010. 35. Cf. «SUBSTANTIVU 1. Tali ka fita nia rohan, kesi hamutuk atu hametin buat ruma. 2. Parte hosi ita-nia liman ka ain ho ruin rua hasoru malu[...] 3. Parte hosi ai ne'ebé sanak atu moris bá.» 36. Existem muitas metáforas que se referem a esta relação entre casas, algumas das quais foram analisadas por Gárate Castro (2010).

## Fala o *rai-na'in kaer bua-malus*

Uma vez efectuados os esclarecimentos conceptuais e contextuais, temos informações suficientes para começarmos a abordar a análise do discurso do nosso interlocutor, o *rai-na'in kaer bua-malus* (*rai-na'in kaer bua-malus*). Vejamos, para começar, dois fragmentos da entrevista efectuada.

### Fragmento 1:

**Rai-na'in kaer bua-malus:** [...] lisan ami-nian Miño ne'e; ami-nia uma-lisan... istoria sai hanesan ne'e: Abón ida Ale-Jandro ne'e, ne'e mak nia naran tau belak mean ne'e

**Alberto:** mmm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** tau belak mean ne'e. Abon ida ne'e nia feton maka Dau-Roma ne'e. Nia feton mak bee Laueli ne'e.

**Rai-na'in kaer bua-malus:** bee Miño mak feton ne'e. Ne'ebé, ami ko'alia kultura hamulak ne'e ne'e, ami ko'alia ne'e ne'e, temi sira na'in-rua de'it.

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** temi sira na'in-rua [...]. Ah! Ne'e temi sira na'in-rua de'it. Tanba ne'e desde abon. Bee ne'e maran!Fó ema moris hodi hola bee ne'e, ami-nia uma-lisan ne'e. Fó ema moris!! La'ós mate mak fó, la iha... mm. Ne'e mak ami-nia bee mos... mota ne'e Miño, ami-nia uma-lisan mos Miño. Ami ne'e uma-lisan ho bee, naran ida de'it. Mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** [...] A história da nossa linhagem, a nossa linhagem *Minho*, é assim: um avô chamava-se *Ale-Jandro*, por isso, foi posto o seu nome a este disco de peito (*belak*).

**Alberto:** mmm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** foi posto a este disco de peito vermelho (*belak mean*) A *feton* deste avô era *Pu-Rita*, o seu *feton* é a água [rio] *Minho*.

**Rai-na'in kaer bua-malus:** a água Minho é o seu *feton*. Por isso, quando rezamos, dizemos os seus nomes.

**Álberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** dizemos os seus dois nomes. [...] Ah! Dizemos só os seus nomes. Porque é desde o tempo dos antepassados. A água estava seca! Entregámos uma pessoa para conseguir a água, a nossa linhagem entregou-a. Entregámos uma pessoa viva! Não entregámos uma pessoa depois de morta, não... Por isso, a nossa água é... O rio *Minho* e a nossa linhagem (*uma-lisan*) chama-se *Minho*. Nós, água e linhagem, temos um só nome.

### Fragmento 2:

**Rai-na'in kaer bua-malus:** Pu-Rita ne'e nia la'en ne'e ba hola iha bee ne'e. Nia la'en ne'e mak Fer-Nando. Pu-Rita nia la'en mak ne'e. Hanesan umane-manefoun! Mm.

**Rai-na'in kaer bua-malus:** O marido de *Pu-Rita* obteve-o na água. O seu marido é *Fer-Nando*. Este é o marido de *Pu-Rita*. Igual a dadores de esposas e tomadores de esposas (*umane-manefoun*)! Mm.

Nestes dois fragmentos, o entrevistado baseia a legitimidade da precedência social da sua linhagem através da narração de um sacrifício efectuado em tempo mítico-histórico pelos seus antepassados, segundo o qual a sua linhagem tinha oferecido a irmã do seu antepassado (o seu *feton*<sup>37</sup> no mito, *Ale-Jandro's Z: Pu-Rita*) a um rio seco (que se personifica como *Fer-Nando* no mito, *Ale-Jandro's ZH*<sup>38</sup>) para que voltasse a descer com caudal (*hola bee*). A entrega da mulher estabelece-se em casamento/sacrifício (*fó ema moris*) com o/ao rio e constitui o momento fundador pelo qual a terra e a linhagem passam a ser consideradas como uma e a mesma coisa. Esta relação é equiparada à de dadores e tomadores de esposas (*fetosaa-uma mane* ou também *umane-mane foun*) pelo nosso entrevistado, que estabelece uma superioridade de estatuto do dador (*umane*, dador de vida e fertilidade) relativamente ao tomador (*mane-foun/fetosaa*). O sacrifício/casamento representa o acontecimento inaugural mediante o qual se estabelece um canal de comunicação com a terra e, com base na sua condição de membro da linhagem dadora de esposas da terra (*umane*), ele mesmo acede a uma interlocução privilegiada com ela. Pelo facto de o seu casamento/sacrifício ser o que possibilita a abertura desse canal de comunicação da linhagem com o rio/terra, ela é a que une as duas entidades —linhagem e terra— estabelecendo *rai-fukun*, a entidade —ou entidades— que resultam da aliança entre a linhagem e a terra. Neste sentido, na base cosmovisiva, o rio/terra verga-se aos pedidos de linhagem do que tomou esposa com base na sua superioridade de estatuto como dador de esposas. Tratar-se-ia, por isso, do cumprimento de um dever para com o dador de esposas por parte da terra. Deveres que, por outro lado, não são unidireccionais, verificando-se nos dois sentidos e, por isso, a linhagem tem o dever de «dar de comer» (*fó-han*) à terra.

Esta legitimação mítico-histórica era amplamente reconhecida pela comunidade, que aceitava a linhagem do *rai-na'in kaer bua-malus* como precedente na hierarquia societária do lugar com base no argumento mítico-histórico e o *rai-na'in kaer bua-malus* como o seu legítimo porta-voz. Vejamos outros dois fragmentos:

37. Neste caso concreto Ale-Jandro's eZ (*Bin boot mak ida Pu-Rita*). 38. Termos utilizados em antropologia em referência a *Sister* (Z) e *Husband* (H); isto é: o marido da irmã de ego.

### Fragmento 3:

**Rai-na'in kaer bua-malus:** Oho na'an, hodi fó-han tiha... ba rai-fukun. Hanesan ita halo tuir ha[ne]sa... rai fó-han ita, ita mós tenke fó-han rai.

**Rai-na'in kaer bua-malus:** sacrificar animais, para dar de comer... ao *rai-fukun*. É necessário fazê-lo assim... porque a terra nos dá de comer e nós também temos que dar de comer à terra.

### Fragmento 4:

**Rai-na'in kaer bua-malus:** mm? Halo toos ne'e hamulak hanesan ne'e. Buat ida halo toos ne'e ita hamulak tuir abón ida, abón rua ohin. Tanba rai ne'e kan, abón rua ne'e maka... iha rai ne'e. Ah! Ne'eduni ita tenke ko'alia temi ba sira na'in-rua. Temi ba sira na'in-rua duni. Isin ho bee. Ne'e husu! Ita husu isin ho bee. Hanesan bee ne'e mós hanesan... Bee ne'e na'in mak Pu-Rita ne'e. Tanba bee ne'e ami... ami-nia avó-feto ida Pu-Rita ne'e maka... ami fó nia maka bee hodi mai ne'e.

**Rai-na'in kaer bua-malus:** mm? Para cultivar nos hortos é necessário orar [*hamulak*] invocando os avós, os dois avós anteriormente referidos. Porque nesta terra, foram os dois avós... que estavam [*iha*] nesta terra. Ah! Por isso, é necessário falar invocando os nomes dos dois. É necessário invocá-los aos dois certamente. Matéria e água [*Isin ho bee*] Isto é um pedido! Pede-se matéria e água. A água é como... é *Pu-Rita* que é a custódia [*na'in*] da água. Porque esta água... nós... foi a nossa antepassada mulher [*avó-feto*] *Pu-Rita*... que nós entregámos para que a água pudesse vir.

Nestes extractos, o *rai-na'in kaer bua-malus* também se converte no exegeta das normas aplicáveis à relação terra-homens em *Biralaran*, que constrói sob um procedimento normativamente correcto, com os seus esquemas de causalidade, e que deve ser renovado mediante o ciclo de rituais. Ao mesmo tempo, legitima esse proceder normativo e a si mesmo na medida em que é um membro da linhagem com capacidade para comunicar com a terra. Ele, como membro da linhagem precedente, converte-se no interlocutor que determina quais são esses procedimentos, a sua lógica e aparente coerência interna, que se baseia no princípio de reciprocidade dos humanos com a terra. A violação de tal princípio tem como consequência perigos de gravidades variáveis para as pessoas que não o observam. Em Timor, é comum atribuir mortes, doenças ou más colheitas com base neste princípio por parte das diversas autoridades tradicionais, coisa que o interlocutor explicita na mesma entrevista. Conseguir uma colheita bem sucedida e fora de perigos (de arroz, milho ou de outras culturas) passa pela observância destes preceitos; isto é: convocar o *rai-na'in kaer bua-malus* para que evite os perigos associados à produção agrícola. O que pretende é, em última análise, impor-se como um «ponto de passagem

obrigatória» (Callon 1986) sem o qual os camponeses estariam condenados a sofrer as calamidades referidas no sistema de crenças da religião tradicional.

O fragmento seguinte é um exemplo nesta linha em que vemos como o *rai-na'in kaer bua-malus* estabelece o procedimento adequado para a colheita do arroz. Aqui referimo-nos a uma cerimónia que eles denominam de *nahe biti*<sup>39</sup> (estender capacho) e que consiste em estabelecer uma proibição (*tau bandu*) para os espíritos da terra (*rai-na'in* ou *rai-fukun*) para que a colheita de arroz seja boa e o seu consumo não tenha qualquer perigo associado:

### Fragmento 5:

**Rai-na'in kaer bua-malus:** Hanesan ita halo tuir ha[ne]sa... rai fó-han ita, ita mós tenke fó-han rai. Ah! Ninian mak ida ita halo luhu matan... na'an ida-ne'e ba tula tiha, mak ne'e ona. Mais nia fó-fali mai ita ne'e ne'e, kuaze karón hira mak mai? Ah? Uma nakonu! Se buat ne'e ita la... ita la halo tuir, ne'e hahán bele kmaan ba ita nafatin. Mm. Tanba rai ida... ita-nian ne'e ne'e, hanesan ne'e! Ita la halo tuir, ne'e ema bele kaer to'ó ne'ebé mós... isin iha! Isin iha... Isin, isin iha, mais... bandu la iha, na'in barak ke han likus. Mm. Na'in barak ke han likus. Mm. Uma-na'in barak hanesan ne'e. Hanesan rai-fukun mai han, ó la iha bandu, ah... kona-ba hanesan be... ó-nia matebian, nia kuandu hamlaha atu ba husu sé? Tenke husu ba ó. Ah! Tanba ó la iha bandu, o baruk haree iha ne'ebá, nia mós kaer ka'ut ona, nia mós kaer bote ona, nia mós ba sukat, ó mós sukat. Tanba ó la iha bandu. Mais ó kuandu oho na'an, tau bandu, ne'e la iha. Ó-nia haree ne'e bele kompletu. Ó lori tama-mai uma i ó bele han to'o tinan. [...] Mm. Ne'e orsida ha'u bo'ok... hotu ida. Mm.

**Rai-na'in kaer bua-malus:** se não se fizer como se deve, isto é... a terra dá-nos de comer e nós também temos que lhe dar de comer a ela. Ah! A sua parte é essa que colocamos no cesto entrançado (*luhu matan*)... põe-se um pouco de carne aí, e já está. Mas... quanto é o que ela nos dá, quantos sacos? Eh? Enche a casa! Se isto não for feito como deve ser, a comida pode ser pouca. Porque esta terra, a nossa terra daqui, é assim! Se não se fizer como se deve, pode-se cultivar tudo o que se quiser mas... não se obtém colheita! Sim há colheita, há colheita, há, mas se não se estabelecer uma proibição (*bandu*), uma praga devora-a. Mm. Isto já aconteceu com muitos vizinhos. Quando o *rai-fukun* vem comer é o mesmo que... quando o teu antepassado vem comer. A quem é que vai pedir comida quando está faminto senão a ti? Tem que te pedir a ti. Ah! Por causa de não se estabelecer uma proibição, por causa de ser vago para se encarregar dela [o *rai-fukun*], ela também toma a sua parte, ela também toma o seu cesto, ela mede a sua parte e tu medes a tua parte. Porque não estabeleceste a proibição. Mas quando sacrificas um animal e estabelececes uma proibição, então não passa. Todo o teu arroz está completo. Podes levá-lo para casa e comer até um ano inteiro. [...] Mm. Quando eu intervenho, já está. Mm.

39. O *biti* é um capacho feito com fibras vegetais, que é utilizado em múltiplos contextos rituais, sendo neste caso reconhecida a expressão *nahe biti* como a cerimónia e relação com a colheita de arroz. Para outro exemplo veja por exemplo Babo-Soares (2004).

No entanto, nem todos os camponeses do lugar chamam o *rai-na'in kaer bua-malus* para que dê os passos normativamente correctos que ele comentou no processo de produção agrícola. A que é que isto se deve? No extracto seguinte, em que inquiri sobre os rituais relacionados com a produção agrícola para os quais era convocado pelos camponeses do lugar, pergunto-lhe se ele continuava a ser chamado para efectuar um ritual conhecido como *sau-batar*. Esta é uma cerimónia de produção relacionada com o cultivo do milho. Embora as datas de celebração variem conforme as zonas, costumam ser efectuadas nos meses de Maio ou Junho. A cerimónia de *sau-batar* consiste em levantar a proibição ritual de se alimentar com o milho da nova colheita até que se substitua totalmente o da colheita do ano anterior. Diz-se que o milho que ainda não foi *sau* não é comestível devido ao facto de o seu consumo ser considerado perigoso, tendo como consequência desgraças ou até mesmo a morte por ser venenoso (*moruk*):

## Fragmento 6:

**Rai-na'in kaer bua-malus:** ai, ne'e tenke bolu...  
Lae ó han mais buat ne'e moruk ne'e! Ah! Ó  
naran han de'it buat ne'e moruk. Ó han ona mais  
agora... be... ó la lisenca ba rai?... ó-nia batar ne'e  
ba kuda iha ne'ebé?... Ó la kuda iha rai?

**Alberto:** maibé batar ne'ebé ema kuda iha sira-  
nia kintál sira mós bolu?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** bolu... ne'e mak  
ó-nia kintál? Ó tuur mais rai ne'e nia bua ho  
malus la'ós ó mak kaer! Ó tuur de'it, ó han de'it!  
Tuur ó bele tuur, han ó bele han... mais bua ho  
malus ne'e na'in ema ida de'it. La'ós na'in ne'e  
ema sanulu ne'e la iha. Mm.

**Alberto:** balu... balu ke agora... tanba agora ne'e  
modernu tiha ona ka lae...

**Rai-na'in kaer bua-malus:** ah!

**Alberto:** entaun... balu la... ladún bolu?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** balu ladún bolu  
ne'e hanesan la fiar.

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** la fiar. Sira la fiar  
tanba buat ida be... hanesan... agora ne'e modelu  
ita sarani mak barak, sarani barak ona ne'e, be...

**Rai-na'in kaer bua-malus:** Ai! Para isto é  
necessário chamar[me] Senão isso que comes  
[o milho] é venenoso! Se o comeres sem mais é  
venenoso. Comes agora mas... Pediste licença à  
terra? Onde cultivaste o teu milho? Acaso não o  
cultivaste na terra?

**Alberto:** mas.. as pessoas também [chamam]  
quando cultiva o milho nos seus hortos?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** Chama-me! Acaso  
é este o teu horto? Tu vives aí, mas não és tu  
quem tem o direito à comunhão com esta  
terra! Tu só vives e comes! Podes viver e podes  
comer... mas os direitos de comunhão são de  
uma só pessoa. Isto não o detêm dez pessoas!

**Alberto:** há alguns que... alguns que... porque  
agora já é moderno. Não?...

**Rai-na'in kaer bua-malus:** ;Ah!

**Alberto:** então... Há algum que mal chama?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** algum que já não  
chama é porque já não acreditam...

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** Não acreditam,  
já não acreditam porque... agora a maioria é  
católica, muitos católicos, alguns dizem que só

balu dehan hanoin de'it Maromak. Kona-ba kultura-adat ne'e lalika hanoin, lalika bolu rai-na'in. Mais... dala barak ona ke akontese... mm, balu ke la bolu ida... dala barak ona ke akontese... akontese atu mate sá!

**Alberto:** akontese sá?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** moras!

**Alberto:** moras eh?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** moras! Rai-na'in kaer ne'e!

acreditam em Deus e que na cultura *adat* já não é necessário crer, que não é necessário chamar o *rai-na'in*. Mas... já aconteceu muitas vezes que alguns que não chamam... já muitas vezes. Acontece muitíssimas vezes!

**Alberto:** Que é que aconteceu?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** Adoecem!

**Alberto:** Adoecem. Eh?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** Adoecem! O *rai-na'in* castiga-os!

Neste caso, problematiza as práticas e rituais à volta do cultivo do milho efectuadas por alguns dos seus vizinhos —inferiores na hierarquia social com base na legitimação mítico-histórica. Desta forma, assinala que para a realização do *sau-batar* é obrigatório convocá-lo. Para tal, chama a atenção para a condição venenosa (*moruk*) do milho que não foi previamente libertado do perigo do seu consumo mediante a execução do ritual. Na sua condição de especialista ritual e legítimo interlocutor, explica este perigo com base na inobservância da obrigação de reciprocidade com a terra (*lisensa ba rai*), rompendo desse modo o equilíbrio cósmico de relação terra-seres humanos —ideal da cosmovisão timorense (Pena Castro 2010)—. Quando o antropólogo lhe pergunta se as pessoas têm obrigação de convocá-lo para efectuar o ritual se cultivarem numa terra que seja sua propriedade, alude à ideia da terra como bem em usufruto de que os vizinhos podem desfrutar; embora ele mantenha um acesso privilegiado à mesma pela sua condição de *rai-na'in kaer bua-malus*, que renova sistematicamente sempre que é convocado a levar a cabo um ritual —reconhecimento implícito da sua legitimidade— e mediante o acto de narrar —acto político— o casamento/sacrifício dos antepassados da sua linhagem com a terra. No entanto, à minha pergunta sobre se há pessoas que não o convocam para efectuar estes rituais, conta-me que há muitos casos e a causa que ele assinala é a perda da crença (*fiar*) na religião tradicional (*kultura-adat*) a favor da católica, que usam para deslegitimá-lo. Isto é, o *rai-na'in kaer bua-malus* remete para um uso estratégico do catolicismo por parte de algumas pessoas para, desse modo, justificar que não há necessidade da religião tradicional em geral e, por extensão, dele, na medida em que autoriza com base na mesma<sup>40</sup> (*kultura-adat ne'e lalika hanoin, lalika bolu rai-na'in*).<sup>41</sup> O que faz é, em última análise, legitimar a validade do sistema de crenças que lhe proporciona autoridade (o da religião tradicional) e deslegitimar o

que lha arrebatava. Por isso, os que já não acreditam no sistema que o legitima a ele e manuseiam o que o deslegitima para curto-circuitar a sua autoridade, são punidos mediante a doença (*moras! Rai-na'in kaer ne'e!*). Invoca um esquema de causalidade incluído no sistema de crenças que activa face ao acto contingente de os camponeses não se dobrarem à sua autoridade.

Além desta problematização, o *rai-na'in kaer bua-malus* começa a atribuir uma série de funções às diferentes entidades e a estabilizar as posições que devem ser ocupadas pelos diferentes agentes que reconhece como existentes no sistema de crenças em que habita. Antes de revermos esta atribuição de funções, vejamos um novo extracto da entrevista:

### Fragmento 7:

**Alberto:** [...] Eh... Kona-ba rai-na'in ne'e saida mak importante liu?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** importante liu mak oh... ba, kona-ba be... ah.... buat ida kultura ne'e ho Maromak. Rua ne'e. Ne'e difisil liu mak rua ne'e. Ne'e ó kuandu haluha... ne'e sala boot. Tanba sira na'in-rua ne'e kan... sira rua, sira na'in-rua kan... desde rai ne'e moris-mai. Ne'e Maromak atu halo rai, halo ema moris iha mundu, rua ne'e mak halo.

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** rua ne'e mak halo.

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** maka sira na'in-rua hodi fahe malu...

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** aman iha lalehan, feto iha rai. Ne'e... agora sira na'in-rua, ita... ita kuandu la halo tuir sira na'in-rua, sira-nia de vér ne'ebé sira rai hela mai ita, dehan: 'ita bele han, bele halo hanesan ne'e mais... sira-nia uzu-kultura ne'e ne'e halo hanesan ne'e ita tenke halo tuir. Se ita la halo tuir, ne'e hanesan ita halakon sira ne'e... ah... buat ida sira forma hela ba, desde avó nian. Ne'e la'ós foin agora ita na'in forman ne'e lae. Ema kriatura ne'e la forma, so Maromak mak forma buat sira ne'e. Mais... ita hanoin, importante liu mak buat rua ne'e de'it. Rua ne'e

**Alberto:** Então, acerca do *rai-na'in* que é que é mais importante?

**Rai-na'in kaer bua-malus:** o mais importante é... oh... acerca de... ah... é a *Kultura e Maromak*. Os dois. O mais difícil são estes dois. Quando alguém se esquece... é um grande erro/pecado (*sala boot*). Porque eles dois... eles dois existem [existem] desde que a terra nasceu. Quando Maromak criou a terra, criou as pessoas no mundo, os dois o fizeram.

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** os dois o fizeram.

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** foram eles dois ao separar-se...

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** o pai está no céu, a mulher na terra. Isto... eles dois... quando não obedecemos às ordens dos dois, o dever que nos deixaram entregue... podemos comer, podemos fazê-lo deste modo mas... temos que levar a cabo os costumes (*uzu-kultura*) que nos mandaram fazer deste modo. Se não lhes obedecemos, é como se esquecêssemos o que eles nos deixaram desde o tempo dos antepassados (*avó*). Isto não é algo que se tenha criado recentemente. Não é! Não é algo que as pessoas tenham criado (*ema kriatura*), foi só

ita tenke hala'ò hotu... Maromak mós ita hala'ò, kultura nian mós ita hala'ò. Ne'e hanesan ne'e. Ah! Se ita hala'ò de'it ida: Maromak nian iha, ita hala'ò de'it Maromak nian, ida be... kultura nian la iha, nia hamlaha nia ko'alia ho Maromak: 'loron ida ita rua hamutuk hodi tau buat ida ne'e mais... agora sira fiar mak Ó... ha'u sira la fiar'. Ida ne'e!

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** ne'e, ida be... leten ne'ebá bele loke surat hanesan ne'e bele... komu ke la fiar, ne'ebé que la fiar tenke hela hetan sala hanesan ne'e iha loron tempu hanesan ne'e, sira mós tenke iha findumundu. Ne'esá lakohi buat ida, Ó bá ona! Mm

*Maromak* que criou isto. Mas... considero que o mais importante são estas duas coisas, estas duas coisas é necessário fazê-las (*hala'ò*) ambas. É necessário seguir [os preceitos] de *Maromak* e também é necessário seguir [os preceitos] da *Kultura*. Isto é assim! Se só seguirmos um, se houver para *Maromak*, só fazemos o de *Maromak*, e não houver para a *Kultura*... então ela tem fome e fala com *Maromak*. Naquele dia tu e eu juntámo-nos para criar (*tau*) isto [o mundo] mas... agora eles só acreditam em ti, em mim não acreditam! É assim!

**Alberto:** mm

**Rai-na'in kaer bua-malus:** assim, o de cima pode abrir o caderno deste modo... e, porque não acreditam, os que não se fiam têm que receber um castigo num tempo que [ele] determina, eles também têm que estar no fim do mundo. Não lhe importa nada, morre-se! Mm.

Analisemos a atribuição de funções que tenta estabelecer discursivamente o *rai-na'in kaer bua-malus*. O milho: deve ser venenoso para consumo humano enquanto não tiver efectuado o *sau-batar*, após o qual deve estar apto e não causar nenhuma doença ou morte aos seus consumidores. Depende da terra (*inan/rai*), porque nela se cultiva e é conceptualmente uma dádiva da mesma e dos espíritos da terra —que têm uma relação de tomador de esposas com a linhagem do *rai-na'in kaer bua-malus*— que deve ser reciprocado. Os camponeses que vivem na zona devem (1) reconhecê-lo como legítimo interlocutor com a terra, (2) cultivar e colher o milho da forma

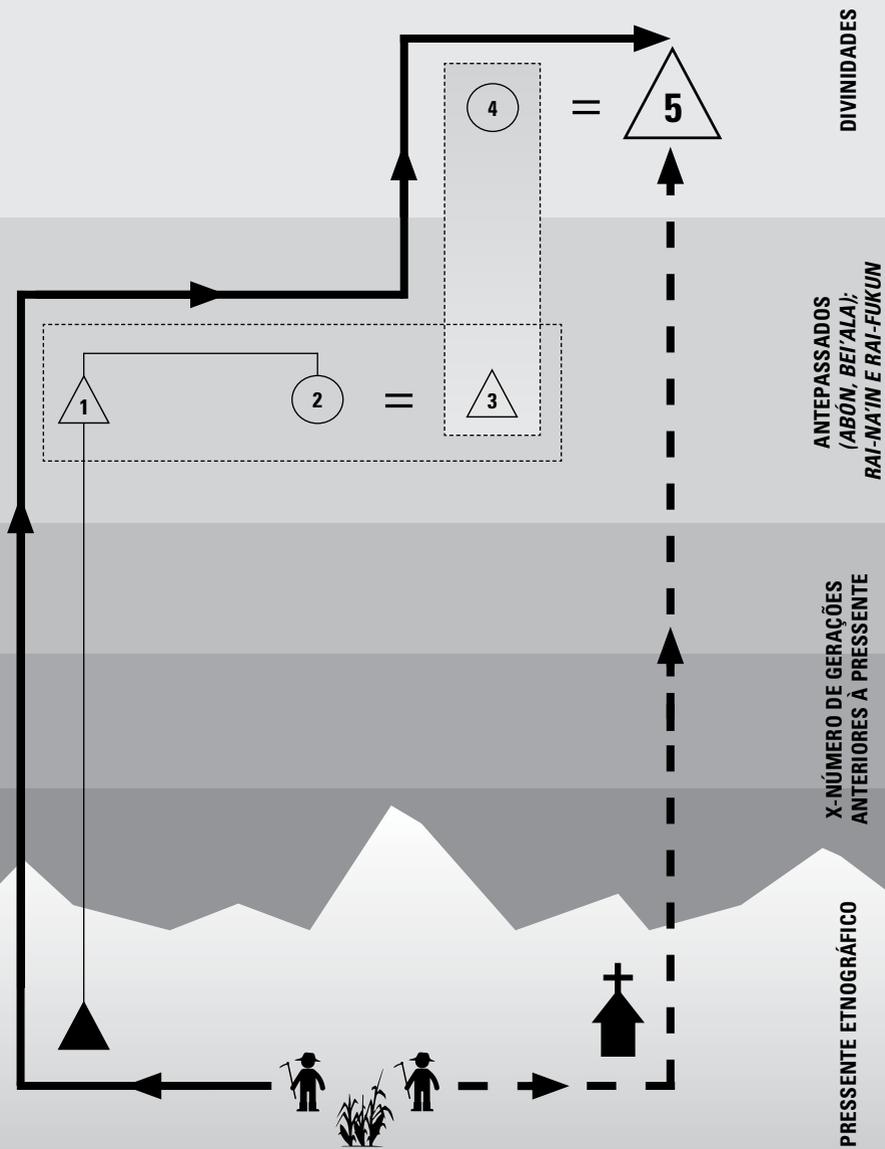
**40.** Vi este uso interessado do catolicismo para deslegitimar o *rai-na'in kaer bua-malus* repetido em múltiplas ocasiões pelos timorenses de *Biralaran*. Isto não quer dizer que seja uma atitude generalizada mas ocorre no âmbito de uma negociação tensa com o *rai-na'in kaer bua-malus* por parte dos camponeses que necessitam de levar a cabo o ritual. Estes reaccionam a todas as estratégias a que podem reacorrer para reduzirem ao máximo o gasto ritual. De igual modo, também se verifica a total substituição do *rai-na'in kaer bua-malus* por práticas associadas ao catolicismo; por exemplo, alguns camponeses de *Biralaran* regavam os seus campos com água benta em vez de chamarem o *rai-na'in kaer bua-malus*. Esse era um dos modos como curto-circuitavam a sua autoridade e o deslegitimavam, utilizando água benta —e, por isso, legítimo comunicador simbólico com o deus católico— para que *Maromak* se encarregasse de velar pelo seu bem-estar e protecção contra os perigos associados à agricultura. Ocorria, neste caso, uma substituição da figura do *rai-na'in kaer bua-malus* pela de um cura no seu papel de interlocutor do ciclo ritual de produção agrícola, embora não necessariamente das crenças subjacentes que podem continuar a ser as mesmas. **41.** Essa deslegitimação estratégica é acompanhada da potencial perda de lucros materiais que, neste caso, não eram nada desprezíveis para uma zona como *Biralaran*. O desempenho de rituais abastecia o *rai-na'in kaer bua-malus* de dinheiro —valor que varia em função do tipo de ritual —e alimento— determinadas partes dos animais sacrificados nos rituais eram *na'an lulik* (carne sagrada/tabu) de consumo exclusivo do *rai-na'in kaer bua-malus* e a sua família, que participava da comensalidade—, além de um capital social importante dentro da comunidade.

normativamente apropriada conforme definida por ele mesmo relativamente ao sistema de crenças da religião tradicional (que inclui a execução do *sau-batar* executada pelo nosso *rai-na'in kaer bua-malus*), (3) prover dos elementos materiais necessários para executar o ritual e (4) não utilizar o deus católico como estratégia para deslegitimá-lo. Faz isto transpondo discursivamente a entidade do Deus católico no âmbito do sistema de crenças da religião tradicional. Nele Maromak é tanto o deus católico como o deus sol —de que já falámos anteriormente— que, juntamente com a terra-rio/*Kultura*, criou o mundo e os humanos. Maromak é deus católico, mas também deus tradicional; ambos são uma e a mesma coisa para ele.<sup>42</sup> Fruto desta relação *Maromak/Kultura*<sup>43</sup> o *rai-na'in kaer bua-malus* reclama ter um acesso privilegiado a Deus por via da terra-rio/*Kultura*; a qual quando tem 'fome', fala com Deus para se queixar de que os humanos (os seus filhos) não observam as obrigações que têm para com ela. O Sol/*Maromak* ouve-a e, no sistema de crenças que põe em jogo, castiga os humanos que não acreditam nela. Por isso, o papel que atribui ao sol/*Maromak* (número 5 no diagrama) é o de proteger a terra-rio/*Kultura* e, por extensão, de o proteger a ele como legítimo porta-voz e interlocutor da mesma. Mas evita entrar em conflito com a igreja, reconhecendo implicitamente que se devem seguir os preceitos do sol/*Maromak*. O papel que atribui à terra-rio/*Kultura* (número 4 no diagrama) é o de se aliar ao sol/*Maromak* e castigar aqueles que não observaram as obrigações rituais executadas por ele. De igual modo também lhe concede a capacidade de castigo de forma independente do sol/*Maromak* aos que não observam as obrigações rituais para com ela, mediadas por ele. Dentro da terra-rio/*Kultura*, temos que falar do papel que atribui aos antepassados. Desta forma, a invocação (*temi sira-naran*) dos nomes dos antepassados (*Pu-Rita*, *Fer-Nando* e *Ale-Jandro*) mediante a oração tradicional (*hamulak*) torna-os presentes e renova o acto fundador da aliança ancestral entre a terra e a sua linhagem. O *rai-na'in kaer bua-malus*, com base nesta aliança, convoca/invoca os espíritos da terra (*rai-na'in*) —os seus tomadores de esposas— para lhes entregar a sua parte da colheita e desta forma evitar que 'reclamem a sua parte' atacando a colheita ou os próprios camponeses. É ele, enquanto porta-voz da linhagem dadora de esposas da terra-rio/*Kultura*, é ele que deve dar-lhe de comer (*fó-han*) e velar para que esteja satisfeita com as oferendas efectuadas, interpretação que recai sobre ele. Como tomador de esposas, a terra-rio/*Kultura* também deve cumprir os seus deveres e desfrutar dos direitos associados a esse papel —obedecer ao seu *umane* e receber comida dele.

O seu próprio papel é velar pelo equilíbrio cósmico entre as diferentes entidades que identifica no sistema de crenças em que habita, o que efectua mediante a comunicação simbólica através da oração tradicional (*ko'alia hamulak*) e do comunicador simbólico do bua-malus para entrar em contacto com os seus antepassados. Fazendo honra ao acto fundador da aliança ancestral entre a terra e a sua linhagem (*rai-fukun*), estabelecida mediante o sacrifício/casamento *Pu-Rita*, invoca os espíritos da terra (*rai-na'in*) para lhes entregar a sua parte da colheita e desta forma evitar que 'reclamem a sua parte' atacando a colheita ou os próprios camponeses.

Finalmente temos o papel do clero, cuja presença no discurso nunca se torna explícita de forma directa. Qual o papel que o nosso *rai-na'in kaer bua-malus* atribui ao clero e como é que se posiciona perante o mesmo? Em nenhum momento o menciona como um problema, embora problematize o uso que as pessoas fazem do catolicismo contra si (veja fragmento 6). Também traça uma fronteira, de forma muito subtil, entre as funções rituais da religião católica e da tradicional. Mediante a conversação da terra com o sol/*Maromak* (veja fragmento 7), constrói um circuito de comunicação entre ele próprio e deus, via antepassados e espíritos da terra-rio/*Kultura*. Desse modo, está também a deslegitimar o circuito de comunicação contrário —via igreja e os seus agentes— que o deixa a ele fora de jogo e que, na sua exposição discursiva, é inválido. Por isso, os que só acorrem ao sol/*Maromak*, adoecem (fragmento 6). O que está a construir discursivamente é uma divisão das tarefas rituais entre os dois sistemas de crenças: o tradicional e o católico. Apesar de se reconhecer como «ainda não católico» (*ha'u sidauk sarani*) estabelece a necessidade de se seguirem os preceitos do sol/*Maromak* e os da terra-rio/*Kultura*, impondo uma fronteira à intromissão dos elementos do catolicismo cujo manuseamento prático possa minar o seu poder a nível comunitário. Isto não quer dizer que rejeite o catolicismo e os seus agentes,

42. Desta forma, quando se está a referir a *Maromak*, a sua exegese não se esgota na do deus católico, mas também inclui a figura do *Maromak* da religião tradicional (sol/pai sol). Deste modo, o que o nosso *rai-na'in kaer bua-malus* está a fazer é absorver o deus católico dentro do sistema de crenças da religião tradicional. Para ver exemplos de mitos cosmogónicos timorenses veja Hicks 1990; Traube 1986. 43. Considero necessário assinalar dois conjuntos de termos que, em minha opinião, fazem parte do campo semântico da religião tradicional e da católica respectivamente e que, por vezes, são utilizados como metáforas ou marcadores de pertença que distinguem uma da outra. Relativamente à religião tradicional temos: *inan* (mãe) = *kultura* (cultura) = *jentiu* (gentil) = *rai* (terra) = *nakukun* (escuro) = *feto* (mulher); enquanto a católica se associa a *aman* (pai) = *sarani* (catolicismo) = *loron* (sol) = *lalehan* (céu) = *naroman* (claridade, brilhante) = *mane* (homem). Estas categorias simbólicas são repetidas constantemente, pondo-as em jogo de múltiplas formas. No entanto, não são categorias de correspondência e oposição estáticas, mas obedecem a uma lógica prática que se nos apresente *como se fosse* coerente, mas que estão orientadas para a execução de fins práticos e que podem ser variadas ou permutadas em função do uso que cada agente individual particular faça delas. (Bourdieu 2007; Leach 1976 [1964]; Sahlins 2008).



- |  |   |
|--|---|
| ▲ RAI-NA'IN KAER BUA-MALUS                     | △ 5 PAI / SOL / DEUS (AMAN / LORON / MAROMAK) |
| △ 1 ALE-JANDRO                                 | 👤 CAMPONESES                                  |
| ② PU-RITA                                      | ⛪ IGREJA / CLERO                              |
| △ 3 FER-NANDO                                  | — CIRCUITO DE COMUNICAÇÃO VÁLIDO              |
| ④ MÃE / TERRA / CULTURA (INAN / RAI / KULTURA) | - - - CIRCUITO DE COMUNICAÇÃO INVÁLIDO        |

Diagrama: David Palazón.

que *reconhece* e apoia nos casos em que eventualmente lhe sejam, do seu ponto de vista, inócuos ou favoráveis. Como exemplo, podemos ver o seguinte fragmento:

### **Fragmento 8:**

**Rai-na'in kaer bua-malus:** Crus Joven tama iha ne'e... ne'e mós... ema hotu-hotu la ko'alia, ha'u mak ko'alia. Mm. Ha'u mak ko'alia. Agora... Na'i-Feto mai fali husi ne'ebá mós... hanesan... ba simu iha sorin... ba mota-ibun ne'e... Ne'e mós ha'u mak ko'alia. Mm.

**Rai-na'in kaer bua-malus:** quando a *Cruz Jovem* chegou aqui... nisto também... nenhuma pessoa falou, fui eu quem falou. Agora... Também quando Nossa Senhora veio de além... que... fomos recebê-la aqui ao lado... nas margens do rio... também fui eu quem falou. Mm

A menção da chegada da peregrinação da Cruz Jovem ou da recepção de Nossa Senhora em *Biralaran* é de importância capital. Mediante ela expõe a sua participação na qualidade de porta-voz comunitário (*ha'u mak ko'alia*) está a efectuar um acto de reafirmação do seu poder perante a comunidade. Utiliza a sua participação num acto público da igreja como capital simbólico que, na devida altura, é susceptível de ser utilizado como argumento contra aqueles que utilizam a igreja para o deslegitimarem. O seu papel de porta-voz da comunidade de *Biralaran* faz com que se legitime o seu estatuto de autoridade tradicional mediante a sua participação num rito que faz parte do sistema de crenças (o católico) que maioritariamente o deslegitima. Apesar de «ainda não ser católico» é ele e não outro que fala, utilizando o ritual católico no seu interesse para se (re)instituir como autoridade a partir de um sistema que o deslegitima e desse modo fazer face às pessoas que utilizam o catolicismo para o deslegitimarem.

De certa forma, estabelece uma assimetria em que ele sai favorecido relativamente à igreja, pois enquanto ele tem acesso ao sol/*Maromak* via terra-rio/*Kultura*, a igreja não tem acesso à terra-rio/*Kultura* via sol/*Maromak*, não torna explícito o acesso da igreja à terra-rio/*Kultura* via sol/*Maromak*. O seu circuito de comunicação privilegiada é, pois, o correcto (veja diagrama).

## CONCLUSÕES

Neste artigo, explorei as relações entre a religião tradicional e a católica em Timor-Leste, dando valor à perspectiva histórica e acentuando o valor da acção individual nos processos de legitimação. Apontei que a relação entre os dois sistemas de crenças não desemboca na emergência de um terceiro de carácter sincrético, mas pelo contrário na consolidação de uma tensa coexistência entre as duas. Aponto igualmente que esta tensa coexistência se registou historicamente nos planos simbólicos —através do que denominei de jogos de transposições—, sócio-económico e político —como no caso dos convertidos e da sua aproximação ao poder colonial—, e prático —como no caso da queima de *uma-lulik*. De igual modo, através do caso do *rai-na'in kaer bua-malus* tentei explorar a capacidade dos agentes sociais para modelarem criativamente a relação entre os dois sistemas; mostro como uma autoridade tradicional constrói a sua própria legitimação e reafirma a sua autoridade através de narrativas mítico-históricas que o posicionam como mediador que tem acesso privilegiado à comunicação com a divindade (com o sol/*Maromak* através da terra-rio/*Kultura*, a sua mulher).

## REFERÊNCIAS CITADAS

- AAVV. 2005. *Dicionário Tetun-Português-Indonésio*. Dili: Buka Hatene.
- Almeida e Carmo, António Duarte de.** 1965. «O povo mambai. Contribuição para o estudo do povo do grupo linguístico mambai - Timor.» *Estudos Políticos e Sociais* III(4): 1233-1384.
- . 2002. «Religiões de Timor.» *Janus* [http://www.janusonline.pt/docs2002/artigo\\_janus2002\\_2\\_5.doc](http://www.janusonline.pt/docs2002/artigo_janus2002_2_5.doc) (Aceso Julho 7, 2012).
- Andaya, Leonard Y.** 2010. «The ‘informal Portuguese empire’ and the Topasses in the Solor archipelago and Timor in the seventeenth and eighteenth centuries.» *Journal of Southeast Asian Studies* 41(3): 391-420.
- Augé, Marc.** 1998 [1994]. *Hacia una antropología de los mundos contemporáneos*. 2ª ed. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Babo-Soares, Dionísio.** 2004. «Nahe Biti: The Philosophy and Process of Grassroots Reconciliation (and Justice) in East Timor.» *The Asia Pacific Journal of Anthropology* 5(1): 15-33.
- Barnes, Robert Harrison.** 1987. «Avarice and iniquity at the Solor Fort.» *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde (BKI)* 143(2/3): 208-236. <http://www.kitlv-journals.nl/index.php/btlv/article/viewFile/2972/3733>. (Aceso Julho 7, 2012).
- Berthe, Louis.** 1972. *Bei gua: itinéraire des ancêtres: mythes des Bunaq de Timor*. Paris: Éditions du Centre national de la recherche scientifique.
- . 1965. «La terre, l’au-dela, et les thèmes maritimes chez les buna’ (Timor central).» *Lethnographie N.S.* 58-59.
- . 1961. «Le mariage par achat et la captation des gendres dans une société semi-féodale: les Buna’ de Timor central.» *L’Homme* 1(3): 5-31.
- . 1963. «Morpho-syntaxe du Buna’ (Timor central).» *L’Homme* 3(1): 106-116.
- . 1959. «Sur quelques distiques buna (Timor central).» *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde (BKI)* 115(4): 336-371.
- Bourdieu, Pierre.** 2007 [1980]. *El sentido práctico*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- . 1993. «Los ritos como acto de institución.» *Em Honor y gracia*, eds. Julián Pitt-Rivers e J. G. Peristiany. Alianza Editorial, p. 111-123.
- Boxer, Charles Ralph.** 1960. «Portuguese Timor: A Rough Island Story: 1515-1960.» *History Today* 10(5): 349-355.
- Callon, Michel.** 1986. «Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay.» Em *Power, action and belief: a new sociology of knowledge?*, ed. J. Law. London: Routledge, p. 196-223.

- Campagnolo, Henri.** 1972. «Etudes sur les Fataluku [Timor Portugais]: langue fataluku [extremite est de Timor Portugais].» *Asie du sud-est et monde insulindien* 3(3): 53-76.
- Carey, Peter.** 1999. «The Catholic Church, Religious Revival, and the Nationalist Movement in East Timor, 1975-98.» *Indonesia and the Malay World* 27(78), 77-95.
- Castro, Affonso de.** 1867. *As Possessões Portuguezas na Oceania*. Imprensa Nacional.
- Dili, Tribunal Distrital de.** 2011. «Komunikadu ba imprensa.» <http://www.tribunais.tl/?q=node/47> (Aceso Junho 20, 2012).
- Dores, Raphael das.** 1907. *Diccionario Teto-Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Durand, Frédéric.** 2010. *História de Timor-Leste. Da Pré-História à Actualidade. Istória Timor-Leste nian. Husi Pre-Istória to'o Atualidade*. Lisboa: LIDEL.
- Eller, Jack David.** 2007. *Introducing Anthropology of Religion. Culture to the Ultimate*. Routledge.
- Fidalgo Castro, Alberto.** 2010. «O mundo dos objectos.» *Em Património Cultural de Timor-Leste. As Uma Lulik do Distrito de Ainaro*, eds. Gárate Castro, Luis Alberto e Assis, Cecilia. Ferrol: Secretaria de Estado da Cultura da República Democrática de Timor-Leste, p. 223-234.
- Forman, Shepard.** 1980a. «Descent, Alliance, and Exchange Ideology among the Makassae of East Timor.» *Em The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*, ed. James J. Fox. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, p. 152-177.
- 1977a. «East Timor: Exchange and Political Hierarchy at the Time of European Discoveries.» *Em Economic Exchange and Social Interaction in Southeast Asia: Perspectives from Prehistory, History and Ethnography*, ed. Hutterer, K.L. Ann Arbor: University of Michigan. Center for South and Southeast Asian Studies. p. 97-111
- 1977b. «Human Rights in East Timor.» *Society* 15(5): 76-80.
- 1980b. «Inside East Timor's History and People.» *Em East Timor International Conference Report*.
- 1981. «Life Paradigms: Makassae (East Timor) Views on Production, Reproductions, and Exchange.» *Research in Economic Anthropology* 4: 95-110.
- 1976. «Spirits of the Makassae.» *Natural History* 85(9): 12-18.
- Fox, James J.** Fox, James J. 1980. *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press.
- 2008. «Rodney Needham (1923–2006).» *American Anthropologist* 110(3): 401-403.
- Francillon, Gérard.** 1980. «Incursions upon Wehali: A modern History of an Ancient Empire.» *Em The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*, ed. James J. Fox. Cambridge, Massachusetts and London, England, p. 248-265.

- Friedberg, Claudine.** 1974. «Agricultures timoraises.» *Études Rurales* 53-56: 375-405.
- 1971a. «Aperçu sur la classification botanique bunaq (Timor central).» *Bull. Soc. bot. Fr.* 118: 255-262.
- 1977a. «La femme et le féminin chez les Bunaq du centre de Timor.» *Archipel* 13(1): 37-52. [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arch\\_0044-8613\\_1977\\_num\\_13\\_1\\_1326](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arch_0044-8613_1977_num_13_1_1326) (Aceso Julho 7, 2012).
- 1999. «Les relations aux ancêtres aujourd'hui et la gestion de la forêt tropicale dans l'Indonésie de l'est.» *L'homme et la forêt tropicale*. [http://www.ecologie-humaine.eu/DOCUMENTS/SEH\\_Forêt/Forêt\\_06\\_Friedberg.pdf](http://www.ecologie-humaine.eu/DOCUMENTS/SEH_Forêt/Forêt_06_Friedberg.pdf) (Aceso Julho 7, 2012).
- 1971b. «L'agriculture des bunaq de Timor et les conditions d'un équilibre avec le milieu.» *Journal d'Agriculture tropicale* 18(12): 481-532.
- 1973. «Repérage et découpage du temps chez les Bunaq du centre de Timor.» *Archipel* 6(1): 119-144. [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arch\\_0044-8613\\_1973\\_num\\_6\\_1\\_1131](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arch_0044-8613_1973_num_6_1_1131) (Aceso Julho 7, 2012).
- 1979. «Socially Significant Plant Species and their Taxonomic Position Among the Bunaq of Central Timor.» Em *Classifications in their Social Context*, eds. Roy F Eller and David Reason. Academic Press, p. 81-101.
- 1977b. «The development of traditional agricultural practices in Western Timor: from the ritual control of consumer goods production to the political control of prestige goods.» Em *The Evolution of Social Systems*, eds. J. Friedman e M. J. Rowlands. London: Duckworth, p. 137-171.
- Friedberg, Claudine, e Berthe, Louis.** 1978. *Comment fut tranchée la liane céleste: et autres textes de littérature orale bunaq (Timor, Indonésie)*. Paris: SELAF.
- Godelier, Maurice.** 1982. *La producción de Grandes hombres: poder y dominación masculina entre los Baruya de Nueva Guinea*. Madrid: Akal.
- Gárate Castro, Luis Alberto.** 2010. «A uma lulik no contexto da arquitetura doméstica tradicional. Problemas conceptuais: uma lulik, uma liras e uma fukun.» Em *Património Cultural de Timor-Leste. As Uma Lulik do Distrito de Ainaro*, eds. Gárate Castro, Luis Alberto e Assís, Cecília. Ferrol: Secretaría de Estado da Cultura da República Democrática de Timor-Leste, p. 87-102.
- Hicks, David.** 1984. *A Maternal Religion: The Role of Women in Tetum Myth and Ritual. Monograph Series on Southeast Asia*. Illinois: Center for Southeast Asian Studies, Northern Illinois University.
- 1981. «A Two-Section System with Matrilineal Descent Among the Tetum of Eastern Indonesia.» *Sociologus*, n. s. 31(2): 181-184.
- 2008. «Afterword. Glimpses of Alternatives—the Uma Lulik of East Timor.» *Social Analysis* 52(1): 166-180.
- 1990. *Kinship and Religion in Eastern Indonesia*. Göteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis. Gothenburg Studies in Social Anthropology 12.

- 1978. *Structural Analysis in Anthropology. Case Studies from Indonesia and Brazil*. Fribourg: Anthropos-Institut. Studia Instituti Anthropol. 30.
- 1987. «Tetum Descent.» *Anthropos* 82: 47-61.
- 1973. «The Carabalu Tetum.» *García de Orta. Série de Antropología* 1(1-2): 13-18.
- Hull, Geoffrey e Correia, Adérito José Guterres et al.** 2005. *Dicionário Nacional ba Tetun Ofisial*. Dili: Instituto Nacional de Linguística y University of Western Sydney.
- 2002. «Língua portuguesa: o último capítulo da Reconquista.» *Janus*. [http://janusonline.pt/sociedade\\_cultura/sociedade\\_2002\\_2\\_4\\_d.html](http://janusonline.pt/sociedade_cultura/sociedade_2002_2_4_d.html). (Aceso Julho 7, 2012).
- Hägerdal, Hans.** 2005 «Historical Notes on the Topass Leaders in Oecusse.» Documento inédito cortesia do autor.
- Jong, P. E. de Josselin de.** 1980. «The Concept of the Field of Ethnological Study.» Em *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*, ed. James J. Fox. Cambridge, Massachusetts and London, England, p. 317-326.
- Keurs, Pieter Ter.** 2006. *Condensed Reality: A Study of Material Culture; Case Studies from Siassi (Papua New Guinea) and Enggano (Indonesia)*. CNWS Publications.
- Lameiras-Campagnolo, Maria Olímpia.** 1975. «L'habitation des fataluku de Lórehe (Timor Portugais).» École Pratique des Hautes Études. Univeristé René Descartes. Tese de doutoramento inédita.
- Lameiras-Campagnolo, Maria Olímpia, e Campagnolo, Henri.** 1984. «Les modes de cuisson des Fataluku de Lórehe (contribution à l'étude de la technique de la cuisson).» *García de Orta. Série Antropobiología* 1-2: 93-114.
- 1979. «Rythmes et genres dans la littérature orale des Fataluku de Lorehe (Timor Oriental).» *Asie du sud-est et monde insulindien* 10(2-4): 19-48.
- Lazarowitz, Toby Fred.** 1980. «The Makassai: Complementary Dualism in Timor.» State University of New York at Stony Brook. Tese de doutoramento inédita.
- Leach, Edmund Ronald.** 1976 [1964]. *Sistemas políticos de la Alta Birmania. Estudio sobre la estructura social kachin*. Barcelona: Anagrama.
- Loureiro, Rui Manuel.** 2001. «Discutindo a formação da presença colonial portuguesa em Timor.» *Lusotopie*: 143-155.
- Lupo, Alessandro.** 1996. «Síntesis controvertidas. Consideraciones en torno a los límites del concepto de sincretismo.» *Revista de Antropología Social* 5: 11-37.
- McWilliam, Andrew.** 2011. «Exchange and resilience in Timor-Leste.» *Journal of the Royal Anthropological Institute, New Series* 17: 745-763.

- Molnar, Andrea K.** 2004. «An Anthropological Study of Atsabe Perceptions of Kolimau 2000. A New East Timorese Religious Cult or Internal Security Problem?» *Anthropos* 99(2): 365-379.
- Moore, Heniretta L.** 2004 [1988]. *Antropología y feminismo*. 4ª ed. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Needham, Rodney.** 1966. «Comments on the Analysis of Purum Society.» *American Anthropologist, New Series* 68(1): 171-177.
- 1980. «Principles and Variations in the Structure of Sumbanese Society.» Em *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*, ed. James J. Fox. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, p. 21-47.
- NSD.** 2010. *Population and Housing Census of Timor-Leste 2010. Volume 3: Social and Economic Characteristics*, Dili: National Statistics Directorate. Ministry of Finances. Government of Timor-Leste.
- Ortner, Sherry B.** 1984. «Theory in Anthropology since the Sixties.» *Comparative Studies in Society and History* 26(1): 126-166.
- Pascoal, Ezequiel Enes.** 1950a. «A Morte Do 'Buan'.» *Seara* 2(9/10): 171-175.
- 1950b. «A Morte Do 'Buan'.» *Seara* 2(7/8): 130-134.
- Paulino, Vicente.** 2011. «A imprensa católica Seara e a tradição timorense: 1949-1970.» *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidades e (Des)Igualdades. Salvador 7 a 10 de agosto de 2011*: 1-18. [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307067599\\_ARQUIVO\\_AimprensacatolicaSearaeatradicao timorense1949-1970.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307067599_ARQUIVO_AimprensacatolicaSearaeatradicao%20timorense1949-1970.pdf) (Aceso Fevereiro 24, 2012).
- Pena Castro, María Jesús.** 2010. «Introdução às estruturas cosmovisivas e aos princípios básicos da organização social tradicional em Ainaro. A uma lulik e a vida cerimonial.» Em *Património Cultural de Timor-Leste. As Uma Lulik do Distrito de Ainaro*, eds. Gárate Castro, Luis Alberto e Assís, Cecilia: Secretária de Estado da Cultura da República Democrática de Timor-Leste, p. 45-68.
- Ptak, Roderich.** 1983. «Some References to Timor in Old Chinese Records.» *Ming Studies* 17: 37-48.
- 1987. «The Transportation of Sandalwood from Timor to China.» Em *Portuguese Asia: Aspect in History and Economic History, Sixteenth and Seventeenth Centuries.*, ed. Roderich Ptak. Stuttgart: Steiner Verlag Wiesbaden GMBH, p. 89-109.
- Renard-Clamagirand, Brigitte.** 1975. «La maison Ema.» *Asie du Sud-Est et Monde Insulindien* 2: 35-60.
- 1982. *Marobo, une societe ema de Timor central*. Paris: Langues et Civilisation de L'Asie du Sud-Est et du Monde Insulindien 12, SELAF.
- 1980. «The Social Organization of the Ema of Timor.» Em *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*, ed. James J. Fox. Cambridge, Massachusetts and London, England.

- Sahlins, Marshall.** 2008 [1977]. *Islas de historia. La muerte del capitán Cook. Metáfora, antropología e historia.* 4ª ed. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Schouten, Maria Johanna.** 2001. «Apart and together: the Portuguese and the Dutch as neighbours in and around Timor in the nineteenth century.» Em *Indonesia-Portugal: five hundred years of historical relationship*, eds. Ivo Carneiro de Sousa e Richard Z Leirissa. Lisboa: Centre for the Study of Southeast Asia (CEPESA), p. 201-212.
- Silva, Kelly Cristiane da.** 2007. «A Bíblia como constituição ou a constituição como Bíblia? Projetos para a construção do Estado-Nação em Timor-Leste.» *Horizontes Antropológicos* 13(27): 213-235.
- Simião, Daniel Schroeter.** 2010. «Igualdade jurídica e diversidade cultural: dilemas para a modernização timorense.» Em *Hatene kona ba Compreender Understanding Mengerti Timor-Leste*, eds. Michael Leach et al. Timor-Leste Studies Association, p. 79-83. [http://www.tlstudies.org/pdfs/tlsa\\_conf\\_whole.pdf](http://www.tlstudies.org/pdfs/tlsa_conf_whole.pdf). (Aceso Julho 7, 2012)
- Sousa, Lúcio Manuel Gomes de.** 2010. «This is the Beginning of the Relationship: Material Supports of Cultural Translation.» Em *Translation, Society and Politic in Timor-Leste*, ed. Paulo Castro Seixas. Porto: Universidade Fernando Pessoa, p. 37-59.
- Therik, Tom.** 2004. *Wehali: The Female Land. Traditions of a Timorese ritual centre.* Canberra: Pandanus Books & Department of Anthropolog, Research School of Pacific and Asian Studies, The Australian National University.
- Traube, Elizabeth G.** 1980a. «Affines and the dead: Mambai rituals of alliance.» *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde (BKI)* 136(1): 90-115.
- 1986. *Cosmology and Social Life: Ritual Exchange among the Mambai of East Timor.* The University of Chicago Press.
- 1995. «Mambai Perspectives on Colonialism and Decolonization.» Em *East Timor at the Crossroads: the Forging of a Nation*, eds. P. Carey e G. Carter Bentley. London: Cassell, p. 42-55.
- 1980b. «Mambai Rituals of Black and White.» Em *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*, ed. James J. Fox. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, p. 290-314.
- 1974. «Rock and Tree in Mambai Symbolism.»
- 2007. «Unpaid Wages: Local Narratives and the Imagination of the Nation.» *The Asia Pacific Journal of Anthropology* 8(1): 9-25. <http://dx.doi.org/10.1080/14442210601161724> (Aceso Novembro 29, 2007).
- Villiers, John.** 2001. «The Estado da India in South-East Asia.» Em *South-East Asia: Colonial History, vol. 1- Imperialism before 1800*, ed. Paul Kratoska. Londres: Routledge.





# LÉXICO FATALUCO— —PORTUGUÊS

**(Primeira Parte)**

ALFONSO NÁCHER



# INTRODUÇÃO EDITORIAL

## NOTA BIOGRÁFICA

Entre os missionários de Timor a quem o sentido de catolicidade abriu os olhos à beleza e ao potencial literário dos idiomas vernaculares destaca-se Alfonso Nácher, sacerdote da ordem de São João Bosco. Alfonso María Nácher y Lluesa nasceu em Valência, Espanha, a 24 de Maio de 1905 e faleceu 94 anos depois, no dia 10 de Maio de 1999, em Fatumaca, Timor-Leste. Vinha de uma família de dez filhos, quatro dos quais dedicariam a sua vida à vocação salesiana. Educado em Valência, preparou-se para o sacerdócio prosseguindo estudos teológicos em Campello, Madrid e Barcelona, e recebeu a ordenação sacerdotal a 21 de Maio de 1932 em Gerona. Três anos antes fizera a sua profissão perpétua em Mataró perante o Padre Josep Calasanz, o provincial salesiano que veio a ser martirizado na Guerra Civil Espanhola.

Durante esse grande conflito o Padre Alfonso trabalhava na Catalunha, empenhado na difícil tarefa de formar uma juventude autenticamente cristã num ambiente de violência e de fratricídio. Entre os anos 1941 e 1942 cursou ciências naturais na Universidade de Saragoça e seguidamente na sua cidade natal de Valência. Em 1945 os seus superiores transferiram-no para Mogofores em Portugal, onde desempenhou, durante sete anos, o cargo de mestre de noviços. Depois, enquanto director do Colégio de Santo António no Estoril, foi nomeado confessor da família real espanhola exilada em Portugal. O monarca actual da Espanha, Dom Juan Carlos, ainda recorda com carinho os seus encontros com o Padre Alfonso durante os anos de exílio.

Em 1955 o Padre Nácher ofereceu-se como voluntário para a missão salesiana em Timor e desembarcou em Díli no dia 2 de Março daquele ano. O seu trabalho de superior da missão de Fuiloro, no concelho fatalucófono de Lautém, abrangia a direcção do colégio local. Permaneceu em Fuiloro até 1968, ausentando-se apenas por um período de dois anos entre 1960 e 1961 quando, a pedido do bispo de Díli, Dom Jaime Garcia Goulart, se encarregou do Colégio de Santa Teresinha em Ossu. Em 1968 o missionário espanhol sucedeu ao Padre João de Deus como responsável da Missão de Baucau, exercendo ao mesmo tempo, e por um período de dois anos, a função de delegado do provincial salesiano de Portugal.

O afamado colégio salesiano e escola de ofícios de Fatumaca, uma aldeia situada nas montanhas a sul de Baucau, esteve sob a direcção do Padre Alfonso Nácher desde 1973 até 1979, o período traumatizante em que se assistiu ao fracasso do processo de descolonização no Timor Português, à violenta guerra civil e à sangrenta invasão indonésia. Entre os anos 1979 e 1982, quando as autoridades indonésias obrigaram a população animista da 'província vigésima-sétima' a adoptar uma religião oficialmente reconhecida pelo Estado, o Padre Alfonso e os seus confrades da missão de Lospalos tiveram que preparar para o baptismo cristão milhares de Fatalucos que tinham escolhido o catolicismo (naquela época os gentios constituíam 64% de uma população regional de 32.021).

Em 1983, ainda vivaz e activo apesar dos seus 78 anos, o Padre Alfonso voltou a Fatumaca como mestre de noviços, sucedendo ao Pe. Carlos Filipe Ximenes Belo, que o Papa João Paulo II acabara de nomear administrador apostólico da diocese de Díli. Terminada essa função dois anos depois, pôde então dedicar-se ao ensino, sobretudo da matemática e do inglês.

Aos 87 anos de idade, no dia 24 de Maio de 1992, o Padre Nácher festejou o jubileu de diamante da sua ordenação. Nos sete anos que se seguiram e até falecer, o idoso missionário, embora afectado por senilidade progressiva, nada perdeu da sua vivacidade e bondade. Onde quer que fosse era imediatamente reconhecido pelo seu físico ainda atlético, paradoxalmente combinado com uma longa e branca barba. Quando morreu, foram recordadas com afeição a sua generosidade de espírito ("ele nunca acusou ninguém de nada", comentou o confrade Pe. Luigi De Pretto), o seu modo de ensino exemplar e inspirador, a sua inesgotável bondade para com os pobres e os aflitos e a sua profunda devoção à Santíssima Virgem, Padroeira e Protectora de Timor-Leste. "Dizer sim foi sempre a minha divisa", dizia o Padre Alfonso a respeito da sua perspectiva —classicamente mariana— de religioso e missionário.

Como tantos catalanófonos, o Padre Alfonso era um linguista dotado. Colaborou com frequentes artigos nas edições espanhola, portuguesa e italiana do Boletim Salesiano, e não se contentando com o seu óptimo conhecimento do tétum, esforçou-se por dominar os idiomas papuas dos Fatalucos e dos Macassais, para os quais não existia qualquer material pedagógico. O resultado prático desta iniciativa foi o dicionário de fataluco, tétum, macassai e português que ele completou em Março de 1984, fruto de numerosos anos de estudo. O manuscrito foi revisto em 1992.

## O MANUSCRITO NÁCHER

No decurso de uma visita à Missão de Fuiloro em Dezembro de 1994 tive a honra de conhecer o Padre Alfonso. No momento da minha partida o Padre Joseph Vattamparil SDB entregou-me uma preciosa cópia do dicionário quadrilingue — e ainda inédito— do estimado confrade, pedindo-me que me encarregasse da sua publicação na Austrália. Embora as minhas circunstâncias pessoais não fossem favoráveis a tal empreendimento, consegui preparar em 1995 —disfrutando dos tesouros lexicais da obra— um pequeno abecedário para crianças nas línguas fataluco e tétum (*ABC Fatalukunu*). Nos anos seguintes a minha proposta de editar o *opus magnum* de Alfonso Nácher teve de ceder à necessidade mais imperativa de dar ao povo timorense e aos seus amigos um dicionário moderno da língua tétum e outros materiais para a aprendizagem e o ensino da língua nacional, até então reprimida pelo regime de Suharto.

Este ano, com a autorização e o estímulo do actual Superior dos salesianos em Timor-Leste, o Pe. Andrew Wong SDB, temos o imenso prazer de apresentar ao público uma edição da primeira metade dos componentes fataluco e português do volumoso manuscrito de 275 folhas (letras A a L), incluindo todas as glosas de língua macassai apresentadas na terceira coluna de cada página. A segunda parte do dicionário aparecerá no próximo número desta revista. Infelizmente, limitações de espaço obrigaram-nos a omitir a maior parte das traduções tétum dos verbetes e expressões em fataluco. No entanto, estes elementos da obra não serão desperdiçados, pois vão ajudar o Instituto Nacional de Linguística na elaboração de um vocabulário de tétum e fataluco, tarefa prioritária numa altura em que está em apreciação a possibilidade de elevar o fataluco (como o baiqueno de Oecusse-Ambeno) ao estatuto de língua semi-oficial em Timor-Leste.

## CARACTERÍSTICAS GERAIS DA LÍNGUA FATALUCO

O fataluco é a mais oriental das línguas de Timor, e um dos quatro idiomas (com o macassai, o macalero, e o búnaque) de origem papua-bomberóide como os vernáculos das ilhas indonésias de Álór, Pântar e Pura. Tem cinco dialectos (os de Tutuala, Lorehe, Lospalos, Lautém e Serelau, este último influenciado pelo macassai), e há falantes de um dialecto fataluco em duas aldeias (Oirata Timur e Oirata Barat) na parte meridional da ilha indonésia de Kíssar, a apenas

22 quilómetros da costa nordeste de Timor. Os verbetes fataluco do manuscrito Nácher foram recolhidos do dialecto central de Lospalos e Fuiloro, com algumas raras referências a divergências do dialecto de Lautém.

A língua fataluco apresenta um sistema fonológico relativamente pobre, com cinco vogais (*a e i o u*), mas apenas treze consoantes: duas labiais (*p m*), duas labio-dentais (*f v*), cinco alveolares (*t s l r n*), uma palatal (*c*, com alofone *j*), uma velar (*k*), e duas glotais (*h '* ). Consoantes estranhas ao fonetismo nativo podem estar presentes em empréstimos do português e do tétum. O apóstrofe representa, como em tétum, a oclusiva glotal [ʔ]; porém este som tem em fataluco uma articulação menos enérgica do que em tétum-téric ou galóli. O fonema grafado /v/ pronuncia-se [v], [ʋ], [β], ou [w] segundo as localidades; um exame da distribuição geográfica destas variantes será um dos objectivos principais de futuros estudos dialectais.

Na presente edição, os erros tipográficos do manuscrito foram corrigidos tanto quanto possível, e a ortografia portuguesa foi rectificada: é evidente que a máquina de escrever usada na produção do manuscrito não dispunha de acentos gráficos para além da cedilha. Com respeito à ortografia dos vocábulos fataluco a única mudança editorial que impusemos foi a substituição do dígrafo *tj* (representando a medio-palatal surda [c]) pelo grafema /c/ do alfabeto timorense comum hoje promovido pelo Instituto Nacional de Linguística, daí *tjipitjipi* [cipicipi] ‘flores’ > *cipicipi*, *hitjine* [hicine] ‘lado’ > *hicine*. O fataluco é aparentemente uma língua de acentuação complexa, com numerosas formas proparoxítonas (palavras esdrúxulas como *cipícipi*), e uma certa labilidade do acento tónico (pelo menos em certos dialectos) —mais um fenómeno por investigar com rigor científico. O manuscrito infelizmente não indica em nenhum caso o acento tónico, e dado o estado ainda embrionário dos nossos estudos sobre esta língua, não presumimos remediar este defeito.

A morfologia do fataluco, embora relativamente simples e assimilada em grande parte à da área linguística timorense, conserva algumas características tipicamente papuas, tais como a ordem sintáctica *sujeito + objecto + verbo*, o uso de pós-posições em vez de preposições, um sufixo instrumental *-m* (extendido a objectos nominais quando o verbo expressa uma actividade manual), e o marcador pleonástico de objecto directo pronominal *n-* que se prefixa ao verbo.

Um mérito particular da obra é a riqueza de notas e referências culturais, com esclarecimentos interessantes acerca dos costumes e instituições indígenas testemunhando a importância que o Padre Nácher justamente dava aos aspectos antropológicos da pesquisa linguística. Aqui temos um verdadeiro tratado de filologia, isto é de linguística correctamente aplicada ao seu contexto humano e social.

Que as páginas que se seguem sejam um monumento aos estudos que o Reverendo Padre Alfonso María Nácher y Lluesa fez com tanto amor. A sua memória permanecerá indelével no coração de muitos Timorenses. *Requiescat in pace.*

Geoffrey Hull

—

Abreviaturas

tét. = tétum

mac. = macassai

fat. = fataluco

mal. = malaio

port. = português







- a**, eu: ~ *ina ta'a navare*, sei o que digo; ~ *nim apanave*, autodidática, aprender sozinho; me; meu: ~ *palu*, meu pai
- a**, ter; em
- a = e**
- a'a**, ensaiar; apalpar: ~ *vaure*, ensaiamos a dança; *afa muhar ~ numunoro*, nós morremos de fome
- a'a**, por cima
- a'a-ca'a**, imitar [mac. *migini*]
- a'a-cane**, chegar, chegar-se; chocar: *ete nita n~*, as árvores estão a bater uma com outras [mac. *taga tadula*]
- a'a-ce'e**, parábola, semelhança; provar: *faru n~*, experimentar o fato, a camisola
- a'apa'i**, experimentar: *kuca n~*, experimentar o cavalo; *pola ciele ~*, treinar-se no jogo de bola; *pala n~ nu fa'i*, não imites ou faças isso outra vez; *i hini ~*, imitar
- a'a-hucene**, apalpar; ir às apalpadelas no escuridão: *alivana mucupela'a ~*, entrar na habitação às apalpadelas; *fanu ~*, passar a mão pelo rosto [mac. *gatagama*]
- a'a-laku**, deitar para encher; aumentar (líquidos); deitar por cima; *cau-le'u valikasa ~*, o cabelo monta por cima das orelhas
- a'a-mohove**, doente; engripar-se
- a'a-more**, por encima: *cicika ~*, pôr sobre os ombros; *mani ~ somone la'a*, levar sobre o pescoço (ombros); *lipa mani ~*, pôr a lipa ao pescoço; *etem cicika ~*, pôr o pau ao ombro
- a'a omoke**, com esmero, com muita atenção, sem distrair-se; criança que não fala: *kerekere n~*, escrever com cuidado
- a'a-pale**, apalpar (de dia, na luz)
- a'a-pue**, espreitar, espiar
- a'a-rahe**, maravilhar-se, admirar: *i lukulukun n~*, maravilhar-se no que disse
- a'a-ruka**, aumentar, empalmar: *sorot asam nita ~*, colar dois papeis; ~ *fa'i*, fazer arcos com folhas (nas festas triunfais)
- a'a-saki**, cortar ao meio: *aca ~*, cortar a galinha ao meio
- a'a-suke**, sair
- a'a-surure**, enfiar, espetar: *anukaim caruma ~*, enfiar a agulha
- a'a-vaiake**, pendurar, suspender [mac. *namado*]
- a'avaiamai**, cabide
- a'avare**, visitar: *lee-mocor ~*, visitar a família
- acau**, por cima [*gua daru*]
- a'ane**, ter muito; que está/que sempre tem **vari a'ane**, eterno; sempre: *lauhana ~*, vida eterna; *ale vacu ~ naraere*, remexer o nele que está ao sol
- a'ate**, agudo, afiado: *i valik h~*, aresta aguda
- aca**, fogo: ~ *tina*, acender o fogo; ~ *m ahute*, atizar o fogo; ~ *apacuneve*, soprar no fogo; ~ *ece*, apagar o fogo; ~ *tana*, arde, brasa ~ *ututefe po akam tana*, sopra no fogo, mas não arde; [mac. *ata*]
- aca-hoana**, chama, labareda [mac. *ata-lee*]
- aca-tapinu**, fumo [mac. *ata-guru*]
- aca-tananu**, **aca-nonoku** brasa: *aca-nonok na n-isa*, assar no borralho
- aca-iri**, lareira, escorar com uma pedra [mac. *ata-lia*]
- aca-a'anapu**, centelha [mac. *ata-tafu*]
- aca-acapa'i**, importunar; importuno, maçador, importável, incomodativo; fazer troça: *afi lanura afi ~*, nosso vizinho é muito maçador
- aca-kaka (lafur-teinu)**, fogo sagrado, fogo maior ou primeiro

## aca

**aca**, galinha; ~ *ere*, enxotar as aves  
[mac. *asa*]

**aca-lee**, capoeira

**aca-le'u**, pena de galinha

**aca-vari**, ninho de galinha  
[mac. *asa-vari*]

**aca-ucu**, ovo: ~ *ucum alaku*, deitar  
sorte com um ovo na ereição  
duma casa [mac. *asa-va*]

**aca-isile**, luta de galos

**aca-ahi**, coruja

**aca'a**, contar; guiar, manifestar: *ratan* ~,  
manifestar em parábolas; ~ *rahukani*  
*evene*, conta até cém; *matar n*~,  
conta as pedras; *Jezús em afi n*~ *ta*  
*afi ocava hini nerepa'i*, Jesus ensinou-  
nos a seguir a vontade de Nosso  
Senhor; *em* ~, ensina-o, mostra-o  
[mac. *sura*]

**aca-aca**, tampão de concha do mar

**acacene**, receber uma coisa com a mão  
virada para cima; amparar assim uma  
coisa que cai [mac. *tiana*]

**acake**, importar; dizer respeito; pertinente;  
dote: *ufur ali lauhe i raunu* ~, os dotes  
pertinentes aos corpos gloriosos

**acaku**, ter ocupação, a fazer: *ana ina* ~?  
que me importa a mim?; *en ina* ~?  
para que serve isto?

**acakupa'i**, perverter; fazer culpar, fazer  
infringir o dever: *Luis ta an* ~ *an akam*  
*tempu narohe*, Luis me fez culpar em  
não chegar a tempo;

**acame**, acolher, aceitar; receber (no  
acto em que se fala): *umani-t cele*  
*pura lavan* ~, quem vende milho  
recebe dinheiro; *tara cenen* ~ *prémiau*,  
receber o prêmio [mac. *tiamé*]

**acamire**, sentar-se; espera; assistir,  
ajudar no parto da mulher: *a fanu* ~,  
senta à minha frente; *ana hin nelehu* ~,  
esperar o marido que está longe

**acanamai**, sustentar para não cair,  
segurar: *armáriu* ~, ampara o armário

para não cair

**acanatana**, estar ao serviço, prestar  
serviço; criado

**acanate**, servente, criado

**acanatatu**, servir; amparar

**acanatatu-teinu**, sacristão

**acane**, bastar, chegar, ser suficiente:

*lavan akam* ~, o dinheiro não chega;

*iparu hai* ~, o cão já é velho (já fez o  
seu papel); *ete hai* ~, a árvore já deu o  
que devia; *ma'ar hai* ~, homem velho  
(que já cumpriu a sua missão); e *fanu* ~,  
diante de ti

**acanehere**, servir: *misa* ~, servir  
a missa

**acaneherana**, serventes, escrevão às  
ordens do chefe [mac. *tiana ere*]

**acanu**, tenro, não muito duro: *cele*~,  
milho já bom para assar [mac. *dukulu*]

**acapa'i**, caçoar, estorbar o trabalho,  
brincar com aquele que trabalha

**acapa'ipa'i**, gozar de outrém;  
acusar; fazer pouco da gente  
[mac. *gata negini*]

**acapale**, aguentar com a mão uma  
coisa pesada; pôr a mão ao lado da  
orelha para ouvir melhor

**acapepe**, namorar; cópula

**acare**, **acaru**, bruxo, lobisomem: *e* ~!  
és um bruxo (o pior insulto); ~ *natane*,  
consultar ao bruxo

**acaru-ane**, bruxaria; embruxado:

*irin en* ~, este bosque tem bruxos

**acataa** = **aca'a**

**acavaikana**, apelido

**acavaiake**, pendurar em  
[mac. *gata doi*, *gata kala*]

**acavaima'a**, admirar, ficar boquiaberto

**acavate**, ecoar, cantar ao desafio

**acavatu**, eco [mac. *sobu-obu*]

**ace'e**, indagar, perguntar o preço: *lau*  
*i hira n*~, perguntar o valor do pano;

*tava* ~ *hinua*, para o experimentar

**acene**, acender: *lampum* ~, acender a

- lâmparina; *tava pacum* ~, ele acende a vela
- aceru**, chamar-se
- aci**, ver; achar, encontrar, ver, observar; evitar; acontecer; conseguir [mac. *nela'a*]
- acinu**, visão
- acita'a, aci ... ta'a**, dizer (a uma pessoa): *ana ma'u e naci hoponi ta'a*: vim dizer-te meu pensamento; *tava aci ta'a*, diz a ele
- acia**, dizer palavras feias, pragas: *tapa alinei* ~, não rogues mais pragas
- acile**, nó; atar, fazendo um nó: *tarum* ~, nó na corda; ata
- acicene**, dar: *patakam* ~, dar uma pataca; *tanam* ~, dar a mão [mac. *ma gin*]
- aciele**, calcar: *kautu n*~, calcar o saco
- aciti**, açular, incitar (cães) [mac. *gata suri*]
- acitore**, ameaçar
- acu**, par, igual: *ivi* ~, como isto, chega a isso; *i* ~, de todas as partes
- acu-ina**, igual: *akam* ~, não são iguais
- te ... acu**, tanto ... quanto: *ira ivi acu te afa aci*, tanta água quanta vimos
- acu-kehe**, contar pro igual (tanto quanto)
- acucu-vere**, emprestar igual
- acutevere, acutevereria**, do mesmo tamanho: *sorotu nita* ~, os cadernos são iguais
- acu-acu**, desordenado, mal arrumado: ~~~ *laku*, deita de qualquer maneira, espalhado [mac. *galilaku*]
- acu-acune**, por toda a parte
- aculare**, sentar-se; atirar, lançar: *corom* ~, atirar a lança
- acuca'a**, espalhar uma notícia [mac. *gali lolo*]
- acue**, indicar, apontar com dedo [mac. *gausisu*]
- acumere**, melhorar; convascente
- acukepa**, barrigudo, pançudo
- aculare**, lançar, atirar
- acunu**, embrulhar
- acupela'a**, rastejar
- acuru**, laco: marsupial pequeno de Timor
- adavari**, ninho de galinha (fala-se nas partes vizinhas de Sokolori/Mahina)
- a'emu**, bocejar: *reza fa'i* ~, não bocejes na oração
- afa**, nós (sujeito): ~ *la'a afi ia vahu*, vamos lavar os pés; nosso: ~ *kam una*, nós não comemos; ~ *ina acake?* que nos importa a ti e a mim? [mac. *fi*]
- afarika = hafarika**
- afatula**, bambu (não grosso) [mac. *maeri*]
- afi**, nós (complemento): *tava* ~ *paha*, ele bate-nos; *em* ~ *ina*, dá-nos; nosso: ~ *Ocava*, Nosso Senhor; ~ *faru*, nossos vestidos; *tava* ~ *ia vahu*, ele nos lava os pés [mac. *fi*]
- afi-hini**, *pron. poss.* o nosso: *sorot en* ~, este livro é nosso; *lee eni* ~ *hini*, esta casa é nossa
- afiru**, nós (nas afirmações enfáticas, respostas solenes): ~ *afi pal hai numu*, o nosso pai já morreu
- afoile**, ameaçar: *tapa* ~, *tapa apaha*, não ameaces, não batas
- ahae**, tear, urdir: *lau* ~, tecer; *lau miri* ~, tecer pano novo
- ahafene**, viveiro: ~ *tapi kokote*, o viveiro cresce muito
- ahahale**, elegante: *a ulavere e tapi n*~, vestes muito elegantemente; tenro (= tét. *lotuk*)
- ahaku**, com desleixo
- ahakup'a'i**, aldrabar, aldrabice
- ahale**, murmurio de bruxedo; *lfvgfukulukun* ~, murmurar palavras incompreensíveis; *sosokina* ~, leproso incurável
- ahalene**, despejar [mac. *alini*]
- ahani**, meu; o meu: *sorotu en* ~, este livro é meu

## ahaku

**ahaku**, com desleixo, com descuido  
**ahar**, mandar, remeter, encarregar;  
como, para: ~ *ma'u*, fa-lo vir; ~ *la'a*,  
enviar, mandar embora; ~ *para*,  
manda-o parar; ~ *una*, mandar comer;  
~ *rau*, dizer bem, aprovar; ~ *kapare*,  
reprovar; *mokomokor* ~ *la'a servisu*,  
mandar os rapazes para o trabalho;  
*tava ta'a e n~ kuca anahe*, diz que  
vás tu procurar o cavalo; *kinamoko*  
*en* ~ *lee mara*, manda este rapaz  
para casa; ~ *ukani*, diz que só um  
[mac. *asar*; *gafu*]

**ahé'e**, entupir: *tutufa hai* ~, a zarbatana  
entupiu-se

**ahi**, sagrado; fonte onde só podem  
ir os homens, onde não se brinca  
[mac. *falun*]

**ahin**, de mim: ~ *icakaile*, tem  
compaixão de mim [mac. *ani ere*]

**ahinaku**, pus, matéria [mac. *deta, ane*]

**ahirene**, reter, não querer restituir;  
recusar, resistir; negar: *kaneta* ~,  
não querer restituir a caneta; *alivana* ~,  
recusar habitação; *lanura lere* ~,  
não deixar ler ao companheiro  
[mac. *gi sirini*]

**ahoru**, levar: ~ *la'a...mara*, levar contigo;  
~ *nelu mara*, leva-me para o céu; ~ *la'a*  
*lee mara*, leva-me para casa

**ahu**, para: *tava* ~, para ele; *liurai* ~  
*lee fa'i*, fazer uma casa para o céu;  
*tava* ~ *kareta tapule*, comprar para  
ele um carro; *en* ~, isto é para ti,  
*an* ~ *pema'u*, aproxima-te de mim;  
~ *pela'a*, aproxima-te de... (indo);  
~ *pema'u*, aproximate de... (vindo)  
para cá: *tavan* ~ *ceru*, chama-o  
[= tét. *bolu nia ma*]

**ahuca'a**, prometer; dizer com firmeza:  
*Uruvacu* ~, promete a Deus; *hai aia-*  
*ira ece*, *ana ucu-pacu* ~, há dois anos  
prometi uma vela

**ahucene**, oferecer; apontar, fazer

pontaria: *apoinum* ~, oferecer  
comida; *foum olo* ~, apontar a arma  
no passarinho

**ahuceru**, chamar perto de si:  
*tava n~*, chama-o

**ahute**, pôr lenha ao fogo; atijar o fogo

**aia**, chuva: ~ *hai nupe*, já não chove  
mais; ~, *tarute uta?* quando choverá?  
*aia mucun* ~, chove dentro (da casa);  
*ula* ~ *akam uta*, talvez não chove;  
~ *tutu uta*, próximo a chover  
[mac. *ae-uta*]

**aia-ira**, ano: ~ *unu*, um ano; ~ *eni*,  
este ano; *hai* ~ *ira ece akam uta*,  
já há dois anos que não chove

**aia-lau**, capote, impermeável  
**aia-lelehira**, nome de petição de  
chuva tradicional

**aia-pari**, temporal

**aia-mu'u**, uma qualidade de  
bananeira

**ailoru**, chuva prolongada

**aia-uta**, chuva

**aianu**, fruto anual

**aicenia**, por enquanto

**aikosi**, fósforo [mac. id. < tét. *ahi-kose*]

**a'ile**, apanhar: *e* ~, apanha isto; *tapi*  
*lafane ceru*, *po serika* ~, muitos os  
chamados e poucos escolhidos; *aca* ~,  
apanhar lenha (que está perto); *e* ~,  
apanha isto; *sorotu-asa* ~, apanha  
os papeis; *ale* ~, escolhe o arroz  
[mac. *mel*]

**a'ilana**, os escolhidos

**ailolole**, embalar: *nalu hin moco* ~,  
a mãe embala seu filho [mac. *boibo*]

**aimoruk**, fermento

[< tét. *ai-moruk* 'medicamento']

**a'ire**, ralar: *curuk* ~, ralar o limão;  
*vata* ~, ralar coco [mac. *keukeu*]

**a'ia'iru**, ralador

**airene**, negar-se a dar, não querer dar  
**aitén**, agora

**aka**, papão (de Luarai de forma

- humana, de só meio metro e coberto de pelos).
- akafale**, aproximar, encostar: *ete n~*, encostar um pau na árvore
- akahe**, azedo; dolorido: *culu ~*, Joelho dolorido [mac. *aga'a*]
- akaakahe**, um pouco azedo; reumatismo
- akale**, reparar, pôr as ripas: *lee ~*, pôr ripas na casa; *tari ~*, pôr ripas na cerca
- akalana**, ripa [mac. *fale*]
- akalfa'i**, apertar; obrigar, forçar
- akam**, não; nunca: *leura ~ asise*, a carne não é dura; *~ ma'ar mahane*, libertino, não tem medo da gente; *~ ma'ar oriorine*, não mente, infalível; *~ eva'ane*, diferente; doutro modo, não é isto mesmo; *~ i hiaru*, descostumar, não é tradição; *~ navar Misa vari*, não sabe ouvir Missa; *~ kenine*, desinquieto; desinquietar; *~ rata*, não demora, instantâneo; *~ suare*, desonrar; *~ ti'ile*, *~ ci'ile*, impune: *O'osina ~ ti'ile tifare*, o ladrão safou-se; *~ umu*, não morrer; *~ vari*, não ouvir; desobediente, indisciplinado [mac. *nokonoko*]
- akam ono**, *akaono*, ainda não: *~ sarani*, gentio; *rohon ana ~ malusuke*, antes de eu nascer [cf. tét. *seidauk*]
- akam acuina**, não chega a, menor: *sorotu-asa en akam un acuina*, este papel é menor que outro
- akamrata**, em pouco tempo, rapidamente [= tét. *lakleur*]
- akamumu**, imortal: *huma'ara ~*, a alma é imortal [= tét. *mate-laek*]
- akanu** (pl. **akanere**), servo, criado [mac. *anu*]
- akare**, matar entre as unhas (pulgas, piolhos)
- akehe**, contar
- akina**, rijo, sólido
- akoleve**, abraçar [mac. *kolo*]
- aku**, fezes, excremento [mac. *atu*]
- aku-cau**, estômago
- aku-iraira**, diarreia [= tét. *tee-been*]
- aku-le**, retrete, sentina
- aku-mokoru**, intestino delgado, tripas [= tét. *tee-oan*]
- aku-puhu**, barriga [mac. *atu-busu*]
- aku-rétinu**, chouriço
- akuse**, evacuar, fazer as necessidades: *vehe me ~*, diarreia com sangue [= tét. *tee-raan*]
- aku'a**, descontar
- akusina?**, como?
- alahu**, bosque onde se faz a horta [< mal. *alas*, cf. mac. *ala*]
- alaka**, palmo [mac. *tana-laka*]
- alakare**, passo
- alanu**, raiz comestível semelhante à mandioca que geralmente se encontra nos bosques.
- alaru**, acácia de flores brancas, apetedidas pelos veados e de vagens delgadas e compridas (o *ai-turi* do tétum).
- alavere**, provar
- ale**, arroz: *~ pala neure*, fazer a várzea com os búfalos; *iram ~ pala namore*, pôr água na várzea; *~ tafa*, descascar nele no pilão; *~ cica*, ceifar o néle; *~ fahu-vari*, arroz com casca; *~ hai tafa*, o arroz já está descascado, pilado; *~ tiele*, pisar o néle, debulhar; *~ hucafano*, arroz pilado 2º vez para estar mais branco; *~ fatunu*, arroz cozido; *~ lava*, arroz falhido, chocho [mac. *resa*]
- ale fahu-vari**, arroz com casca
- ale-amu**, arroz graúdo
- ale-pitinu**, arroz branco
- ale-macenu**, arroz pronto para comer
- ale-cica**, colheita de arroz
- ale-mani**, espiga de arroz [mac. *resa-mani*]

## ale-papa

**ale-pala**, várzea: ~ *neure*, fazer a várzea com os búfalos [= tét. *halai natar*]

**alekuu**, cogumelo

**ali**, repetir; de novo: *tapa ~ itiele*, não voltas a pisar; ~ *kesare*, reclamar de novo (justiça); ~ *la'a*, continuar o caminho, voltar; ~ *pura ana nacun unu manane*, quando revendo ganho alguma coisa; ~ *uhuca'a*, repetir o dito, redizer, diz outra vez [mac. *mun*]

**ali-hahale**, primavera

**ali ehefe**, reconhecer: *ana a kuca ~ hefe*, reconheço meu cavalo; *ana aci, ana ~ ehefe*, se o vejo, reconheço-o; ~ *liare*, degenerar (virar)

**ali fa'i**, repetir, renovar, refazer

**ali lauhe**, resuscitar, recuperar os sentidos: *afa naunuku ~ nura lauhe*, todos nós resuscitaremos

**alim ina**, restituir (dar): *alim i ocava ina*, devolve a seu dono

**ali aca'a**, contar outra vez, verificar de novo: *sorotu ~ na'aca'a*, verifica outra vez o livro, revê no livro

**ali naci**, rever, recuperar, encontrar: *kuca ali naci*, encontrei o cavalo

**alim raunupa'i**, reparar, recompor: *lee ~*, refazer a casa

**alinei**, outra vez, na próxima ocasião: ~ *mane*, põe outra vez; ~ *ane*, outra vez terás; ~ *ta'a (~ ca'a)*, redizer, repete o que disseste [mac. *teni muni*]

**alinu = alinei**

**alini**, depois: *e fa'i, ta i ~*, faz isto, depois aquilo

**alivana**, lugar; habitação; assento; quarto: *Uruvacu ~ naunuku na'e*, Deus está em toda a parte; ~ *me naca'a*, diz qual é a habitação [mac. *guawein*]

**taian-alivana**, cama, lugar onde se dorme

**alivana-kapana**, inferno

**alouke**, chegar (o dia): *vaci ~ tu hai*

*imire*, chega o dia de dar à luz

**alutu**, pau para pilar: *tupur-moko akam ~ hulen ale tafa*, a moça não pode com o pau para pilar o néle [cf. mac. *ala*, tét. *alun*]

**amace**, manjedoura (dos animais)

**amake**, recolher, juntar (com as mãos); torna aos punhados; arrancar erva com a catana; apalpar: *ote-mina ~*, apanhar o amendoim [mac. *amará*]

**amarua**, gêmeos: ~ *nita fanu-fanu*, os gêmeos são muito parecidos [mac. *a'ala*]

**amesene**, mostrar-se, aparecer: *Nosasinora cuma ere n~*, Nossa Senhora pareceu aos Pastorinhos [mac. *nedane*]

**ami**, leite: ~ *nava*, mamar leite; ~ *tutu*, mamar leite (saborear); *ami n~*, amamentar, dar de mamar; ~ *vece*, tirar leite [mac. *am*]

**ami-puhu**, úbere, mama

**ami-kafu**, teta

**amini**, encostar

**áminu**, piolho: *amin akare*, catar piolhos; *kinamoko en i h-amin nau hefana*, este menino tem muito piolho [mac. *am*]

**amin-oko**, que tem muito piolho

**amin-ucu**, ovo de piolho, lêndea: e *cau na'e ~ nau hefana*, tu tens muitas lêndeadas na cabeça

**amire**, sentar-se: *kacera n~*, sente-se na cadeira; *kuca-kuca n~*, senta-te no banco [mac. *eimi*]

**amiru**, asa: *olo amir lohái*, as asas da ave são compridas [mac. *lia*]

**huma'ara i amiru**, razão,

entendimento, asas da alma

**amohove**, doente: *e n~ ana?* estás doente?; *a n~*, estou doente

**amore** (pl. *amorana*), viga, trave: *lee en ~ pali-pali*, esta casa não tem traves

**amoromoro**, ralhar: *nami en vari ~*,

este homem está sempre a ralar  
**amu**, fruto; tubérculo, polpa, semente (maldade): *tahanen ~ vale*, com paciência obtêm-se frutos; em ~ hai molu, perderam-se as tuas obras, o teu coração [mac. *amu*]  
**kalukalahu-amu**, tubérculo da juncia  
**ilahu-amu**, a batata doce  
**vata-amu**, copra, polpa do coco: *vata hai namu, ana?* O coco já tem polpa?  
**tana-amu**, polpa dos dedos  
**amu-pata**, celeiro, a parte mais larga do tecto da casa  
**amue**, ter fruto; cheirar: *cele hai n~*, o milho já tem maçaroca; *cipicipi n~*, cheira a flor  
**akam amue**, infrutífero  
**amua**, recalçar, entulhar: *cele n~*, cultivar o milho recalçando o pé com terra  
**amuhoru, amusoru**, cheirar, farejar: *ipar hin ocava ~ naci*, o cão encontrou seu dono farejando  
**amuka**, trazer comida (para os animais): *olo mokor ~*, a ave traz comida para os filhos; *pai ~*, dar de comer ao porco  
**amukese = amuseke**  
**amukeve**, cheirando bem, provar o cheiro  
**amunae**, provar  
**amuseke**, cheirar mal: *tapa e fale, e n~*, não toques nisso, cheira mal [mac. *amu'u*]  
**amusekenu**, cheiro  
**amutu**, iluminar, aluminar: *veraka n~*, iluminar a gruta  
**ana, an**, eu: ~ *rau*, eu estou bem; ~ *eme*, eu tomo; ~ *la'a*, eu vou; ~ *hin palu eceremu*, lembro-me do meu pai; ~ *ahu*, para mim; ~ *naci*, olha para mim  
**ana-a**, meu: ~ *kuca ali hefe*, reconheço o meu cavalo

**anahe**, procurar  
**anahe**, buscar, procurar; investigar: *mucunana ~*, exame de consciência; *foehu mucu caruma ~*, buscar uma agulha na relva; *e kuca hai n~*, já procuraste o cavalo?; *mu'a aflu n~ po akam aci*, procurar por toda a parte mas não o encontrei  
**anahu**, procura, inquérito: ~ *pupue*, procurar com afa, com cuidado  
**anahu-ca'a**, adivinhar  
**ananahe**, procurar com ânsia: *pai ~*, buscar o porco todo aflito  
**anapa'í (= meanapa'í)**, preparar: *festam ~*, preparar a festa  
**anava**, provar, degustar (alimentos): *irafain n~*, provar o molho  
**ane**, ter, haver; posse; rico; existir, estar: *Uruvacu ipinaka ~? Ane!* Deus está nas estrelas? Está! [mac. *wee*]  
**anana**, bens, haveres, riqueza (plural de **ane**): *liurai i ~ tapi lafane*, os bens deste liurai são muito; *Igreja i ~*, *sakramentus*, a riqueza da Igreja são os Sacramentos  
**anekule**, odiar; ameaçar; ódio; raiva, ira; zangar-se: *mestre a tapi n~*, o mestre zangou-se comigo muito; *tava ma'avalin n~*, ele odeia os inimigos; Luís Jozé n~, Luís ameaçou a José [mac. *sisire*]  
**aneure**, afugentar  
**ani**, eu (em composição): ~ *ta la'a*, eu é que vou, vou eu [mac. *an*]  
**an-taru**, eu mesmo  
**anina-moko**, êxtase, visão; olhar fixo, para cima  
**anipo**, mas  
**aniru**, eu, eu mesmo (resposta afirmativa): *Umani tu eni ta'a?* — *Aniru!* Quem disse isso? — Eu! [mac. *an*]  
**anju**, anjo: ~ *un afi utune*, um anjo nos guarda  
**anju-utunana**, anjo da guarda

## anta

**anta**, até que [mac. *mege*]

**anuanuhe**, colérico

**anucute**, pedir licença: *~n lee mara*,  
pedir licença para ir a casa

**anukai**, fio; fuso; alinhavar: *tupur en ~*  
*í'i*, esta rapariga fia com o fuso;  
*~ en vari totote*, este fio parte muito  
[mac. *aele*]

**anukai-umu**, novelo: *~ lafai unu me*  
*ma'u*, traz o novelo mais grande  
[mac. *aeolomo*]

**anukai-mura**, desalinhar

**anupahe**, bastar, chegar justo

**anta**, até que

**a'ote**, encostar(-se)

**apa**, monte, montanha: *Timór i h~ lohái*  
*ia Tatamailau Ramelau i hini*, O monte  
mais alto de Timor é o Tatamailau do  
Ramelau; *~ i lalir afarika hicine*, no  
outro lado do monte; *~ i lalir hicine*,  
na fralda do monte [mac. *larí*]

**apa hoihoike**, serra; Montserrat

**apa-moko**, colina, outeiro

**apa-laliru**, encosta, ladeira, declive

**apa-letana**, vale: *~ en foehu nau*  
*hefana*: este vale é muito fértil;  
tem muito capim [= tét. *foho-leet*]

**apa, apame**, arrancar

**apacefele**, abrir (com catana): *koco ~*,  
abrir a parede para descer a noiva da  
casa no dia do casamento (tradição)

**apacuneve**, soprar no fogo

**apajete**, tornar-se pesado (ao levar)

**apalamai**, remendar, colar

**apale**, tocar, pôr a mão encima: *krizma*  
*na'e palu-sarani i moco n~*, no crisma  
o padrinho toca com a mão ao  
afilhado; *kaparana n~*, masturbar

**apame**, arrancar, extrair: *cele ~*, arranca  
o milho

**apanave**, aprender: *jen nim ~*, aprender  
sozinho, autodidática

**apane**, dentro: *mamanu ira ~*, os patos  
estão dentro da água

**apan aci**, profecia: *Don Bosku ma'ar*  
*lafan ~*, Dom Bosco fazia muitas  
profecias; *ina-haranu ma'ar ~*,  
o vidente é profeta

**apan-navare**, homem velho,  
experiente: *ana hain ~*, já sou velho  
(sei os montes todos)

**apanave**, aprender

**apani**, provar alimentos; paladar, sabor

**apanipani**, sôfrego; comer  
sofregamente

**apare**, recolher; arrancar: *vahin ~*,  
arrancar dente; *foehu ~*, arrancar  
ervas [mac. *amara*]

**apasono**, furar: corom pai ~,  
atravessa o porco com lança  
[mac. *sonu*; tét. *sona*]

**api**, peixe: *~ tahi palise*, o peixe nada  
no mar; *ira-veru en ~ pali*, esta ribeira  
não tem peixes [mac. *afi*]

**api-hafa**, espinha de peixe: *posi ~*  
*nava*, o gato come as espinhas

**api-ina**, panarício, unheiro: *~ en romo-*  
*romo*, este unheiro está muito mole;  
*~ en tapi petele*, este unheiro é  
muito duro [= tét. *ikan-matan*]

**apime**, pescar: *calam ~*, pescar com  
rede; *~ naile*, pescar vom anzol

**apimeme, apimemenu**, pescador

**apoinu**, comida

**apu**, com

**apuru, apur**, junto com: *~ la'a, ir*  
juntos, reunidos; *~ lauhe*, viver  
juntos, conviver; *~ ma'u*, vir em  
companhia; *uku ~*, entre espinhos;  
*nita ~ ma'u*, vir juntos, no mesmo  
tempo [mac. *gobe*]

**apure**, arrecadar, recatar: *aca ~*,  
arrecadar as galinhas (noite a  
noite); *tupur ~*, levar a rapariga a  
casa do noivo depois do barlaque  
e casamento

**ara**, toro, haste; princípio; para abaixo;  
verticalmente, apurado: *~ louke*,

- saltar para baixo, apear-se dum salto;  
 ~ *laku*, cair, apear-se; *ipinaka* ~ *laku*,  
 caiu uma estrela; ~ *louke*, ~ *luke*,  
 apear-se, saltar abaixo; *pali*, *hula*  
*pali*, sem princípio nem fim, eterno;  
 ~ *liliene*, deitar abaixo  
**lee-ara lata'ú**, baque da casa, soalho  
**ete-ara**, árvore [= tét. *ai-hun*]  
**cele-ara**, sulco de milho: ~ *neré*,  
 seguir o sulco do milho  
**ara-naci**, olhar para baixo; *la'an*  
*Kominaun semu* ~, ir a Comunhão  
 com olhar recolhido  
**arahu**, princípio, origem: *ete na'en*  
*taia*, deitar-se debaixo da árvore;  
 ~ *ca'a*, principiar a falar; ~ *kele*,  
 gargalhada  
**aracane**, cair; queda  
**moco-aracane**, aborto; abortar  
**arahe**, temer; medo  
**a'arahe**, maravilhar-se, admirar-se  
**arakafale**, cair  
**araki**, aguardente [< mal. *arak*]  
**arakule** (= **kukule**), gritar  
**aramahe**, apalpar; espremer  
**arame**, arame; telefone: ~ *a'aluku*,  
 falar por telefone  
**arane**, enxugar, secar: *faru* ~,  
 enxugar o fato  
**aranu (haranu)**, pólvora: ~ *en em*  
*lotu*, com esta pólvora faz-se  
 três cartuchos  
**vaihula-aranu**, vidro da janela  
**arapou**, búfalo [mac. *arabau*]  
**arapou-calu**, búfalo  
**arapou-nalu**, búfala  
**arapou-moko**, bezerro, novilhão  
**arapou-cau**, picareta  
**arapou-aku**, escremento do búfalo  
**arapou-ami**, leite de búfala:  
 ~ *maka'ana*, queijo, leite condensado  
**aratana**, peste, epidemia, doença:  
 ~ *ma'u*, *ma'ar lauhana lafanen umu*,  
 veio uma epidemia e morrera muita  
 gente [mac. *semi*]  
**arau**, caber: ~ *ana akam* ~? cabe ou  
 não cabe?  
**arauane**, debaixo; estar debaixo  
**aravei**, arco-íris: *fan* ~ *i toto*, olha para  
 aquele arco-íris; ~ *i kerekere lafane*,  
 as cores de arco-íris são muitas;  
 ~ *kaile*, o arco-íris é redondo; ~ *akam*  
*aufu*, o arco-íris não é completo  
 [mac. *sowara*]  
**arerehe**, troçar, escarnecer: *tapa*  
*katuasu n*~, não faça pouco do velho  
 [mac. *levara*]  
**ari**, fígado: ~ *ina panake ana?* dói-te o  
 fígado?; ~ *papakana*, fígado assado  
 (no lugar de caça) [mac. *ari*]  
**arohe**, apanhar; chegar-lhe; chegar a  
 tempo: ~ *po tapa paha*, apanha, mas  
 não batas; *akam* ~, chegar tarde.  
**aru**, monte de vénus [mac. *aru*]  
**aruka**, arco, argola: ~ *sisire*, enfeitar  
 arcos ou argolas [mac. *aruku* < port.]  
**aruka**, dever; aumentar: *lavan* ~,  
 aumentar o dinheiro;  
**arukanu**, devido; aumento: *lavan* ~,  
 o dinheiro que devo aumentar  
**arure**, chorar: *inahin* ~? porque choras?;  
*moco tapi n*~, filho choramingas  
 [mac. *iará*]  
**asa**, folha [mac. *asa*]  
**ete-asa**, folha de árvore; remédio,  
 medicamento [= tét. *ai-tahan*]  
**sorotu-asa**, papel, folha de caderno  
 [= tét. *surat-tahan*]  
**asasa**, tatuar; picar: *leura n*~, picar a  
 carne; *ratan na'e*, *Timor eluhe hin*  
*n*~, antigamente o timor gostava de  
 tatuar-se [mac. *data*, tét. *hedik*]  
**asarini**, **asarini**, muito fino; belo:  
*sorotu* ~, papel transparente, lindo  
**asavate**, eco [mac. *sobu-obu*]  
**ase**, adstringente  
**aseile**, esfregar; caiar, ungir; serrar:  
*koco n*~, caiar a parede; *ra'u n*~,

## aseiseile

- esfregar os pratos; *fanu n~*, enxugar o rosto
- aseiseile**, esfregar forte, serrar forte: *mu'a n~*, esfregar o chão; *ete n~*, serrar o pau [mac. *lo'i*]
- asi**, camarão: ~ *mee*, apanhar camarões
- asi-karanu**, a pata de pinças do camarão
- asi-ore**, catupa sagrada dos noivos; só pode abri-la quem for perito, pois é funesto cair algum grão...
- asiru**, sal: ~ *m sopa na'e*, põe sal na sopa [mac. *gas'i*]
- asir-lemesu**, acúcar: ~ *m kafe na'e koko*, remexe o açúcar do café [mac. *gasifani*, tét. *masin-midar*]
- asire**, salgar; temperar
- asise**, duro; rijo; robusto, forte: ~ *t Uruvacu tolune*, Quem é forte, Deus o ajuda; *hiaru ~*, carácter forte; inabalável [mac. *gele*]
- asisupa'i**, endurecer, tornar duro
- asisupa'inu**, fortaleza
- asisu**, veia: *leura en ~ ane*, esta carne tem muitos nervos
- asu**, pulga [mac. *tumu*]
- asuseke**, espetar
- asuvainu**, herói; dedo indicador; atirador, valente, destemido; famoso [mac. *asuwainu* < tét. *asuwa'in*]
- atane**, perguntar, interrogar, inquirir; julgar: ~, *lata te na'e*, pergunta onde está a povoação; *mestre akam ~*, *akam fanave*, o mestre que não pergunta, não ensina [mac. *seti*]
- atare**, rachar; escavar; arrombar: *mu'a ~*, arar; cavar; *petun ~*, rachar o bambu, espalmar o bambu; *cilafai ete unu ~*, o raio caiu numa árvore e rachou-a; *loha n~*, cava fundo; *aca ~*, rachar lenha; *valikuru ~ cipale*, dar uma bofetada solene [mac. *gatala*]
- atarana**, rachada, corte: *cau ~*, talhar a cabeça no Tei
- ate**, descansar, repousar; recreio; fazer; parar; estação; descanso: tarute a kaiare n~, quando canses, descansa
- ateus**, adeus; estreitar a mão (em sinal de aliança) [< port.]
- atu**, ventre, barriga [mac. *atu*]
- atu-kepa**, **atu-lafai**, **atu-na'e**, grávida
- atu-panake**, dor da barriga; cólica
- atu-popo**, barrigudo [mac. *atu-foku*]
- atu-futunate**, surpreender, assustar; pôr em fuga, repelir: *ma'ar o'ose-t ~*, surpreender o ladrão, fazer fugir o ladrão
- atu-tahane**, jejum: *n~ lar ece*, jejuar duas vezes
- atukuru**, dívida: *ana ~ vale*, anica akam tutu, não gosto de ter dívidas
- ature**, apanhar (fruta): *ote ~*, apanhar feijão; *maluhu ~*, apanhar bétel (para a máscara) [mac. *bug'i*]
- aufu**, **aufunu**, inteiro, completo; todo, tudo: *mu'u ~*, toda a banana; *mu'a ~*, em toda a terra; *mu'a ~ nanahe*, procurar por toda a terra [mac. *ufu*]
- aufu-na'e**, **aufune**, em toda a parte: *Uruvacu nau ~*, Deus está em toda a parte
- auhe**, gordo: *nami ~*, *tupur likalika*, o homem é gordo e a mulher magra [mac. *bo'uru*]
- aun**, próprio, pessoal: *tavaru ~*, deles mesmos
- a'uru**, cal: ~ *papake*, queimar as pedras para obter cal; *matar papake em ~ fa'i*, a cal faz-se queimando as pedras [mac. *loe*]
- a'uru-cacaru**, coral [mac. *lua*]
- ava**, pênis; agulhão: *savarika i ~ a sono*, picou-me o escorpião [mac. *awa*]
- avaiake**, avaiamai, pendurar [mac. *gata doi*]
- keikeilu-avaiamai**, **keikeile-avaiake**, cabide de pendurar a roupa
- ava'are**, visitar
- avari**, erguer, pôr em pé: *nau ~ la'a*,

ir de pé; passagem [mac. *etena*]  
**averire**, pendurar; selar (um cavalo)  
**avise**, rasgar, dividir ao meio, partir:  
*i hafarika* ~, rasgar pelo meio  
**azanu**, fruta que se come assada no  
Masule (ano novo).

Só se emprega nas palavras exóticas  
e nomes do resto de Timor. Os de  
Lautém —Fatalucos— transformam  
o *b* em *p*, como o deem *t* ou *c*,  
exemplo: bom dia > *pon cia*.

**ceceru cau tapun**, cabeça de ananás >



**acaku**

[Ed.: A letra fataluco C pronuncia-se *tch*]

**ca'a**

**ahu-ca'a**, prometer

**caca**, enxotar

**cacaru**, a'uru-cacaru, corais do mar  
(servem para fazer o cal)

**cacae**, convidar os amigos a fazer sua  
horta prometendo matar um animal  
[mac. *koiri*]

**cacau**, levar às costas [mac. *loe koiri*]

**cacereke**, refilante, malandro  
[mac. *ditoro*]

**caci**, tatuar [mac. *gamunu*]

**cai**, pederneira

**cainu**, isqueio; fusil, ferro

**cai-ina**, horta que já se semeou mais  
de duas vezes

**caia (taia)**, deitar-se, dormir; deitado  
[mac. *tia*]

**cailete**, impar

**cailetu**, desigual a outro; **Cailetu**,  
mês de Abril

**cainu**, isqueiro; fusil; ferro para chispar  
com a pedrinha pederneira

**cakuhu**, funil [< tét. *kuhus*]

**cala, cale**, rede (da pesca): ~ *hai vise*,  
a rede rasgou; ~ *m ranupa'i*, consertar  
a rede; ~ *pasike*, lançar a rede  
[mac. *dala*]

**calana**, o turturado

**capaku-calanu**, o turturar de tabaco

**calape**, obrigar

**calu**, avô [mac. *dada*]

**calafuru, calufuru** (pl. de **calu**),  
avôs; netinhos

**calitu**, caluve, avozinho

**camalu**, lado, flanco; do lado; telhado:  
*lee* ~, ao lado da casa; ~ *panake*,  
pontada no costado [mac. *gi lafi*]

**cana (= tana)**, esturrado: *ale hai nuku* ~,  
o arroz está todo esturrado

**cane**, (sufixo que indica cair, descer:  
*pola tali* ~, a bola passou-lhe

**vacu-mucucane**, pôr do sol  
**canu**, erva aromática parecida  
ao manjerico

**capaku**, tabaco: ~ *ceve*, fumar [< port.]

**capaku-sikaru**, sigarro

**caparuhe**, estrançar

**capuku**, plaina; caranguejo  
[mac. *sabilai, sabil*]

**capuke**, plainar [mac. *sabi*]

**capuru**, cozinha  
[mac. *dapuru*, tét. *dapuri*]

**carie**, limpar o pó golpeando:

~ *ulupa varese*, limpa o pó golpeado

**caru**, desatar: *faru i oo-tana* ~, descoser  
o vestido; *abrir: lee-oo* ~, abrir a porta;  
*kautu* ~, abrir o saco

**carucarune, carunaku** (no Souro) azul  
[mac. *darumaku*]

**caruma**, agulha [< mal. *jarum*]

**cata** (v. **naucata**), juntamente  
[mac. *tada*]

**catanu**, sinal, marca [mac. *liguru*]

**cau**, por [mac. *daru*]: *mucu* ~, por  
dentro, *karu* ~, por perto, aproximado;  
*aa* ~, por cima

**cau**, cabeça; ponta, cabo: ~ *kohe-kohe*,  
abanar a cabeça; ~ *mee*, corta o  
cabelo; ~ *holi cefele*, degolar, cortar  
a cabeça; ~ *paruhe*, entrançar o  
cabelo; ~ *m namai*, pino, pinote;  
~ *veriverire*, cabelo mal arranjado  
[mac. *dae*]

**cau-karase**, cabelos loiros

**cau-hafa**, patrão, chefe, régulo  
[mac. *dae-koru*]

**cau-kilau**, caspa [mac. *dae-rai*]

**cau-le'u**, cabelos

**cau-lulunuu**, trança [mac. *dae-gu'u*]

**cau-misi**, reverência

**cau-paka**, cabeçudo

**cau-pala'u**, calvo, careca

**cau-panake**, dor de cabeça  
[mac. *bulata-sisire*]

**cau-taka**, boné, chapéu, boina

## cau-talure

**cau-talure**, preguiça  
**cau-tapunu**, crânio  
**cau-tomoke**, inteligente  
[mac. *dae-gumala* = tét. *ulun-mama*]  
**cipi-cau**, testa  
**taa-cau**, cabo do machado  
**caule**, discutir; protestar  
**caunokoro**, madeira  
**ceceke**, veloz, depressa: *nau* ~,  
velocíssimo [tét. *dedek* 'to rap']  
**cecereke**, malandro  
**cau-cecereke**, malandresco,  
espertalhão  
**ceceru**, ananás [mac. *dei-malai*]  
**cee**, parábola; provar  
**cefele (tefele)**, tirar, cortar  
**apacefele**, abrir com catana  
**ceherana**, farnel, ração, alimento  
**ceherenu**, excesso [cf. tét. *naresin*]  
**cele**, milho; debulhar  
**cele-cipi**, bandeira do milho  
**cene**, apontar; oferecer  
**cerenura**, parentes; namorado  
[mac. *bada*]  
**ceru**, chamar: ~ *ma'u*, dizer que venha  
**ceu**, carecer; surdo [mac. *diku*]  
**vali-ceu**, surdo; monco [mac. *wali-diku*]  
**ceve**, queimar, arder: *capaku* ~, fumar;  
*e vari* ~~~, estás sempre a fumar  
[mac. *doel*]  
**cevere**, dever [mac. *devere* < port.]  
**ceverana**, dívida: ~ *hiare*, pagar  
a dívida  
**cii**, relâmpago [mac. *lofa-tilaku*]  
**cii-lafai**, relâmpago  
**ciaku**, útero [mac. *tola*]  
**ciapu**, diabo [< port.]  
**cica**, apanhar; colheita; ceifa; ceifar:  
*ale* ~, ceifar o nele; *serika tue, serika* ~,  
quem pouco semeia, pouco colhe  
[mac. *bugi*]  
**cicika**, ombro: ~ *amore*, pôr ao ombro  
[mac. *varial*]  
**cিকে, ciceke**, esmagar, pilar; fincar,

de pé rijo  
**cicime**, roer, trincar  
**cicimeni**, trincar a valer  
**cicirai**, brincar, jogar [mac. *muir*]  
**cicite**, bulhar [mac. *tategi*]  
**ciele**, passar: *ma'ar i fanu utu* ~, passar  
diante dos outros  
**ciele (tiele)**, esmagar, pisar: *matarum  
kesin* ~, esmigalha (pisando) bem a  
pedra [mac. *tiala*]  
**ciile** = **isile**  
**ci'ile** = **ti'ile**  
**ci'ire**, pesado; peso: *tapi* ~,  
pesadíssimo [mac. *ti'iri*]  
**ica-ci'ire**, triste; má vontade  
**ci'iru**, peso  
**ciki**, concha dum caracol do mar  
**cila**, rã; sapo [mac. *dila*]  
**cipale**, bofetada [mac. *dibala*]  
**acipale**, dar uma bofetada  
**cipi**, ponta; fronte, testa; flor [mac. *fufu*]  
**cipicipi**, flores: ~ *alivana*, vaso das flores  
**cipi fa'i**, florescer  
**mini-cipi**, a ponta do nariz  
**cipike**, bico; bicudo, agudo: *pesi* ~,  
aguçar o ferro; ponta do ferro; *ete* ~,  
fazer ponta ao pau, fazer o pau  
aguçado; aguçar o pau [mac. *mera*]  
**cipicipike**, aguçadíssimo  
**ciri**, velho (para animais): *kuca* ~,  
cavalo velho; *arapou* ~, búfalo velho  
**ciripai**, cor café  
**citike**, afastar-se; mandar sair,  
mandar ir: *malu* ~, mandar para fora  
**coci**, trisavô  
**coci-macua**, trisavô  
**cocike**, escorregar, esbarrar  
[mac. *fukala, suruku*]  
**coli**, alto: *ete* ~, pau comprido e direito  
ou apumado  
**colo**, inhome bravo, carraça  
**Com**, Dom  
**comana, comani**, quanto antes, com  
antecedência: ~ *eceremu*, pensar

antes; ~ *navare*, saber de antemão  
**cone**, longe [mac. *asanis*]  
**coma'ú**, vir de longe, chegam de longe: *ono* ~, ainda demorara em vir  
**copela'a**, afastar, expelir, emigrar  
**coteni**, afugentar  
**covaine**, ao largo: *em* ~, vai para o alto mar [mac. *molu waine*]  
**coro**, lança [mac. *oro*]  
**coteni**, afugentar  
**coto**, olhar por: *ranu* ~, reparar bem, rectificar melhor, corrigir bem  
**couru (touru, touri)**, turma, multidão [mac. *riala*]  
**covaine**, ao largo [mac. *molu waine*]  
**cuale**, puxar  
**cualeu**, cobra verde [mac. *dua*]  
**cucefe**, soprar  
**cuçu**, bambu grosso (cofre onde se guarda o talismã ou oiro)  
**cucuana**, comida cozida em bambu com sangue e vísceras  
**cuculeni**, dar cornadas  
**cu n-aci**, desamparar  
**cuku**, debulhar, descascar  
**cula**, fim [mac. *dula*]  
**cule**, ócio, indolência  
**culana**, doente, enfermo  
**culu**, joelho  
**culu**, molhado  
**cululia**, brotar; rebentos  
**cucure**, levantar-se  
**cuma**, ovelha [mac. *duma* < mal. *domba*]  
**cumu-cumu**, peludo  
**cuneve**, atizar, avivar o fogo  
**apa-cuneve**, soprar no fogo  
**cupu-cupu**, gotar, pingar  
**cure**, acordar, despertar [mac. *du'uru*]  
**cure = cucure**  
**curuku**, limão [mac. *duru* < tét. *derok* < mal. *jeruk*]  
**curusu**, anona

**cuu**, cabana, choca, choupana [mac. *lobu*]  
**cuu-karanu**, pau basilar da choupana  
**cu'ú-cu'ú**, rimbombar

## **d**

Desaparece o fataluku desta letra (D). Nas palavras introduzidas, os de Lautém dizem *tj* [c] (o *ch* do inglês *teacher*, ou o *ch* do espanhol chico); assim o *kuda* do tétum passou a *kutja* [kuca], *koidila* a *koitjila* [koicila].





Tem sempre o som de *e* de *tela*.  
Suprime-se, frequentemente, no fim da palavra para receber sufixos.

**e**, 1. tu [mac. *ai*]: ~ *umani*, quem es tu? ~, *tene po'ote, ana?* tu, estás talvez doente?; *unu ~ hai aci*, um (aquele) que tu viste; ~*n ahu*, para ti; 2. teu, tua: *tarute ~ lan ma'u?* quando vem o teu amigo? *teni-t ~ kuca i?* qual é o teu cavalo? (cf. *eru*)

**e = eni**

**e!** exclamação de dor: ai! ai!

**ece**, dois

**ta'an ukanece**, doze

**ta'an ece**, vinte

**rahu ece**, duzentos

**rihun ece**, dois mil

**tokon ece**, dois milhões

**eceremu**, estimado

**ee, ee-here**, espalhar; rejeitar

**ee-cane**, andar incerto, bambolear, tambolear; embalar, cambalejar:

*ina peipei hinta ~*, anda a cair de sono

**ee-jete**, tumbado, estonteado, não

firme: *kurusu ~*, cruz tumbada,

*lapisu ~*, lápis tumbado, caído

**ee-louke**, pirueta, saltitar: *tapa lee*

*mucu ~*, não faças piruetas dentro desta casa

**ee-luku**, intrigar; intruiguista: *tapa ~*

*nau fiare*, não te fies do intrigador

**ee-naci**, distrair; distraído

**ee-neceremu**, pensar muitas coisas,

dissipar-se

**ee-pu'e**, olhar em volta (de medo)

**efere**, enxugar, apagar; limpar:

*ina-vaia ~*, enxugar as lágrimas;

*mataru ~*, apagar o quadro (preto),

*kaparana ~*, apagar o pecado

**eh!** ora!

**ehaini**, eis aqui; já está aqui: *paia ~*,

eis a jóia (que perdi)

**ehefe**, honrar, reconhecer, respeitar; conhecido: *tava ana hala ~*, ele é meu conhecido

**ehefana**, conhecidos

**ehefeni** (com *i* reforçante), conhece

bem isto; *tahi apa ma'u, o ~*,

conheceis o que vem do mar

**eheni**, teu, tua: ~ *maise*, tens razão

**ehere**, misturar: *macenu aca-ucu ~*,

mistura a comida com ovos

**ehici**, daqui, daquém, para cá

**ehicine**, aquém de, para cá de

**ehume**, despir: *faru ~*, despir-se a camisa

**ekehe**, contar: *tarara ~*, começa a contar

**elae!** olá!

**elehu**, esposo, marido

**elehu-vale**, casar; casamento

**elere**, ler

**eleve**, 1. frio: *macen hai ~*, a comida está fria; 2. *fresco: pari ~*, ar fresco; 3. refrescar

**elevenu**, humidade: ~ *a kaparpa'i*, a humidade faz-me mal; ~ *upe, uku*

*sasake*, por falta de humidade, tudo seca

**Eleva, Elua**, mês fresco, Setembro

**eliarada**, mudança

**elu**, eluhe, querer: *ana ~*, quero eu;

*a ina ~ hair*, dizes o que quizeres

**eluhana, eluhenu**, a vontade, o

querer: *a pal i ~*, segundo o meu

pai; *Uruvacu i h~ nerepa'i*, fazer a

vontade de Deus

**eluhe**, ondas

**em**, a; para: ~ *afi ina*, dá-nos; *cele en ~ kuca ina*, este milho é para o cavalo;

*en ~ ina fa'i?* para quê é isto? lau en

~ *kalasa fa'i*, este pano é para fazer

uma calça; *Judeu ere ~ kulen Pilatus*

*acita'a*, os judeus pediram gritando a

Pilatos; *lere ~ aca'a*, ensinar a ler

**emere**, antes, a frente; adiantar-se:

## emerana

~ *Uruvacu hini vari te e pal hini ali vari*, primeiro obedecer a Deus e depois a teu pai; *a ~*, vai a frente; ~ *afa tei fa'i, karua upe*, antes fazíamos sacrifício ao *tei*, agora já não; ~ *ta'a*, predizer, dizer antes; ~ *fule*, restituir, voltar para tras

**emerana**, primeiro; o princípio: *etemana i h~*, o primeiro fruto; *Adaun ta kail i h~ fa'i*, o primeiro pecado foi o de Adão

**emerna**, dantes

**emerune**, põe ao princípio, põe o primeiro, preceder

**emete**, falhar, enganar-se

**emura**, tirar, privar

**emura-ereke**, ruminar: *pipi hari ~*, a cabra rumina a erva

**emvavapa'i**, imitar

**emvavapa'ínu**, modelo

**enecene**, levantar: *tanam ~*, levantar a mão; *caum ~*, levantar a cabeça

**enehana**, insulto: *tapa ~ fa'i*, não insultes

**enehe**, insultar: *tapa ~*, ula e paha, não insultes que te bato

**enere**, passar por aqui: *umani-t ~ umu!* quem passe por aqui morre!

**enfulehe**, devolver: *a hai o'ose? ~!* Roubaste? Devolve!

**eni, en, e**, 1. este, esta, isto [mac. *ere*]: *ma'ar lauhana ~ fa'i rau*, a pessoa que faz isto é bom; *umani Paulum paha? ~!* Quem bateu Paulo? Este! 2. aqui: ~ *hirohe*, até aqui

**ena'e, ena'i**, neste, aqui: *alivana ~*, neste lugar; *Lore ~ ena pema'u tapi cone*, vir de Lore para cá é muito longe

**ena'i hini**, daqui: *Jozé ~ en la'a Dili mara*, José foi daqui até Dili

**enaci**, aqui

**eni'i**, isto é: *Uruvacu i ukunana ta'ane*: ~... os mandamentos da lei

de Deus são dez, isto é....

**enu**, neste, eis aqui: ~ *mu'a-hara*, neste dia

**epemucu**, deslocar-se; virar-se (o pé) para frente

**epue**, debruçar-se, assomar-se

**-ere**, sufixo do plural

**ere**, 1. enxotar, afugentar: *olo ~*, espantar os passarinhos; 2. espalhar: *mu'a ~*, espalhar a terra; *umani-t sorotu-asa em ~?* quem espalhou estes papéis?

**ereke**, ruminar

**erenu**, pastor

**cuma-erenu**, pastor de ovelhas

**arapou-erenu**, pastor de búfalos

**eri = ere**

**erit, eritu**, tu (indigitando): ~ *ukune, lauhe aia-ira rahehahe*, tu que reinas, vives pelos séculos sem fim

**eroho**, cedo, a tempo: ~ *taia ho ~ cure, ufur auhe ho nau lahute*, deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer; *akam ~ ma'u*, chegaste tarde

**eru**, tu; você: ~ *ha*, tu também; *umani-t mu'u una? ~, ana?* Quem comeu a banana? Fostes tu?

**erupari**, temporal de vento, ventania: ~ *su'une, tapa malu pela'a*, não saias de casa com este temporal

**ete**, enganar-se [mac. *dete*]: ~ *ca'a*, enganar-se no que diz, dizer às avessas; ~ *nate*, colocar de pé fora do lugar; ~ *naci*, ver as coisas às avessas, ao contrário; ~ *lavere*, vestir às avessas; ~ *parau*, errar o tiro

**etepa'i**, falhar, fazer às avessas

**etemolu**, perder

**etene**, misericórdia

**ete**, 1. árvore: ~ *i lohaj*, árvore alta; ~ *hiamoi*, subir a árvore; 2. madeira, pau [mac. *ate*]

**ete i ulu**, milho da árvore

**ete-aku**, serraduras

**ete-ara**, toro de árvore, caule, tronco  
**ete-asa**, folha  
**ete-furu**, toco  
**ete-huruha**, cerne  
**ete-ketelu**, franças, ramagem  
 pequena  
**ete-lalu**, nó da madeira  
**ete-lamaku**, folhas de madeira,  
 limalhas  
**ete-lari**, medicamento tradicional  
**ete-larinu**, raiz  
**ete-lepenu**, tábua  
**ete-lusu**, mandioca  
**ete-maisu**, régua  
**ete-mana**, fruto  
**ete-mana fula**, caroço  
**ete-mukia, ete-mukiaru**, sândalo  
**ete-mumina**, pau ferro  
**ete-pacainu**, carpinteiro, marceneiro,  
 ebanista  
**ete-pata**, tronco inferior, até os ramos  
**ete-pata lafai**, travessão  
**ete-poko**, caixote, baú, caixão;  
 celeiro, mala  
**ete-pupuku**, rebento  
**ete-tani**, ramo  
**ete-vaiasu**, seiva  
**ete-vele**, casca  
**ete'e**, tomar medida (do alfaiate  
 medindo fato)  
**etekaure**, deixar, soltar, largar; deitar  
 fora; libertar: *kuca hai ~*, soltou-se o  
 cavalo; *tapa ini ~!* não nos abandones  
**etekuru**, barlaque; ~ *lopo*, fazendo  
 barlaque, pedindo cabeças de  
 animais antes do casamento  
 (tradição timorense)  
**eterika**, entregar [< port.]  
**eu!** ai! (exclamação de dor)  
**evaane**, 1. isto mesmo, assim:  
*akam ~*, não é assim; 2. como (prep.):  
*Juaun ~*, como João  
**evaapa'i**, (fazer) desta maneira:  
*em te ~*, como fazer? porquê?

[= tét. *halonu'usá*]  
**evece**, ordenhar, mungir: *pipi ~ ana  
 kam navare*, não sei ordenhar a cabra;  
*arapou ~ ana navare*, sei mungir  
 a búfala  
**evene**, até: *ira kuca atu ~*, a água chega  
 à barriga do cavalo

**pipi fulafula ho futu faru labere,** vestidos para formiga(s) e aranha(s) >





- faa**, reforçante das palavras, costuma ser prefixo, equivale ao *re-*; como sufixo equivale ao *-or* e quase sinónimo de **tapi** 'mui', e.g. *faa rau* 'muito bom, óptimo' [mac. *ge, mega*]: *tapa ~ mace*, não comas em excesso; *tapa ~ nava*, não bebas ou comas muito, não sejas voraz; *e ~ ono ine*, a tua parte ainda está aí
- faafaarase**, devasso, libertino, licenciado
- faafaahalufa'i**, guerreiro, destemido na guerra
- faajukafa'i**, jogador empedernido
- faahalufa'i**, herói (pl. **faaa-halufa'i**)
- faakailufa'i**, pecador
- faala'a**, bom caminhante, veloz
- faalajete**, furreta, agarrado
- faalukuluku**, paleio, palrador, tagarela [mac. *aa-bere*]
- faanarure**, chorão, lacrimoso [mac. *nama-ira benu-benu*]
- faanose**, infiel, gatuno, roubador [mac. *lia-guli*]
- faarau**, óptimo, bondoso [mac. *mega rau*]
- faarokiroki**, muito guloso
- faasapunfa'i**, bom caçador, caçador da primeira classe
- faataluku**, dagadá (em tétum e macassae); idioma da região de Lautém (Lauteinu)
- faafaa**, tumba, maca
- fahine**, espirrar [mac. *fasini*, cf. tét. *fani*]
- fahinu**, concubina, colega de poligamia: *a ~*, minha colega de concubinato, colega de poligamia, do marido
- fahinceve**, ir viver como segunda mulher dum homem casado; concubina
- fahu**, pele, casca, envoltura [mac. *fasu*]: *i ~ kapare*, *i ulu rau*, a casca é má, o miolo é que é bom; *sapurika i ~ malare*, a casca de laranja é amarga; ~ *vale*, em casca, tem casca
- ina-fahu**, pálpebra
- mu'u-fahu**, casca de banana [mac. *mu'u-fasu*]
- ote-fahu**, banha de feijão, casca de feijão [mac. *uta-fasu*]
- (ale) **fahu-vari**, presente aos teus (néle em casca)
- fa'i**, fazer; em [Ed.: Na sua variante *-pa'i* funciona também como sufixo causativo, equivalente ao *ha-* do tétum]
- fa'ifa'inu**, acção [cf. tét. *hahalok*]
- fainu**, (o preço do) barlaque [= tét. *antra, hafolin*, mac. *bura*]: *a palu ~ arapou kafa hai me*, meu pai já deu oito búfalos no barlaque; ~ *tarupaha?Kuca ece!* Quanto deu de barlaque? — Dois cavalos!
- fainufa'i**, barlaquear
- fa'i**, em
- fala**, por cima; superior [mac. *goa*]
- falajete**, furreta, agarrado
- falane**, pôr peso encima para segurar; refém: *sorot unum ~t* navar pari tapa *somon la'a*, põe um livro em cima para o vento não os levar!
- falanu**, papo (das aves), bucha
- falata**, falita, falta [< port.]
- fale (ufale)**, tomar, pegar, apertar [mac. *gesifa*]
- falu**, chicote, látigo, flagelo, azorrague; cedro do liurai [mac. *taru*]: *kuca en ~ pali akam navar la'a*, este cavalo não anda sem chicote; ~ *lailaike*, ameaçar com a rota
- fan**, desde
- fanare**, virgem, solteira, donzela [mac. *fanarae*]: *moco ~, hin nalu nere*, a filha solteira segue sua mãe
- fanave**, mostrar, fazer ver; ensinar
- fanavana**, ensino, educação, aprendizagem [mac. *fanani*]
- fanavana-pali**, maleducado, ignorante

## fane

- fane**, dar de comer: *ina ma'u e ~*, viemos dar-te comida; *naunuku tei ukiani ~*, cada um honra (venera) um *tei*; *i ~n kaiare*, cansei-me para vos alimentar (alimentando-vos)
- fani**, saboroso, gostoso [mac. *fani*]: *akam ~*, não é saboroso; não é bom
- fanu**, rosto, cara, face; aspecto [mac. *fanu*]: *tana ~ acacene*, mostra as mãos; *tapa a ~ nau nutuneni*, afasta-te da minha vista; *tavar ecatere nita poki ana ~ na'e*, os dois bateram-se na minha presença; *~ utue*, *~ cue*, transplantar; *~ utupa'i*, tapar o rosto [mac. *fanu gutu-gutu*]
- fanihici**, do lado de lá
- fani'i**, aquilo, daquilo
- fanini'i**, aquele
- fanina'e**, ali, lá, acolá, dali
- fanu-ece**, duas caras, fingido, hipócrita [mac. *fanu-lola*]
- fanu-fanu**, **fanu-vaane**, parecer-se, semelhante [mac. *fanu-tadede*]: *amarua nita ~*, os gêmeos têm rostos iguais
- fanu-hara**, sorrir
- fanu-hene**, encontrar
- fanu-kulale**, rosto carregado, mal disposto, sério;
- fanu-koune**, **fanu-oune**, **fanu-ounu**, rosto severo, ameaçador, sério [mac. *fanu-metanu*]
- fanu-lailaine**, vertigens, apoplexia
- fanu-miri**, primogénito, o mais velho dos filhos [mac. *mata-kaka*]
- fara**, pau ferro [= tét. *ai-besi*, mac. *sire*]
- fara-lata**, povoação de ferro, gente de ferro
- fara-siku**, esquadría
- fara-uruhaa**, estátuas de pau-ferro das sepulturas (*teis*)
- fari**, pente (de bananas), cacho
- mu'u-fari**, pente de bananas [mac. *mu'u-dara*]

- fari-api**, peixe voador  
[= tét. *hai*, *ikan-pari*; < mal. *pari*]
- farirua**, planta de folhas grossas e caule espinhosos
- faru**, vestidos [mac. *varu*, tét. *faru*]:  
*~ ulavere*, vestir-se; *~ sufa*, tirar a camisa, despir-se; *~ luka*, camisa rota, usada; *~ tana lohaj*, camisa de mangas compridas; *~ o'ote*, coser camisa; *~ naseile*, passar a camisa a ferro
- faru-kau**, alfinete
- faru-taha**, manga do vestido
- faru-measu**, camisola
- faru-manipata**, gola da camisa
- faru-pacainu**, alfaiate
- fata**, certo
- fatahara**, de madrugada  
[mac. *gamu-gamu*]: *nope tatune ~*, se acaso amanhã ou depois
- fatatara**, de repente, súbito, imprevisto [mac. *danagafa*]
- fate**, quatro
- taane ita fate**, catorze
- taanfate**, quarenta
- taanfate ita fate**, quarenta e quatro
- rahu fate**, quatrocentos
- rehun fate**, quatro mil
- ifatu**, (ordinal) o quarto; quinta-feira: *tapa ~ na'en*, não venhas na quinta-feira
- fatu**, inchado; cozido; colo, pudor; trave de madeira que resiste o piso das casas; parte abultada do cume da casa [mac. *fatu*]: *vahin ~*, rosto inchado pela dor de dentes; *ia ~*, pé inchado
- fatunu**, inchado; cozido
- fatu**, colo: *ia a ~ micamire*, vos sentastes no meu colo
- fatu-kava**, coxa, perna [mac. *uluva*]: *matar unum i ~ atar liliene*, deu-lhe uma pedrada na coxa
- fatu-futu**, cume da casa

**fatu-tara**, corda para atar a trave do piso da casa  
**fatula**, bambu bravo  
**fatulu**, ramagem de palma, palapa  
**vata-fatulu**, ramo de coqueiro  
**fatunu**, cozido  
**faute**, fazer barulho  
**haravele-faute**, aurora, madrugada  
**fece**, juntar, atingir: *akam afi* ~, não nos assaltam (atingem)  
**fe'e = vehe**  
**fefe**, palpitar do coração, latejar [mac. *gi deriri*]  
**fefehe**, desembaraçado, desembaraçar [mac. *bese*]  
**feifei**, empertigar, ultrajar; orgulhoso [mac. *sidara*]: *tava la'a-la'a tapi* ~, tem um andar muito altivo  
**fele = vele**  
**felu**, seta, flecha  
**fene**, ao pé, perto: *a lee* ~, ao pé da minha casa  
**fere**, apagar, tirar: *uku* ~, apagar tudo, tirar tudo  
**ferehu = foehu**  
**festa**, festa [ < port. ]  
**fetele**, cair [mac. *fitil*]: *ete* ~, desprender-se o pau, a escora  
**fetile**, tropeçar [mac. *fau nuta*]  
**fetifetile**, tropeçando: *kuca en la'a-la'a vari* ~, este cavalo anda sempre a tropeçar  
**fetu = fitu**  
**fi'a = fiha**  
**fiare**, crer, acrteditar; respeitar, obedecer, cumprir, fiar-se [mac. *fiara*]: *ana uku* ~ *ma'ar-tei navare*, eu creio tudo como o padre sabe  
**fiarana**, crer, acreditar; respeitar; obedecer; fiel  
**fiha**, gamúti [= tét. *tali-metan*]: ~ mee, procurar gamúti  
**fihire**, desprezar, não temer; desestima [mac. *gau tule, gau suri*]: *ma'arvalinu* ~,

desprezar o inimigo; *palu i moco fanu-miri* ~, o pai desprezou o seu filho primogénito; *toto, koise i vehe e hai na* ~, acautela-te que te salpiques com sangue  
**fi'i**, asperjão  
**fi'i-fi'i**, aspergir, salpicar, borrifar [mac. *bane*]: *ira* ~, salpicar com água  
**fi'ili**, imóvel, parado: *ini* ~, olho imóvel  
**filike**, tapar bem apertado: *cucu* ~, tapar bem o bambu da água  
**firaku**, (só para os nativos de leste) labrego, rústico; agarrar-se com labregos. Os de Díli chamavam aos da Ponta Leste *Firaku* (Lospalos, Baucau, Viqueque e Manatuto) e chamavam *Kaladi* aos nativos da parte poente.  
**firaku**, salpicar, espalhar água  
**fitu**, sete [cf. mac. *fitu*]  
**taane ita fitu**, dezassete  
**tanafitu**, setenta  
**foe**, prado, campina: *pala* ~ *nau hefana*, horta cheia de erva  
**foehu (ferehu)**, erva; feno [mac. *rou, munu*]  
**foehu-loro, foehu-loru**, planície de capim, **Foehuloro**, Fuiloro  
**foehe**, mondar [mac. *munu dila*]  
**fo'e = ofo'e**  
**fofo**, estoirar  
**tupa fofo**, estoirar bambus no fim da lavra das várzeas  
**fofo tana**, está feito em pedaços  
**fofote**, abrir, cortar [mac. *rigi gatala*]  
**fofonu**, feijão bravo (amargo, venenoso) [mac. *fofa*]: *fofon po'ore*, pôr feijão bravo de molho; *fofon tihe*, descaldar feijão bravo  
**fohe = foehu**  
**foile**, zangar-se [mac. *hai saraka*]: *tapa* ~, *ica-rau-rau*, não te zangues, estejas alegre  
**foifoile**, sempre zangado

## foine

**foine**, coragem; destemido, corajoso:  
~ *ane*: *Ocava tolune!*, coragem: Deus ajuda!

**folo**, rombo, mal afiado: *hikari lafai* ~,  
a catana já não é corta

**folokua**, cacoa: pássaro de cauda comprida

**foole**, casa no buraco

**ira-foole**, bruxedo que faz um homem todo mascarado de negro, deitando sal numa nascente e empurrando o sal com uma vassoura para dentro. Depois disto foge por caminhos tortos para não ser apanhado pelo Diabo.

**forasa**, força [< port.]

**forasa-lafane**, exército

**fórite**, forte, valente

**fosi**, jurar; juramento [mac. *jura*]

**fote**, cortar, repartir: *pala miri* ~, repartir a horta nova; *panu* ~, partir o pão; *aca* ~, abrir a galinha; *pai* ~, destripar o porco

**fortana**, os cortes, bocados, partidos

**fotu**, espingarda, arma de fogo  
[mac. *fatila*]

**fotu-kafa**, bala, cartucho [mac. *piloro*]

**fotu-moko**, pistola

**foutu**, guerra [mac. sala]: ~ *fa'i*, fazer guerra, guerrear

**fufulu**, fio, um bocado de fio

**fuha**, espião; espreitar [mac. *fusa*]:  
*servisu* ~, vigiar o trabalho

**halu-fuha**, espião de guerra

**fuka**, rebento, grelo

**mu'u-fuka**, rebentos de bananeira

**tana-fuka**, dedo

**ke'er-fuka**, degrau da escada

**fula**, caroço; testículo

**cele-fula**, espiga de milho

**fulafula**, aranha [mac. *boboraka*]

**pipi-fulafula**, aranha preta com patas fortes como de crustáceo

**fulahe**, fulehe, fule, voltar, recuar

[mac. *muni gal*]: *em fulehe*, restituir

**fule la'a**, ir para trás, recuar

**fule ma'u**, voltar para cá

**fulame**, capar, castrar [mac. *gi bali aume*]: *kuca* ~, castrar o cavalo

**fulunu**, cuspo, saliva

[mac. *fulunu, ulara*]

**fulu-tete**, cuspir: *tapa lee mucu* ~, não cuspas dentro da casa

**fulume**, cuspir; profecia, prognóstico sobre uma doença de bruxos com cuspos no corpo do doente

**funu**, guerra [< tét.]

**fure**, ufure, obstruir

**furu**, ufuru, toco, corpo

**ete-furu**, toco da árvore cortada

[mac. *ate-furu*]: *pala en* ~ *ane*, esta horta tem muitos tocos

**futale**, apertar entre os dedos polegar e indicador

**fute**, traque

**futepa'i**, soltar um traque

**futu**, formiga branca

**futulaku**, lançar ao chão

**futune**, no chão

**futu-mire**, sentar-se [mac. *ne'e miil*]:  
*mu'a* ~, sentar-se no chão *mua futu-mire*, sentar-se no chão

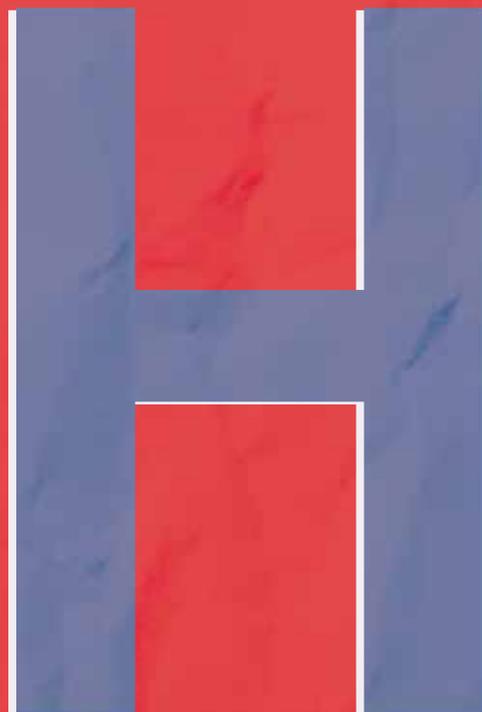
**futu-laku**, lançar ao chão

**futun la'a**, escapar; abandonar: *noko* ~, o irmão mais velho abandonou seu irmão mais novo

**futu pela'a**, a pé: *mu'a* ~ *la'a Dili mara*, ir a Díli a pé

Com o som de *ga*, *go* ou *gue*, *gui* não existe. Fataluku não tem 'g', só 'j'. Para os sons de 'gê' como em *gingiva* semprega-se 'j': *genene* escreve-se *jejene*. Mesmo o som 'j' é pouco usado e vira, nalgumas regiões, para o 'z'. Uns dizem 'je malai', outros 'ze malai'.

**hutu-vatau horon hafa irae**, espelho e perfume para ossos >





4a letra do alfabeto fataluku que é sempre aspirada, como em inglês, menos que o 'j' espanhol.

**ha = hai**

**ha'akara**, goelas: *i ~ ramahe*, apertar a garganta (para o matar)

**hacacene, hacacenu**, talheres (colher, garfo e, as vezes, também os pratos): *nacun ~ ria*, arrecadar os talheres e os pratos

**ha'e**, compor os fios da urdidura *lau ~*, começar a tecer, a urdir

**hafa**, osso: *iparu ~ nava*, o cão come ossos

**hafa-hala**, esqueleto; esquelético, magrizesas

**hafana**, buraco de armadilha: *~ vaku na'e*, armadilha no carreiro

**hafarika**, parte, metade, porção: *~ hicine*, do outro lado

**hafue**, comer com a boca, sem servir-se das mãos [cf. tét. *sobak*]: *macem ~*, comer sofregamente; *a ipar vane ~*, comes como os cães; *N. macen tai ~*, N. come com muita avidez.

**hahake**, muito parvo, estúpido, besta, malcriado; falta de amor fraterno; odioso

**hahale**, tenro; viçoso; raras vezes, de vez em quando: *~ ta ma'u*, vem de vez em quando

**uru hahale**, lua nova

**hahaluru** [no Com], mês de Janeiro

**hai**, já, forma do passado dos verbos, mas precede a eles [Ed.: na realidade é o marcador inceptivo, cf. tét. *ona*]: *ma'u ~!* vem já!; *~ koune*, anoiteceu [= tét. *kalan ona*]; *~ karune*, já está perto; *lipa ~ sulupe*, lipa muito usada (e velha); *~ rata*, já há tempos; *taru ~ tote*, a corda já partiu; *~ ne*, *~ ni*, eis, eis tudo

**ha'i**, camim: *~ kafale*, descascar o camim

**ha'i-ara**, toro da árvore camim

**hainu**, valer, mais (só para as negações ou carências): *akam nacun ~*, não presta para mais nada; *akam tua ~*, não é mais vinho, não presta

**hair**, para [= tét. *atu*]; já [= tét. *ona*]: *~ eme!* toma já!

**hairapo**, uma espécie de toranja, comestível

**haisata**, sorte grande, que dita!

**hala**, 1. só: *~ 'm eme nina*, só para ti é que to dou; *Luis i moco ukani ~*, Luís só tem um filho; 2. sozinho

**halahu**, mato, matagal

**halahu-pala**, horta nova (mato cortado e queimado)

**halari**, arruinar-se, estragar-se

**hale**, converter-se, tornar-se: *lu'a ~*, tornar-se como macaco; *nananana ~*, endoidecer; 2. apanhar (uma doença): *popo ~*, hidrópico, barrigudo; *sosokina ~*, apanhar lepra

**halu**, guerra: *ana ~ kelu*, não gosto da guerra; *nipon ini apur ~ fa'i*, fizemos guerra com os nipônicos

**hama**, uma qualidade de gondeiro [= tét. *hal*]

**han**, cárie dos dentes

**hapake**, malcriado, impertinente

**hapate**, rebentos das plantas

**hapi**, cortar, capinhar: *cenu ~*, cortar uma espécie de planta para fazer esteira

**hapu**, batata brava e doce [= tét. *kumbil*]: *~ lakilaki*, cavar batata brava

**har, haru**, partícula de ligação não bem definida para obrigação de... (não se traduz as mais vezes) [= tét. *se*]: *afi ~ la'a lee mara*, temos de ir para casa, vamos para casa! (optativo); *Ocava tu afi ~ umu*, Deus é que nos manda ("deve mandar") a morte; *tava ~ ma'u*, ele deve vir, diz-lhe que venha

**hara**, 1. luz; aurora: *~ vele faute*, aurora;

## lee-hara

2. aluminar; 3. claro: *cure mu'a hai* ~, acorda, já é o dia claro; 4. sorrir; *fanu* ~, sorrir

**lee-hara**, larajes ou ripas das casas; pôr larajes; sôtão (celeiro)

**haranu**, luz, resplendor; vidro: *vaihula* ~ *m ane*, a janela com vidros

**ina-haranu**, vidente, profeta, "olhos de luz"

**harapa'i**, aclarar, esclarecer

**haraku**, bambu rachado; persiana: ~ *m lee koco fa'i*, fazer as paredes da casa com bambu espalmado

**haratana**, calamidades, desgraças

**hari**, pasto, erva, ramagem:

~ *teteret'em kuca ina*, corta capim para dar ao cavalo; ~ *nava*, pastar; *pipi ere la'a ver afarikan* ~ *nava*, as cabras foram ao lado da ribeira a pastar; *mumina kuca-kuca akam* ~ *nava*, a bicicleta ("cavalo banco de ferro") não come erva

**kuca hari-alivana**, manjedoura do cavalo

**hari**, através: ~ *mohove*, cruzar, devassar; penetrar; ~ *naci*, ver através; transparente: *haranu* ~ *naci*, vidro transparente

**haruka**, obrigação, dever

**harukanu**, dívida

**haruketelu**, costela: *afi* ~ *nita hacahaca ta'an ita eca*, temos doze pares de costelas

**hasa** = **asa**

**hasise** = **asise**

**hate, hatu**, afiado, gume da faca afiada

**ha'u, hau**, para (preposição): *ini* ~, para nós

**hau** = **na, nau**

**hau**, névoa, nevoeiro, cirro

**haule**, murcho (das curcubitáceas): *tau* ~, abóbora murcha; *sepu* ~, melancia murcha

**ha'ulu**, 1. terramoto: ~ *mu'a kohe*,

no terramoto a terra treme; ~ *mu'a kohe akam*, o terramoto não durou; 2. (**Ha'ulu**), espírito que guarda as quatro colunas da terra, sustentando-as. Consideram-no o pai primeiro de todos os homens.

**haucaa**, prometer

**haucane** = **naucane**

**havare**, caçar: *ipar* ~, caçar com cães [= tét. *duni asu*]

**hecere munu** = **eceremu**

**he'e**, difícil, laborioso, custoso; dificuldade [mac. *sege*]: *problema un tapi* ~, um problema difícil; *ranu lauhe, tapi* ~! viver bem, custa!

**i he'enu**, dificuldade, penúria,

embaraço, perturbação

**ica-he'e**, triste [= tét. *laran-susa*]

**ica-ci'ire**, pouca vontade de trabalhar [= tét. *laran-todan*]

**hefana**, abundância

**hefe**, conhecer; respeitar [mac. *sofe*]

**ali hefe**, reconhecer

**hehefana**, muitíssimos

**heku**, coxo

**hekuheku**, coxo, aleijado: *veteru-t ia panakat* ~, coxeia porque tropeçou e feriu-se

**helere**, 1. correr; 2. cair: *vahin* ~, cair os dentes [mac. *seluru*]

**helehelere**, correr muito; fugir; depressa

**helu**, 1. de volta; ao contrário [= tét. *fall*]:

~ *laku*, ~ *more*, mudar de lugar, pôr o contrário, deitar virado ou virando o objecto, trocando de posição; ~ *cuku*, devolver o empréstimo; 2. vingar

**helupa'i**, devolver, trazer depois;

trocar, mudar; substituir: *cele me kolis a* ~, emprestas milho, depois devolves-me

**helupa'inu**, muda, troca: *lau i* ~, troco de vestidos

**heluhana**, a vontade

**helume**, festa na qual o amigo devolve o dinheiro que lhe emprestaram

**helura**, tei (ídolo) familiar; coisa sagrada; imagem religiosa [= tét. *lulik*]

**heni = eheni**

**hepere**, 1. verter, deitar, entornar: *ira* ~, entornou-se a água; ~n *muculaku*, entornou-se para dentro; 2. derreter; 3. emboscar

**here**, secar; seco, sem água, sequioso [mac. *sara*]

**herana**, nome duma terra seca; *vere* ~, rio seco; *ira-ina* ~, a fonte secou; *lori hai* ~, a lagoa secou; ~ *pene*, matar a sede; saciado

**meti-here**, maré baixa

**heru**, suar, transpirar; suor: ~ *ta rau*, suar faz bem; *ma'ar akam* ~, inara pooté, quem não sua, ficará doente

**hetu**, todos

**heume**, desprender-se, despir-se; *kalasa* ~, despedir as calças

**hevene**, sofrer

**hevene = evene**

**hia**, para cima, de cima: ~ *mire*, sentar-se em cima; ~ *more*, ~ *cau*, pôr em cima

**hiacumai**, pôr em cima

**hiacumainu**, o vão da casa de Lautém, onde atam galinhas

**hiamoi**, 1. subir, ascender: *ana kam* ~, não cresço mais; elevar, levantar; exaltar; crescer: *ma'ar* ~, os novos, os jovens, os que crescem

**hiahiamoi**, novo, jovem

**hiamoinu**, altura, os altos, altitude

**hianate**, levantar em cima

**hiane**, sobre, por em cima: *lee* ~, estar em cima da casa; *nelu* ~, no céu, no alto do céu

**hiapen-la'a**, montar: *kuca* ~, montar cavalo, ir de cavalo

**hياverire**, pendurar de cima: *celem lee* ~, pendurar o milho em cima da casa

**hiare**, pagar, satisfazer, cobrar; *hai* ~, está pago; *ceverana* ~, pagar débito

**hiaru, hiara**, 1. preço, valor; 2.

comportamento, costume: ~ *raurau*, comportamento bom; ~ *kapare*, comportamento mau; *i* ~ *varivari*, perseverar; 3. procedimento, conduto; 4. maneira de...

**hiara-hiamoi**, caro

**hiara-isi**, barato

**hiarana**, vencimento

**hiarhiar-aane**, natural, tamanho natural

**hiarhiar lafai**, mediano, nem grande nem pequeno

**hici**, 1. para (prep.): *akam afi* ~ *naci*, não olha para nós; 2. ao lado: ~ *mire*, sentar-se ao lado [mac. *isi*]: *i* ~, dali, por ali: *e palu fan i* ~ *ma'u*, o teu pai vem de lá; *e lanu i* ~ *pen la'a*, teu amigo passou por lá

**hicine**, lado: *laliru* ~, ao lado; *upu* ~, detrás, às costas; *tenen* ~, ao lado direito

**hicipe**, para o outro lado

**hiciesi**, contestar; porfiar

**hi'i**, fechar; entupir [mac. *ges*]:

*le-o'o* ~, fechar a porta; *jampate hai* ~, o carreiro está fechado;

*vaihula* ~, fecha a janela

**hi'inu**, fechadura

**hikahikamoi = hiahiamoi**

**hikari**, faca, canivete; catana: ~ *lafai*, catana, parão; ~ *moko*, faca; ~ *kaikaile*, foice

**hila**, liso: *ete* ~, tábua lisa

**hilahila**, aplainado

**hilate**, lisinho, escorregado

**hile**, apanhar: *aca hoto* ~, apanhar o galo do mato

**hilu**, laço: ~ *taru totupa'i*, partiu o laço

**hini, hinu, hin**, de (partícula genitiva); seu, dele

**hinua**, 1. portanto, por isso; 2. motivo,

## hinisika

causa; 3. para: *ale, una* ~, o arroz é para comer; 4. por causa de: *aia-uta* ~ *ira lalan ma'u*, por causa da chuva a água vem suja; 5. em favor de: *moco* ~ *taa*, tratar do barlaque do filho (conversas para afirmar o que se deve dar); *lerenu* ~ *taa*, pedir barlaque da filha; *e nalu* ~, por amor a tua mãe

**hinisika**, ocultar, fingir, negar-se a confessar

**hinipali**, pobre; miséria

**hinivari**, ouvir; lembrar, não esquecer: *ina palu* ~, nós seguimos o que diz o nosso pai

**hira** (= **hiara**), preço, valor [mac. *ira*]: *puhu unu tapule i ~ isi*, comprar uma panela barata

**hiranu**, nora

**hire** = **ihire**

**hiri**, cerco da horta; parede da casa

**hirohe**, 1. chegar: *ana akam on lee* ~ *aia hain uta*, antes de eu chegar a casa, choveu; *eroho i* ~, chega cedo; *ivi* ~, até então; *Afi Nalu i huru hai* ~, já chegou o mês de Nossa Senhora; 2. até: *Páskua* ~, até a Páscoa; *uru neme i* ~, até daqui a seis meses

**hita**, sazonado, quase maduro

**hitu**, espada

**ho**, e: *palu* ~ *nalu*, pai e mãe

**ho'e!** o! oh!

**ho'e, hoho'e**, aluminar, luzir, brilhar, arder: *veru tapi* ~, a palha arde muito

**ho'ana**, lume; dar chama

**aca-ho'ana**, chama

**pacu-ho'ana**, a luz da vela

**hofina** = **hufina**

**hohike**, escorregar, resbalar; resbalão

**hoho**, cantar

**hoholu**, figueira brava de fruto não comestível (só para animais)

**hoi**, espeto que se coloca num buraco (armadilha) para caça

**hoihoi**, de pouca altura; de pontas aguçadas: *cele hai* ~ *mokore*, o milho já levanta um pouco da terra, germe

**hoihoike**, serrado, bicudo como a serra

**hoilana**, caçada: ~ *fa'i*, caçar

**hoile**, cortar dum só golpe e em cunha: *mu'a fuka* ~, cortar o rebento da bananeira (tradição de Lospalos)

**hoilu**, gavião, milhafre grande, águia

**hokihe**, resvalar

**hoku**, lodo, lama, barro; lixo [mac. *soke*]

**hoku-laulave**, lodaçal; ter muito lixo, lixeira

**hoku-reirei**, lamaçal

**holi**, torto [mac. *solii*]: ~ *seile*, cortar com serrote; ~ *cefele*, cortar com catana; ~ *cuveve*, despontar as plantas com as unhas

**holiholi**, entortar; desviar-se: ~ *cuve*, semear oblíquo, torto

**holiholine**, oblíquo, torcido; vesgo

**home**, categoria duma classe [?]

**hoo**, sim: *Eluhe istuda? Hoo!*

Queres estudar? Sim!

**ho'ore**, enganar-se no caminho, perder-se: *irin mucu* ~, perder-se no bosque

**ho'oho'ore**, intranquilidade

**icakafu-ho'oho'ore**,

desassossegado, perturbado

**hopilu**, muita água; gatas das crianças

**ira-hopilu**, papas, molho conduto

**hopone, hoponi**, pensamento: *calu* ~ *taa*, repetir os pensamentos dos nossos avós

**hoponu**, arauto, mensageiro; combinar um barlaque

**hopu**, montão

**mu'u-hopu**, cacho de bananas

**cele-hopu**, monte do milho amarrado

**palu-hopu**, os nossos pais, maiores, antepassados

**hopute**, estar zangado; berrar; armar barulho; bulha: *mestre* ~, o mestre

- faz barulho
- hori**, aplacar, apaziguar, acalmar:  
*palu nekule i moco-kaka ~*, o filho primogênito acalma seu pai
- horo**, pedragulho, calhau, britas:  
~ *hopum ura*, tira o monte de pedragulho
- horo-cauvele**, terra (sempre usado nos juramentos tradicionais e diante dos anciãos do povo)
- horoke**, beber, tomar (líquido)
- horon**, cheirar; cheiro, perfume  
[cf. tét. *horon*]
- horu**, corno, chifre [mac. *soru*]
- horu-puhupuhu**, corneta de búfalo
- horu, horune**, 1. juntar-se; 2. junto, juntos: ~ *kukule*, gritar juntos; ~ *vahe*, fugir juntos; ~ *koleve*, abraçar-se; 3. com: *Antóniu ~ la'a*, vai com António; *a uman ~ ?*, com quem vives? 4. todo.
- horuamake**, braçado
- horucaia**, dormir juntos; cópula
- horucane**, reunir, congregar (pessoas); reunião, congregação
- horuceru**, convocar, chamar a reunião
- horucuale**, reunir (animais); grei, rebanho
- horucukule**, encolher-se (borracha esticada)
- horucutenu**, reconciliação entre ratu e paca
- horupa'a**, amontoar
- horuuneve**, atizar, avivar: *acam ~*, hai *ututefe, po akam tana*, aticei o fogo, soprei, mas não arde
- horu-helere**, seduzir, captar; fugir juntos
- horu-mace**, convívio, banquete
- horu-naru'uru**, cemitério, "enterrados juntos"
- horuneni**, juntar; reunir; reunidos
- horupe**, acompanhar; reunidos; companhia; pândega (de caminho)
- hoto**, bravo, selvagem, feroz
- hotonu**, deserto, inabitado
- mu'a-hotonu**, deserto
- hovete**, nu, despido: ~ *n nucece*, banhar-se nu
- hua**, tirar, retirar; arrumar: *horo-hopu ~*, tira o pedragulho; *cele fan ini ~*, tira aquele milho
- huahua**, mugir; fanhoso: *arapou ere ~*, os búfalos mugem
- huahuare**, correr dos búfalos, correr pouco
- hualu = huvalu**
- hucafanu**, pilar repetidamente o arroz [cf. tét. *soos*]
- hufina**, 1. fim: ~ *pali*, sem fim; 2. resto: *i ~*, o resto; ponta, fim, cabo, extremidade: *taru i ~*, o cabo da corda
- hufute**, ferver: *puhu akam ~*, *ira hala ~*, a panela não ferve, só a água que se ferve
- hufutina**, espuma: *macen i ~ mura*, tira a espuma da comida; *leura puhu na'e i ~ ane*, a carne que ferve na panela tem espuma
- hufuraka**, cozer coisas inteiras, cozinhar [= tét. *da'an*]: *ilahu ~*, cozer batata doce inteiro
- huhuleve**, copra mole
- hula**, colher de sopa, de mesa [mac. *sula*]
- hula i lafai, hula-saka**, colher do cozinheiro (maior)
- hula-moko**, colher de chá ou café
- huhula**, pá
- hula-ra'u**, talheres (incluindo pratos)
- hula, hulane**, extremidade, extrema (do campo)
- hulacane**, no fim, ao cabo
- hulana**, poder, força
- hulu**, bambu curto que se usa para buscar água
- huluhulu**, crepitar, poder
- huma'ara**, alma [mac. *suma*]: ~ *akam umu*, a alma não morre

## humai

**humai**, vapor da água; bafo

**humainu**, hálito, bafagem

**humere**, 1. activo, constante; cuidadoso:

*kinamoko tapi ~*, o rapaz constante;

*sarani i raunu ~*, o bom cristão não

é preguiçoso; *ma'ar tapi ~*, homem

muito activo; 2. ávido: *~n tapi una*,

tem vontade de comer; 3. trabalhar:

*akam ~*, *akam una*, quem não trabalha,

não come

**humina**, droga, remédio para

adormecer; (**Humina**) nome duma

terra de Loré

**hun**, outro

**hunutu**, vértice da cabeça, coronal,

cimo da cabeça: *~ ho cau atarana*,

carne que se come no dia da

construção da cabeça; tei que

se está a esculpir

**hunututuru**, rodilha

**hupahe**, aquecer por baixo: *leura ~*,

aquecer a carne que está num lanten

para a secar

**hupaheni**, chegar, completar, não

faltar nada

**hupata'a**, bens, haveres, o que

pertence; animais domésticos

**hupenu**, falso; *i ~*, superstição, falso,

vão: *ekunu i hupenu taa*, jurar falso;

*a i ~ taa*, *ana akam piri*, o que dizes

é falso, eu não minto

**hupia (ihupia)**, angurar maléfico,

bruxedo, sopro embruxado, sopro

malévolo que o timorense tanto

teme; feitiço que causa doenças

e calamidades

**hura, huranu**, convidar; conviva,

hóspede; *lanu ~*, *maa valinum*

*ura cuture*, convida o amigo, para

expulsar o inimigo; *Jezús o ~*,

convidar também Jesús; *tarute*

*huranere lafane hai mace, inara...*

quando os convivas já comeram e

beberam, então...

**huranu-fainu**, os emissários que vão

fazer os convites

**hure**, escaldar: *ira-puhu a n-ia hia laku*,

*hai ~*, caiu a panela da água no meu

pé e escaldou-me

**huruha (ete-huruha)**, cerne da árvore,

parte escura da árvore

**huruha'a**, imagem sagrada feita

de madeira rija como os nós

das árvores

**hurunana (urunana)**, 1. último: *vaci i ~*,

o último dia; *misa i ~*, última missa;

2. vindouro, futuro; no futuro

**hutu**, sopro; espírito, espectro; sombra

**hututefe**, soprar: *aca ~*, *po akam*

*tana*, sopro o fogo, mas não arde

**hutuhutu**, espírito

**Hutu Teinu**, Espírito Santo

**hutu-vata'u**, espelho

**i hutupa'inu**, tampa; *~ mura*, tira

a tampa

**hutu-solonu**, a tampa do bambu

(grosso para a água ou tuaca)

**hu'u!** interjeccão de animação: lá!, lá vai!

**hu'ute**, levar: *kaminu ale uku ~*,

as formigas levam todo o arroz

**huvalu**, pente

**huvalsaka**, pente grande feito de

bambu (forquilha); gancho da cabeça

**huvale**, pentear

**tarun ia ece heure isile**, pés atados >





**i**, de (matéria de posse); seu (quase faz as vezes do artigo definido). Muitas palavras vão precedidas deste *i* porque elas sempre incluem o sentido de posse e nunca se usam sem esse *i* que já forma uma palavra [= tét. *nia, nian*]: *ete* ~ *mana*, o fruto da árvore, *vata* ~ *amu*, polpa do coco; *en akam Timór* ~ *hiaru*, isto não é costume de Timor; *sorotu* ~ *he'enu*, a dificuldade do livro; ~ *haia*, seus anos, sua idade<sup>1</sup> [Ed. Uma característica compartilhada com o malaio é o uso do *i* genitivo (= mal. *yang*) para introduzir um adjectivo, p.ex. *moco i hemerana*, filho primogénito, *tana i fatunu*, a mão inchada]

**i**, isto; isso

**ia**, 1. pé: *afi* ~ *afa em la'a*, os pés são para andar; *pata: kuca i ~ fate*, o cavalo tem quatro patas; 2. caminho, rego, carreiro: ~ *ane*, há caminho, tem caminho; *rauraun ~ nere*, boa viagem! (segue bom caminho); 3. começar: *vaihoho* ~, começar a cantar [mac. ia]

**ia hiare**, alugar, contratar: *ana pataka taan-ece ma'ar i ~ la'a a hanim a nate*, paguei vinte patacas para alugar um homem trabalhador em vez de mim

**ia nere**, viajar

**ia-ara**, queixo

**ia-fate**, quadrúpede

**ia-hala**, descalço: *en akam ~n lala'a*, este nunca vai descalço

**ia-horinu, ia-hurinu**, foz, barra, boca dum rio

**ia-karanu**, atalho: ~ *e nere cone ana karune?* por este atalho é longe ou perto? ~ *e nere la'a*, vamos por este atalho

**ia-kava**, manco, pé curto

**ia-lalu**, barriga do pé

**ia-lutu**, elefantíase; elefantismo que

apanha quem canta o meci fora da época (Março)

**ia-mari**, rasto, pegada, pista

**ia-pata**, caminho

**ia-puna**, canela; canelada

**ia-tilika**, calcanhar: ~*m horune*, juntar os calcanhares

**ianere**, viajar

**ianerenu**, viajante

**i'a!** exclamação de incitamento: vamos!

**ianeherana**, segunda-feira

**icane**, cair, tumbando-se [mac. *eibia* (coisas), *eisesara* (pessoas)].

**i'e!** 1. exclamação de dor: ai!;

2. exclamação de afirmação: isso;

3. sufixo de súplica: *Uru ~ Vacu ~!*

Meu Deus!, *no ho rata* ~, meus avôs, meus antepassados

**ifa**, cair: *kinamoko hai n~*, o menino caiu

**moco-ifa**, aborto

**ifale**, tomar, pegar nisso

**ifanunate**, ir a frente de, capitanear, comandar, cf. **fanu**

**ifi**, verme, bicho: *leura hain* ~, a carne já tem bicho

**ihacinu**, visão, cf. **aci**

**ihaini**, por sempre, sem fim

**ihainihain**, eterno, perdurável; eternamente; eternidade

**iharala**, órfão

**ihecu**, segundo; terça-feira

**ihiatupuru**, prima [= tét. *tunanga*]

**ihicanana**, tumbado

**ete ihicanana**, árvore caída

**ihihitu**, cauda do jacaré

**ihinanu**, doméstico: *aca* ~, galinha caseira; *pai ~ lee na'e*, pai hoto upe, o porco doméstico está em casa, o bravo não

1. A base é *aia* 'ano': a maioria dos substantivos que iniciam numa vogal acrescentam *h-* depois de *i*. Cf. *eluhana* 'vontade' ~ *i heluhana* 'a sua vontade'.

## ihini

**ihini** (= **hini**), dele, dela: ~ *ini'i*, mesmo dele; *kuca en tava~*, este cavalo é dela; *pala afi ~*, nossa horta; *lavan en tavar ~*, este dinheiro é deles

**ihini-a'apa'i**, imitar; exemplo,

modelo: *tapa tava ~ po tava kapare*, não imites a esse porque ele é mau

**ihini-nere**, seguir

**ihinta**, **ivihinu**, **ihinu**, **ihinua**,

1. por causa disso, por isso, por consequência: *tava po'ote*, ~ *akam ma'u*, está doente, por isso não pode vir; 2. por causa de: *afi palu e ~ a paha*, por causa de ti o pai bateu-me

**ihipa'i**, cumprir o dever

**ihipa'inu**, dever, obrigação

**ihire**, esperar: *ono ~*, espera ainda; *em padre ~*, esperar ao padre; *ena'en a ~*, ana la'a, espera aqui que eu vou

**ihirana**, esperança: *kinamoko i ~ fanine*, a esperança do rapaz está ali

**ihirohe** = **hirohe**

**ihitanana**, o resto (da contagem)

**ihoi**, pedaço de terra ou mato em forma de bico, cf. **hoihoike**

**ihopu** = **hopu**

**ihoromai**, esconderiço

**ihoromainu**, segredo, secreto, confidência

**ihorupe** = **horupe**

**ihume**, repassa e apanha de novo

**ihumerena**, superada

**ihute**, **ihu'ute**, leva aquilo/isto

**ihu'ute**, pôr deitado; estar no chão

**ihutu'u**, o terceiro; quarta-feira

**i'i**, fiar [mac. *gi'i*]: *anukai ~*, fiar o algodão

**i'ire**, afiar: *hikari ~*, afiar a catana

**i'iru**, pedra de afiar

**i'ise**, vomitar; engasgar-se: *ica-reureuke*, ~, tendo náusea, vomitou

**i'isu**, vômito

**ika**, espeto de trabalho, pau às vezes

com esporão de ferro ou esalmado como de sacho: *hikari lafai upe inara*, ~ *unu laki*, não tens catana, busca um espeto de pau; ~ *m mu'a laki*, cavar ou emburacar a terra com espeto de pau

**ikare**, frio, ter frio

**iku**, cabo do galo

**iku-le'u**, pena da cauda, pelo da cauda

**cele iku-le'u**, barba de milho, pragana

**iku-papane**, medroso, rabo furado

**ila'ala'anu**, movimento, andamento;

*kuca ~ tapi rau*, o cavalo anda a bom passo; *kareta ~ tapi moruke*, a camioneta anda com velocidade

**tahi-ila'ala'anu**, mares, ondear do mar

**ila'anu**, companheiro

**ila'ala'an**, namorado ou namorada

**ilafai** = **lafai**

**ilahu**, batata doce, tubérculo; ~ *papake*, assar batatas; ~ *utue*, plantar batatas; ~ *rakasana*, batatas fritas

**ilahi-makau**, *ikahu-europa*, batata europeia

**ilailane**, quase, falta pouco para: *ete ~*, pau meio padre

**ilalu**, nó da cana; *cucu ~*, nó de bambu muito grosso

**ilanu**, pelugem que se coloca no bambu para por ficção

**ilare**, rubor, pudor, vergonha: *ma'ar nacun o'ose t-uname i fanu ~*, quem rouba e é apanhado ruboriza-se

**fanu-ilare**, rubor do rosto

**ilaru**, **ilatu**, sorte, fio da navalha

**ili**, monte, serra

**iliaracatanu**, som, eco

**ilihe**, revirar, girar, rodar sobre um eixo:

*kareta ia ~*, as rodas da camioneta giram

**ilikora** = **likuara**

**iliku**, espécie de buraco pequeno

**ilikuara**, sovaco

**ilikaha**, pião

**ina**, dar

**in-ara**, **ara**, então

**iparu**, cão [mac. *defa*]

**ipilu**, língua

**ipilu-cipi**, a ponta da língua

**isile**, atar: *kuca kapar ~*, o cavalo

está mal atado; *kuca haim kesin ~*,

o cavalo está fortemente atado

**itiele**, pisar

**itine**, no fundo, junto a, pegado a: *ale*

*ira ~*, o néle está no fundo da água;

*jampata ~*, junto da estrada, debaixo

da estrada; *em ~*, pôr no fundo; lau

i raun poko ~, o pano bom está no

fundo do baú; em itin aci, olhar fixo

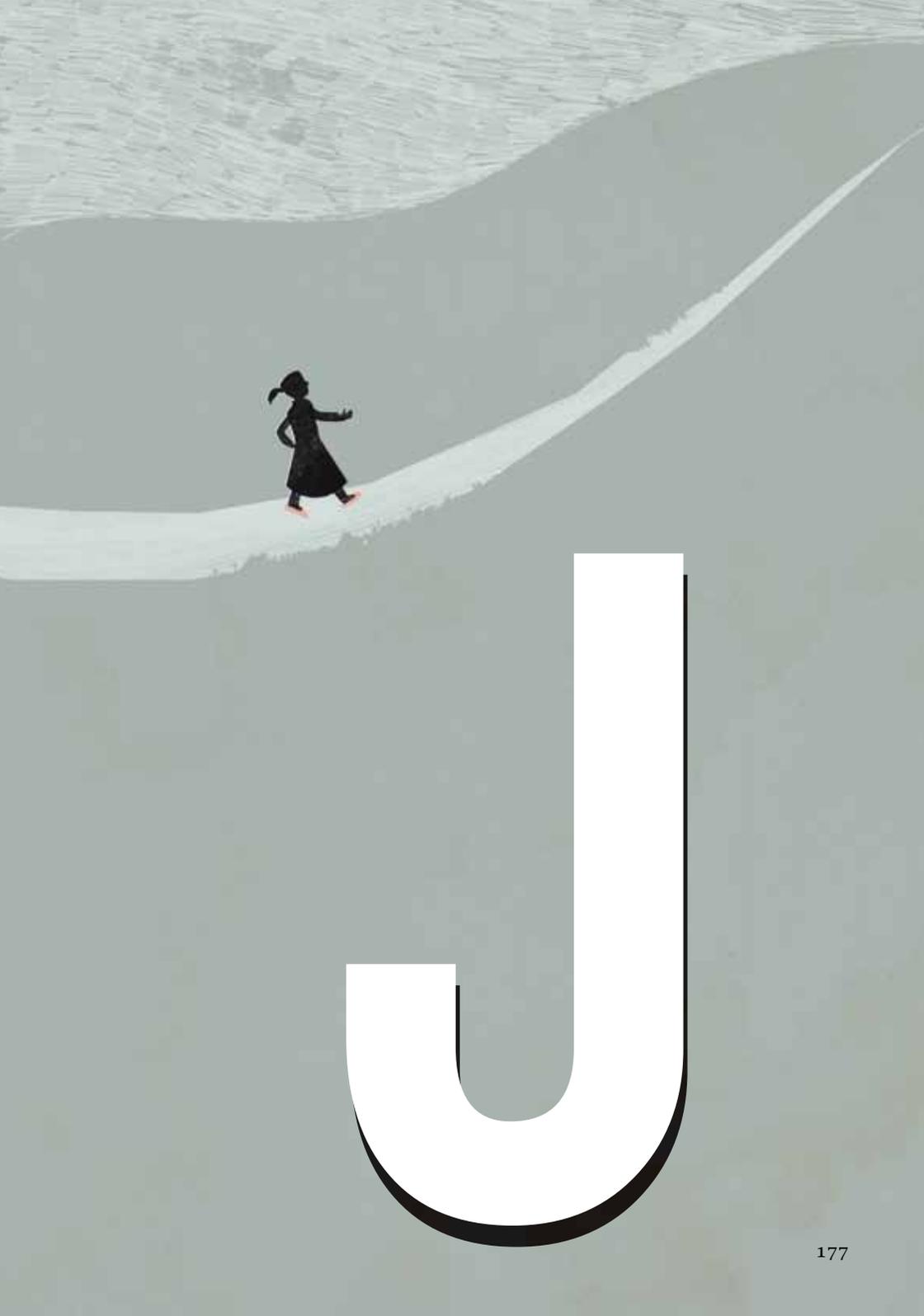
ameaçador; fitar no imo, enxergar:

administradór an em itin aci, ana

arahe, o administrador olhava para

mim, eu espantei-me

**jeu ukani jene jampata**, uma mulher sozinha em caminho >





Pronuncia-se como em inglês July, jovial.  
 [Ed.: Esta letra com toda a probabilidade não é fonema independente, mas sim alofone de c].

**jampata**, caminho, estrada, rua

[< mal. *jembatan*]: ~ *en Loasuspala mara*, esta estrada vai a Lospalos

**je-**, prefixo de muitos verbos que lhes da o sentido de individualidade ou singularidade; também lhes da o sentido reflexo, ou separação:

*je-jeru*, chamar a parte

**jene**, só, sozinho; isolado

**jejene**, diverso, diferente, distinto, separado: *Uruvacu ma'ar lauhana utu atere horune, po ~*, em Deus há três pessoas iguais e distintas; *afi ini, afi anu ~*, nossos olhos, nossos rostos diferentes

**jenjenehere**, ralo, pouco espesso, espaçado com intervalos: *cele ~, rau*, o milho espaçado é melhor

**jenhín**, a si mesmo: *a ~ ta'a?*

o que dizes de ti mesmo?

~ *kori*, envenenar-se,

~ *kastiku*, fazer penitência

**jepe**, ir separado; afastado

**jen mucu tahane**, remorso

**jen nanekule**, arrependimento

**jete**, cair, tumbiar

**jejete**, cair para baixo, jorrar:

*mihi-ara ~, mihi sune*, caem-te os moncos, assoa-te

**jeu**, esposa, mulher: ~ *vale*, tomar

esposa, casar-se

**jeu-pali**, sem mulher; amancebar-se

**jokojoko**, coxo

**juka fa'i**, apostar

**jura fa'i**, jurar

**kikinu atu kepa kerekere fai,** o ratinho barrigudo pinta >



**K**



- ka'are**, oco, vago, vazio [mac. *gaare*]  
**ka'arlaw**, saca grande de linhagem
- ka'aru**, águia, gavião [mac. *lolu*]: ~ *tapi lalun ipile*, a águia voa muito alto kaca, segredo; combinação [mac. *giserel*]: *akam* ~, não combinamos; *Júliu* ~ *m em acitaa*, diziste este segredo a Júlio
- kacai**, rodilha, coroa de farrapo ou erva, posta na cabeça
- kacera**, kacira, cadeira [tét. *kadeira*]
- kafa**, oito  
**taan ita kafa**, dezoito  
**taan kafa**, oitenta  
**i kafa**, oitavo
- kafale**, deitar com força: *malu* ~, deitar para fora  
**ara kafale**, deitar-se, cair  
**kafalana**, deitado em cima  
**kafal-papakana**, tijolo
- kafu**, semente, pevide, grão, germe; fruto  
**kafule**, colher, apanhar fruta  
**cele-kafu**, grão de milho
- kafulu**, posta, bocado; *leura* ~, bife; *api i* ~, posta de peixe
- kahure**, misturar [< tét. *kahur*]: *celem ote* ~, mistura milho com feijões
- kai**, cachimbo: *katuasuu unu capaku* ~ *na'e*, o velho põe tabaco no cachimbo
- kaia**, cacatua [mac. *kaia*]: ~ *pitine*, *koi kere lafane*, a cacatua é branca, o lorico tem muitas cores  
**kaiaiaiai**, latir do cão, ladrar, ganir: *tarute afa iparu paha*, ~, o cão late quando lhe batemos
- kaialau**, mosquito
- kaiare**, fadigar, cansar; cansar-se; cansado: *kinamoko valalen* ~, *akan ula forite*, o rapaz depressa se cansa, não é forte
- kaicava**, árvore semelhante ao carvalho com fruto em drupa e polpa aguosa de sabor a uva [< mal. *kayu jawa*, cf. mac. *kaidawa*, tét. *ai-daak*]
- kaihe**, afiar [mac. *ga*]
- kaikai**, rota
- kaile**, 1. torto; curva; 2. inclinar; entortar; 3. pecado  
**kaikaile**, torto, revirado  
**kaikailenu**, acácia rubra  
**kaikailu**, foice muito torta  
**kailcoru**, pecador  
**kaile-pali**, sem pecado, inocente  
**kaile-teinu**, sacrilégio
- kailemu**, tamarindo: ~ *i mana akahe*, o fruto do tamarindo é ácido
- kaipupu**, figueira brava, de fruto não comestível, mas útil para os animais (porcos)
- kaisala**, algodão
- kaka**, o maior dos irmãos; irmão mais velho [< mal. *kakak*]: ~ *i vehe*, sangue do irmão  
**kaka-tupuru**, irmã mais velha
- kakakakase**, balbucear; voz fraca, ter voz de mulher (falando de homens)
- kakale**, malhar, bater reiteradamente, repisar
- kakalu**, acadiro, palmeira de sagu
- kakase**, ter muita sede
- kakatua**, ave cacatua; alicate, turquês
- ake**, escarro
- kakeleru**, gafanhoto semelhante a louva-a-deus, grande e de várias cores
- kaki**, sarampo; sarna [mac. *kaki*]
- kaku**, rasgar
- kakukaku**, **kakukaku-suke**, andar cauteloso: *posi* ~, o gato anda devagarinho  
**kakukaku-ciele**, avançar com cautela
- kakunelukala**, moela das aves
- kalahu**, inhamé
- kalakalahu**, junça: uma variedade de tubérculo doce e comestível, muito apreciado [= tét. *lamkuas*]
- kale**, atirar, apedrejar
- kalén**, **kalenu**, zinco, folha de zinco; balde [< mal. *kaleng*]
- kali**, juntar: *minikuru ufur* ~, beijo íntimo

## kalu

**kalu**, celeiro, saca grande de palapa para guardar o néle

**kaluria**, armanezar; armazém

**katatu**, tubarão

**kaminu**, formiga: ~ *kaminu vale*, formiga com asas

**kamutalu**, tomate bravo

**kanipa**, vinho (a brincar), aguardente reles, mistura com água e adocificada [< tét.]

**kapainu**, trepadeira, com tubérculo comestível

**kapare**, mau, ruim, vil; mal: ~ *lele*, bater sem piedade; ~ *caa*, almaldiçoar, injuriar, praguejar

**kapakapare**, mal feito, defeituoso

**kapakaparpa'i**, danificar, estragar

**kapakaparare**, **kapakaparasi**, feio, repugnante

**kaparana**, maldade de feito

**i kaparana**, coisa má, maldade, malvadez; *alivana* ~, inferno

**kaparasi**, cabresto [< port.]

**kapoti**, manta, cobertor, capote [< port.]

**kapua**, corvo: ~ *cele uku una*, os corvos comem todo o milho

**kapulai**, arbusto com frutas menores e de sabor de maçã; dizem em Lautém que deu origem à maçã de Eva do pescoço [= tét. *ai-look*]

**kapulai-kafu**, noz de Adão

**karahu**, capim com folhas de arestas, silíceas

**karakara**, escarrar, ranger

**karane**, duplo

**karanu**, forquilha, forçado, força [mac. sika]

**taraleu-karanu**, esporão de galo

**asi-karanu**, pinça do par de patas do camarão (e dos outros crustáceos)

**saka-karanu**, tei em forma de forquilha que coloca nos ângulos da casa dos gentios para os defender dos maus espíritos

**lee-karanu**, coluna das casa de Timor, sebifuncada na parte superior

**karase**, **karasu**, loiro, amarelo: *cau* ~, cabelos loiros; jóia; oiro [mac. *gabara*]

**lavankarasu**, oiro; *cele hai* ~, o milho já amarela na colheita

**karase fa'i**, amadurecer (vt.)

**karaspa'i**, amarelecer (vt.), tornar amarelo

**lavan karasu**, oiro [= tét. *osan-mean*]

**kareta**, carro; carrinha; camião; automóvel [= tét. *karreta*]

**kari-karine**, rosnar, bufar, soprar; *posi* ~, o gato bufa

**karol**, **karlau**, saca grande de serapilheira [= tét. *karól*; mac. *losana*]

**karu**, que [prônimo relativo] *kailo* ~, ... os pecados que...; ~ *e ono* (v. **karua**), doravante

**karua**, agora, já; ~ *hiare*, eu pago-te já; ~ *e fa'i*, faz isto agora; *tainta afa istuda*, ~ *afa cicirai*, antes estudávamos; agora jogamos [mac. *malemale*]

**karukarune**, pertinho; espesso; *ete* ~, árvores bastas, compactas; *ira* ~, a nascente está pertinho

**karucau**, por perto, aproximado

**karune**, perto, próximo, a pequena distância [mac. malene]: *lee* ~, vive perto da minha casa; *hai* ~, já está muito perto

**karunpa'i**, aproximar

**karunana**, vizinhos, os que estão perto: *a* ~ *tapi rau*, tenho vizinho muito bom

**kasaruha**, **kasaruharu**, espeto de madeira que faz as fezes de prego nas juntas das portas

**kasaruhana**, parafuso

**kase**, sede; sequioso; ter sede

**kasu**, o que tem sede; sede: *ira* ~ *uca*, a água mata sede

**kakase**, *vari* ~, estar sempre com sede; *umani-t vari* ~, quem fica

sedento, quem sua  
**kase-kase**, sedento, ávido de beber  
**kasiane**, pobre (adj.); *lau* ~, pano pobre;  
*lee* ~, casa mísera  
**kasianu**, (o) pobre, miserável;  
 miséria, penúria; ~ *en ezmola*  
*ucuce*, este pobre pede esmola;  
 ~ *Timor na'e upe*, em Timor não  
 há pobres propriamente ditos  
**kasteku**, castigo, punição  
 [= tét. *kastigu*]  
**kasu** = **kase**  
**kasu**, maldição; segredo: *em akam im a* ~,  
 isto não é segredo  
**kasun-ocava**, maldoso  
**kata-katamu**, alicate de madeira para  
 apanhar brasas, para virar o fogo  
**katanu**, coxa; presunto [mac. *atebere*]:  
 pai ~ asirana, perna do porco salgada  
**kateri**, tesoura [< tét., mac. id.]  
**kati**, balança; peso [mac. *dasini*]:  
 ~ *tarupaha*, quanto pesou? (quanto  
 mansa [sic] na balança)  
**katuasu**, velho [< tét. *katuas*]  
**kau**, ponteiro  
**matar-kau**, ponteiro da ardósia  
**kaukare**, sachar; sacho: *anakam navar* ~,  
 eu não sei sachar com o sacho; *emere*  
 ~ *upe*, antes não tínhamos sachos  
**iriku-kaukare**, uma qualidade  
 de aranha  
**kaukauru**, sacho, sachola [mac. *dia*]  
**kaukausila**, *kaukisa*, minúsculo, v.  
**kausila** [mac. *kaukau*]  
**kaukisapa'i**, mingar, fazer mais  
 pequeno [= mac. *kauni gini*]  
**kaumisa**, pequeno, diminuto  
**kaune**, partir, romper: *ra'u* ~, partir o  
 prato; *matar kakale ta nau* ~, bater  
 na pedra até partir  
**kaunu**, greta, fenda [mac. *ta'ala*]:  
*koco* ~, parede com fenda  
**kaure** (v. **kaukare**), arranhar, coçar-se  
 [mac. *kaure*]: *gen* ~, masturbar-se;

*nita* ~, faltar com outro ou pudor;  
*i cau vari kaukare e haminu ane*  
*hinua*? coças-te muito a cabeça:  
 é que tem piolhos?  
**kausila, kaukausila**, pequeno,  
 diminuto, imperceptível [mac. *kau*]  
**kaukausila-moko**, uma mica;  
 finíssimo; *ia tapa sorot-asam* ~ *unu*  
*mu'a futu laku*, não lanceis ao chão  
 o mínimo papelinho; *ia tapa foehu*  
 ~ *unum inlaku*, Não deixeis o mínimo  
 de ervazinhas.  
**kautu**, saco de folhas [= tét. *ka'ut*;  
 ~ mac. *dakara*]  
**kava**, curto; baixo [mac. *digara*]:  
 ~ *rekise*, cortar rente, cerce pela raiz;  
*mouku kavakavane*, as nuvens andam  
 baixas; *a* ~ *moko taru-t e ta lohai*? és  
 muito baixo, quando é que cresces?  
**kave**, casar-se [= tét. *kaben* < mal.  
*kawin*]: *hai* ~, casado  
**kavenu**, esposo; ~ *caule*, arrelhar-se  
 com o esposo/a esposa  
**keko**, corneta, buzina, trombeta; ~ *uta*,  
 tocar a trombeta  
**keeru**, escada de mão [mac. *ge*]  
**keer-fuka, lee-keeru**, degrau; escada  
 de casa  
**kekehe**, contar (1,2,3...)  
**kei**, luhu, cesto pequeno, redondo com  
 tampa [mac. *bu*]  
**Keivaca**, nome de pessoa  
**kekeilu, kekeile**, desequilibrado  
**kekele** (= **kele**, com reiteração da  
 primeira sílaba), *rir* [mac. *je*]; *vari* ~,  
 estar sempre a rir; rir sem parar  
**kekete**, esgaravatar, remexer com as  
 unhas [mac. *kauru*]: *aca mu'a* ~ *ifi*  
*anahe hinua*, a galinha esgaravata  
 para encontrar bichos.  
**kela**, estranho ao clã, estrangeiro  
**kele**, rir-se [mac. *je*]: *tapi* ~, rir às  
 gargalhadas  
**kelese**, beliscar, apertar com as unhas

## kelesu

[mac. iluen]

**kelesu** (v. **seleku**), unha [mac. *kul*]

**o'ó-kelesu** (**o'ó-seleku**), bico

**keletu**, um caracol de mar de concha muito estimado [mac. *lumakisú*]

**keluhe**, kelu, não querer, negar-se, recusar; resistir; amuar [mac. *tule*]

**kemu**, feto, planta criptogâmica [mac. *lumuru*]

**kemukemuru**, musgo; ~ *momo na'é lauhe*, o musgo nasce e cresce à sombra

**kene** (v. **keni**, para uma pessoa), calar; calmo; silêncio [mac. *gugu*]

**naukene**, cala-te! silêncio!

**kenekene**, silêncio profundo; caladinho [mac. *gugugugu*]

**keni'ine** (v. **omoomoke**), quietinho, sossegadinho [mac. *nagara*]

**kenine**, repousar

**kepa** (v. **popo**), barrigudo

**atu-kepa**, pançudo [mac. *atu-foko*]

**kere**, guarda-chuva feito com folha de palma (acadiro) [mac. *kaiteru*] e ~ *fale po aia ula uta*, toma o guarda-chuva, que pode chover.

**kerekere**, escrever; côm; colorido; pintar [mac. *kereke*]: *i* ~, escreve aquilo, pinta aquilo

**kerikerise**, calor do sol [mac. *pa'ara*]

**vacu kerikerise**, calor sofocante;

o calor apertada

**kerise**, pessoa raquítica, pouco

desenvolvida; calor solar

**kerite**, escalavrar, esfoliar; *tua* ~, cortar a inflorescência das palmeiras para obter tuaca.

**kesare**, queixar-se, reclamar; acusar [= tét. *kesar*; mac. *kesara*]

**kesarana**, queixoso; queixume, lamentação; ressentimento

[= tét. *kesardór*]

**kese**, vestir o langotim, a tanga [mac. *gutul*]: *malu* ~, pôr-se lo langotim

**kesi**, fixo, firme; atar, apertar; duro

[mac. *ge'ele*]: *aca* ~*n cile*, segura bem a galinha; *kuca hai* ~*n cile*, o cavalo está bem seguro; *ma'ar* ~*n nate*, o homem está firme, em pé; *vari* ~, resistir; permanente; ~ *namai*, bem equilibrado, verticalmente bem plantado; ~*n seile*, esticar, entesar, puxar forte; *a moco* ~*n nate*, o meu filho predilecto

**cau-kesi**, cabeçudo; cabeça dura, pouco inteligente; curto

**kesinu**, equilíbrio [mac. *gige'ele*]

**kete**, **ketelu**, ramo pequeno, fronde, franças [mac. *raga*]: *i* ~, haste, ramo

**ete-ketelu**, ramagem

**mai-le'u ketele**, caneta de pena de milhafre (pena da cauda da ave)

**keu**, rapar [mac. *keu*]

**keuse**, raspar com faga; apagar raspando; *ilahu* ~, descascar

batatas; *pai* ~, tirar os pelos do porco morto; *i vele* ~, depilar;

*fuhu* ~, rapar o tacho; comer o resto

**kii** (v. **kiki**), grito gutural para chamar o cavalo

**kia** (**ucu-kua**), gema do ovo; guia; ~ *fa'i*, escrever uma carta, dar um guião, dar passaporte, guia de marcha

**kiakiaru**, traça (da roupa) [mac. *kiakia*]: ~ *faru hai una*, a traça roeu o vestido

**kiakiase**, rouco; afónico

**kiar**, **kiaru**, quíar (ou canária): árvore gigantesca de fruto comestível e cujo tronco, a épocas, dá mesma resina aromática como o incenso [mac. *mooru*]: ~-*mana afa una*, comemos a amêndoa do quiaro.

**kiki**, **kikifai**, grito para chamar cavalos [mac. *ii*]

**kikie**, morder; roer; formigar; comichão [mac. *ki'i*]: *cualeu a hai* ~, mordeume uma cobra verde

**kikinu**, ratinho; pequeno [mac. *kiki*]:

- cele hai* ~ *mokore*, o milho já tem um palmo de altura
- kikire**, gener; falar baixinho [mac. *nidu*]
- kila**, nódoa, mancha
- kila-pali**, imaculado, sem tacha
- kilae**, sujo; sujar; porcaria [mac. *ra'í*]
- kilakilae**, muito sujo
- kilikili**, cócegas: *tapa a* ~, não me faça cócegas; não faça cócegas à gente
- kilu**, pulseiras das mulheres
- kina** (v. **kinamoko**), rapaz, menino, maroto; pl. **mokomokoru**, rapazes
- kiniru**, bambu [mac. *betu*]
- kipu**, codorniz
- kirihe**, dar voltas; moer; rodar; torcer; enrolar; dar corda; parafusar [mac. *fukene*]
- kirihana**, que dá voltas
- ira-kirihana**, torneira
- kirikiri** (v. **alekua**), cogumelo das árvores [mac. *ate-gula*]
- tahi-kirikiri**, esponja
- kirikirire**, rinchar; relinchar; rincho [mac. *serere*]: *kuca* ~, o cavalo relincha
- kirise**, enfezado, raquitico, pouco viçoso [mac. *labi*]
- kisa, kisu**, gengiva [mac. *mira*]: ~ *fatu, vahinu panake hinua*, tem a gengiva inchada por causa de dor de dentes
- kisa-kisa**, ranger, rechinar, estridular; *vahinu* ~, ranger de dentes; *ete-tani* ~, as ramas das árvores rangem
- kisu**, palha (que sai das sementes)
- kiu-fatuhara**, aurora, de manhã cedo [mac. *mu'a-fubuti*]
- kiukiu**, piar [mac. *kiu*]: *acamoko* ~, os pintainhos piam.
- koa**, descontar [mac. *hasee*]
- koco**, parede em geral, de pedra solta [mac. *sid*]: ~ *uta palake*, esconder-se detrás de um muro; *tapa* ~ *namanie*, não te encostes no muro
- koko**, mexer (líquidos), agitar [mac. *gali giní*], cp. valí 'mexer sólidos':
- ami* ~, remexer leite; *sisi* ~ *tarute pohe*, remexer a cola quando ferve.
- kokotana**, onda, vaga [mac. *laloran*]
- koe-koe**, grunhir [mac. *koe*, id.]: *pai hai tapi* ~, o porco está a grunhir muito.
- koeme**, fazer papas; mexer as papas [mac. *koiri*]
- kofo-koforu**, ronçar do porco [mac. *mulu*]
- kofu**, copo; jarro [= tét. *kopu*]
- kohe**, agitar [mac. *gelu*]: *kohet cure*, sacude-o para que acorde
- kohe-kohe**, abanar, mover; móvel, bambo
- kohe**, taleiga ou saquinho de palma [= tét. *kohel*]: *cerenanam* ~ *mucu-laku*, mete a ração dentro do saquinho
- koi**, apagar; falhar [*koli, deta*]: *aca koi-koi*, o fogo apaga-se muito: *vakisa* ~, carvão apagado [mac. *ata-isa tai*]: *vakisa en eroho* ~, este carvão apagase depressa
- ina-koi, ina-ko'e**, cego, olhos apagados [mac. *nana-koli, nana-deta*]
- koi**, lorico: ~ *hin varim ete papani mucu pa'i*, os loricos fazem os ninhos nos buracos das árvores
- koikoilili**, coroinha ou caracol do cabelo
- koile**, fechar [mac. *gesi, kuilí*]: *nina* ~, fechar os olhos
- koikoile**, fechar e abrir; ter sono
- koilili, kolili**, mergulhar-se: *fanu* ~, prostrar-se com a face no chão [mac. *ni fanu mu'a gua boko*]
- koise = kolise**
- kokote**, viver; crescer (das pessoas), cp. **lahute** 'crescer das plantas'
- kolega**, colega [< port.]
- koleve**, abranger, cingir; apanhar; abraçar-se; agarrar-se [mac. *ko'olo*]: *tapa nita* ~, não se agarrem
- kolikisa, kolisa, kolise, koliseti** (familiar), depois, logo: *karu ana ena'e, kolikisa ana la'a lee-teinu mara*, agora estou aqui, depois vou à capela
- kolo**, mudo; murcho [*gugulai*]:

## kolo

*povuasaun ena'e ~ un upe*, esta povoação não tem nenhum mudo;  
*vata ~*, coco murcho

**kolo** = **dekoleve**

**komafai**, amido

**komacantu**, comandante

**komolu**, palapeira [mac. *lubu*]

**komuniaun**, comunhão

**koneru**, açafrão bastardo de Timor, tubérculo que dá cor de açafrão ou açafroa [tét. *kuniŋ*]: *Timor na'e akam ~m ale pohe: koner ihira tapi hiamoi*, em Timor não comemos o arroz com açafrão: o açafrão é muito caro

**konisu**, chave [mac. *sabi*]: *~ upe*, não tem chave; *batizmu nelu i ~ vaane*; *kailu fa'i*, *~ hai kapare vaane*, o baptismo é como a chave do céu; fazer pecados é como estragar a chave.

**konu cece**, muito escuro

**kopose**, descamisar (com a unha) [mac. *kobel*]: *cele ~*, descamisar o milho

**korentu**, corrente, fio de metal [mac. *korenti*, tét. *korrente*]

**kori**, veneno [mac. *kurŋ*]: *tua en hai ~*, Este vinho está envenenado; *tupur en gen hin ~*, esta rapariga envenenou-se  
**korikorinu**, turvo; turvar; sujar líquidos

**korokoro**, mugir, guinchar [mac. *ae*]: *cila ~*, a rã canta; *atu ~*, o ruído das tripas; *lua ~*, o guincho dos macacos

**koronailu**, koronél, coronel

**koronél-moko**, régulo

**koronél-lafai**, general

**koronu**, verde (não maduro); espiga

**cele-koronu**, espiga de milho

**ote-koronu**, feijão verde, de grão já formado

**vata-koronu**, coco com água e sem copra

**paiahu-koronu**, manga verde

**kosine**, aparelhar, por os arreios; *kuca ~*, aparelhar o cavalo

**koso**, grito colectivo ou comum festivo

**kosonu**, compartimento de casa de Timor

**kota**, parede (= koco)

**kota-lafai**, cidade

**Kota Foehuloro**, Posto de Fuiloro

**kou**, bebé

**koukou**, recém-nacido, infante; *ono ~*, ainda é criança

**koune**, noite; trevas; fosco: *tuku kafa ~*, às oito da noite; *koun lafai*, grande escuridão; *olo koun hini*, ave nocturna

**kounu**, de noite; escuro; escuridão, trevas

**koukoune**, de noite; muito escuro: *~ ta mai*, vira de noite

**mu'a-koune**, a noite; ao anoitecer: *~ ulumuha*, a meia-noite

**mu'a tutu-koune**, lusca-fosco, crepúsculo, quase anoitecer

**koukoun**, todas as noites: *~ te ta ma'u-ma'u*, vem todas as noites

**kounpa'i**, escurecer, obscurecer; *Outubru na'e eroho ~*, em Outubro obscurece cedo

**kouri** = **kori**

**kouru**, árvore chamada de S. António com tronco carnoso e flores muito aromáticas (frangipana).

**kua**, pelar, tirar os pelos sapando [mac. *keu*]: *pai ~*, depilar com uma casca de coco o porco, com água quente preparado ou chamuscado

**kuanu**, agulha dos teares que leva a trarua [sic]; lançadeira [mac. *kuanati*]:

**kuare**, arcano; mistério; desaparecer: *ana ~ o!* quando eu morrer!

**kuaru**, encolhido; desaparecido

**kuar nate**, levantar-se contraído

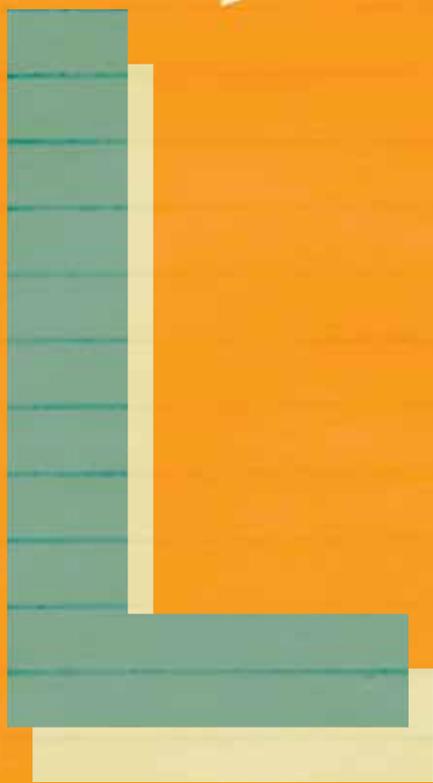
**kuar-tare**, maroma; corda grossa [mac. *tali bere*]

**kuar-taia**, deitar-se com as pernas encolhidas [mac. *ruku tae*]

**kuca**, cavalo [mac., tét. *kuda*]: *~ tapi.tifare*, cavalo veloz; *~ teiteile la'a*,

- cavalo vagaroso; ~ *hekuheku*, cavalo coxo; ~ *en tapi hoikana fa'i*, este cavalo dá muitos coices; ~ *seile*, puxa cavalo; ~ *tapi inakeri*, cavalo muito bravo; ~ *atu-sisilan*, sela; ~ *i lee*, cavalaria, estábulo; ~ *hiapen ma'u*, vir a cavalo; ~ *hiapen la'a*, ir a cavalo; ~ *i fula mee*, castrar o cavalo; ~ *kirikirire*, o cavalo relincha
- kuca-aku**, 'castanhas' do cavalo [mac. *kuda-gatu*]
- kuca-moko**, poldro [mac. *kuda-mata*]
- kuca-nalu**, égua [mac. *kuda-fena*]
- kuca-vahilanu**, cavalo semental [mac. *kuda-nam*]
- kuca o'o-anana**, freio [mac. *maka-bole*]
- kuca-puru**, burro [mac.,tét. *kuda-burru*]
- kuca-taru**, rédea, arreata [mac. *kuda-tali*]
- kuca-kuca**, banco
- mumina kuca-kuca**, bicicleta:  
~ *akam hari nava*, a bicicleta não come erva
- kuca-rapo i foromasi**, manga de vacinar o gado
- kufa**, reparar; tirar a copra mole do coco [mac. *sigara*]: *vata* ~, reparar a copra mole; *hula'in* ~, tirar a copra com colher; *upata nahu* ~, varrer tudo para casa, querer tudo para si
- kukele**, torrar
- kukelenu**, torrado [mac. *buku'u*]:  
*ale* ~, arroz queimado
- kukeve**, pisar-se; beliscar, retorcendo os dedos: *nita* ~, beliscar-se uns aos outros
- kuku**, **kukule**, arranhar, sulcar, arbrir rugas [mac. *mari'i*]
- tana-kukule**, punho
- kukukukule**, enredado, emaranhado:  
*problema en tapi* ~, este problema é muito complicado
- kukuse**, **kukusu** peco, doença das plantas [mac. *gatulae*]: *tau kukuse*, abóbora que não se pode comer
- kukukukuse**, rugoso; muitos sulcos
- na pele [mac. *dadaka*]: *vele taru* ~, pele muito enrugada
- kupane**, limpar, aperfeiçoar: (*i*) ~ *aca tananu*, lenha sagrada para cozinhar a comida dos noivos
- kule**, grito; berrar, bradar; chamar [kulu]: *vari* ~, estar sempre a berrar; *tapa vasi* ~, não grites tanto; *aia na* ~, gritos pedindo chuva
- kulpa**, culpa [< port.; mac. *detel*]
- kulu (kulu'ulu, ulu)**, umbigo, buraco do umbigo [mac. *ilu-mana*]
- ulu-mukia**, umbigo perfumado.  
Nome de pessoa (homem).
- Kulu-Malai**, nome de mulher
- kupakupanu, kupanu**, bambu grosso [mac. *betu*]
- kupura (= tupure)**, mulher
- tahi-kupura**, norte ('mar mulher')
- kure**, secar: *lau* ~, secar a roupa ao fogo
- kuru**, buraco, toca, furo [mac. *niana*]:  
~ *lafai*, poço profundo, antro; ~ *fa'i*, furar
- ira-kuru**, poço
- kurue**, buracar, perfurar: *ete lepenu* ~, faz buraco na tábua
- kurukurue**, grito para chamar as galinhas [mac. *geri kururu*]: *aca* ~, chamar as galinhas ou os galos
- kuruse**, cruz [< port.]: *tana kurus tan ruha*, crucificar
- tua-kuruse**, juramento (pôr a cruz no vinho)
- kusina**, como; assim como [mac. *tarusu*]: *cone ena'e Tutuala* ~, longe como daqui a Tutuala
- kusevaria**, coincidir, chegar, igualar:  
*lapisu nita* ~, os lápis são iguais
- kukuseveria**, da mesma altura
- kusu**, talha, jarro grande [mac.,tét. *kusi*]
- kusuneru**, cozinheiro [< port.]:  
*capuru mara*, ~ *ina*, vai à cozinha e dá ao cozinheiro

**lavei i lee,** a casa dos crocodilos >





**la**, marcador interrogativo, usa-se nos fins das frases interrogativas: *hain upe ~?* já não tem mais? *teva'ane ~?* como? *umani ~?* quem?

**la'a**, ir; (preposição) a, para [mac. *la'a*]: *la'a em acita'a*, vai e diz-lhe; *emere ana eluhe varesenpa'i an ta ~*, antes de sair quero fazer a limpeza pessoal; *valevalale ~*, ir depressa; *la'a copela'a*, vai-te para longe; afasta-te; *moko-mokor ahar ~ servisu*, mandar os rapazes para o trabalho; *la'a i!* Vai mesmo! Não há outra solução senão ir

**la'a-la'a**, andar; marchar [mac. *tagara*]: *e kuca ~~~ tapi rau, a-hani ~~~ kapare*, o teu cavalo anda muito bem, o meu anda mal; *vari ~~~ t-e tanau ihirone*, anda sem parar até que chegas

**la'anu**, ida, partida, saída [mac. *raisal*]: *Nó-Bispu i ~ hai kava*, O Sr. Bispo voltará daqui em breve

**la'ala'anu**, andamento; andante; movimento: *tahi i ~*, ondas do mar

**la'a ... mara**, ir a: o *la'a* vai sempre ligado ao *mara* de vez; *la'a Loasupala mara*, ir a Lospalos; *la'a lee mara*, ir a casa; *la'an hin lata mara*, ir a pé para a aldeia; *a la'a te mara?* para onde é que tu vais?

**la'ana**, mais separados, menos vasto, ralo: *cele ~ cue*, semente o milho mais ralo ~ *nehere*, distanciados, sem amontoar-se

**lala'ana, lala'ane**, mais espaçado, mais ralo [mac. *lalana*]: *cele ~ cue*, semente o milho mais espaçado

**lace**, matar (só para aves e animais) [mac. *las*]

**lafai**, grande; vasto, extenso; superior [mac. *berene*]: *disionáriu sorot tour naunuku tali ~*, o dicionário é maior de todos os livros; *kailu ~*, pecado mortal; *i ~ fa'i*, superar, fazer-se maior

**lafaipa'i**, fazer maior, prolongar,

estender: *palam lafaipa'i*, preparar uma horta maior

**lafane**, crescer; maior, grande

**lafane, lafan**, muito, muitos, em quantidade; demasiado; abundante [mac. *baunu*]: *~ nava*, come muito

**laficaru, laficar**, principal, o maior; autoridades

**lafuru, lafur**, lareira, fofalha, lar: *~ karu taia*, dormir junto à lareira; *~ laru mire*, sentar-se junto à lareira ou fogo

**lafur-teinu** (= *acakaka*), lareira sagrada, dos avôs: *~ akam acam acina*, na lareira sagrada não se acende fogo; *~ i tanen lukuluku*, falar junto à lareira sagrada (sinal de amizade, de fidelidade, familiaridade ao que ali se combinam)

**lahu, lahuna**, cebola [mac. *laional*]: *~ rakasana*, cebola frita

**lahuna cau-panaku**, alho: *~ i hamusekenu a nica akam tutu*, po fani, não gosto do cheiro do alho, mas é-me saboroso

**lahute = lauhute**

**lai!** olá! olá meu ... ! (antiquado)

[mac. *matare!*]: *~ kaka!* olá, meu irmão!

**lai i'e! lai i'o!** Exclamação de dor

**laike, laiku**, ameaçar com rota, oferecer pancada, brandir [mac. *basiki*] *mataru na ~*, ameaçar com pedra; *tenaka na ~*, oferecer pancada; levantar no ar a bengala para bater

**lailaike**, ameaçar: *hikari ~*, ameaçar com a catana ou faca; *falú ~*, levantar a rota ameaçando os cavalos, para os estimular a correr

**laiku**, uma das espécies de pau-rosa e pau-ferro; nome do pau muito resistente que se usa para as colunas de casa de Lautém

**laiku** (= *pua*), areca (fruto): *tapa ~ tia*, não masques areca

## laik-susuka

**laik-susuka**, molhos de fruto de areca já secado

**lailai**, nome do jogo das pedrinhas e um treino de cálculo e de visão, deitando pedrinhas para o ar e recebendo-as com o dorso da mão. Jogo em dois e mais; (verbo) brincar fazendo dar voltas ao que tem na mão (moeda, fruto): *afa ~ po akam taru*, jogamos o 'lailai' mas não apostamos

**lailai-kafu**, **lailainu-kafu**, pedrinhas do jogo do lailai.

**lailaikana**, malho [mac. *bau-base*]

**lailaikere**, relâmpago; faisca, coriscos; brilhante

**lailaine**, cortar a carne em bocados e fitas compridas para secar

**leura-lailaine**, fatias compridas de carne [mac. *laini*, tét. *na'an-dende*]

**fanu-lailaine**, vertigens

**lailaipiti**, embranquiçado

**laite**, velha [mac. *laida*]:<sup>2</sup> *calu-tupuru hai ~*, a avozinha já é velha

**lailaitie**, antigamente; coisas velhas dos antepassados. Essa palavra é usada antes de começar uma lenda ou história.

**laka**, madeira que se coloca no pescoço do porco ou cabritos etc.; mordça, açame

**lakalaka**, palmos

**lakalaka lonia ie**, palavras de inteligência no sacrifício de mamunu

**lakame**, abrir; separar (coisas que estavam juntas) [mac. *la'í, baga*]: *no'o ~*, abrir a boca, abrir os lábios, começar a falar; *kautu ~*, abrir o saco (de palha); *karlau ~*, abre a saca (de sarapilheira)

**laki**, cavar; arrancar; arar [mac. *toi*]: *mu'a ~*, fazer buracos na terra; *ilahu ~*, arrancar batata doce; *ika me mu'a ~*, fazer um buraco na terra com um pau afiado; *fanu-mu'a ~*, arar a terra (a superfície

da terra); *fanum mu'a laki*, cai batendo a cara no chão

**laku**, lançar; atirar; extrair; (subst.) linha de pião [mac. *laku*]: *mucu ~*, deitar dentro; *mu'a futu ~*, lançar (com força) contra o chão; *ena ~!* bota para cá! *em a ~!* deita, atira para mim!; *~ fa'í*, pô os piões em linha; *i vehe ~*; sangria que se faz a um cão para que continue sendo bom para a caça. Fazse depois de ter apanhado dez veados. Também se faz aos guerreiros depois de matar uns inimigos na luta assim para não ser alvo do seu inimigo.

**lakulaku**, agitar, sacudir [mac. *doko, laguru*]: *ira poli na'en ~*, pôr a água no bule e agitar (para estar limpo)

**lakutu**, doença da garganta, amígdalas

**lakuvare**, preto, negro; escuro [mac. *metana*]: *lau ~*, pano preto que se leva na manga nos dias de luto; *lau ~ ceve*, tirar o luto (queimando o laço negro que se levou por um defunto); *lee mucu ~*, casa preta por dentro; *ina ~, malai pitine, Áfrika-mocor afi tali ~*, nós somos bronzeados, os 'malais' são brancos, os Africanos são mais pretos do que nós.

**lala**, coisa indefinida; isso; coiso...

[mac. *na'in*]: *mara a ~ eme ma'u*, vai trazer aquilo

**lala**, nome de uma planta trepadeira que se encontra nos matagais. A fruta come-se e é doce.

**lala-leura**, carne do animal morto ao calhar; carne dos animais que se matam nas festas dos mortos

**lalane**, **lalanu**, turvo; perder a nitidez [mac. *lalanu*]: *aia-uta hin ira lalan ma'u*,

2. Ver também **apanavare**, **katuas**, **puicolo** (velho, de pessoa), **ciri** (velho, de animais), **luka** (velho, de vestidos), **acane** (velho, de frutos), **matu** (velho, de outras coisas).

- por causa da chuva a água vem barrenta; *ira lalan hin ana akam tutu*, não bebo porque a água é suja; *ira lalanu akam fani*, a água turva não é agradável
- lalanpa'i**, turvar, embaciar: *ira hai ~*, Já turvaste a água; *arapou ira ~*, o búfalo sujou a água
- lalapusa**, teia de aranha; aranha [mac. *laba*]: *Alivana en ~ nau polu*. *Akam ~ lee-pu'ina na'e aci?* Esta sala está cheia de teias de aranha. Não viste as teias de aranha no tecto da casa?
- lale, lali**, pólvora dos antigos
- laliri, laliru**, lado, quina, encosta, aresta; canto [mac. *gafi*]: *~ hicine*, ao lado, no lado; *i laliru*, borda, margem, beira, lado; *mesa i ~*, o canto da mesa
- lalu**, alto; voz alta: *~ ca'a*, falar alto; altura; tumor
- lalune**, no alto; está alto [mac. *namadei*]
- cucu-lalu**, nó do bambu gigante
- ia-lalu**, barriga das pernas
- lalucane**, levantar; dizer em alta voz
- lama**, cortar aos bocadinhos [mac. *naku*]
- lamanu**, conjunto (de plantas) [mac. *abara*]
- mu'u-lamanu**, conjunto de bananeiras
- lamile**, escolher, seleccionar; separar [mac. *lamin*]
- lampu**, lamparina, lampo
- lamu**, ao escurecer, quase anoitecer
- lamulamu**, escurecer, anoitecer
- lane**, separar
- lanu**, amigo [mac. *bada, raku*]: *~ tapinu*, amigo verdadeiro
- lanura**, próximo, colega, conhecido, camarada; *i lanura*, aliados, companheiros, partido
- lapa**, nome de gesso tradicional (de bambu rachado) para endireitar o osso partido o deslocado
- lapise**, murchar, engelhar; murcho, engelhado [mac. *labi*]
- lapisu**, lápis
- lapu = lampu**
- lar**, vez [mac. *kale*]: *~ ukani, ~ ece*, uma vez, duas vezes; *~ tarupaha?* quantas vezes?
- larmore**, virar no chão
- larenu**, labrego
- lari**, piada (cantando), canto picante, burlesco; canto de escárnio, orgia; dizer em músicas os defeitos alheios [mac. *gi gall*]: *~ fa'i, larim ma'ar*, fazer ouco da gente
- lari-vaiho**, cantar a valer na orgia: *mu'a-koune ~*, noite ou festim licencioso ou festim com cânticos de escárnio
- lari**, parte, porção, bocado; *i ~*, fatia, gomo (de laranja), limão etc.: *sapurika i ~ unu*, um gomo de laranja; *ilahu i ~*, fatias de batata; *tau i ~*, fatias de abóbora
- vata-lari**, uma cortada de copra;
- Vatalari**, nome duma povoação do suco de Fuiloró
- larune**, está virado
- larupalamai**, virar
- larulerue**, virar-se (na cama) para o outro lado [mac. *galileru*]
- laru-mire**, sentar-se de costas para nós [mac. *galimi*]
- laruca'a**, responder [mac. *galilolo*]
- larucaia**, deitar-se virado para lá [mac. *galitae*]
- larucene**, virar-se um pouco
- laru-luku**, repontar, refilear (das crianças) [mac. galilolo]
- larumore**, virar para cima o que estava embaixo [mac. *galirau*]
- larunamai**, virar uma coisa que está em pé sobre o seu eixo vertical [mac. *galina*]
- larunate**, virar as costas por uma

## larunaci

meia-volta [mac. *galina*]

**larunaci**, virar a cabeça para ver o que está nas costas [mac. *galibuna*]

**larunua**, pelo contrário

**larinu**, raiz [mac. *ari*]

**laru**, vela de barco [mac. *lara*, tét. *laan*]

**larunu**, centopeia [mac. *nakalu*]

**lasuru**, lanterna

**lata**, povoação, vila

**lata-lafai**, cidade

**lata fa'i**, povoar

**lata paru**, povoação desaparecida, extinta

**lata-puru**, cemitério

**lata'u**, ponte; soalho da casa; solo; andaime [mac. *lete*]

**leara-lata'u**, baque de casa de Timor

**latalata'u**, choupana ou pérgola de folhas de palma para uma festa

**latu**, figueira da Índia, cumbeba [mac. *latu*]

**lati-cipi**, flor da figueira da Índia

**lau**, pano; roupa [mac. *kola*]: ~*m sekure*, agasalha-se [mac. *kola sogisi*]

**lau uta**, tecer

**lau-hafarika**, fita, tira de pano

**moco taian-lau**, berço

**lau-ete**, tecedeira

[mac. *narete, seruka*]

**lau hae**, começar a tecer, compor os fios [mac. *ledu*]

**lau-lee**, barraca, tenda de pano [mac. *kolama-ra'ana*]

**lau-luka**, farrapo [mac. *kola-safi*]

**lau-nailu**, cabide [mac. *kola-kesi*]

**lau-itipenu**, saia [mac. *laubasala*]

**lau'e**, diluir; derreter, dissolver [mac. *ira*]

**laulau'e**, molhado

**laulaune**, ter reunião; conversar; estar à espera

**laute**, fazer aliança, pactar

**lauhe**, viver [mac. *lafu*]

**ali lauhe**, resusitar [cf. mac. *muni lafu*, tét. *moris fal*]

**lauhana**, vida

**lauhu**, vivo, com vida

**lauhoro** (pl. de **lauhu**), vivos, nascidos

**lauhute**, crescer; aumentar; viçoso, crescido, desenvolvido; medrar

**lava**, insecto que ataca os algodoeiros; falhido, chocho (arroz) [mac. *lava*; tét. *boen*]

**ote lava**, feijão pequeno

[mac. *ute lava*, tét. *fore boen*]

**ale lava**, arroz falhido

[= tét. *hare boen*]

**lavanu**, **lavan**, dinheiro, moedas [mac. *lawanu*]

**lavan-karasu**, oiro; brinco de oiro

**lavan-pitinu**, prata

**lavei**, jacaré; crocodilo; o avô (como é usado em Lautém)

**lavere = ulavere**

**laverenu = ulaverenu**

**lecileci**, magricela, magrito [mac. *rikarika, leber*]

**lee**, casa [mac. *oma*]: ~ *hiane*, em cima da casa

**lee-lipalu**, festa da inauguração da casa

**lee-a'anapu**, cinzas e resto da casa queimada

**lee-mocoru**, família, familiares

**lee-o'o**, porta

**lee-puina**, tecto (em forma de pirâmide) [mac. *oma-bubu*]

**lee-teinu**, igreja

**lee-teinu moko**, capela

**lee-luku**, eco (dentro das casas feitas de pedra) [mac. *solmobu*]

**lee-hara**, larajés da casa

**leilei**, abanar de cima para baixo; baloiçar o filho dentro de uma lipa pendurada no travessão do tecto da casa

**leileilele**, **leileilelen**, acariciar, brincar com o filho

**leileipiti**, cinzento: *nelu ~ tahine*, o céu cinzento é lindo

**leki**, cimo, saliência

- leki-leki**, nome de uma árvore ou planta trepadeira e espinhosa
- leku**, lar; quintal, divisões
- lekuleku**, jogo de crianças indo ao encontro, no encaicho
- lekuleku pe**, andar em curvas
- lela**, fazer carregar (o cavalo); sobrecarregar [mac. *lelana*, tét. *lelan*]
- lele**, cacho [mac. *saba*]
- mu' u-lele**, cacho de bananas
- leleke**, muito mexido, habilidoso [mac. *remuku*]
- lelece**, torcer [mac. *fukere*]
- lelecana**, torcido, retorcido; torcicolo
- lelise**, furar, emburacar
- lemese**, doce; doçura [mac. *lema*]: *kafe tapi ~ anica akam tutu*, não gosto do (bebo) café muito doce
- lemesu**, adoçado, adocicado
- asir-lemesu**, açúcar [mac. *kasi-lema*, tét. *masin-midar*]
- lemespa'i**, adoçar, pôr açúcar
- leno**, archote, pilha [mac. *leno*]
- lepeke**, abrir, desdobrar [mac. *legara*]
- lepene**, chato, rombo [mac. *lebel*]
- lepenpa'i**, achatar, espalmar
- lepenu**, achatado; *i ~*, superfície; *ete i ~*, superfície da tábua
- lepikasa**, fino, delgado, plaino [mac. *nifi*]
- lepilepikasa**, finíssimo
- lepuru**, livro [mac. *leburu*]
- lere = loro**
- lere**, patos espinhosos dos gafanhotos; terceiro par de patas dos octópteros saltadores; *silaku i ~*, patas espinhosas do gafanhoto; *hikari i ~*, a parte da faca de cima (não afiada)
- i leru**, cutelo da faca
- lere**, ler [< port.]
- lere**, bater
- lerenu, leren**, irmã (do homem) [= mac. *tufu*; tét. *feton*]
- lerue**, rolar, rebolar, rodar, voltar em redondo
- lerulerue**, rolar sem parar
- leruha**, abundante, bem abastecido
- lesu**, caridoso; sensível
- lesu**, lenço [mac. *lesu*, tét. *lensu* < port.]
- letana**, vale, planície
- letara**, letra [mac. *letara* < port.]
- lete-cipi**, nome da flor de uma árvore da Indonésia
- leteletee**, malhado, cor variegada ou várias cores
- leteratu**, retrato, imagem; fotografia, estampa [mac. *leteratu*, tét. *letratu*, retratu < port.]; ~ *seile*, tirar fotografia
- letu**, de entre, no meio [mac. *geta*]: *umunoro ~ ali lauhe*, resuscitar de entre os mortos
- letucue**, voltar a semear
- leu**, ceira, cesto de palapa ou acadiro, alto com uma trença para pendurar a cabeça [mac. *bua*; tét. *bote*]
- le'u**, pelo; cabelo [mac. *namu*]
- o'o-le'u**, bigode; barba; ~ *peu*, fazer a barba; ~ *apare*, arrancar os pelos da barba (é muito comum em Lautém)
- le'u-lumuku**, plumagem
- olo-le'u**, penas de pássaros
- le'u-pali**, implume, penugem
- le'u-ririke**, arrepiar-se, arrepios
- leuleule**, brincar, falar em vão [mac. *muiri*]: *tapa Uruvacu i neem ~*, não pronuncies em vão o nome de Deus
- leuleuvari**, aba da casa [mac. *dulaseli*, tét. *uma-tatiis*]
- leure**, pagar as profecias que com as suas bruxas curou o seu paciente
- leura**, carne
- leura-sokueana**, sassate [mac. *seur gi sukuru*]
- leura-vele**, coiro
- ore-leura**, o porco que os pais da noiva mata para o casamento
- leura-uca**, os animais que os pais do noivo matam para oferecer aos pais da noiva

## leura-ari

**leura-ari, leurari**, fígado: ~ *fa'i*, sacrifício de imolação de aves ou animais para ver ou ler o fígado, assim se sabe as suas culpas cometidas ou calcular o que há de vir depois.

**le'ura**, certo departamento da casa

**leve**, espiga pequena, incipiente

**levere**, estender

**liare**, virar, dar volta, mudar

**liarana**, mudança, troca; viagem

**liarpalamai**, virar

**liarca'a**, responder, replicar, retrucar, contradizer

**lihe**, volver; rodar; em volta de [mac. *siriki, dene*]: *kareta ia ~*, as rodas do carro rodam

**lika**, lagartixa com asas/voadora [mac. *kolidia*, tét. *teki-liras*]

**lika, likalika**, magro

**likare**, bater; chegar com força [mac. *seriki*]

**numu likare**, bater muito sem piedade [= tét. *baku mate* 'bater até morrer']

**likasu**, estrado de folhas postas no chão sobre os que se coloca o animal abatido para o esfolar e esquarterar

**Lilan-Uru**, mês de Janeiro (de Lautém)

**liliele, liliene**, tumar, derrubar; *ura ~*, deitar para trás; *numu ~*, atirar com pedras até morrer ou meio morto; apedrejar até ficar meio morto

**lilihe**, dar voltas, girar, roda [mac. *daene*]

**lilihu**, girar a volta de si [mac. *li'ik*]

**lilinu, lilin**, leme do barco, leme da piroga [mac. *ulini*]

**lininu-fale, lilin-fale**, piloto do barco, o que pega o leme do barco, piloto que está ao leme

**liliru**, caracóis do mar que se usam nos enfeites das casas típicas de Lautém

**lilire**, enfeitar a casa com caracóis ou *liliru*

**lilivana**, pedras da lareira (três pedras

postas a lareira no qual se coloca a panela para cozer) [tét. *lali'an*]

**limahu**, manjedoura feita de casca de areca ou de folhas de acadiro que serve de prato nas caças ou nos pomares

**limalima**, pacato

**limare**, limar [< port.]: *vahin ~*, limar os dentes

**lime**, cinco

**limafu**, os cinco

**ta'an-ita-lime**, quinze

**ta'anlime**, cinquenta

**rahu lime**, cinco mil

**limu**, quinto [mac. *gi lima*]

**lipale**, lipal, fazer festa, bodas [mac. *festa gini*]

**moco lipale**, fazer a festa do casamento da filha

**umun-lipale**, festa do enterro, do falecimento

**lee-lipale**, festa da inauguração da casa

**lipalu**, boda, casamento, núpcias

**liri**, aventar, agitar ao vento [mac. *liri*]: *ale ~*, aventar o néle

**liriliri**, chuveiscar [mac. *liriliri*]: *aia ~*, chuveisca um pouco

**lisaunu**, lição [< port.]

**lisensa**, licença [< port.]

**lita**, taleiga escolar, pasta feita de folhas de cadiro, surrão levado a tiracolo, tabaqueira [mac. *lode*; tét. *kohe*]

**lita-moko**, tabaqueira (feita de folhas de palma)

**liurai**, régulo, chefe do suco (de várias povoações): ~ *louke*, eleger o liurai

**locike**, semi-líquido, viscoso [mac. *lodike*]: *sopa ~*, sopa grossa

**lohai**, alto; comprido, longo; profundo [mac. *asana*]

**lohainu**, altura; comprimento; profundeza

**lohaipa'i**, altear; prolongar; profundar

**lohicaruru** (plural de **lohai**), altos;

- compridos; profundos: *mu'u-malai* ~, papaias compridas de polpa vermelha
- loho**, curral [mac. *lua*, tét. *luhan*]
- pai-loho**, pocilga
- Loho-Asu Pala (Lohoasupala, Loasupala)**, Lospalos: 'horta do curral das pulgas': nome da capital do concelho de Lautém, sede do concelho
- loholoho**, ter pressa, estar com pressa [mac. *danadana*]
- loi**, pau; alcunha para os filhos das mulheres da tribo de Vatchumura
- loiasu**, piroga; barca, navio; lanchar [mac. *vara*]: ~ *tahi palise*, o barco boia (nada) no mar; ~ *hiape*, ir de barco; ~ *kaune*, partir a barca, naufragar; ~ *i fanu*, proa
- loiasu-alivana**, porto
- loiasu-fale**, piloto
- loiasu-ipilana**, avião (barco que voa)
- Loikeru, Loikere**, Loiquero: um cabo da parte do posto de Tutuala; *loi-kere* = 'pau assinalado'
- loilo**, nome duma espécie de passarinho que faz ninho pendurado nos ramos das árvores; (verbo) andar equilibrado em cima de uma passagem ou ponte, andar por cima
- loinehere**, estar em pé (como um pau espetado)
- loinana**, justiça; pleite, questão [mac. *dutisa*]
- loinana-ocava**, juiz
- loine, loinana fa'i**, julgar: *afa umu, Ocava afa loinana fa'i*, quando morrermos, Deus faz a justiça; *liurai i fanu na'en loine*, pedir justiça, reclamar perante o chefe do suco
- loititi**, banco de madeira
- loke**, abrir [mac.tét. *loke*], cf. **caru**
- loki**, cortar [mac. *teri*]: Ana mini-t tava akam rau inara a *valikasa* ~, se com o meu sacrifício não o cura, podeis cortar-me uma orelha
- lokiloki**, cortar em pedaços [mac. *diga-teri*]
- lokoite**, seringa, bisnaga
- lokote**, vale pequeno
- loku**, pulseira de homem [mac. *loku*], cf. **ocohu, kilu**
- loli**, demolir, destruir, desfazer; desarrumar [mac. *luli, teta*]
- lo**, contar, narrar; marcar; narração; marcação
- lolopene**, escandaloso, leviandoso
- lolor**, mal que, apenas; nesse mesmo instante: ~ *umu*, apenas morreu
- lolore**, fileira, desenrolar, estender [mac. *loloro*, tét. *halolo*]: estender a mão; *cuma* ~, as ovelhas andam em fila indiana; *isikola mucupela'a* ~, para entrar na aula os alunos vão em fila
- lolose**, com banha, sebento [mac. *sami*]
- lolosu**, sebo, unto, banha, gordura [mac. *bouru*; tét. *boran*]: *pai ~ a natu kaparpa'i*, a gordura do porco faz-me doer a barriga
- lolue**, louvar [mac. *dairi*]: *Jen hin* ~, *nau kapare*, é detestável louvar-se a si mesmo
- loluana**, louvor: ~, *afa akam nacun manane*, nada se ganha com ser louvado, o louvor não engorda
- lone = olone**
- lonia**, sacrifício, rito religioso, rito divinatório, palavra mamunu misteriosa e profética, para adivinhar o que ainda não se sabe ou saber a certeza derradeira. Faz-se o lonia cuspindo nos dedos das mãos (pares dos dedos), dando palmos ao comprimento do braço, isto é, três palmos para cima e depois retorna para baixo até acertar de novo. Se no acaso não chegar o resultado é endereço [sic], assim ultrapassando ou o resultado é favorável ao auspício
- loo**, raposa de Timor, muito procurada

## loo-mu'ú

para o comer, e corpulento como o cão

**loo-mu'ú**, banana cheirosa

**loovaia (loovaia-pulu)**, língua dos aborígenes de uma parte de

Tutuála: está quase a desaparecer, absorvida pelo fataluco.

**lopo**, gaiola, curral, armagem [mac. *rau*]

**olo-lopo**, gaiola dos pássaros

**aca-lopo**, capoeira

**kuca-lopo**, curral de cavalo

**uru-lopo**, auréola da lua: *uru* ~ *toe*, a lua está num círculo

**etekuru-lopo**, consumação do matrimónio

**ili-lopo**, Jogo que consiste num círculo de rapazes e raparigas. Há um dentro que se tenta sair do cerco de jovens de mãos dadas que se esforçam no impedimento da saída

**lopolopo**, curralzinho

**lore**, buraco; emburacar; fazer buracos no chão para deitar o milho da sementeira

**lorenu**, pequeno furo feito com um pau onde se lança a semente

**lore!** grito para juntar os búfalos

**lori**, lagoa, charco; atoleiro

**lorilori**, muitos charcos

**loro**, seguido; extensão (também **lere**)

**foehu-loro, fui-loro, fui-lere**, planície de capim: Fuiloro, nome de um suco de Lospalos

**loro**, fruto parecido à melancia, com pelos que dão comichão

**loro-mu'ú**, bananas muito grandes

**loro, loru**: ver **aia-loro, aia-loru**

**losire**, desfazer-se juntos, dissolver-se; amar-se muito, enternecer-se; amoroso

**loute, loutu**, aliança; pacto; pactar:

*afa* ~, faz aliança comigo

**lotu**, no meio (do trabalho, de uma acção)

**lotunate**, já no meio, já a metade; imparcial: *misa ha* ~, a missa está quase a acabar; *pala hai* ~, a horta

está quase pronta

**louke**, saltar: *ira mucu* ~, saltar para dentro da água; *are* ~, saltar para baixo

**loulouke**, pular; palpar: luaere ete-tani taa loulouke, os macacos saltam de ramo a ramo

**uanu-lulouke**, palpitação do coração

**lua**, macaco [mac. *lua*]: *e fanu* ~ *hini va'ane*, tens cara de macaco

**lua-nalu**, macaca

**lua-lutu**, macaco macho

**lualua**, barata grande, parda que só aparece de noite [mac. *laba*, tét. *lame, ataúdu*]

**luhu**, omitir, saltar; falha, falta [mac. *nilu*]: *cele* ~ *vahire*, apanhar só uma parte de milho, deixando algum; ~ *kerekere*, ~ *ca'a*, fazer faltas na escrita, enganar-se

**luka**, velho; roto [mac. *gi gama*]: *faru* ~, camisa velha

**luka**, galope; galopar

**luke = louke**

**luku = loku**

**lukuluku**, falar, conversar; tagarelar; palreio [mac. *loloni, lolo*]: ~ *maise*, ter razão

**lukulukun ta'a**, pronunciar

**lukulukunu, lukulukuni**, discurso, palavreado; diálogo, conversa; palavra

**luluke = loulouke**

**lulumere**, palerma, imbecil, parvo [mac. *bou molu*]

**lulune**, embrulhar [= tét. *lulun*]

**lulunu**, trança

**luma**, muito molengas, indolente, preguiçoso [mac. *nidana*]

**lumaluma**, humilde, pacato, retraído, medroso, acanhado

**lumuke**, esborrachado, picado, moído [mac. *gi limu*]: *cele tute, hai* ~, pica o milho, já está picado

**tiriku-lumuke**, farinha de trigo

**lumuku**, farinha, picado

**lumukupá'i**, moer, triturar, reduzir a pó  
**lumure**, azul [mac. *lumuru*]

**lumulumure**, azul marinho,  
 azul escuro

**lumure**, recensear [mac. *lumur*]: *a hai la'a ~, ana?* já fostes recensear-te?

**lumuru**, recenseamento

**lupu**, inclinado, em declive

**lupujete**, inclinado

**lupuru**, pôr folhas (em qualquer coqueiro) para indicar proibição [= tét. *tau horok*]

**lupurana**, pondo sinal de folhas de coqueiro para que ninguém tire de lá uma coisa com a vigilância de um tei (espírito de guarda).  
 As folhas que indicam a proibição de tocar, quem a fizer será atingido por grande desgraça.

**luranu**, fibras que se tiram das folhas das palapas para fazer cordas

**luratu**, esterco, estrume; lixo  
 [mac. *rokoroko*]: *lee ~ nau polu*, casa cheia de lixo

**lure**, varrer, esfregar pelo chão, arrastar por terra: *lee ~*, varrer a casa

**lulure**, arrastar pelo chão [mac. *safi*]:  
*lipa mu'a ~*, a lipa arrasta no chão

**luluru**, vassoura; pincel; esponja:  
*~ ira mosike*, a esponja absorve a água; *~m lee lure*, varrer a casa com a vassoura

**lusu**, fruto tuberculoso duma trepadeira; é comestível [mac. *boe*]

**ete-lusu**, mandioca

**ete-lusu iniku**, farinha de mandioca

**lutu**, pilão, de descascar néle  
 [mac. *lutu*]

**ia-lutu**, inchar-se das pernas (elefantismo) a quem canta o *to do meci* fora do tempo

**lutur**, sepultura, campa dos mortos

**luturu**, cerca de pedras, muro de pedra;  
 campa: *povuasaun en ~ pali*, esta

povoação não tem cerco de parede  
**Cau-Luturu**, Tchau Luturo: povoação do suco de Fuiloro, povoação de ossos de cabeças juntadas.

A continuar.



# LÉXICO FATALUCO— —PORTUGUÊS

**(Parte Segunda)**

ALFONSO NÁCHER, SDB



Apresentamos neste artigo a continuação (letras M-Z) da nossa edição do dicionário quadrilingue fataluco-macassai-tétum-português do saudoso missionário valenciano Padre Alfonso Nácher SDB. O manuscrito, de 275 páginas dactilografadas, foi acabado em 1984 e revisto em 1992 pelo Sr. Justino Valentim, colaborador e informador do lexicógrafo salesiano e actualmente residente em Lospalos onde dirige um projecto de língua fataluco em colaboração com o Instituto Nacional de Linguística.

O manuscrito original apresenta quatro colunas paralelas (listas de vocábulos fataluco, tétum, macassai e portugueses). Julgámos oportuno suprimir as colunas, redimensionando todo o texto para um formato clássico de dicionário bilingue privilegiando os grupos lexicais. No entanto retivemos os verbetes macassai, que o leitor encontrará entre colchetes como notas comparativas. Embora fosse preciso excluir os equivalentes tétum, aludimos por vezes aos sinónimos da língua nacional sempre que é necessário um esclarecimento etimológico.

Tentámos homogeneizar a ortografia dos verbetes fatalucos e corrigimos os numerosos erros tipográficos do manuscrito português. É de notar que o fonetismo dos termos fatalucos apresentados pelo autor apresentam várias incoerências e imprecisões (por exemplo no que diz respeito à notação da oclusiva glotal com o apóstrofo tradicional) que não tentámos rectificar na presente edição. As grafias dos vocábulos macassai são também incertas e em certos casos incoerentes.

Geoffrey Hull (editor)

\* \* \*

**tupur macamaca mimiraka mosike**, beijar uma borboleta vermelha >





Décima letra do alfabeto fataluco (que conta 19 letras usadas); abreviação de eme = tomar, agarrar, pegar, tocar; este eme transforma-se em me, ou m unicamente em todos os verbos que se faz alguma coisa com a mão: m-ina, m-an ina, dá-me (dá-nos); m-afi ina, m-af-ina, dá-nos; eme la'a, toma e vai-te embora

**ma'ar, ma'aru**, gente, indivíduo, alguém, pessoa [mac. *anunu*]: ~ *tour(i) ma'u*, vem muita gente; ~ *touru ivi na'e*, na gente aí; ~ *touri-t fa'i*, muitos que fazem; ~ *i kaparana*, gente má, os maus, malvados, infames; ~ *fa'a laine*; desonesto; ~ *fa'a kele*, brincalhão, ~ *lafai*, homem grande, fidalgo, célebre, alta personagem; ~ *lafane*, muitos, muita gente; ~ *naunuku*, todos, toda a gente; ~ *unu*, um fulano, um quidam; ~ *uca*, matar a gente; ~ *itanana*, os vizinhos; ~ *ie!* tu! (você!); *hoe ~ ie, ma'u!* o tu, vem cá!

**ma'arafu**, homens, o pessoal (plural de **ma'ar**)

**ma'ar-tei**, sacerdote, homem sagrado [mac. *anu-falu*, tét. *amu-lulik*]

**ma'aru**, reforçante de **ma'ar** para indicar dignidade: *ocava ~*, mordomo, o senhor da gente

**ma'arau**, devedor: *fan ini a natu kuru ~*, aquele deve-me (dinheiro, búfalos ou cavalos); *ana ~ naupali*, ninguém me deve nada

**ma'ar-lauhana**, gente (que viva), habitantes: *lata Rasa*, ~ *rahukani*, os habitantes de Raça são cém

**ma'ama'a-lauhana**, palhaço, espantalho, manequim: ~ *ale-pala na'e olo mahane*, o palhaço da várzea espanta os pássaros

**ma'ari = ma'aru, ma'ar**

**ma'ate**, doce (demais); salgado (em excessivo): *asiru-lemesu tapi ~*, o açúcar é muito doce; *ma'at pa'i*, faça-o salgado; *asiri ~*, o sal é salgado; *lemese ~*, doce demais [mac. *mataka*]

**ma'ati**, doçura: *i ~*, a doçura, bondade

**ma'avalinu**, inimigo, adversário, contrário [mac. *soli*]

**ma'avari = makavari**

**maca**, morcego [mac. *siri*]

**maca'a**, ensinar: *tapa em ~*, não ensines a ele [mac. *fana*]

**maca-maca**, borboleta [mac. *lilibaka*]

**macacor** (port.), assassino, matador [mac. *matadoro*]

**macauku**, silva

**mace** (pl. **macere**), comer, ingerir alimento, nutrir-se [mac. *nawa*]: *ma'u macere, akam hia*, vinde e comei, não pagais

**macenu, macen**, comida, alimento, sustento [mac. *nawa-nawa, tinani*]: ~ *ucute*, pedir comida; ~ *tapi fani*, comida muito saborosa

**macile**, atar

**macilana**, o nó da corda

**macu**, fruta-pão [tét., mac. *kulu*]

**Macu-Uru**, mês de Julho (em Lautém)

**macua**, pedra de afiar

**macua**, quartisavô

**mafe'e, mafehe**, fácil, espontâneo, sem custo [mac. *raguru*]: *en he'e, fanini ~*, isto é difícil, aquilo é fácil

**mafe'empa'i**, facilitar, prontificar-se

**mahane**, assustar, temer; susto; assustadiço; temor reverencial [mac. *aga*]: *tapa ~*, não tenhas medo; *aca ma'i ~*, a galinha teme ao milhafre

**mahulihe**, acenar ou indicar com os olhos [mac. *nana leiri*]

**mahune**, avarento; avareza, cobiça,

## mahucene

avidez; cobiçar, ambicionar: *tapa* ~, não sejam cobiçoso; *ma'ar akam* ~, homem generoso; *afa* ~, *Ocava saparau*, nós somos avarentos, Deus é generoso

**mahucene**, fazer pontaria

**ma'i**, milhafre [mac. *lolu*]

**ma'i-leu**, pena, aparo (caneta)

**ma'i-leu kete**, caneta

**maise**, direito, justo, bom, lícito, sério; tem razão: *akam* ~, mau; mal; não pode; não é assim; *ana* ~, *a ete*, eu tenho razão, tu estás enganado [mac. *lololo*]

**maimaise**, perfectíssimo, muito justo, recto, óptimo, perfeito: *Afi Ocava- Tupuru* ~, Nossa Senhora é muito santa

**maimaisnate**, empertigado, muito direito, teso, altivo

**maispa'i**, endireitar: *ia* ~, endireitar o caminho

**maisu (masu)**, o justo, as coisas rectas, certeza; ~ *lauhe*, viver rectamente

**masulana**, rectidão, possibilidade, permitido

**ia-masulana**, permitida a entrada e vaivém (dos pais do noivo para a casa da noiva). Dá-se ao acabar o banquete, permite-se, desde então os noivos viverem juntos

**masulere**, bater até se endireitar (metais)

**masulu**, agradecimento ao Criador [mac. *masulu* = tét. *harana*]: ~ *fa'i*, agradecer ao Criador tudo o que deu na colheita. Depois disto já pode fazer as colheitas

**masunamai**, equilíbrio [mac. *lolona*]

**masunate**, estar bem apumado

**masupa'i**, erguer, fazer bem feito: *tanam* ~, esticar bem a mão ou o braço

**masupela'a**, ir direito, sem desviar-se

**maka**, pisar, calcar [mac. *tutu*]: *tapa nota* ~, não vos piseis uns aos outros  
**makaru**, o calçado, o pisado: *mu'a* ~, torrão, terra compacta

**Makaru Soo**, nome próprio de homem

**makae**, coagular; viscoso: *arapou-ami* ~, coagular o leite da búfala

**makalero**, nome do dialecto do posto lliômar

**makase**, falar sigilosamente; segredo

**makasu**, segredo [mac. *gi sege*]:

*tapa* ~ em *ma'ar tour aci taa*, não comunique a outrém este segredo

**makamakase**, falar baixinho [mac. *rarana lololo*]: ~ *t afi lanura tapa vari*, fala baixinho para que os nossos companheiros não ouçam

**makavari**, manso, sossegado, sereno [mac. *lumú*]: *ipar* ~, cão inofensivo; *posi* ~, gato manso; *kuca nauvara ipar va'an* ~, o cavalo é manso como um cão

**makavarinu**, os mansos, plácidos, sossegados

**makifali**, maquinista [mac. *maki sifa*]

**makula**, cheiro dos animais ou pessoas [= tét. *knuhar, knasuk*]: *kuca i* ~, o cheiro do cavalo; *a nica kam cura i* ~ *tutu*, não gosto do cheiro dos ratos; *ma'ar-lauhana i* ~ *vamini jenene*, cada homem tem o seu cheiro particular

**malahu (maluhu)**, bétel (trepadeira picante que com cal e areca serve para a masca); nome duma árvore que é boa para construções: *pua*, ~, *auru tia*, mascar areca, bétel e cal

**malai**, estrangeiro; malaio; liurai [mac. *dai*; = tét. *malae*]

**malai-lafai**, o chefe supremo

**malai-moco**, mestiço, mulato

**malai-petu**, tapete

**malare**, picante, amargo [mac. *piki*] *kurisa-malare*, piri-piri, malaquete diminuta e muito picante; pimento picante

**tana-malare**, palma amarga: a dor da mão quando foi espancada por castigo com palmatória

**malete**, estreito, apertado, restringido [mac. *momo*]: *jampata nelu mara ~*, o caminho do céu é estreito: *lee ~*, casa acanhada

**maletenpa'i**, estreitar, reduzir

**maletenu**, estreiteza, aperto

**mali**, concunhada [mac. *voe*]

**malu**, langotim: *~ kese*, vestir o langotim [mac. *baa*]

**malune**, **malun**, fora, de parte de fora; exterior, no exterior; estar fora; ausente [mac. *leis*]: *eru a mucune ana ~?* tu és interno ou esterno?

**maluca'a**, descobrir um segredo, denunciar

**malucene**, para fora, fazendo sair: *ipilum ~*, mostrar a língua

**malucepere**, já está nascido, crescido: *ale ~*, o arrozal dá o seu néle

**malucicike**, mandar sair, despedir

**malucuale**, arrasta-o fora

**malucuture**, empurrar para fora

**malukaure**, arrapar para fora

**malulaku**, **malumore**, deitar, arremessar para fora

**malusuke**, saltar para fora; nascer, dar à luz; *rohon ana akam on ~*, antes de eu nascer

**maluneure**, afugentar, mandar para fora

**malupela'a**, sair; afastar-se; ausentar-se; retirar-se, desviar-se; gastar-se: *lavanu ~*, gastar dinheiro

**maluseile**, arrastar para fora

**maluere**, largo [mac. *malara*]: *jampata ~ upe*, não há estrada larga

**maluerenu**, largueza, largura

**malufe**, esquecer [mac. *nilu*]: *tapa ~*, não esqueças; *hai ~*, esqueceu; *eroho ~*, esquecer depressa

**maluhasa**, carne ou animal que se dá aos convivas ao chegarem à festa de

quem os convidou

**maluhu** = **malahu**

**mamaene**, ladrão, gatuno, larápio, vadio, trapaceiro, trapalhão, maltrapilho [mac. *lia-guli*]

**mamahe'e**, dar passagem boa; passar-se bem; vau, vado; vadeável: *ia ~*, o caminho é bom

**mamanu**, pato bravo: *~ unu hai tafa*, matou um pato bravo

**mamini (va'amini)**, cada um

**mamunu**, oração para mitigar a dor, para rogar pragas; palavras misteriosas do inaharanu, proféticas e miraculosas; com a saliva cuspidada e esfregada na mão e passando-as pela parte onde se sente a dor [= tét. *tafui*]

**mamunu-hale**, aquele que apanhou uma doença no qual só com o mamunu o pode curar, cujos mamunus são os seguintes de exemplo:

**mamanu-hale**, 'doença de patos'

**loo-hale**, 'doença de raposa' (= cego)

**atu-hale**, 'doença da barriga'

**popo-hale**, 'doença do barrigudo' (para sempre)

**vehemkake-hale**, 'doença de tuberculose'

**cura-hale**, 'doença de barriga inchada'

**mana**, fruto, fruta [mac. *gi amu*, *gi suu*]: *sapuraki i ~ tarupaha?* quantas frutas de laranjas?

**manamana**, fruto [mac. *ate-isu*]

**manahe**, aço, quente, ardente: *hikari en ~*, esta catana é aço

**manaheni**, aceitar, acolher

**namanaheni**: *an o'o ~*, acolhe a minha voz (suplicante); *vacu'o ini ~!*, oh, sol, aquecei-nos!

**manane**, ganhar [mac. *manana*, tét. *manán* < mal. *menangl*]: *nelu ~*, ganhar o céu; *lavan ~*, ganhar dinheiro

**mananana**, **mananu**, lucro; prémio

## mane

**mane**, pôr, colocar, deitar [mac. *mais*]:  
*ira* ~, pôr água, regar por cima,  
deitarlhe água; *putanu* ~, abotoar;  
*emere tua i raunu* ~, ao princípio  
serve o vinho bom

**mani (manipata)**, pescoço; garganta  
[mac. *man*]: ~ *na'e*, ter ao pescoço;  
*pipi* ~ *tetere*, cortar o pescoço do  
cabrito; *lipa* ~ *amore*, põe a lipa ao colo  
**mani-kaile**, torcicolo  
**ale-mani**, espiga de néle  
**mani-panake**, dor da garganta  
**tana-mani**, pulso  
**ia-mani**, artelho; calcanhar

**manie**, encostar-se, arrimar, apoiar:  
*tapa nim koko na* ~, não te encostes  
à parede [mac. *be'e/e*]

**manire**, falta muito (por fazer): *servisu*  
*nau* ~, ainda falta muito trabalho; *lee*  
*ono nau* ~, ainda falta muito para  
acabar a casa

**manite**, dizer que sim com a cabeça,  
acenar com a cabeça [mac. *nimani*  
*ouku*]

**manu**, ferir; ferida [mac. *baga*]: ~ *lafai*,  
ferida grande, chaga  
**manupa'i**, ferir; ferido  
[mac. *baga gin*]

**mara**, ir, dirigir-se, encaminhar-se;  
embora; a, para: *ana* ~ *o*, dá licença  
que eu vá aí; ~ *la'a*, vai-te embora

**maracene**, abaixar

**maralaku**, deitar abaixo; *cele* ~,  
deitar abaixo o milho

**mara-more**, traslado do morto do  
alto da casa para baixo, colocando  
entre as quatro colunas como  
capela ardente. Em frente abatiam-  
se os búfalos e o melhor cavalo  
do defunto, para que, montado no  
'espírito' desse avalo abatido, fosse  
o morto ao encalço dos búfalos  
sacrificados

**marateru** (= **m-ara t-eru**), vai tu;

para ti [= tét. *bá ó*; *ba ó*]

**marake**, marca, sinal, ponto [mac. *maraka*]

**marake-teinu**, sacramento

**maraneru**, marinheiro

**marau!** (interjeição) ora!

**marau** = **ma'arau**

**maru-maru**, enervado (inteiramente):

*konu* ~, muito escuro

**masi**, prodígio; fazer aparecer

**masi-masi**, desculpa: ~ *n ucute*,  
pedir com boas maneiras

**masinu**, milagre, maravilha: ~ *fa'i*,  
fazer milagre, taumaturgo; *Uruvacu*  
~ *fa'i*, Deus faz milagres

**masu-**: ver *maise* e derivados

**mataru**, matar, pedra, ardósia, rochedo:

~ *taru na'e*, a pedra está na corda  
[mac. *afa*]

**matar-kau**, ponteiro (da ardósia)

**mataru-makau**, telha, azulejo,  
mármore

**matar-pacainu**, pedreiro

**matare**, sovina, mesquinho, forreta  
[mac. *kae*]

**mataria**, pau-rosa [mac. *mate*, *mater*]:

~ *tapi kesi*, o pau-rosa é muito rijo;  
*futu akam* ~ *una*, a formiga branca  
não ataca o pau-rosa

**mate** = **ma'ate**

**matenek**, sábio, onisciente,  
inteligente [mac. *mateneke*,  
< tét. *matenek*]

**matu**, velho (de coisas) [mac. *gi matu*]:

*lee* ~, casa velha; *cenu* ~, palmeira  
velha, mato já velho; *loho* ~, curral  
velho; Lohomatu, nome duma  
povoação do suco de Com; *puhu* ~,  
panela velha; Puhomatu, nome de  
uma tribo que nunca pode comer  
cozinhadas de panelas novas

**matuere**, os velhos e antigos: ~ *la'a*,  
vão os antigos ou velhos

**Mau-**, prefixo sempre usado nos  
nomes de homens em Lautém,

ex. *Mauresi, Maukoro, Maupunu*  
**ma'u**, para cá; vir: *iparu lee mucu* ~, o cão saiu de dentro da casa; *a rata-t e ta* ~, vens muito tarde; *kuca hiapen* ~, vir de cavalo

**pema'u**: *mu'a futu* ~, vir a pé  
**ma'uni**, reforçante de **ma'u**: vem!  
 vinde (sem falta)!

**ma'unu**, vinda, chegada: *i* ~ *hai kava*, está para chegar

**maumauraku**, pombo verde

**maupara**, espírito mau, diabo; praga que se roga para alguém: 'que o diabo te leve!'; *M*~, nome de terra em Fuiloro [mac. *semi*]

**Mautanakailu**, nome do homem misterioso que habita na lua (nas lendas).

**mautule**, preguiçoso, mandrião; preguiça, moleza [mac. *bobol*]

**mavalinu**, inimigo [mac. *sol-i-gafii*]

**meana**, preparado; preparativos

**meanapa'i**, festa ~ *pa'i*, preparar a festa

**memeana**, estar tudo pronto

**measu** (port.), meias

**mece**, em cima: ~ *na'e*, está em cima; ~ *seile*, puxa para cima; ~ *apa na hiamoi*, subir a montanha; ~ *kole*, ~ *kokole*, cabeça erguida, levantar a cabeça

**mecehici**, por cima, lá acima  
 [mac. *wai fanu*]

**mececene**, **mececete**, para cima; posto ao alto, estar em cima

**mecene**, acima

**mecika**, acima: *eni* ~, isto para cima

**meci**, bichinhos do mar, finos de mais ou menos 20 cm de comprimento. É muito cobiçado pelo povo. Aparece nas costas do mar no mês de Março ou lua nova de Março. Esses bichos são apanhados com as mãos metendo nos cestinhos novos e

depois se conservam nos bambus para o consumo de petisco nas refeições: ~ *mee*, apanhar os bichos meci

**Meci-Uru**, Março; ~ *cailetu*, Abril, mês a seguir de Março

**mecikara**, faringe, garganta; pescoço [mac. *masukoro*]

**mecikara-panake**, dor da garganta, amígdalas

**meciku**, noz da garganta; garganta [mac. *masu-bui*]

**mecu'upa'i**, dobrar

**mee** (= **eme**, **me'e**), tomar, tirar (reduz-se em m em todas as palavras que incluem o sentido de tomar ou tocar com a mão): *sorotu* ~, tirar livro; *vili* ~, tocar sino; *cele* ~ *acu laku-laku*, espalhar o milho; *alivana* ~ *ma'ar ina*, dar lugar ao outro; *tana* ~ *ena'e*, põe a mão aqui; *hala* ~ *Ocava ina*, dar só a Deus; *api* ~, pescar

**me'e-me'e**, badalar; toque  
 [mac. *mumulu*]

**me'enu**, badalada

**me'e**, girar sobre si, redopiar, fazer girar [mac. *da'ene*, tét. *bulelu*]: *ililaka* ~, o pião gira

**meite**, palerma

**meimeite**, grande palerma, idiota

**melia**, melro

**memelia**, pardo, cinzento [mac. *loere*]

**meme**, guincho, som agudo; balir;

balido: *pipi* ~, as cabras balam

**memenu**, serviço, trabalho da casa

**mena'e**, vestir-se, pôr, pôr-se os vestidos: *faru* ~, vestir a camisa

**mencene**, levantar para cima

**meo-meo**, miar

**meseke**, insisti-te a dizer: *a ni tapi* ~, insistiu para me informares a ele bem

**mesele**, reboco; rebocar: *lee* ~, rebocar a casa

**mesenana**, apresentar; apresentada: *ina ho fanu* ~, carne de apresentação ao tei.

## meti

**meti**, maré: ~ *fa'i*, pescar [mac. *meti*]  
**mete i here**, meti rakase, maré baixa  
**mete i polu**, maré alta  
**meu**, moeda antiga de \$20 (vinte centavos de pataca ou \$25): ~ *ukani*, 20; ~ *ece*, \$40; ~ *utue*, \$60; ~ *fate*, \$80; ~ *lime*, uma pataca = 6\$25  
**meucia**, meio-dia: ~ *hini*, ao meio-dia  
**mia**, lagarta [mac. *ifi*]  
**mihiane**, pôr em cima  
**mihi**, monco, ranho, muco [mac. *mosa*]: ~ *sune*, assoar-se, soprar os mucos; ~ *feré*, limpar os moncos; ~ *isi*, cai-te os mucos; moncoso  
**mih-ara**, ronha, sarna das orelhas e cavalos [mac. *kaki*]  
**mila**, derrubar, dearrubar, desfazer-se [mac. *mila*]: *faru* ~, casaco virado, veste-o às avessas; *leura* ~, mexer a carne (que está a secar ao sol)  
**lau-mila**, o invés do pano  
**milapa'i**, virar: *faru* ~, virar o casaco (pelo alfaiate)  
**mila-mila**, revolver  
**mila-milan fa'i**, resolver: *ia* ~ *i hai navare*, vós já sabeis resolver os problemas  
**milanu**, trocar de avesso  
**mimiraka, mimireke**, vermelho [mac. *imiri*]: *sorot en* ~, este livro é vermelho  
**Ratu-Mimiraka**, nome de homem (tribo vermelha)  
**mimirekenu**, revoltado, vadio, fugidio  
**mina**, gordura; azeite, óleo; miolo, medula  
**minarai**, petróleo (óleo da terra)  
**ote-mina**, amendoim (feijão de óleo)  
**hafa i mina**, a medula dos ossos  
**mina'e!** deixa aí!  
**mine**, põe lá, põe aí  
**mini**, nariz; focinho: ~ *kilakilae*, nariz sujíssimo; *pai* ~ *lohái*, o focinho do porco é comprido; *en* ~, *hin* ~, ~ *nana*, *nana* ~, espreguiçar-se;

~ *cuale*, passar: *pipi lopo* ~, os cabritos passaram ao pé do curral [mac. *mini*]  
**miniku**, focinho, tromba  
**mini-pata**, a parte do nariz entre os olhos  
**mini-kuru**, ventas, narinas: ~ *ufure*, nariz tapado (por causa da constipação)  
**mini-mini**, espreguiçar-se: ~ *naci*, reparar-se a si mesmo  
**mininate**, em pé e de trás, estar ao pé [mac. *mina*]  
**mininu**, sacrifício, culto aos teus [mac. *uria*, tét. *estilu*]: ~ *fa'i*, fazer sacrifício dando comer aos teus e cortando ramos de bananeira  
**miraketile**, cair de costas, cair para trás  
**miracane**, cair de costas de papo para ar  
**mire (imire)**, sentar-se: *hia* ~, sentar-se em cima  
**miri (imiri)**, novo; pequeno, jovem: *ma'aru* ~, os novos, a gente nova [mac. *gi sufa*]  
**miri-miri**, muito novo, novinho: *faru* ~ *lavere tapi rau*, vestir veste nova e muito esplêndida  
**miripa'i**, renovar  
**miruha (= m-iruha)**, pregar: *ete* ~, espeta aí o pau [mac. *rusa*]  
**misa** (port.), missa  
**misaun** (port.), missão  
**moariri**, ao réis  
**moco**, filho, enteado [mac. *mata*]: *a umani i* ~? es filho de quem? *palu kaka i* ~, sou filho do pai mais velho; *nalu noko i* ~, filho da irmã mais nova da mãe; ~ *i fanu*, feto; aborto; ~ *atu na'e*, grávida, prenhe  
**moco-tupure**, filha  
**moco-nami**, filho, varão  
**mocoru, mocorara**, filhos  
**moco-alivana**, berço  
**moco-asa**, mostarda, nabiça  
**moco-huranana**, filho adoptivo; último filho

**moco-amuvalu**, cenoura  
**molu**, perder: *lavanu hai* ~, perdeu o dinheiro; *vaci* ~, vai perder hoje; dia perdido  
**uru-molu**, eclipse da lua  
**molupa'i**, perder, fazer perder, perder-se  
**momo**, sombra: *tapa vacu a'anate*, *mara* ~ *na'e*, não fiques ao sol, vai para a sombra; ~ *mucu imire*, sentar-se à sombra  
**moo**, sombra  
**more**, bater, lançar para fora, lançar para longe, pancada com decisão: *pola* ~, chutar a bola; *lar* ~, virar (na mão)  
**moris**, deitar, tirar, lançar, arremessar: *lauluka* ~, deita esse farrapo para fora  
**moro**, casca amarga dalgumas árvores que se coloca na tuaca para dar-lhe força e sabor ao gosto dos nativos [mac. moro]  
**moro-moro**, ralar, falar muito alto, zangar-se  
**moronu**, lua de ouro (latão) ou prata usada em muitas terras fora de Lautém, como enfeite e autoridade, pendurada ao pescoço ou sobre a cabeça mesmo na testa [= tét. *belak-mean*]  
**morten**, corda ou terço de payas (pedras e corais de estimação)  
**moru**, troça; troçar; dente molar [mac. *ganie*]  
**vahin-moru**, dentes molares  
**moruke**, veloz (só para veículos): *loiasu-ipilana tapi* ~, o avião é muito veloz  
**mosike**, beijar; chupar [mac. *mosike*]  
**mosile**, engolir [mac. *mosu*]; *akam navar* ~, já não pode engolir  
**mosira** = **morisa**  
**motisal** = **morten**  
**moto**, capim grosso; caniço; canavial [tét. *onu*]  
**mouku**, nuvem; nevoeiro: ~ *nau kapare*, nebuloso escuro [mac. *loono*]

**mu'a**, terra, chão, solo; mundo: ~ *eni*, esta terra, esta zona; ~ *uafu*, mundo todo; ~ *na'e*, em terra, na terra, em baixo; ~ *kaar unu*, ~ *otonu*, deserto, baldio, vácuo; ~ *napalake*, o que está sobre o solo; ~ *itine*, subterrâneo, ebaixo, no fundo; ~ *laki*, cultivar a terra; ~ *raunu*, terra fértil; ~ *mica lauhe*, durante a vida; ~ *mica afi lauhana sai*, quando acabar a nossa vida; ~ *micane*, no mundo por toda a parte; ~ *mucune*, enterrado, debaixo do solo; ~ *ere*, espalhar a terra; ~ *atare*, cavar, cultivar a terra; ~ *ifi koukou*, todos os répteis da terra; ~ *va'are*, viajar, percorrer terras, ser turista; ~ *pitinu*, terra branca; ~ *penu*, cultivar; ~ *lamu-lamu upata'a naunuku ria*, ao escurecer recada todas as coisas que estiver fora da casa; ~ *vale*, mulher que se casa (ter terra); *ira* ~ *fate na'e*, dilúvio, na era do dilúvio  
**mu'a-cauvele**, nação, país, pátria, território, região, mundo, superfície da terra  
**mu'a-fiare**, estar com respeito: *lee-teinu na'e* ~, estar com devoção na igreja  
**mu'a-fatahara**, aurora, de manhã cedo  
**mu'a-koune**, de noite  
**mu'a-kuru**, poço, abismo  
**mu'a-haka**, dócil, obediente, sossegado, compaixão, bondoso: *naluve, tapa a paha ana hai* ~!, mãezinha não batas mais, estou arrependido!  
**mu'a-hakanu**, providência  
**mu'a ili-ili**, tremer da terra pelo calor em lugares húmidos  
**mu'a lamu-lamu**, crepúsculo, escurecer, estar a escurecer, lusco, fusco  
**mu'a-makaru**, torrão, gleba  
**mu'a-leteratu**, carta geográfica, mapa  
**mu'a-mimireke**, tempos antigos de guerra sangrenta [= tét. *rai-mean*]

## mu'a-nahu

**mu'a-nahu**, musgo  
**mu'a-seiseile**, enxada, sachola  
**mu'a-kokolu**, grito incógnito  
**mu'a-varuku**, baliza  
**mu'a-vevetilu**, formiga-leão,  
mirmilião [sic]  
**muahara**, o dia, a luz do dia; clarear  
do dia, alvorecer: *vaci ~. enu ~*,  
neste mesmo dia  
**muahara-muahara**, cada dia,  
diariamente  
**mucilu**, corda ou trença de ervas  
ou capim que se atam aos pés  
para trepar árvores ou coqueiros  
[= tét. *tali-knairi*; ~ *fa'í*, *vata hiamoi*,  
faz uma atadura aos pés e sobe ao  
coqueiro  
**mucu**, dentro [mac. *isa*]: *a ~ akam rau*,  
não me sinto bem comigo; ~ *kafale*,  
encerrar, deitar para dentro; *iratau me  
ira ~ kafale*, deita a cabaça na água;  
*tana-fuka me vali-kuru ~ sono*, pôr o  
dedo dentro do ouvido  
**mucucane**, pôr do sol, cair para dentro:  
*vaci ~*, quase a cair do sol; *kuca kuru ~*,  
o cavalo caiu no buraco [mac. *mutu bia*]  
**mucucene**, pôr para dentro, estender  
para dentro  
**mucu-eceremu**, consentir,  
consciência [mac. *ni mutu gere*]  
**mucu-hepere**, verter dentro  
[mac. *mutu-dala*]  
**mucu-kapakapare**, aflição,  
tribulação, angústia, ansiedade,  
tormento, vileza [mac. *isa-nokorau*]  
**mucu-kapare**, bruxo, interiormente  
mau: *fanini ~*, aquele é um bruxo  
**mucu-keluhe**, negar-se, opor-se;  
malquerência [*mutu-tule*]  
**mucu-loulouke**, remorso,  
inquietação de consciência  
**mucunana**, o interior, o que está no  
íntimo do coração: *sepu Timor i ~  
pitine*, *sepu malai i ~ mimireke*, a

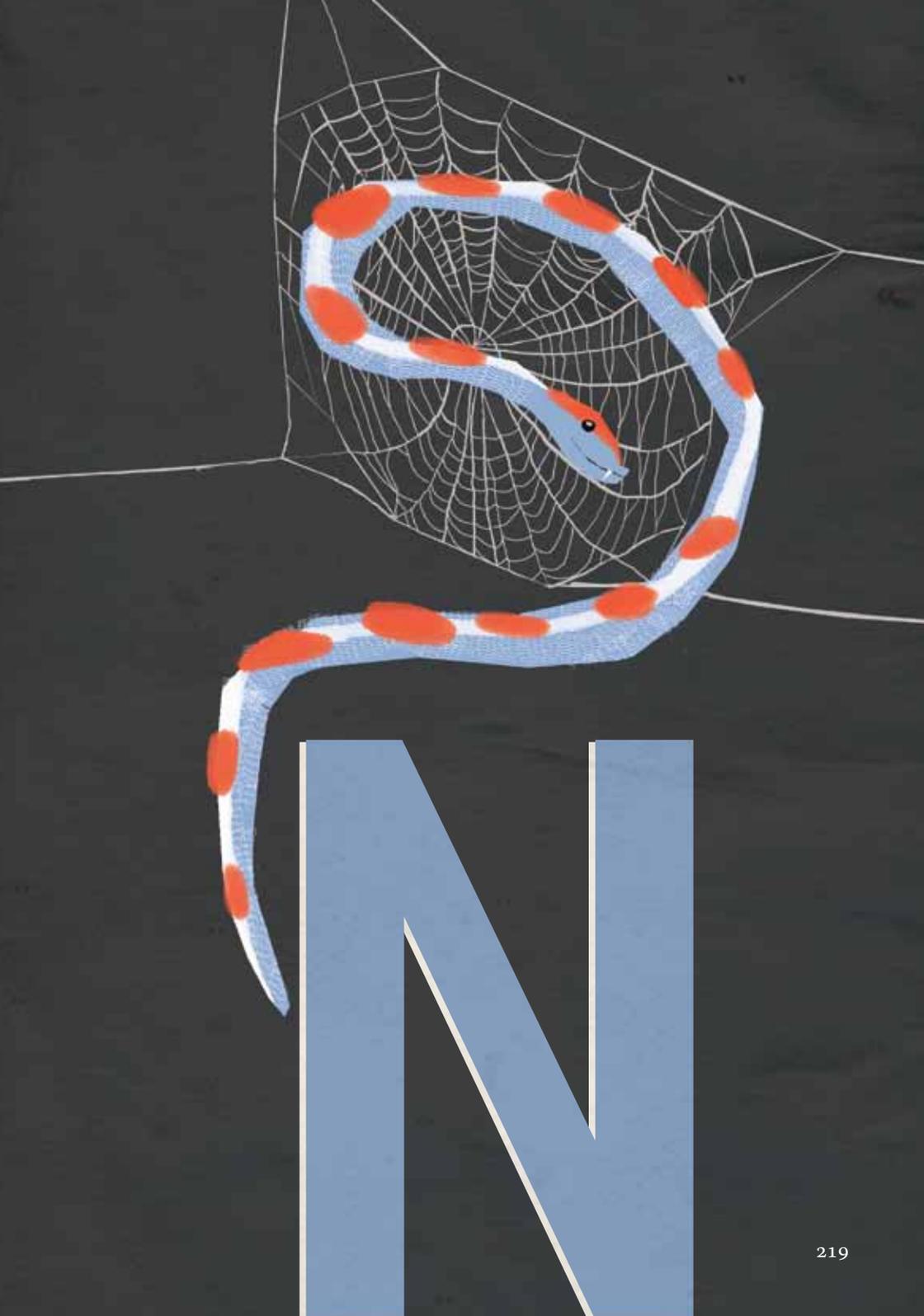
melancia de Timor é branco por entro,  
a melancia europeia é vermelha  
**mucune**, dentro, no interior  
**mucu-nekule**, rancoroso  
**mucu-panake**, mágoa, dor no interior  
[mac. *mutu-gali sisire*]  
**mucupela'a**, entrar, ir para dentro  
**mucupema'u**, entrar, vir para dentro  
**mucu-piri**, hipócrita, fingido, falso;  
fingir, disfarçar [mac. *mutu-logo*]  
**muha**, um pouco: ~ *nisi*, abaixar um  
pouco; ~ *akam rau*, não é muito bom;  
*na'u ~ misi*, baixar um pouco a voz;  
*ulu ~*, no meio de  
**muhamuharu**, verruga, impetigem  
[mac. *defa-kara*]  
**muhare**, ter fome; fome [mac. *bolli*]:  
*liurai tapi ~*, o liurai não passa fome;  
*ana tapi ~*, tenho muito apetite, tenho  
muita fome; *afa ~ a'a numu noro*,  
morremos de fome  
**muka**, migalha, pequena parte  
**muka-muka**, procurar comida (as  
aves): *aca ~*, a galinha procura  
alimento/migalhas  
**mukeve**, cheirar bem, odor, aroma,  
perfume, ter aroma, perfumar: *cipi-  
cipi ~ tapi rau*, é muito agradável o  
perfume das flores [mac. *muniri*]  
**mukevenu**, aromas, perfumarias  
[mac. *ira-muni*]  
**mukia**, o aroma, o perfume, cheiro  
agradável [mac. *muniri*]  
**ete i mukia**, sândalo  
**mulare**, desprezar; nojento, pessoa  
odiosa [mac. *ra'eke*]: *ciapu ~*,  
desprezar o diabo  
**mulita** (port.), multa  
**mumina**, ferro, metal, bronze;  
instrumentos de trabalho  
[mac. *mumu*]  
**mumina-hikari**, catana de ferro  
**mumina kuca-kuca**, bicicleta (banco  
de ferro)

**mumina-aku, mumina-sae**, ferrugem [= tét. *besi-teen*]  
**mumina-karasu**, latão, bronze (ferro amarelo)  
**mumuraku**, pombo azul ou verde  
**mumuru**, mosca pequena das frutas  
**mura** (= **m-ura**), tirar; de novo, (prefixo verbal) = *re-*  
**murakaure**, escavar, escavar:  
*lua cele hai ~*, o macaco escavou o milho  
**muramore**, atirar, desviar, pôr de lado  
**murano'ote**, descoser  
**muracapule**, comprar de volta, recuperar, resgatar: arapou pura *ali ~*, recuperei os búfalos que vendera  
**muracene**, devolver [mac. *gali dane*]:  
*lavanu i ceherenu ~*, devolver o resto do dinheiro  
**Musele Irinu**, Monte Lendeiro; está nos arredores do suco de Souro. Seus habitantes não comem a banana de moco-mu' u porque senão sofrem insônia e acabam por morrer de sono.  
**musike**, beijar; sorver, chupar, sugar, tragar: *luluru ira ~*, a esponja absorve a água [mac. *muni*]  
**musu**, lamber  
**mutau**, papão, monstro imaginário para assustar as crianças; sujo; porco:  
*naukene ~ hai ma'u!* cala! cala! o papão está aí!  
**mutu**, archote, brandão, tocha: *~ fa'i*, fazer archote [mac. *muti*]  
**mu' u**, banana: *~ porosina maca hai una*, o morcego comeu a banana madura [mac. *mu' u*]  
**mu' u-fari**, pente de bananas  
**mu' u-lele**, cacho de bananas  
**mu' u-fuka**, grelo de bananeira; sacrifício aos teus, fazendo antes confissão dos pecados. O sacrifício (estilo) faz-se cortando rodela

de um grelo de bananeira. Os primeiros cortes são para as almas dos antepassados e os últimos para fazer profecias ou adivinhas. O inaharanu cospe sobre a parte superior, cortando com força para deitá-lo ao chão. A sorte é favorável ou adversa se o cuspo fica para cima ou para baixo.

**moco-mu' u**, bananeira do filho; costumam ser verdes por fora mesmo maduras [tét. *hudi-labarik*]  
**mu' u-lace**, corte de um cacho de bananas no dia do nascimento do bebê; põe-se pendurado no meio da casa; quando as bananas ficam maduras põe-se o nome ao infante. São essas bananas que se chamam mocomu' u.  
**mu' u-malai**, papaia; papaieira [mac. *kaidile*]

**nana nailanailu putase**, cobra preso na tela de aranha >



N



Décima primeira letra do alfabeto fataluco. Letra eufônica, de ligação: *aya hain uta*, já choveu. N- posta detrás dum verbo representa o gerúndio do verbo: *keluhe-n akam la'a*, não querendo ir.

**na-**, partícula que reforça o significado do verbo; coloca-se antes do verbo. Deve levar hífen de ligação. Equivale a vari. Outras vezes equivale a *na'e* 'em' onde se suprimiu o e final: *tapa mu'a na-jete*, não estejas deitado no chão; *vaka te hai na-la'a*, para onde foi o veado? Aqui representa *tena'e* 'a onde' em que se separaram as sílabas *te*, *na'e* para intercalar o *hai* do passado dos verbos.

**na'akale = nakale**

**na'apa'i**, experimentar, imitar, seguir [mac. *isiberana*]

**na'ate**, estar em pé, levantar: *tava jen hai ~*, ele sozinho pôs-se em pé

**naci**, cunha

**nacunu**, coisa [mac. *nain*]: *akam nacun fai*, não fazer nada; *~ i hacacenenu*, pratos e talheres; *akam ~ eluhe?* não queres nada? *~ kaparana*, uma coisa má, maldade, mau agoiro; *~ fa'i*, fazer alguma coisa, ocupar-se; *~ upe*, não tendo nada; *~ ma'ar ina*, obséquo, presente, o que damos, oferta; *nehenta ~*, qualquer coisa; *~ akam kapakapare*, não há qualquer coisa de mal; *~ vari rau-rau*, tudo corre bem, normal; *~ akam*, nenhum, ninguém

**nacuni-t**, isso que, todo o que; *~ afa navare*, aquilo que nós sabemos

**na'e**, em; estar [= tét. *iha*]: *kurusu ~n umu*, morreu na cruz, estando na cruz morreu; *icaru ~*, guardar no âmago do peito; *~ pela'a*, ir a, ir para; *fani'i ~ pela'a*, vai para lá; *~ pema'u*, vir; *e ~ pema'u*, vem para cá

**nana'e**, estar em ou entre, tem muito,

existe em abundância, respirar-se: *e vari ~*, sempre aqui, eternamente; *afi lee nita ~*, as nossas casas estão vizinhas; *afi lee nita ~*, as nossas casas estão calculadas na distância

**na'e**, respirar: *nekisa ~*, suspiro ruidoso, respiração forte

**nafu**, talismã, pedrinha sagrada que faz prodígios; ela fala aos bruxos; é recadada no *lafuru-teinu*, lareira sagrada da casa [= tét. *biru*]; *inaharanu ~ fale*, o bruxo tem o talismã

**naha**, saquear, saltar, tirar tudo: *i mavalinu i lee nau ~*, saqueou tudo na casa do seu inimigo [mac. *na'ana*]

**nahake**, amalucado, palerma

**nahaku** (v. *napa, ahaku*),

desleixadamente, atabalhadamente

**nakahupa'i**, fazer sem ordem nem propósito: *pala ~*, fazer a horta preguiçosamente; *sorotu ~*, escrita de qualquer maneira

**naheretu**, naheret, quase, a meias: *~ palake*, meio escondido; *~ manane*, estava para ganhar; *~ umu*, quase morto

**nahu**, bolor [mac. *makuri*]

**nahu**, desejar: *a ~ i maisi fa'i*, faz-nos bem, faz o bem para nós; *~ ceru*, chamar ao pé de si, aproximar-se; *~ neceremu*, desejar muito, ansioso

**nahu-kufa**, oportunista, egoísta

**nai = inai** 'o que?': *~ navare?* o que é que sabes?

**naile**, pescar, prender, enganchar [mac. *naili*]: *api ~*, pescar peixe (com anzol), pescar com rede

**nailu**, anzol, gancho, laço [mac. *naili*]

**nain**, dialecto de macassai falado nalguns sucros de Luro

**nailanailu**, teia de aranha [mac. *labarake*]: *lalapusa i ~*, a teia da aranha

**nakale**, chocar; atirar: *aca ~*, a galinha choca os ovos

## naka

**naka**, multicolor, pedrês

**naka-naka**, pedrês, salpicado,

multicolorado, multicores das aves

**nakalen**, multiplicar-se a prole; prolífero; chocagem

**nakaleu**, ovos das galinhas depois de 21c dias ou das aves quando estão a sair os pintainhos

**naku**, murmúrio

**naku-naku**, **nakunakunu**, murmurar, resmungar

**nalu**, mãe; fêmea [mac. *ina*]

**nalafu**, **nalafuru** (plural de **nalu**), mães

**nalu-sarana**, madrinha

**nalu-pali**, órfão da mãe

**nalu-telira**, madrasta

**nama**, debalde, em balde, inutilmente:

*aya akam uta*; *taa ~ kayare*, não choveu;

cansou-se inutilmente; *~ fa'i*, não presta,

inútil o que fazes; *lee ~ fa'i*, casa inútil;

*~ kayare*, inútil o cansaço (tét. *kole leet*)

**namakasa**, dizer segredos ao ouvido

[mac. *gaurara*]: *ma'u t-ana eme ~*,

vem que vou dizer-te um segredo

**namakasu**, segredo [mac. *gi guni*]

**namai**, pôr em pé, aprumar [mac. *metena*];

*laru ~*, virar o que está em pé deixando

aprumado; *ete ~*, aprumaram mal;

*calum ~*, ajoelhar-se

**acanamai**, segurar, sustentar para não cair

**namanie**, encostar-se: *tapa nim koko ~*,

não te encostes na parede

**name (na eme)**, tomar, prender, pegar,

apanhar [mac. *nake, sifa*]

**namesene (na mesene)**, aparecer

[mac. *gau ra'isa*]

**namí** (plur. **namirara**), varão, homem,

macho [mac. *namirae*]: *namirara touri*,

muitíssimos homens

**nami-kausila**, anão [mac. *namirae-mata*]

**nami-moko**, bebé, menino; solteiro, jovem

**nami-miri**, noivo

**nami-nami moko**, jovem (de uns 15-18 anos)

**nami-paru**, viúvo

**nami vahin apa-apame**, dentista

**namohe**, **namohove**, doente, com febre [mac. *sisire*]: *e ~ ana?* estás doente?

**namu (n-amu)**, com fruto, no coração

**namu-namu**, lixo [mac. *roko-roko*]

**nana**, cobra, serpente, ofídio [mac. *ofo*]: *~ tapa e kikié!* cuidado não te morda cobra!

**nana-vaya**, gordura da serpente:

*~ afa una tapi fani*, a gordura da

serpente é boa para comer

**nana-fa'i**, dança de malha de néle, por irem agarrados uns aos outros e mitam as maneiras da cobra actualmente até apanhar uma pessoa ou animal para o fazer para esta dança

**nana'e**: ver **na'e**

**nanakunaku**, murmurar, falar baixinho queixando-se, cochichar, resmungar, refilar

**nanale**, imenso, muito grande: *pala ~*, horta extensíssima; *foe ~*, a planície é imensa

**nana-nana**, doido [mac. *nogo-nogo*];

*nim ~ pa'i*, endoidecer

**nanapu**, escombros duma coisa queimada, cinzas, borralho

**nani**, partícula colocada no fim da frase, como *ka* para indicar interrogação; e e mais respeito do que *ka* que é enfático; *ina'e ~?* esta aí?

**nani-nani**, o mexer-se irrequieto dos animais para soltar-se; *pipi ~*, a cabra dá puxões para soltar-se

**napa**, de qualquer forma, debalde, por favor; *a ~ tulune*, por favor ajuda-me; *nehenta ~ fa'i*, fazer de qualquer maneira; *hikari ~m an-ina*, por favor dá-me a faca; *~ la'a*, ir aostumbos

**napaniki**, desleixadamente, à toa;  
~ *ta'a*, falar à toa, balbucear; *tua savi*  
~ *la'a*, o bêbado vai aos tumbos

**napalake**, estar colado a outro, estar parado; *upuru haranu* ~, a mosca está no vidro; *toke koko* ~, o toqué está na parede

**napame**: ~ *ranupa'i*, faça isto bem, curar, seja como for

**napu (ipinaka)**, pirilampo [mac. *foka*]

**nara** (= **inara**), assim, portanto, por consequência

**narapa'i**, mexer, remexer [mac. *geta gin*]:  
*ira-hopilu* ~, mexer a canja ou sopa

**Nari**, nome dum monte e povoação do posto Moro/Lautém

**naria**, guardar muito bem, recadar, esconder [mac. *isiriana*]

**narinarihe**, gemer, suspirar [mac. *nierei*]:  
*moco pote* ~, o filho doente geme

**narunu**, sepulcro, túmulo: ~ *i alivana*, cemitério, campo santo

**nasokeni**, proporcionar-se, conforme às possibilidades, que serve

**nate**, levantar, levantar-se [mac. *etenaal*]:  
*laru* ~, virar-se costas

**nanate**, erguer-se, erguer, fundar, tornar superior, erguido, sobranceiro; *fanu* ~, presidir; *ma'ar fanu* ~, presidente

**nanacana**, cabeçudo, sempre, não se muda de ideia

**nau**, em composição, reforçante como o *na*; indica superlativo. Prefixo de continuidade, como *tapi*, *fa'a: lavanu* ~ *lafane*, muitíssimo dinheiro; ~ *aci*, encontrar, já encontrado, acaba de encontrar; ~ *fa'i*, necessário; *hefana*, muitíssimo; ~ *kapare*, péssimo; às vezes torna-se paradoxalmente e significa: formidável, tremendo; ~ *kaparpa'i*, prejudicar grandemente, estrago total; ~ *kausila*, pequeníssimo; ~ *kene*, calar, emudecer; ~ *kenini*, quietinho, caladinho, estar quieto,

muito calado, sem mexer-se; ~ *ma'u*, intruso, já veio; ~ *moko*, inferior, muito pequeno; ~ *molu*, esconder-se muito bem, obscurecer-se totalmente, perdeu-se; *vaka foehu mucu* ~ *molu*, o veado perdeu-se no capim ou escondeu-se no capim; ~ *navare*, sabe muito bem, aprender; *kinamoko en akam nacun* ~ *navare*, este menino não aprende nada; ~ *m ina*, presente, dádiva, mercê; ~ *n isi*, saírem abundância; *vehe* ~ *n-isi*, saiu o sangue; ~ *nope*, de manhã; ~ *n umu*, morreu mesmo, está já morto; ~ *n upe*, não há mais nada; ~ *pali*, carecer de tudo, estar sem nada, miséria; *hini* ~ *pali*, paupérrimo, carece de tudo totalmente; ~ *sai*, acabou, findou, passou; *ena'e*, *en* ~ *sai* e *ta la'a*, fica aqui até acabares tudo; ~ *tahane*, dores insuportáveis, experimentar grandes sofrimentos, sofrer o indizível, com paciência; ~ *n eceremu*, raciocínio; ~ *cula*, até o fim; ~ *va'ane*, assim é que, era assim, idêntico; ~ *valale*, de repente; ~ *vale*, pariu (para animais); *arapou en* ~ *vale*, esta búfala pariu mesmo; ~ *vare*, uvir bem; ~ *vari*, perito, perícia, perceber bem, compreender

**naunemere**, antes de tudo, principalmente, em primeiro lugar [mac. *nautuu*, *hautuu*]

**naunuen**, sou, eu mesmo

**nauhala**, só, sozinho

**nautali**, mais

**nauvara**, também, como, e

[mac. *sera*]: *Jesus* ~ *Jerusalen na'e*, Jesus também ficou em Jerusalém; *Joze ho* ~ *Maria*, José e Maria; ~ *e palu ukune va'ane*, faz como o pai mandava

**na'u (nahu)**, voz, a voz humana

[mac. *a'ama*]: *iparu ocava i* ~ *navare*, o cão conhece a voz do seu dono

## nauca

**nauca**, coisa: ~ *ta'a*, simultâneo, ao mesmo tempo [mac. *naini*]  
**nauku**, todo, todos [mac. *naugoba*]:  
~ *fa'i*, onnipotente, que fez tudo;  
~ *hule*, onnipotente, que pode fazer tudo; ~ *aci*, onnisciente, que vê tudo;  
~ *rau*, tudo bom, tudo está bom, tudo bem  
**naunuku**, todos: ~ *acita'a*, todos falam, todos dizem, dizer aos outros; ~ *ica tutu*, todos gostam; ~ *ta'a*, todos dizem, falatório, balbúrdia; ~ *e fa'i*, façam todos isto  
**naunau**, resmungar, refilar  
**naunaunu**, murmúrio  
**nava**, comer; beber [mac. *nawa, ke'e*]:  
*ina matara'u na* ~, comemos nos pratos de louça; *ratana ete ra'u na* ~, antes comia-se em pratos de madeira; *ina ra'u na* ~, comer nos pratos; *ira* ~, beber água  
**navare**, saber; poder; para que [mac. *ma'ene*]: *akam navar misa vari*, não saber ouvir missa; *ana serika* ~ *upe*, não sei nada mesmo; ~ *fa'i*, lesto, engenhoso, diligente, engenho, jeito; *akam* ~ *taya*, não pode dormir; *akam* ~ *umu*, não pode morrer; *ana taya po ana kam* ~ *taya*, deito-me mas não consigo dormir; ~ *pala fa'i*, já pode fazer sua horta; ~ *ini ica tapi rau-rau*, para que nossa alegria seja plena; *ta* ~ *nelu mara*, para oder ir ao céu  
**nee**, nome; ~ *uma*, invocar em vão; ~ *lumure*, inscrever-se no recenseamento; ~ *sorote*, matricular-se na escola; ~ *tamu*, pôr o nome ao bebê deitando-lhe água [mac. *na*]  
**neana** (plur. de **nee**), nomes, palavras  
**nee-lafai**, nome grande; famoso, com honra, com glória; dignidade [= tét. *naran-boot*]  
**nehe**, dizer palavras feias; *nita nenehe*, insultar uns aos outros

**nehenita, nehenta**, qualquer, algum; ~ *e ta eluhe*, como quiseres [mac. *naigini*]  
**nehere**, planície; levantar-se  
**neherana**, plano, o que vai seguir; os que seguem; *acan* ~, os serventes; *ete vari* ~, árvores muito velhas; *valiku afa* ~, os prumos dos cantos da parte superior da casa  
**foe-neherana**, planície de capim [mac. *roo*]  
**nehuke**, soluçar, suspirar, gemer [mac. *so'ere*]  
**nehunehuke**, soluçar muito  
**nei**, outra vez; repetir [mac. *teni, muni*]; *ali* ~, outra vez, mais uma vez; ~ *mane*, repetir mais uma vez, por mais uma vez  
**neinei**, muitas vezes, frequentemente, continuamente, reiteradamente: ~ *lere*, ~ *uta*, bater continuamente; *papakasa* ~ *lere*, rufar, tocar o tambor; *tipalu* ~ *lere*, tocar o batuque, tintinar; ~ *paha*, bater sempre; ~ *ma'u*, vir com frequência; ~ *ca'a*, insistir no que se disse, dizer sempre  
**neneipa'i**, refazer  
**neita'a**, corrigir, soletrar  
**nekisa**, alto, forte; em voz alta, clara: ~ *ta'a*, falar forte; ~ *itiele*, chutar com força; ~ *icane*, cair de cabeça para baixo com força  
**nekise**, trocar de pele (cobra): *nana* ~, a cobra troca de pele  
**nekue**, afogar-se, parar a respiração de repente: *kuru kaarana mucu* ~, afogar-se num poço seco; *i meciku ramahet* ~, apertou a garganta até perder o respiro  
**nekule**, ira, zanga, aborrecer, zangar-se [mac. *mutu-sisir*]: ~ *kaparu*, fremir de ira; ~ *vari*, impaciente, enfurecido, brutal; *nita na* ~, ralharam-se uns aos outros  
**nanekule**, muito zangado

**nekulu**, ira, nervos: *tava i* ~, a ira dele  
**nekunekue**, arrote, arrotar [mac. *egele*];  
*titi* ~, solução

**nelu**, céu: *afa* ~ *mara*, vamos para o  
 céu; *ahoru* ~ *mara*, levar para o céu  
 [mac. *lo*]

**nel-ara**, horizonte (princípio do céu)

**nelucila**, sapo [mac. *lodile*]

**nelukala**, seixo, pederneira: *cain* ~,  
 pedra pederneira para obter lume/fogo  
**aca-nelukala**, moela (das aves)

**nemana**, significado, tradição:

*rata en i* ~, o sentido desta parábola

**neme**, seis; sexto [mac. *daho*]

**taan neme**, sessenta

**rahu neme**, seiscentos

**rehun neme**, seis mil

**rehun rah-neme**, seiscentos mil

**tokon neme**, seis milhões

**nenere**, planície, plano: ~ *seile*, arrasta  
 para nivelar [mac. *lema*]

**nenerpa'i**, arrasas, gradar a terra

**nepi**, brilhar

**nepi-nepi**, que brilha, brilhante:

~ *ulavere*, vestir-se luxuosamente

**nere**, seguir, perseguir [mac. *mini*]:

*akam* ~ *pai*, não imitar; *lavei* ~ *nu*

*ma'u*, vieram de jacaré; *loiasu* ~ *nu*

*ma'u*, vieram de lance

**neren**, seguir, todos: *lee-mocoru*

*naunuku* ~ *la'a*, todos os da família

**nereluku**, amansar, consolar, acalmar

[mac. *gurini*]

**nerelukunu**, consolador

**nere-nere**, ir ao encalço de, ir na pista

de [mac. *midagara*] *nereneceremu*,

exame de consciência, arrepende-

se [mac. *migerel*]: ~ *ica*, remorso,

arrepende-se [mac. *misaenere*]

**nereca'a**, imitar a voz, rever o que  
 foi já dito

**nereciele**, ir atrás, ir ao encalço de

[mac. *miria*]

**nerepa'i**, imitar, seguir

**neru**, açafate, cesto baixo [mac. *nuru*]:

~ *micane*, dentro do açafate; ~ *hain*

*opose*, o açafate já se apodreceu;

*tanam* ~ *mica-kaure*, pôr as mãos  
 dentro do açafate (Faz-se durante as  
 festas do *masule* para que a mulher  
 possa comer a carne sagrada da parte  
 ao seu marido. É uma tradição em  
 Lautém

**nerulilana**, açafate melhor para  
 peneira

**nerupe**, ir juntos sem um estar atrás

**nete'e**, gago, gaguejar [mac. *deka'i*]

**ne'uke** = **nehuke**

**neure**, afugentar, perseguir, repelir,

livrar, combater, preparar, repulsão,

errota, enxutar: *lanu* ~ *akam rau*,

repelir o amigo não é bom; *alepara* ~,

preparar a várzea

**nevene**, só para ele

**ni**, sufixo dos verbos e dos adjectivos

para lhes dar um sentido carinhoso,

familiar ou suplicante, corresponde

ao diminutivo *-zinho* ou *-sinho* do  
 português que realmente em fataluco

emprega-se o sufixo *-ve* serve para

reforçar os verbos: *ma'u* ~! vem, não

faltas!; ~ *ni*, muito bonzinho

**ni**, abreviatura de *nim*, se [mac. *ni*]

**nia** (= **n-ia**), no pé, no caminho: ~ *cipin*

*nehere*, ficar de pé com as pontas

dos pés

**nikinu**, mosquito: ~ *kikie*, o mosquito pica

**nikul**, pés para o ar: ~ *icane*, cair de

cabeça para baixo com força

**nim**, reflexo de *se*, *nos*, *vos*, ... próprio

[mac. *nima*]: ~ *isi*, humilhar-se,

modéstia, humildade [mac. *nima isi*,

*nima aidane*]; *ina* ~ *e tana na'e*, nos

lançamos nos teus braços; *i* ~ *kaparpa'i*,

far-vos-ão mal [mac. *i nina nokorau gin*];

*ina e* ~ *kule*, a ti chamamos [mac. *ini*

*ai mata leu*]; *i* ~ *malu nere*, pôr-vos-ão

para fora [mac. *i nima raisa wau*];

## nina

~ *anorine*, enganando-o/a; ~ *hiamoi*, ensoberbecer-se, soberbo, envidar-se; ~ *ura*, desistir-se, sair; ~ *carie*, bater-se a si contra; dar choque a; embater; ~ a sorunpa'i, ameaçar com o cotovelo ou as mãos para aumentar os nervos do adversário

**nina**, olho [mac. *nana*]: ~ *koile*, fechar os olhos; ~ *tekihe*, velar, vigiar, espalhar o sono [= tét. *lees matan*]; *kafe tutu*, ~ *tekihe*, o café faz perder o sono

**ninanarunu** (plur. de **nina**), olhos

**nina'e? nina'e?** o que [mac. *nai do? netani?*]; deixa aí: *afa akam varese* ~, deixamos de ser limpos; somos pecadores

**n-ina**, para dar

**nirikum**, para trás, a retaguarda: ~ *fulehe*, marchar para trás, recuar

**n-isi**, sair, abaixar

**nita**, pronome recíproco [= mac. *ta*, tét. *malu*]: ~ *koleve*, abraçar-se; ~ *kahure*, misturar-se, juntar-se; ~ *karukarune*, juntinhos uns dos outros, coçar-se um a outro, masturbar; ~ *seile*, puxar uns pelos outros; ~ *tutue*, empurrar-se; ~ *kukuseveria*, da mesma altura; ~ *haca*, par, parceiro; ~ *haca-haca*, ir de dois em dois; ~ *hiamoi*, ~ *luku-luku*, alterar; ~ *horu taa*, ~ *horu luku-luku*, combinar; ~ *me horu ceru*, ~ *me horu cutere*, reconciliar (ante muita gente); ~ *lotu ne*, estar entre uns aos outros; ~ *acu laku*, misturar, lançando uma oisa sobre outra; ~ *kahure*, ~ *sasa*, misturar remexendo; ~ *nanekule*, estar zangado um ao outro, desarmonia, zanga; ~ *nau paha*, ~ *nau poki*, bater-se com fúria; ~ *nere*, seguir-se, seguinte; ~ *me rau-rau*, ter paz, harmonia; ~ *taka*, atacar-se, enfrentar-se na luta; ~ *te'e*, certame, desafio, porfia: *eme* ~ *te'e*, fazer competição,

certame; ~ *tekihe*, encostar-se com aperto; ~ *valin-valin caa*, discutir acaloradamente; ~ *utue*, semear vasto, juntos, espesso; *koune unu* ~ *nere*, uma das noites seguintes

**nitane**, com: *a* ~, está comigo; *i* ~, convosco; *e* ~, contigo; *tavar itane*, está com eles [mac. *gobe, guba*]

**nitava'ane**, da mesma maneira, de igual modo; igual, idêntico, mesmo; tanto, assim: *a inir horu* ~, tu, como um de nós, semelhante a nós [mac. *ta dede*]

**no ho, no**, e: *una* ~ *macenu tapi ane*, temos comida e bebida que não falta

**nó**, senhor [mac.tét. *bainó*, tét. *nó*]

**noo**, história, lenda; arcaico, velho; ~ *it i ta'a*, conforme a antiguidade, segundo os velhos; ~ *lailailaitie*, nos tempos remotos

**noho**, fôlego: *tu* ~ *rata mara*, e até morrer, pelos séculos dos séculos; *ana* ~ *macen pala fa'i*, deitava os foles na horta para vos alimentar

**noho-noho**, fôlego, respirar; respiração:

*ma'ar tifare kayare* ~, correu, cansou-se e respirava com afa

**noho-rata**, os antepassados, os mortos, os avós

**noko**, irmã ou irmão mais novo: *i* ~, páreas, invólucro do feto, placenta; ~ *i moco*, filho do irmão mais novo, sobrinho

**nokoru** (plur. de **noko**), irmãos (em geral)

**nokoune** = **ono koune**, ainda de noite

**Nomololo** (v. **Makalero**), dialecto derivado do macassai que se fala no posto de Iliômar

**non** (= **inara**), por isso, um dia; serve para fazer o futuro dos verbos como ula 'talvez': ~ *ana*..., se algum dia eu...

**nonoku**, brasa

**aca-nonoku**, brasa de fogo: ~ *tina*,

acender as brasas

**nope**, amanhã [mac. *gamures*]

**nope-naunope**, amanhã de manhã

**nopana**, o vindouro, o futuro, nos dias vindouros, o tempo que há de vir

**norilo'ó**, norinu, fingir, disfarçar, dissimular, arremendar; fingido, falso: ~ *po'ote*, fingir-se doente

**-noro** (v. **oro**), terminação de alguns plurais

**nu**, abreviação de nupe 'não': *ivi hai* ~ (*hainu*), só isto, isto e mais nada

**nu** = **hinua**, por isso [mac. *weregau*]

**nuaranuarai**, oração e sacrifício, para obter sorte nas coisas aleatórias (ex. jogos, julgamentos, pleitos, litígios)

**nucece**, tomar banho, banhar-se, limpar o corpo [mac. *nivaro*]: *ihain-ihain vari* ~ *ma'ar akam po'ote*, que, tomar banho frequentemente evita muitas doenças

**nuhunuhuke** (v. **noho-noho**), transpirar, e respirar fundo quando cansado [mac. *nie*]

**nuku**, avezinha preta com penas brancas, aninha nos orifícios das árvores, semelhante ao melro, porém mais pequeno

**numu**, zunir, ganhar [mac. *mulu*]: *ipar* ~, o cão está a ganhar; ~ *fa'i*, barulho

**n-umu**, para morrer (v. **umu**)

**nura**, auxiliar do futuro: *afa naunuku ali* ~ *lauhe*, todos nós ressuscitaremos

**nutun poroke**, defender-se [mac. *ni gutu siaka*]

**olo okuli oioilu uta**, ave com óculos e flauta >





- o**, também [mac. *sera*]: *Jezus i* ~, Jesus também
- ocava**, senhor [mac. *gauhaa*]: *afi O*~, Nosso Senhor, Deus
- ocava-ma'aru**, mordomo, mestre de cerimónias, mestre-sala nas festas e jantares
- ofo'e**, lá dentro [mac. *mutu woi*]: *sorotum* ~, remeter a carta; *putan ete-poko* ~, o botão está dentro da caixa; *futu-kafu* ~, a bala está dentro
- oco**, tocar, atingir o alvo; dizer respeito [mac. *gene*]: *hai* ~, já apanhou; *tapa* ~, não toques; *tapa ina* ~, não toques os olhos; *tapa matar* ~, não tropeces; *trator Jose hai* ~, o tractor atropelou a José; *afi hin* ~, diz-nos respeito, toca a nós
- oco**, horta; pomar
- vata-oco**, coqueiral
- kafe-oco**, plantação de café
- afatula-oco**, bambual
- ocohu**, pulseira, bracelete (de homem)
- oco-ocohu**, noz da garganta, maçã de Eva
- mani oco-ocohu**, nó da garganta
- ofo'ote**, ofote, abrir [mac. *gatala, seirik*]: *pai* ~, abrir o porco; *mu'u-malai* ~, partir a papia em fatias; *sepu fofote*, dividir em fatias a melancia
- ofurau**, ajustar, ajustado; *sulina* ~, a tampa ajusta muito bem
- oike**, ofender
- oioilu**, flauta, pífaro, pífano
- okoleve**, braçada, abraçar [mac. *ko'olo*]
- okone**, cortar em fatias [mac. *naku sei*]
- okonu**, fatia, lasca [mac. *naku*]: *ilahu* ~, fatias de batatas
- okuli** (port.), óculos [mac. *ukulu*]
- olelefe**, delirar, delírio [mac. *fanu laini*]: *po'otenu* ~, está gravemente doente
- oli-oli**, assobiar, sibilar, zunir [mac. *woi-woi*]: *pari vaihula na'e* ~, o vento assobia na janela; *Joze pari* ~, José anda a assobiar
- olo**, ave, pássaro [mac. *olo*]: ~ *toure*, os pássaros, as aves; ~ *ere*, espantar as aves; *vari* ~, patarata; ~ *ceru-ceru*, goargar; ~ *nelu na'e ipile*, as aves voam no céu
- olo-moko** (pl. **olomokoru**), passarinho
- olo-leu**, pena
- olo-vari**, ninho
- olo**, panela
- ira-olo**, panela reservada para a água (cântaro, bilha)
- ololo**, verruma
- olone**, curar, curativo: *ma'ar po'ote* ~, cuidar do doente; *manu* ~, fazer curativo à ferida
- omoke**, perfeito, justo, calado, sério [mac. *gugu-gugu*]
- omo-omoke**, plácido, tranquilo, pacífico, calmo, sossegado
- omorisa, omosira**, tirar para fora, desterrar, deportar, degradar, deixar perder: *Atauru na* ~, desterrar para Ataúro
- ona**, senhora, dona, ama [mac. *ona*]
- ono**, ainda, ainda mais [mac. *negu*]: ~ *tavane*, ainda mais; ~ *cone nani?* ainda está longe? ~ *upe?* ainda não tem?
- o'o**, boca; porta [mac. *aa, ana*]: ~ *ufu*, fechar a boca; ~ *lakame*, abrir a boca; ~ *mini-mini nate*, estar de pé de trás da porta; ~ *utu nate*, estar de pé diante da porta; *n~ nakele*, sorrir; *n~ sele*, palerma
- lee-o'o**, porta: ~ *hii*, fechar a porta da casa; ~ *caru*, abrir a porta
- o'o-anana**, freio
- o'o-kelesu**, bico
- o'o-leu (arane)**, barba: ~ *peu*, fazer a barba; ~ *mecene*, bigode
- o'o-laka, o'o-kapa**, açaimo, mordança: *arapou* ~, cabresto do búfalo (para que não mamem)
- o'o-fa'a**, farnel
- o'o-o'o**: *nita nan* ~, discussões

## o'ô-kala

com gritarias (entre duas pessoas zangadas)

**o'ô-kala**, argolar, pôr argolas [mac. *loku, kala*]: *hikari i ~*, pôr uma argola em cada catana

**o'ô-kalanu**, argola

**o'ô-papusa**, baba, babar, babado [mac. *aa-ore*]: *luku nara i ~ jejete*, cai-lhe a baba ao falar

**o'ô-pira**, lábio [mac. *nunu-fasu, turukai*]: *~ mecene*, lábio superior; *~ lefene*, lábio inferior; *~ teru*, lábios

**o'ô-mucunana**, céu da boca [mac. *nira*]

**o'ô-ferana**, guardanapo

**o'ô-humai**, bafejar

**o'ô-humainu**, bafo [mac. *aa-ma*]

**o'ô-lelefe**, delirar (um doente)

**o'ô-tapuku**, bochechas [mac. *nala*]

**o'ô-utu vayake**, cortinha da porta

**o'ô-vali**, margem, beira, borda, orla [mac. *gi wali*]: *sorot ~*, borda, margem do livro; *tahi ~*, praia; *ira-veru ~*, riba, margem do rio ou ribeira

**o'ôle**, uivar di cão [mac. *o'ôlo*]: *ipar akam i ocava aci nara ~*, o cão uiva quando se perde do dono

**o'ôre**, entusiasmo, barulho, alboroto, folia, disputa, amotinar-se [mac. *ka'aka*]: *fa'a ~*, muito barulho

**o'ôrpanave**, recomendar: *palu i moco ~ to ahar olom ranunere*, o pai recomendou ao filho que espantasse bem os pássaros

**o'ôrpanavana**, recado [mac. *mifana*]

**o'ôose**, roubar [mac. *lia*]: *fa'an-~/ o'oskuru*, ladrão de profissão [mac. *lia-guli*]

**o'ôosina**, roubo, coisa roubada: *i h-em i ocava ihini fulehen*, devolve o roubado ao dono

**o'ôosu**, ladrão, gatuno [mac. *lia-lia*]

**o'ôoskuru**, infiel, roubalheira

**o'ôosoko**, massa, amolgadela: *hikar en*

*~ nau hefana*, esta catana tem muitas massas

**o'ôte**, coser, costurar [mac. *fa'a*]: *lau ~*, remendar o pano

**o'ôtana**, costura, renda, o cosido [mac. *fa'ani*]: *~ fa'i*, alfaiate, costureira; fazer costura

**opirika** (port.), obrigar [mac. *oburiga*]

**opo**, terra calcária branca [mac. *mu'a-butiri*]

**Opoleti**, povoação do suco de Fuiloro

**opose**, apodrecer, corromper, entrar em putrefacção: *hain ~*, estragou-se, apodreceu já

**oposina**, corrupção, putrefacto; podre

**oposu (i hoposu)**, o corrupto, o que está podre

**oras** (do port. = **tuku**), horas, tempo: *~ tarupaha?* que horas são? a que horas?

**orasu**, relógio, horas: *~ hain umu*, o relógio já não trabalha/ja parou

**orasaun** (port.), oração

**ore**, catupa: cestinho feixado que tem do dentro arroz, feito com folhas entrelagadas de coqueiro. Metem-se dentro umas 2 g. de arroz seco e erve-se; no fim fica cheio e apertado. Costuma-se untar o arroz com óleo de coco. É apetitoso. As formas de catupa são variadas: romboidal, forma de ave, forma de peixe etc. Usam-se nas viagens, festas e casamentos.

**asi-ore**, catupas dos noivos

**ore-leura**, catupa com carne que comem todos os convivas numa boda e os pais do noivo; tudo o que os pais do noivo matam para obsequiar; os pais da noiva comem cabrito

**ore fa'i**, matar e comer o porco; o comem só os pais do noivo e é oferecido pelos pais da noiva

**ore-nalu** (v. **ipar-leura**), pais da rapariga, catupa maior que come a noiva

- ore**, disputar, pleitear, contender, discutir, fazer questão: *nita horu* ~, zanga mútua, barulho
- ori, orine**, enganar, intrujar; logro, intrujice [mac. *neoko*]: *nim* ~, enganar-se, iludir-se: *ana arahe an* ~, tenho receio de enganar-me
- orinu**, engano; isca, engodo
- orilo'o**, engano, impostor
- orite**, envergonhar-se, ter vergonha [mac. *omene*]
- oritu**, vergonha
- oritu-pali**, desvergonhado, desfotografado, descaramento, desfaçatez
- oritupa'i**, fazer vergonha, avitar, causar pejo; *an* ~, envergonha-me
- ori-orite**, cócegas; envergonhado; acanhado, tímido [mac. *omene-omene*]
- oro**, terminação de muitos plurais quer de substantivos, quer de verbos: *kinamoko* ~ *mokomokoro*, rapaz ~ rapazes; *umu* ~ *umunoro*, morto ~ mortos
- orocenu** (do português ordem), ordem [mac. *orode*, tét. *orden*]: ~ *m ina*, ~ *pati*, dar ordem
- oromai**, esconder, ocultar [mac. *guni*]: *nim* ~, ocultar-se
- oromainu**, esconderijo; segredo: *i h*~, o segredo
- oro-oro** (v. **koro-koro**), berrar, mugir, bramir; *mihi* ~, sinusite; *arapou* ~, o búfao muge
- oso-oso**, laxo, frouxo; não apertado: *kalasa* ~, calça ou calção largo; *kaneta* ~, caneta que não ajusta
- ote**, feijão [mac. *uta*]: ~ *lava*, feijão falido
- ote-mina**, amendoim
- otonu**, deserto [mac. *uma-afala*]: *mu'a* ~, terra árida
- oune: fanu** ~, zangado

**posi piti palisana**, a ilha dos gatos brancos >



P



13ª letra do alfabeto fataluco; escrevem-se com P as letras de línguas afinem entra o B.

**pa'a**, monte; amontoar [mac. *bu'u*]

**Paca**, título dos da classe inferior aos *ratu* e superior aos *akanu*; classe média de Lautém

**paca-moco**, chefe da casa; amo de chaves

**pacainu, pacain**, arte, profissão; artista, perito, artesão [mac. *badae* < tét. *badain* < M. *panda*]

**ete-pacainu**, carpinteiro, marceneiro [= tét. *badain-a*]

**mumina-pacaine**, ferreiro, mecânico, serralheiro

**matar-pacaine**, pedreiro

**pace**, punhal [mac. *fadi*, tét. *badl*]

**pacu**, proibir; proibição [mac. *badu* < tét. *bandu*]: *akam* ~, permitido, não vedado, livre; *inai-t Uruvacu* ~, o que Deus proibe

**pacunu**, proibição

**pacu**, cera [mac. *badu*, tét. *badu*]

**ucu-pacu**, vela

**paha**, bater, açoitar, espausar, pancada, paulada, soba [mac. *base*]: *eten* ~, bater com um pau

**pahapahanu**, vara (para bater) [mac. *basebase*]

**pahale**, lavar [mac. *basala*, tét. *fase*]: *lau* ~, lavar a roupa (vem o nome do costume do costume timor de lavar a roupa batendo nela contra uma pedra e muitas vezes noutra contra a roupa, servindo de sabão).

**pahalana**, lavadouro [mac. *basalana*]

**pahe**, aspergir o arroz (já em espiga) para tirar doenças

**pai** (pl. **paicoro**), porco, cerdo, suíno [mac. *bai*]

**pai-coro**, no barlaque: trocar por um porco

**pai-ira**, banha

**pai-moko**, leitão

**pai-leura**, carne de porco

**pai-lolosu**, tocinho

**pai-nalu**, porca

**pai-vahilanu**, porco macho

**pai-sivitu**, escova de dente

**-pa'i**, sufixo de muitas palavras, igualmente que *fa'i*, para indicar 'fazer': *i vayapa'i*, faz isto

**Paileu-Uru**, mês de Fevereiro (em Lautém) [cf. mac. *Munu-Duru*]

**painu**, sogro [mac. *bagi*, tét. *banin*]

**paiparacinu**, cigarra; grito da cigarra [mac. *daradiki*]

**paki**, ferro

**paki cucu**, balde de ferro

**pakua**, corvo [mac. *kaba*]: o corvo vai comer todo o milho

**pala**, horta: assim chamada a terra de cultura (de milho, batata, mandioca, feijão etc.), menos a de arroz (várzea); agricultura [mac. *ama*]: ~ *fa'i*, fazer a horta; ~ *cenu*, horta velha

**pala-cacae**, festa que organiza um lavrador que faz uma horta nova

**pala-vinanu**, a colheita que está na horta

**palafuru**, palafu, pais, pai e mãe

**palake**, esconder-se, aganhar-se: *koco uta* ~, proteger-se da chuva detrás do muro; *nahar* ~ *po akam* ~, querer esconder-se mas não o conseguir

**palapalake**, jogo de crianças em que se procura um objecto escondido pelo adversário

**palacai-ina**, piteira [= tét. *ai-reti*]

**palamai**, de cima para baixo: *laru* ~, virar de cima para baixo

**pale**, soste [mac. *sifa*]: *a tua cele i o puru* ~, *adeus!* (se fores apanhar tuaca, agarra-te bem, não caia) acapalen: *tana tene nim vali* ~ *ta vari*, pôr a mão na orelha para ouvir bem

## pali

**pali**, (1) não há; carecer; (2) sem; sufixo de anulação, como em português o prefixo *in-* (*incompreensível*) ou *a-* de *acéfalo*. Escreve-se sempre no fim, ligador reparado (= tét. *-laek*)

**lavan-pali**, falido, carecer de dinheiro

**oritu-pali**, sem vergonha

**palu-pali**, sem pai, órfão

**palise**, boiar, flutuar; nadar [mac. *sawere*]

**palisan**, variedade de camarão pequeno

**palisana**, ilha; o que anda na superfície da água

**palu**, pai

**palu-pali**, órfão

**palu-sarani**, padrinho  
[= tét. *aman-sarani*]

**pamua**, pombo verde [= tét. *dou'u*]

**pana**, espécie de bolo feito com arroz e sangue, nas festas

**panake**, doer; dor; doente [mac. *sisiri*]:  
~ *neure*, aliviar a dor; afastar a pena

**panaku**, dor; doença: ~ *lafai*,  
insofrível, grande mágoa

**panarika**, gengibre [mac. *banarika*]

**panatika**, percevejo [tét. *nati*]

**pancera** (port.), bandeira

**pani** = **po ani**

**panike**, virar para si

**panu** (port.), pão [mac. *pana*, tét. *paun*]

**panu-fa'ifa'i**, padeiro

**panu-vele**, côdea

**papa**, Papa, Santo Padre

**papakasa**, tambor, caixa [mac. *babakasa*]: ~ *uta*, tocar o tambor

**papake**, queimar, assar, torrar, tostar [mac. *gisa*]: *cele* ~, milho assado;

*puhu akam* ~, panela ainda não cozida

**a'uru-papake**, jogo e festa no forno da cal

**papane**, papae, ter buraco [mac. *taba*]:  
*ete* ~, árvore oca no cerne; *faru* ~, vestido buracado; *iku* ~, medroso

**papanu**, **papani**, buraco

**lau-papanu**, o buraco do pano

**ete-papanu**, buraco da árvore;

~ *mucune*, dentro do buraco da árvore; *toke* ~ *toe*, o toqué está dentro do buraco da árvore

**papare**, dormente (o pé, a mão, a perna pela falta de circulação do sangue):  
*ia* ~, pé dormente

**papu**, bizavô; bisneto

**papu ere**, bizavós, netos

**papusa**, baba

**para**, uma árvore de casca fibrosa com a qual se faz corda [mac. *araleu*]; juramento

**para**, parar

**parakina**, rainha das formigas brancas.

Chega a ter até 6 cm e mais seu abdómen (pois o corpo ou cefalotórax é normal), vive numa g... [?] com máxima maestria, imóvel; os ovos que continuamente põe são levados pelas obreiras a uma espécie de favo subterrâneo, feito com papusa [sic] de madeira. Esse abdómen volumoso é comestível.

**parakuakua**, roncar, ressonar [mac. *korowai*]

**parare**, insultar, praguejar, amaldiçoar [mac. *mula*]

**paraparare**, insultos muito feios e frequentes

**parau**, alvo [mac. *baru*]: *tani* ~, dar no alvo; *ete* ~, errar o alvo

**pari**, vento [mac. *gawara*]: ~ *sune*, soprar o vento; ~ *eleve*, vento frio, fresco; ~ *oli-oli*, assobiar [mac. *woi-woi*]: *tapa lee mucu* ~, não assobies dentro da casa

**pari-lafai**, vento violento, tufão, furacão

**pari-moko**, vento suave; **Pari-Moko**,

Outubro

**pari-pari**, leque

**pari-tomoke**, aragem, brisa, vento brando

**parili** (port.), barril, bidão  
[mac. *barili* < tét. *barril*]

**parire**, verão, estação seca  
[mac. *barere*]

**paru**, viúvo; viubar; momo [mac. *baru-dufu*]:  
*tupur hai* ~, já enviuvou (a rapariga)

**lala-paru**, cemitério

**paru**, morno: *ira* ~ *nucece*, banhar-se em água morna

**paru-paru**, morno

**paruhe**, amarrar: *cau* ~, amarrar o cabelo (a cabeça estando com febre)

**paruparu**, morno

**pasaru**, dia de mercado; domingo  
[< mal. *pasar*; tét. *basar*]

**pasi**, lugar

**pasike**, abanar; borrifar, aspergir [mac. *sa'i*]

**pasipasike**, abanar: *ipar ula-fuka* ~, o cão abana a cauda; *lesu* ~, dizer adeus com o lenço

**pasunu**, bainha (de faca, catana etc.)  
[mac. *be'e*l: *hikari-lafai* ~, estojo da catana; ~ *to'e*, meter a faca na bainha]

**pasupalinu**, estroina, malandro, desobediente

**pata**, tronco, toro, caule, vara  
[mac. *bata*, cf. tét. *batar* 'milho']

**ete-pata**, tronco, toro

**tana-pata**, braço

**mani-pata**, pescoço

**amu-pata**, celeiro da casa

**patane**, fazer feixes, atar em molhos

**patanu**, feixe, molho

**aca-patanu**, feixe de lenha

**pata-kai**, pulseira de homem

**patate**, enxugar

**pati**, dividir, talhar, distribuir: *eme lafan na* ~, toma, divide em muitas partes

**patinu**, dividido; divisão

**pati-pati**, **patipatinu**, jogo das pedrinhas. São 14 buracos. Colocam-se quatro pedrinhas em cada buraco; total: 56. Começa-se tomando de um buraco e deixando-

as uma a uma em buracos a seguir. Se a última pedrinha cai num buraco que tinha três, com a porta fazem quatro e esse é o lucro que se retira; deve então repetir tomando-as de o buraco seguinte e deixando-as uma a uma no sucessivo. É um jogo de visão e cálculo para recolher e não deixar possibilidade ao adversário que seja ele a deitar a última um burquinho que tenha três. Esses 14 buracos, nas aldeias, costumam estar numa tábua grossa ao tronco.

**patu** (port.), pato doméstico

**patu-lafai**, ganso

**patu-taraleu**, pato macho

**patu-nalu**, pata

**patue**, tossir; tosse, catarro

**vehe-patue**, hemoptise, expectoração com sangue  
[= tét. *me'arraan*]

**pa'unu**, batata brava, flor grande, colorida mas fedorenta; a batata, quase do tamanho duma abóbora plana é muito picante; serve para alimento dos suínos [= tét. *maek*]

**paya**, pérola, joia; colar feito de pedacinhos de coral muito estimados

**payahu**, manga, fruto da mangueira

**pe**, partícula de ligação intercalada nos verbos de movimento [mac. *da*]

**mucupema'u**, vem para dentro, entra

**mucupela'a**, vai para dentro, entra

**kuca hiapela'a**, ir montado a cavalo

**futu pe-n la'a**, ir a pé

**pei**, baloiço, trapézio; baloiçar, balançar [mac. *tiutiuru*]: *tapa* ~ *hiape*, não subas ao baloiço, pois tu ainda és pequeno

**tana-pei**, o balanço da mão; Tanapei, nome de homem

**peiku**, palmeira

**pei-pei**, muita sonolência; dormir [mac. *nitiuru*]: *vaci an ina kam* ~,

## pele

hoje não tenho sono  
**pele**, prostrar-se, vergar; prosternação [mac. gati dukulu]: *ina ~ hai sasale*, como míseros, curvamo-nos até o chão  
**peleku**, barco  
**tua-moko peleku**, destilaria de álcool; **Tua-Moko Peleku**, constelação de estrelas  
**pele**, trançar, entrelaçar [mac. *lada*]  
**pene**, separar [mac. *mega*]  
**letu-pene**, diminuir: *cele ho oteme ~*, separa o feijão do milho  
**penu**, virar a terra (com alavanca) [mac. *dei*]  
**pepe**, instrumento musical feito com casca de bambu [mac. *magu*, tét. *kokoteri, kokoterek*]  
**pepuru**, tocar o pepe  
**mumina-pepuru**, viola  
**perecua** (port.), perdoar; perdão [tét. *perdua*]: ~ *pali*, não ter perdão, não é desculpável; ~ *ucute*, pede perdão  
**perene**, mau  
**pesi**, metal (cano de ferro) [tét. *bes*]  
**pesikusa, pisikusa**, prego, gaviilha [tét. *besi-kusa*]  
**pesu**, curvo  
**pesupa'i**, vergar, curvar  
**petele**, duro, seco [mac. *ge'ele*]: *api ina'en tapi ~*, este unheiro é muito duro; *pari ~*, vento forte; *mu'a ~*, terra seca  
**petu**, esteira feita ou tecida com folhas bem cortadas as fitas da mesma largura [mac. tét. *biti*]: *tupurara hala ~ fa'i*, só as mulheres fazem esteiras; ~ *tunu*, enrolar a esteira  
**petu-cau**, esteira principal, virada ao nascente, onde se sentam os que fazem um contrato solene de lanu 'amizade'  
**petun-lee**, casa com paredes de esteira

**peu**, rapar, cortar [mac. *leu*]: *o'o -leu ~*, fazer a barba; *cau ~*, cortar o cabelo  
**peupere**, perguntar com gestos, esperarando a negativa [mac. *likura*]  
**piapara**, criar animais [mac. *fala*]: *aca-moko tapulen ~*, comprei pintainhos para criar  
**piaparanu**, criação [mac. *gi fala*]  
**piaparan-fa'i**, agricultor  
**pihete**, teso, esticado; esticar [mac. *gele*]  
**pilira, piliri**, crista  
**piloru**, projectil [mac. *biloro* < mal. *peluru*]  
**pintesu**, vintém [< tét. *bintés* < port. *vinténs*]: ~ *ukani upe*, não tem vintém  
**pipi**, cabra [mac. *bibi*, tét. *bibi*]  
**pip-calu**, bode, cordeiro  
**pipi-leu**, lâ  
**pipi-lopo**, curral de cabras  
**pipi-moko**, cabrito  
**pipi-nalu**, cabra fêmea; ovelha  
**pipi fula-fula**, aranha de patas rijas, corpo parecido a um gafanhoto, teia doirada e resistente até aos passarinhos  
**pipile**, espalhar-se, estender-se  
**pipilana, ipilana**, voador; o que voa  
**loiasu-pipilana**, avião (barco que voa)  
**pira**, bronze, cobre [tét. *birak* < mal. *perak*]  
**pira-titiru**, os pratos da banda de música  
**pira-tekeru**, timbal de bronze das mulheres  
**pira-pira**, corda (se for feita por tracção) [mac. *leu*]: ~ *ropene*, enrolar a corda  
**o'o-pira**, lábio, beijo  
**piri**, falso; mentira, embuste; mentir, fingir, enganar [mac. *logo*]: *eni ~ lafai*, isto é uma solene mentira; *a ~*, tu mentes  
**piri-piri**, mentir com desvergonhamento, mentir com descaramento

**pistola** (port.), pistola  
**piti**, branco, terminação de algumas palavras indicando brancura [mac. *buti*]:  
**pitine**, branco  
**mu'a-pitine**, terra branca, cascalho, calcões; **Mu'apitine**, nome dum suco de Lautém  
**pitinisi**, polução  
**pitinpa'i**, embranquecer, cair [mac. *buti gini*]  
**ipitinu**, a raça branca em geral  
**piu**, dende: espécie de palmeira que dá fruto oleaginoso: ~ *i mana em voru*  
**fa'i**, o fruto da palmeira dá óleo  
**po**, mas; porém [mac. *bo*]  
**i'ipo, ipo**, portanto; no entanto  
**pohe**, cozer, cozinhar [mac. *tina*]: *ete-lusu hai* ~, a mandioca está cozida  
**pohe-pohe**, cozinhar bem  
**lee-pohe** (= **lelipale**), festa da inauguração da casa  
**poitu**, costas [mac. *laikoro*]  
**poitu-panake**, dor nas costas  
**poitalu**, giba, corcunda  
**poteke-hafa**, espinha dorsal, espinhaço  
**poke, poki**, bater, dar socos [mac. *tutu*]: *nita* ~, bater-se, andar às bulhas, bulhar  
**pokelere**, esquentar: *ira timine em tana hinae-t* ~, esquentei-me a mão com água quente  
**pokilu**, nerita: molusco gasterópode; conchas de caracóis marinhos 'nerita', com o interior separado em câmaras que se unem por um tubo calcaico muito fino; são de tamanho grande, de 20 cm e mais; servem para enfeitar as casas, penduradas do tecto e nas cantoneiras; a parte interna, na carada é belíssima, visível em todas as câmaras quando se lhe dá um corte de sena perpendicular ao eixo do caracol [= tét. *boki*]  
**pokile**: *lee* ~, pôr conchas na casa nova

**poko**, caixa, cesto com tampa feita de palma [mac. *lu'u*]  
**ete-poko**, caixa de madeira  
**ete-poko luku-luku**, rádio  
**poko-poko**, campã, jazigo: ~ *ulumuha na'e*, a campã está no meio; ~ *luturu*, parede do jazigo  
**poko**, chocar os ovos: *aca hai* ~, a galinha está choca  
**pola** (port.), bola [tét.mac. *bola*]: ~ *ciele*, jogar a futebol; ~ *more*, lança a bola  
**polainu**, arame [mac. *arami'in*]  
**polasa** (port.), bolsa, algibeira  
**pole**, vergar [mac. *bedu*]: *ete* ~, vergar o pau  
**polisu**, polícia [mac. *bulisi*]  
**polu**, cheio [mac. *bene*]: *kaut* ~, saco cheio  
**polupa'i**, encher: *mu'a kurum* ~, enche o buraco com terra  
**polu-polu**, muito cheio: *uru* ~, um mês bem completo  
**po'ocene = puhucene**  
**po'ole**, pender [mac. *kalu*, tét. *taral*]  
**po'o-po'o**, rola [mac. *olo-boku*]  
**po'ore**, mergulhar na água [mac. *dom*]: *ale* ~, néle de molho (para semear); *leura* ~, carne de molho (para tirar o sal); ote, *cele* ~, feijão, milho de molho  
**po'ote**, doente [mac. *sisiri*]  
**po'otana, po'otina**, doença, gripe, gangrena; ~ *lafai*, epidemia, peste; ~ *ere*, os doentes; ~ *fa'i*, adoecer  
**popaku**, capoeira [mac. *asa-kodo*]  
**popo**, pança, barriga grande; barrigudo [mac. *bobol*]: ~ *lafai*, barrigudo, descomunal  
**poponu**, maçaroca cheia, espiga de arroz muito grande  
**popo-hale**, hidrópico  
**popo rava-rava**, libelinha [mac. *ira-numusu*]  
**popoe**, em; no meio, dentro [mac. *gusa*]: *aya a'a* ~, ir andando de baixo da chuva

## popore

**popore**, espigar: *vata hai* ~, o coqueiro já tem cachos de cocos  
**poporu**, espiga, maçaroca, feixe [mac. *gi soru*]  
**cele-poporu**, espiga de milho  
**po**, forte; cheio, satisfeito [mac. *ge'ulu*]: *hai* ~, já não posso (comer) mais  
**po**, muito forte, gordo, inchado  
**poro**, em volta de; fardo, molho, feixe; curvado, dobrado [mac. *bara*]  
**poronu**, arredores  
**porotu**, feixe, molho  
**porone, poron**, em volta de, ao redor de: *arapou* ~, em volta dos búfalos  
**poron-mohe**, envolver  
**poroncau**, acercar-se, aproximar-se [mac. *goe da*]  
**poroncaune**, rodear muito apertadamente, apertar em volta: *kautu taru* ~, aperta o saco com a corda  
**poronpa'i**, rodear, cercar, rondar  
**poronupe**, rondar  
**poro-poro**, volume; porção; embrulhar  
**poroke**, esperto, valente, astuto; talento; pôr a salvo [mac. *siaka*]: *amoco tapi* ~, meu filho é muito esperto; *hin mu'a utun* ~, libertar a sua pátria; *nalu i moco utum* ~, a mãe defende seus filhos  
**porosa** (port.) = **forisa**  
**porose, porosu**, maduro; fartura; emadurecer; fartar  
**posi**, gato [mac.,tét. *busa*; mac. *bui*]: ~ *hoto*, gato bravo  
**posi-moko**, gatinho  
**posi-nalu**, gata  
**poso**, enrolar, embrulhar: *lau* ~, enrolar a lipa  
**potilu**, garrafa, botelha [mac. *botili*, tét. *botil*]  
**poukala**, juntos, unidos: *na* ~ *fulehe ma'u*, vinde de novo juntos  
**pouku, poupouku**, britas, brita

redondeada das praias e ribeiras baixas  
**pua**, arequeira; areca [mac. *boe*, tét. *bua* < mal. *buah*]  
**pua-lamanu**, palmar de arequeiras  
**pua-mate**, pomada, brilhantina para os cabelos  
**pua kai-kai**, rota  
**pue, pupu'e**, aparecer  
**puhu**, panela [mac. *busu*]: ~ *akam papake*, panela não cozida  
**puhu-matu**, gentio que não come o que é fervido em panela nova; deve sempre cozinhar-se em panela velha  
**puhu**, cima: ~ *nate*, levantar por cima  
**puhucene**, impor, impor-se; pôr em cima; inclinar-se por cima [mac. *guana*]: *tanam* ~, impor as mãos (para abençoar)  
**puhu-penu**, o exterior: *lau* ~, vestido exterior  
**puhune**, por cima  
**aku-puhu**, barriga [= mac. *atu-busu*]  
**puhucauru**, almofada  
**puhu-puhu**, buzina, tromba de chifre para convidar os vizinhos ao transmitir sinais convencionais  
**pui**, árvore da família das coníferas semelhante à casuarina; **Pui**, nome de pessoa  
**Puilakula**, nome duma das pessoas (lendárias) que estão na lua  
**Puitanakailu**, mulher misteriosa que habita na lua com **Mautanakailu**  
**puicina**, planície [mac. *sobana*]  
**puicolo**, velho (pessoa, de idade) [mac. *laidá*]: *ana hai* ~, *an-ina hai kapare*, já sou velho, não vejo bem  
**puikafu-laikafu**, andorinha pequena [mac. *balafi*, tét. *kualelok*]  
**puilailai-kafu**, ave da chuva: ~ *i ceru-ceru*, o canto da ave da chuva  
**pukafanu**, enxerga, enxergão  
**pukale**, arrancar, cair [mac. *bukala*]: *vahinu* ~, cair os dentes

**pule**, qualidade óptima do cão para a caça: resistente, bom faro, obediente, bons dentes

**pulalu (ia-pulalu)**, canela; caneleira, arbusto aromático [mac. *itilari*]

**pulunu**, cuspo

**pulume (fulume), pulutete**, cuspir  
[mac. *fulume*]

**puna: ia-puna**, barriga da perna  
[mac. *iti-afu*]

**tana-punu**, braços do tei

**punu**, sagrado, o 'tei'

**pupaku**, carunchoso, carcomido, gargulho, caruncho [mac. *buu*]

**pupu-aka, pupu-eke**, cima ou pico do monte, cume [mac. *bu'unu gi sula*]

**pupue**, assomar-se, debruçar-se, curiosoar: *vaihula na pue*, espreitar pela janela; *tapa in ~*, não olhes para os lados, não te distraias; *ilahi-t kaut na'e ~*, o saco está roto: a batata sai para fora

**pupukana, pupuku**, rebento, grelo, botão das plantas

**pupuleki**, cima

**pupulu**, gema terminal das plantas; rebento, gomo [mac. *bubula*]: *ete~ rekise*, capar as plantas

**tau-pupulu**, pontas da abobareira

**vata-pulu**, pontas do coqueiro: *~ ica me ma'u*, traz umas folhas do olho do coqueiro (das ainda brancas)

**pupupu**, espécie de papão: espírito que espia os homens e vai contar tudo ao *hau-lu*.

**pura**, vender [mac. *bura*]: *pataka ta'ane hai ~*, já gastei dez patacas; *lavanu tarupaha hai ~?* quanto dinheiro gastaste?

**ina-pura**, barlaque da mulher

**pura-fa'i**, comerciar; comerciante

**puru**, burro

**purukeres**, português

**puruku**, gorgulho [mac. *buu*]

**purupale**, segurar-se; defender, proteger: *ala'a tu tefele o ~*, até a vista, que estejas bom (indo tirar tuaca agarra-te, não caias)

**pururu**, calo; piolho de galinha [mac. *bururu*]: *aca ~ ane*, a galinha tem piolhos

**puta**, tocar, soar [mac. *buta*]: *horu ~*, tocar o chifre

**putanu** (port.), botão [mac. *futana*]:

*~ mane*, abotoar; *~ mura*, desabotoar

**putunu**, um cereal muito fino de Timor

**rire rukusu hina**, lagarto com anéis >



R



**ra'ane**, adornar, ornamentar; defumar, expor ao fumo; secar com funo [mac. *ra'ana*, tét. *hadi'a*, *hafutar*]  
**rahana**, arroz dos *teis* [mac. *resa-fanunu*, tét. *etu-lulik*]  
**rahe, rahi**, cém, centena [mac. *rasa*]  
**rah ukani**, cem, uma centena [mac. *rasa ù*]  
**rah ece**, duzentos [mac. *rasa lolae*]  
**rah kafa**, oitocentos [mac. *rasa afu*]  
**rahe-rahe**, século, tempo sem fim, sem conta [mac. *rasa-rasa*: *aya-ira* ~, por todos os séculos; *sumana* ~, eterno]  
**rahinta**, recente, há pouco [mac. *efelei*, tét. *foin lalais*]  
**rahinua**, ontem [mac. *weseree*]  
**rahu**, lavar, o estômago, limpar o interior  
**rahu: Ipinaka Rahu**, Constelação do Delfino  
**rahunu**, abundância [mac. *baunu*]  
**rahu-rahu**, ter pressa; impacientar  
**mucu rahu-rahu**, intranquilidade, desassossego  
**rahu-kufa**, egoísmo  
**raka**, lenha miúda [mac. *raga*]  
**raka-raka**, lenha já seca  
**rakane**, ralhar [mac. id]  
**rakase**, fritar, torrar, frigar [mac. *sa'ala*]  
**rakasana**, azul; frito, torrado [mac. *gi sa'ala*]  
**raki**, álcool de palmeira  
**tua-raki**, aguardente  
**ramahe**, apertar, oprimir; apalpar (os frutos) [mac. *rama*]: *ini kailu* ~, oprimidos pelos nossos pecados; *ini* ~, empurrar (apertando) para o fundo  
**ramuke = romike**  
**rane**, adornar; adorno, enfeite; pompa [mac. *ra'ana*]  
**ranu = raunu**  
**ranupa'i = raunupa'i**  
**rapa-rapake**, rugoso, áspero, engelado, crespo, que não é liso  
**rapi**: ver **ulurapi**

**rapo = rau po**  
**rarahe, rarararahe**, desabrochar: *cipi-cipi en naunope* ~, de manhã esta flor abre  
**Rasa**, povoação do concelho de Lautém, onde reside o chefe de suco  
**rasede**, mulher provocativa, devassa (desejo de mal...)  
**rasu**, rancho, grupo de pessoas [mac. *rasu*, tét. *lubun*]  
**rata**, antes, tarde, tempo, demorar [mac. *mui*, tét. *kleur*]: ~ *n ana moko, karu hai lafai*, antes era pequeno, agora já sou maior; ~ *te ta ma'u*, vens tarde; ~ *lolo*, contar histórias, narrar coisas antigas; ~ *rata*, há tempo, já é tarde; ~ *rata ana tapule*, há tempo que comprei; ~ *lauhe*, longo, avançado em idade; ~ *it i ta'a*, conforme a história  
**rata-ihupenu**, lenda, parábola, fábula  
**ratane**, passado, remoto, noutro tempo; *ratan ivi*, naquele tempo  
**ratanua**, outrora, antigamente  
**rata-rata**, de tempos a tempos, de tarde em tarde: ~ *fa'i*, fazer raramente  
**ratu**, casta superior, nobre de Lautém rico de alcurnia [sic]  
**rau**, bom, bem; são, salubre; probo; sarar; simples; perfeito [mac. *rau*]: *a ~ ana kapare?* como estás? *tapi* ~, muito bom; *teni ta* ~, qual é o bom? *eni ta* ~? *en ta* ~, que é o melhor? isto é melhor; ~ *po*, mesmo, é bom: *afi ta'a hai* ~, dizemos que está bem mesmo; *serika ta* ~, um pouco melhor  
**raunu, ranu**, o bom, o bem, saúde; perfeição: *afa ~ nara*, Nosaseñora vari ulutune, se formos bons, Nossa Senhora ajudar-nos-á; *i ~ ta'a*, dizes bem, fala bem; ~ *toto*, ver bem, abrir os olhos; ~ *ria*, zelar, cuida; proteger; guardar;

## rauni

~ *coto*, reparar (costumes), ver bem, cuidar; ~ *mina*, agradecer

**rauni**, diminutivo de raunu: bom, familiar

**rau-rau**, raurauni, muitíssimo bom, ótimo; *ufuru* ~, boa saúde; ~ *coto*, rever e corrigir, consertar

**raunpa'i**, compor, emendar, bem fazer: *en* ~, compõe isso, corrige isso, emenda

**ra'u**, prato [mac. id.]: *rohon ina ete* ~ *nanava*, antes comíamos com pratos de madeira

**ra'u-alivana**, prateleira

**ra'u-lafai**, travessa de louça

**ra'u-moko**, pires

**ra'u-ra'u**, concha grande

**raumana**, árvore com frutos comestíveis, muito doces

**reakavati**, eco

**reana**, rodilha de pôr na cabeça para levar a bilha [tét. *tutulur*]

**reane**, soberbo, irascível, irritável

**reca** (port.), renda; malha

**refue**, desembaraçar, desembaraçado; ágil

**refutu**, redemoinho, torrelinho [tét. *anin-dadurus*]

**rehunu**, mil [mac. *rihunu*]

**rehu ukani**, um milhar

**rehun ece**, dois mil

**rehu lime**, cinco mil

**rei-rei**: *hoko* ~, lamaçal, atoleiro [mac. *da'u*]

**rekise**, cortar, atravessar, talhar [mac. *teri*]: *ete* ~, cortar árvores; *pala* ~ *more*, atravessar a horta

**rekisupa'i**, atravessar [mac. *getada*]

**reku-reku**, estalo

**remuremuke**, espalhado, misturado: *ica-kafu* ~, coração a palpitar, tremer

**rene**, recusar, negar-se

**renu** (port.), reino; nação; povo; plebe; súbditos

**resa** (port.), rezar; oração: *akam* ~, não

rezar; *vaci-vaci* ~, rezo todos os dias; ~ *fa'i*, orar

**resi**, teimar: *hici* ~, repontar; *olo* ~, os pássaros importunam; *lua* ~, os macacos teimam (por entrar na horta)

**resi-resi**, malandro [mac. *resini*]

**rete, reti**, gorgulho

**rete-rete**, gemer [mac. *so'ere*]

**reureuke**, enjôo

**ica-reureuke**, enjoar, enjoado: *fanu lailaine* ~, quando está com febre fica enjoado

**ria**, poupar, guardar, economizar, recadar, recolher: *alivana* ~ *tini*, arrumar o quarto; *lavanu* ~, guardar dinheiro

**cele-ria**, celeiro

**ri'a**, arrear; desviar; afastar

**rike**, reso, rijo: *leu ririke*, arrepiar, arrepiado

**riki**, cesto grande, redondo e com tapa

**riku** (port.), rico

**rire**, bicho, lagarto: ~ *lafane*, *uku nava*,

a praga de lagartas come tudo

**roca** (port.), roda [mac. *roda*]

**rohonu, rohon**, há tempo; outrora; antes, desde então: ~ *vaci*, naquele dia; *Jesus Kristu i o* ~ *kasiane*, também Jesus Cristo no seu tempo foi pobre; ~ *tapule*, acabo de comprar, recém comprado

**rohonivi**, naquele tempo [tét. *horiuluk*]: ~ *hala*, desde então nunca mais

**rohonta**, há muito

**rohonua**, anteontem

**roitu**, centavo (avo, moeda de antes dos Japoneses 1941-1945) [mac. *doiti*]: ~ *ukani o upe*, não tem um avo misérrimo

**roki-roki**, gula; comilão, sôfrego, guloso [mac. *navage'e*]

**rokie**, picar (da galinha) [mac. *tutuku*]

**rokise**, madeixa

**romike**, remexer, tocar em [mac. *rameke*]

**romo**, mole

**romo-romo**, muito mole, brando,

fofo: *mu'u* ~, papaia maçada;

*vahilu* ~, furúnculo já mole

**romonu**, fruta-pão [mac. *tét. kulu*]

**ropene**, enrolar, embrulhar [mac. *boral*]:

*taruete* ~, enrolar a corda no pau;

*lesum tan* ~, embrulha a mão com o

lenço; *petu* ~, enrolar a esteira

**ropoke, ropone**, embrulho; envolver:

*mouku haranu taru* ~, uma nuvem

brilhante os envolveu

**roso**, sacudir, abanar [mac. *gelu*]:

~ *roso*, sacudir o pano; *maimais* ~,

sacudir com cuidado

**Rosokoro**, nome de pessoa

**rucuke**, pastoso, semilíquido, sem

sólido: *voru* ~, azeite de coco sólido;

*sopa* ~, sopa grossa [tét. *sopa metin*]

**ruha**, pregar: *em kurusu tanu* ~,

crucificar [mac. *rusa*]

**ruhana**, prego; parafuso

**ruhahe**, parar a chuva, abrandar a

chuva, serenar o tempo [mac. *rua*]

**rukusu**, anel [mac. *noli*]: ~ *karasu*, anel

de ouro; *a* ~ *tana*, usas anel; *a* ~ *ane*

*po ana kam tana*, tenho anel mas não

o levo na mão

**uku-uku**, gargarejar, bochechar

[mac. *mumuru*, tét. *hakmumu*]

**rukutana**, conservar, pôr em conserva

**rupucete**, inclinado [mac. *be'ele*]





S



O s fataluku é sempre forte; não existe [ed.: nos vocábulos nativos] o s doce de mesa. Fica portanto inútil escrever com ss, como em *misa lê-se missa*.

**sa'ani**, dialecto, derivado do macassai, falado no Luro (sucos de Barikafa, Luro e Kotamutu). Os outros falam *nain*, também dialecto do macassai.

**savi**, ébrio, bêbado [mac. *fanu-laini*]

**sai**, ferrugem, oxidar, enferrujar [mac. *furujū*]

**safi**, retirar; recreio [mac. *tirara*]

**sai, sai!** fora! acabou: *hai ~*, findou não a mais

**sai**, compadecer: *init en ~*, tem misericórdia de nós, tira isto (o pecado de nós)

**saine**, compaixão: *hai rau po ~*, já não há compaixão

**saka**, espique, gancho, forquinha, escora para sacudir as frutas

**pari-saka**, escora do pendural da casa (fortaleza contra o vento)

**ete-saka**, *tei*, ídolo enquanto julgam que defende a casa e seus moradores; alguns pensam que deriva da Cruz

**saka-saka**, apoiar-se mutuamente

**sakana (i horomainu)**, as coisas escondidas

**sakanu**, terra quente

**sakaru**, sakar, árvore de Timor [mac. *butun*]

**Sakaru, Sakar-Uru Cipi**, Maio, florir do sakar; segunda época das chuvas na ilha, corresponde a 'contracosta' ou parte meridional da ilha [mac. *Butun-Uru*]

**sakarana** (antiquado), calças [mac. *kalasa*]

**sakara'u**, concha de sopa [mac. *asekai*, tét. *kanedok*]

**sakulolo** (v. **pokilo-ciki**), caracol grande marinho [mac. *teki*, tét. *babuku, sipu-kiman*]

**sakur**, nascente

**sakur-ira**, fonte, nascente onde lavar-se o assassino

**sala** (tétum), mal, errado

**sala-pali**, inocente, não tem culpa, puro, sem pecado [mac. *deti-lesa*]

**salafuka**, madeira, em forma de disco, que se coloca nos prumos das casas para impedir a subida dos ratos [tét. *liliti*]

**saline**, ombro [mac. *sal*]: *lita ~*, lita (sacola) ao ombro

**sulupe**, usado, gasto: *kalasa hai ~*, as calças já são velhas (gastas)

**sama (-ilahu)**, batata [mac. *dame*, tét. *fehuk*]

**sama-makau**, batata (europeia) [tét. *fehuk-ropa*]

**samaro, samare**, peido, traque, ventosidade; conjuntivite, tracoma

**sapa**, caridade, caridoso

**sapa-rau**, generoso: *ma'ar en ~*, este homem é liberal, de bons sentimentos

**sapa** (v. **sodo**), doença da pele que se esfola em todo o corpo: cascado

**sapata**, sapato, chinela, alfargata [sic] [mac. *sabatu*]

**sapata-pali**, descalço

**sapelaka**, padiola [mac. *napa*]

**sapire**, capinar superficialmente sem tocar a raiz [mac. *sabi*, tét. *lere*]

**sapu, sapua**, toranja, toranjeira [mac. *dambua*, tét. *jambua*]

**sapua, sapu**, leira, canteiro; sulcos das várzeas; caça, caçada [mac. *iba*]

**sapunu**, pulmão, bofes [mac. *sada*]

**sapuraka, sapuraki**, laranja [mac.tét. *sapuraka*]

**sapuraki-ara**, laranjeira: *~ i amu ane*, a laranjeira já tem frutos

**saranu**, tabaqueira de folhas de palma

**saran-poko, sarampoku**, malinha de folhas de acadiro, tabaqueira de folhas muito enfeitada a cores berrantes

## sarana

**sarana**, cristão [mac.tét. *sarani*]  
**sasa**, mistura, misturar; perturbar; sujo:  
*nita* ~, misturados; misturar-se  
**sasake**, secar  
**sasaku**, seco [mac. gi sa'an]: cele ~, milho seco  
**sasakupa'i**, secar bem, pô a secar [mac. *sa'an gin*]: *tinta* ~, secar a tinta  
**sasakana**, seco (oposto a secar o que está seco): *leura* ~, carne seca (ao sol ou ao fogo) [mac. *gi titi*]  
**sakalainu**, **sakasakalainu**, tudo seco; mês de Dezembro (em Lautém 'tudo seco') [mac. *uru lolol*]  
**Sara-lpi**, **Sara-lpinaka**, estrela misteriosa que aparece na morte dum velho venerável (ver também **sau**)  
**sarapika**, pano muito antigo com que é coberto a noiva no dia da boda  
**sarapura**, bambu, espalmado e aberto ... [?] com ovos ao *tei*  
**sara-sara**, som rachado, som chocho [tét. *borok*, *kaborok*]  
**sasale**, palerma (um dos insultos mais usados), bobo, pateta, parvo, rude, imbecil, estúpido  
**sasalu**, pequeno  
**sasi**, testemunha [mac. *destemuina*, tét. *sasin*]  
**sata**, sorte [mac. *aisasa*, tét. *rahundi'ak*]: *hai* ~, que sorte! que satisfação!  
**sate**, **isate**, conceber: a non mocona nisa isate, conceberás um filho  
**sau**, festa quando um morre velho categorizado onde grande prestígio; homenagem póstuma a um velho venerável  
**saukati**, presente, dádiva [mac. id., tét. *saugati*]  
**saure**, fermentar, misturar  
**sausaule** (v. **kaihe**), aguçado, afiado [mac. *vetu-vetu*]: *tana-kelesu tapi* ~, unhas muito afiadas

**savale**, perene  
**savatu**, árvore de folhas amarelas, dá frutos comestíveis  
**savarika**, escorpião, lacrau; gatilho da espingarda; *S*~, nome dado a Lautém a Celestino da Silva  
**saveivei**, contar histórias nas danças de roda chamadas **ili-lopo**  
**sefi**, chefe  
**sei**, trepadeira leguminosa com vagéns contendo sementes muito duras de casa cor castanha, de uns 4 a 5 cm de diâmetro [mac. *sei*, tét. *kalik*]: ~ *more*, as palmadas que os meninos brincando costumam dar às sementes do sei, batendo-as contra as do adversário em formas distintas. Uma delas é deitar sortes de primácias, deitando a semente para um buraco ganhando a vez quem está mais perto do buraco. Depois de outra nele pode matar ao adversário repetidas vezes até perder por ficar seu *sei* a menos distância do *sei* adverso de um palmo.  
**seile**, trazer: *kuca* ~ *ma'u*, trazer o cavalo  
**sei-sei**, escorregar, esbarrar, arrastar [mac. *rei-re*]  
**sei-selana**, aba  
**seiseilo**, enchada, sachola  
**seke**, tirar a pele [mac. *keul*]: *ete-vele* ~, descascar; *pipi-vele* ~, virar a pele da ovelha  
**sekire**, dançar, batuque instrumental que só tocam nas festas [mac. *sigiri*, tét. *tebedal*]: *lipal na'e tupurara* ~, nas festas as mulheres dançam  
**seku**, **sekuru**, agasalho: ~ *fale*, agarrar  
**sekure**, abafar, ocultar, agasalhar: *ana laum hin* ~, agasalho-me com um pano; *ana eme* ~ *nau la'a cau hirohe*, agasalho-me até a cabeça; *mu'akoune ana hinim rau-rau* ~, de noite abrigo-me bem  
**lau-sekuru**, abafa

**seku-seku** (= **heku-heku**), coxa  
**sekutu**, tirar para fora com um pau ou  
 forca para empurrar ou amontoar feno  
**sele** (v. **cele**), avultados, revirados:  
*n-o' o-pira ~(-~)*, lábios grossos, muito  
 virados para fora  
**seleke** (= **kelese**), beliscar  
**seleku** (= **kelesu**), unha [mac. *kuli*]  
**tana-seleku**, unhas da mão  
 [mac. *tana-kuli*]  
**tana-fuka seleku**, unhas dos dedos  
**o'o-seleku**, bico das aves  
 [mac. *olo-nunu*]  
**selele**, de alegria ao entrar noiva na  
 casa dos sogros  
**selu**, pagar [tét. id.]  
**semu**, receber, cobrar: *lavan ~*,  
 receber dinheiro  
**sepu**, melancia; pepino [mac. *sebu*]  
**sepu**, pátio; cerco da luta do galo: *tapa*  
*~ en cicirai-cirai*, não brinques neste  
 pátio; *~ an aca sile*, temos cerco de luta  
 de galo; *~ i vaya nauvara ira va'ane*, o  
 sumo da melancia é como água  
**serika**, pouco: *leura ~*, pouca carne;  
*tava po'ote*, *~ nava*, ele está doente,  
 come pouco; *~ cau-tomoke*, pouco  
 inteligente  
**sesserika**, muito pouco: *ale ~*,  
 pouquíssimo néle (arroz)  
**sese** (**ete-sese**), alisar uma superfície,  
 fazer uma face numa árvore [tét. *sabir ai*]  
**seta** (port.), seda  
**seulu** (v. **lori**), lagoa, charca  
**sevaria**, **severia**, teca brava  
 [tét. *ai-sawaria*, *ai-sarial*]  
**sika**, ocultar, negar, omitir [mac. *gi bari*]  
**kailu-sika**, hipocrisia, ocultar o pecado  
**sikana**, *i ~*, o que oculta, o que nega  
 segredo às coisas ocultas [mac. *gi guni*]  
**sikanu**, batota, atravice [sic] [mac. *guni*]  
**sikale**: *~ imire*, escarranchar as pernas  
**sikaru**, sigarro: *kamin ~*, formiga  
 pequena preta

**sikire** = **sekire**  
**siku**, uma árvore  
**sikua**, estaca sagrada que defende  
 as quatro quinas da casa dos  
 ataques malévolos. Na lareira  
 sagrada colocam-se sete *sikua ere*,  
 para afastar todo o mal. Chama-se  
 também *sikua* a um espeto, perto da  
 ara dos sacrifícios, sobre o que se  
 deita o sangue do animal abatido  
**silaku**, gafanhoto: *~ una*, comer  
 gafanhoto [mac. *kada*]  
**silaku-lere**, gafanhoto grande  
**silaku cau-paka**, gafanhoto de  
 cabeça grande  
**silari**, arbusto de fruto pequeno negro  
**sile** = **isile**  
**silinduru** (port.), cilindro, compressor:  
*~ lerue*, rolar o cilindro para calcar o chão  
**sina**, chinês  
**sina** (= **ipi-sosoro**), insecto semelhante  
 ao louvadeus [mac. *lakatobi*]  
**sinor** (port.), senhor: *~ akam iva'ane*,  
 senhor, não é bem assim  
**sipai**, polícia, sipaio  
**sipile**, amarrar, fazer molhos  
**sipire**, amparar; *lena ~*, acolher em casa  
 um órfão  
**sirike** (= **somike**), mover-se, mexer em  
 [mac. *so'ele*]  
**siranu**, formiga vermelha [tét. *malibai*]  
**siru**, uma das variedades de bambu  
 com espinhos [mac. *marafala*]  
**siroli** (v. **oli**), apito, assobio, silvo; apitar  
 [mac. *asapuasu*]  
**sisi**, cola, goma [mac. *wake*, tét. *ritan*]  
**siva**, nove [mac. *siwa*]  
**ta'an siva**, noventa  
**ta'an-ita-siva**, dezanove  
**rahu siva**, novecentos  
**rehun siva**, nove mil  
**sivitu**: **pai-sivitu**, escova de dentes  
**so** (= **ho**), e (conj.): *i ha'u ~ mara*, fora,  
 para trás; *~m tavane*, ainda mais;

## sono

*ali ~ fa'i tini*, faz outra vez; *ira utu na ~ mema'u*, traz-me mais água

**sodo** (= **sapa**), doença da pele, cascado

**soele**, rastejar: *nana ~*, a cobra rasteja

**soisoite**, esquichar, seringa, bica de água [mac. *kiriki*, tét. *nakriuk*]

**sokate**, tomar medidas (ao alfaiate), medir [mac. *sukati*, tét. *sukat*]

**soko** (= **sorokai**), coleóptero, insecto dos coqueiros, parecido à cotonia [sic], chamam-no 'sevo [?] voador' [mac. *sego*, tét. *daderus*]

**sokanti**, **sokenti**, **sokeni**, **sokantina**, depois, espera um pouco [mac. *we'e deti*, tét. *hein lai, titu lai*]

**nasokeniti**, esperar

**sosokenetini**, um momentinho

**sokore**, **sukure**, assar [mac. *sukuru*, tét. *tunu*]

**sole**, buraco; (fig.) medroso: *tau ~*, buraco de abóbora

**soledadu**, soldado

**solo**, pôr na cabeça: *cau takam cau ~*, pôr o chapéu, o boné

**(hutu-) solonu**, tampa

**somile**, mexer [mac. *somulu*]: *asiru leura ~*, mexer a carne com o sal; *moco ~*, mexer o filho (com as mãos)

**somone**, levar: *~ la'a*, pega e leva; *~ ma'u*, traz

**somonu**, o que se leva

**pai-somonu**, levar um porco pendurado pelas pernas atadas, nas que se enfia um pau; *P~*, constelação de Orião [tét. *Fitun-Maklebas*]

**sono**, espetar, lancetar, esfaquear, facada, injeção, espetadela, picada, punção: *leu ~*, o cabelo pica

**soo**, desligar, escorregar as contas do tabuleiro; tabuada de operações dos Chineses [mac. *teni*, tét. *kolu*]

**sori**, cortar [mac. *se'e*, tét. *ko'a*]: *leura ~*, cortar carne; *taru uku ~*, corta tudo totalmente a corda; *tana ~ upe, leura ~*,

corta a carne, não os dedos

**sorite** (port.), sorte [mac. *soriti*]

**soro**, zanga [mac. *saraka*]

**sorompa'i**, aborrecer

**sorokai**, escaravelho de coqueiro [mac. *sego*, tét. *daderus*]

**soronu**, encontro na guerra

**sorote**, **sorotu**, papel, livro, carta, caderno, bilhete, inscrever: *~ na mesene*, mostrar o caderno (papel); *nee ~*, inscrever-se, dar o nome (na escola, na tropa)

**sorot-asa**, folha de papel

**sorupala**, bajular, fanfarrão, ufanar, gabar

**soso**, frouxo, mole: *kalasa ~*, calção largo, não ajusta; masturbação: *soso ~*, poluição, fazer mole, imicção involuntária do sêmen

**soso-kina**, úlcera, lepra, purulento [mac. *boelama*, tét. *merik*]: *~ hale unu*, um leproso

**suare**, honrar, adorar, venerar: *Uruvacu ~*, honrar a Deus; *palu ~*, obedecer ao pai [mac. id., tét. *hana'i*]

**suarana**, civilidade, cortesia, correção, comportamento [mac. *suarini*, tét. *edukasaun*]: *~ navare*, ter civilidade, ser correcto, saber comportar-se

**suasuare**, rosnar, bufar

**sufa**, despender-se, escorregar [mac. *bugala, sidafata*]: *kalasa ~*, as calças caem-te; *kuca taru ~*, o cavalo fez escorregar a corda

**sufai!** caluda!

**suka**, caracolado (cabelos): *cau ~*, cabelos encaracolados

**sukate**, medir [mac. *tegene, sukati*, tét. *sukat*]: *mu'a ~*, medir o terreno, medir a terra, pôr os marcos

**suke**, abaixar-se, agachar-se; *malu ~*, nascer; *posi kakukau ~*, o gato anda cauteloso

**susuke**, andar curvado ou inclinado

- sukoro**, inclinar-se
- suku**, coser, tomar medidas: *a ~*,  
toma-lhe as medidas (para lhe fazer  
vestidos)
- sukure**, assar carne  
[mac. *sukuru*, tét. *lalar*]
- susuka**, palito afiado, espeto: *leura ~*,  
carne assada no espeto, sassate
- sulailai**, lírio [mac. *kota-kota*, tét. *ai-funan  
líriu*]: *~ cipi*, lírio em flor
- sulina**, rolha, tampa  
[mac. *sulana*, tét. *sulan*]
- potilu-sulina**, a rolha da garrafa
- sulupe**, velho, roto
- sumana**, tempo: *~ pali*, carece de  
tempo, eterno
- sunu**, nome de uma espécie de peixe  
do mar [mac. *sunu*]
- surana**, carne assada [mac. *sukuru*]
- sururana**, paus bem apurados  
**ulu-surarana**, paus de paredes da casa
- sururu**, espécie de trepadeira que se  
usa para atar cercas, casa etc. Essa  
trepadeira é bastante comprida e  
pode atingir mais de 20m e mais
- susare**, desgraça, custoso, penoso,  
viver apertado [tet. *susar*]
- su'une**, soprar: *pari ~*, o vento sopra;  
*mihi ~*, limpar os moncos ou o ranho







**ta**, para, é que, depois (indicação dum futuro obrigatório) [cf. tét. *maka*]: *ani ~ la'a*, eu é que vou, vou eu; ~ *krizma simu*, para receber o crisma; *teni ~ rau*? qual é o melhor? qual é que é bom? *ana hai mace tava ~ ma'u*, depois de eu comer é que ele chegou; *emeru macenu pohe tava ~ ma'u*, faz a comida antes de ele vir; *orasu teva'ane te ~ ma'u*? a que horas é que vem? *emere orasaun fa'i te ~ taya*, reza antes de se deitar; *emere-t an ~ mara*, vai andando que eu já vou; *emere eni'i ~ ivi'i*, antes disso depois aquilo; *vacu tupuka-t e ~ ma'u*? ao meio-dia é que chegas? *vacu hicit an ~ la'a*, irei só de tarde; *ceru ~ ma'u*, chama-o, fiz-lhe que venha; *e hin an ~ ifa*, por causa de ti eu cai; huma'ara itu afi ufur har lauhe, a alma é que dá a vida ao corpo

**ta'a**, dizer, contar, narrar (as vozes com *t* em Tutuala viram para *c*, que se vai generalizando em toda a região do fataluco; assim **ta'a** é igual a **ca'a**) *mestre em afin ~*, o mestre ensina-nos; *kapar ~*, amaldiçoar, insultar com palavras feias; *kaparana ~*, rogar pragas, falar mal; *moco hini ~*, tratar do barlaque do filho

**ta'a-ta'a**, balbuciar, gaguejar

**olo ta'a-ta'a**, espécie de cuco (ave) pequeno

**ta'a-cau**, cabo do machado

**ta'ale**, entalhar

**ta'alenu**, rapina

**ta'al-cipale**, bofetada [mac. *tibala*]

**ta'alu**, manjedoura [mac. *faga*]

**ta'an**, cordas de uma trepadeira que se usam para atar qualquer coisa

**ta'ane**, dez [mac. *rurù*]

**ta'ane-ita-ukani**, **ta'ane-ukani-ukani**, onze

**ta'ane-ukani-kafa**, dezoito

**ta'an ece**, vinte

**ta'ane lima**, cinquenta

**ta'an kafa**, oitenta

**ta'are**, lutar

**aca-ta'are**, luta de galos

**ta'ata'ape**, ir dum para outro lado

**ta'ata'apa'i**, variar-se no trabalho

**tae = utae**

**ta'ese**, coar, filtrar [mac. *taki*]: *kafe ~*, coar o café; *tua ~*, filtrar a tuaca

**tafa**, pilar, macerar, pisar, triturar, golpear, debulhar; atirar (com arma), tiro: *ana ~*, po ete parau, disparei, mas não dei no alvo; *mu'a ~*, bater para a terra, calcar a terra; *ale ~*, pilar néle, descascar no pilão o néle

**nita-tafa**, guerra

**tafale**, enxamear, formigar, aglomerar-se; rodear para o ver [tét. *hobur*]

**tafal-fulutete**, **tafal-pulutete**, cuspir [mac. tafa *bulunu*]

**tafal-tafal fulutete/pulutete**, escarrar

**tafalu**, cuspo

**tahane**, sofrer, tormento, paixão, tortura, paciência, sofrimento, dor; sacrificar [mac. *gaubere*]: *Jesus ~ ta kurus na n-umu*, Jesus sofreu até morrer na cruz

**tahatahane**, sofrer: *vari ~*, sofrer sempre

**tahi**, mar [mac. *meti*]

**tahi o'o-vali**, praia

**tahi-tupuru**, mar do norte (mar pacífico, mar mulher)

**tahine**, **tahin**, bonito, belo, lindo, formoso, elegante, encantador [mac. *felunu*]

**tahinpa'i**, enfeitar: *kota ~*, enfeitar a cidade

**tahinua**, hoje (antes do tempo); parte do dia que já passou

**tahume**: *uru ~*, lua nova [mac. *uru ra'isa*]

**taile**, baixo: ~ *ta'a*, falar baixinho, mussitar, cochichar; *tali ~*, *muha ~m*, mais baixo

## taitaile

**taitaile**, baixinho: ~ *ta'a*, falar devagarinho  
**ta'inta** (v. **karua**), agora, há pouco,  
portanto, ora, assim, pois [mac. *efelei*,  
*ofolei*]: *po* ~, contanto que; ~ *umu*,  
acaba de morrer; ~ *ma'u*, acabar de  
chegar

**taire**, gabar; gabar-se; soberbo [mac. *daire*]

**tai-tai** (= **ta'a-ta'a**), o falar das criancinhas,  
pronunciar muito mal as palavras

**taka**, contemplar sem pestanejar  
[mac. *faunin*]: *nita* ~, fazer caretas

**takelere**, **takeleru**, fenda, greta, rachar,  
abrir, fender

**mu'a-takeleru**, fenda da terra

**taki** (port.), tanque [mac. *taki*, tét. *tanke*]

**tali**, mais, maior (termo de comparação  
superlativa) [mac. *litaka*, *lete*]: *cele* ~  
*nava*, come milho demais; *tapi nim*  
*tour* ~, não te julgues mais que os  
outros; ~ *panake*, dói muito; ~ *ca'a*,  
falar demasiado; ~ *louke*, pula mais;  
~ *nate*, mais alto, estar mais a frente  
de; ~ *navarana*, mais sábio; ~ *lafai*,  
maior; ~ *kapare*, pior

**tali-tali**, de mais, demasiado, excesso,  
abuso; alternar [mac. *litalitaka*]: ~ *rau*,  
ótimo; ~ *ca'a*, conta alternando (só  
os pares ou ímpares)

**taline**, demasiadamente; além,  
a beira, junto

**talipe**, atravessar, ir além

**talipela'a**, ultrapassar, passageiro

**talcipale**, bofetada [mac. *tibala*, *basala*]

**talure**: *cau* ~, preguiça

**tamalu**, **tamaru**, **tamu**, tia paterna  
[mac. *baimata*]: *Luis i tamu*, a tia  
do Luís;

**tamu i elehu**, o marido da tia paterna

**tamu**: *nee* ~, pôr o nome, dar nome

**tana**, mão; manga; mão cheia, punhado;  
arder, queimar [mac. d.]: *a* ~ *manu*,  
tenho a mão ferida; *rukusu* ~, usar  
anel; ~ *koleve*, abraçar, abraço [mac.  
*tana-ko'olo*], regaço; ~ *mececene*,

~ *menecene*, levantar a mão; ~ *vahu*,  
lavar as mãos; ~ *tipale*, aplaudir;  
~ *lolore*, estender a mão; ~ *na*  
*tiru*, acertar [mac. *tana tiru*]; ~ *na'e*,  
pôr, entregar, ter na mão; ~ *n fa'i*,  
manusear, manipular

**faru-tana**, manga

**tana kolo-hafa**, os ossos do braço

**tana-fele**, palma da mão

**tana-fuka**, dedos da mão: ~ *cipi*,  
a ponta dos dedos

**tana-furu**, manco, maneta

**tana-hufina**, lembrança, prenda,  
dádiva, presente [mac. *tana-bulu*]

**tana-mani**, pulso [mac. id.]

**tana-pata**, braço

**tana-polu**, punhado, mão cheia

**tana-seleku**, unhas dos dedos da mão

**tana-solonu**, luvas  
[mac. *tana solo-solo*]

**tana-upu**, o envés da mão  
[mac. *tana-laikoru*]

**tana-vehe**, criminoso, mão  
sangrenta [mac. *tana-wai*,  
tét. *liman-raan*]

**tana**, arder: *aca* ~, fogo a arder; *ete* ~, o  
pau queima-se; *lee hai* ~, a casa ardeu

**tananu**, para queimar: *kuku aca* ~,  
lenha para cozinhar as catupas dos  
noivos

**tatanu**, aceso: *ucu-ucu* ~, vela acesa

**t-ana**, contração de **ta** e **ana** = quando,  
para: ~ (*noko*) *ta'a*, quando eu tratar do  
barlaque do irmão mais novo

**tanare**, **tatareni**, marrar-se, topar-se  
(cabras, búfalos) [mac. *dasa*, tét.  
*haktukuk*]: *arapou nita* ~, os búfalos  
dão-se marradas

**tanen** (v. **itane**), estar perto, ao pé:  
*lafur i ~ luku-luku*, falar junto à lareira

**tani**, acordar, despertar, avivar  
[mac. *tane*]: *Antoniu* ~, despertar  
o Antônio; *e palu* ~, fazer acordar o  
teu pai

- tanikaure**, acertar na escolha  
[mac. *negamu*]
- taniparau**, acertar no alvo
- tanipa'i**, inventar
- tanica'a**, prever, revelar, adivinhar,  
calcular, avaliar: *vacu toton orasu* ~,  
calcular pelo sol as horas
- tanuruha**, pregar na cruz, crucificar
- tani**, ramos
- tani-moko**, botão (das plantas),  
rebento, renovo, galho, vergõntea,  
esgalho
- ete-tani**, ramos da árvore
- tanita** (= **ta'inta**), ora, depois [mac.  
*eanete*, tét. *hafoin*]: ~ *la'a*, foi já a  
pouco tempo
- tanta** (= **ta ana ta**), é que [tét. *maka*]:  
tarute tanta..., quando (é que) eu...
- tanukoleve**, regaço
- tapa**, não (vetativo), abster-se  
[mac. *werau*, *nebe'u*]: ~ *tapule*, não  
compres; *pari* ~ *somone in la'a*, para  
que o vento não o leve; ~ *aya-aa pen  
la'a*, não vás debaixo da chuva e do  
vento; *reza fa'i* ~ *a'em*u, não bocejes  
na oração
- tapalu**, **ia-tapalu**, sapato
- tapela** (port.), tabela, anúncio
- tapi**, certo, verdadeiro; muito: prefixo  
aumentativo do adjetivo [mac.  
*tafi*]: ~ *arahe*, pavor [mac. *tafi aga-  
aga*]; ~ *kayare*, cansadíssimo [mac.  
*tafi bogere*]; ~ *kapare*, péssimo,  
terrível [mac. *tafi nokorau*]; ~ *fa'i*,  
sincero, obter com rectidão;  
~ *kere-kere*, escreve mesmo garrido,  
cores variadas; ~ *lafai*, máximo,  
extensão, importante; ~ *luku-luku*,  
loquaz, eloquente; ~ *nekule*, raivoso;  
~ *poroke*, herói, valente, sagaz,  
astuto; ~ *ta'a*, propor, assegurar; ~  
*tahine*, bonitíssimo; ~ *rau*, ótimo,  
muito bom; ~ *tifare*, veloz; ~ *cone*,  
afastadíssimo, muito longe
- tapinu**, a verdade [mac. *tafiru*]
- tapirae!** infeliz! coitado!
- tapuku**: **o'o-tapuku**, bochecha tapule,  
comprar [mac. *tehu*]: *lavanum* ~,  
trocar, receber dinheiro por objectos;  
*aca* ~, comprar galinha; comprar lenha
- tapunu**: *cau*~, crânio; *aca*~, fumo
- tara** (= **t-ara**), princípio [mac. *geri*, tét.  
*hun*]: *kuca* ~ *hiape*, começar a montar  
o cavalo; ~ *ma'u*, vem pela primeira  
vez; ~ *muho*ve, de repente aparece,  
repentino, súbito, rápido; ~ *para*,  
parar-se de repente
- tara-ca'a**, notícia
- taranaci**, maravilhoso, admirar-se
- tara-tara**, principiar, começar; desde  
[mac. *geri-geri*]
- taratarapa'i**, encetar, principiando a  
fazer [mac. *geri-geri gin*]
- taratarane**, principalmente
- taraleu**, macho (de aves) [mac. *nam*]
- aca-taraleu**, galo
- tare** = **atare**
- tari**, sebe, cerca de paus, vedação  
[mac. *detu*, tét. *lutu*]: ~ *fa'i*, vedar,  
fazer cerco
- taru**, corda, fio grosso; trepadeira  
[tét. *tali*, *taru*]
- taru-palaca**, fibras de piteira, corda  
de piteira [tét. *tali-balanda*]
- tarunai**, funda [tét. *tali-fafirun*, *tali-firun*]
- taru**, apostar: ~ *fa'i*, apostar; *joka fa'i  
po akam* ~, jogam mas não apostam;  
*lai-lai po akam* ~, jogam o jogo das  
pedrinhas mas não apostam
- tarupa**, **tarupaha**, quanto [mac. *nahiroba*]:  
*en*, ~? isto, quanto vale?; *lar* ~?  
quantas vezes?
- tarute**, quando [mac. *naine*]: ~ *a ena'e*?  
desde quando estás aqui?
- tatafu**, sumaúma [mac. *salimu*, tét. *ai-lele*]
- tatane**, contra, oposição; encontrar;  
opor, ofender [mac. *sorunu*]: *ira* ~,  
ir contra a corrente da água; *Jezus* ~,

## tatanpe

ir ao encontro de Jesus

**tatanpe**, ir contra, ir ao oposto

**tatanca'a, tatanpa'i**, contrair com palavras

**tatareni = tanare**

**tati**, morder-se (animais) [mac. *kij*]:

*iparu ~*, os cães mordem-se

**tatina'e**, abandonar, deixar aí

[mac. *ausuri*]: *tatin kafale!* deixa aí!

[mac. *wesuri mara*]

**t-atu**, com que..., para que...: *halu ~ sai*, para que se acabe a guerra

**tatune**, depois de amanhã

[tét. *wainrua, bainrua*]

**tau**, abóbora [mac. *lei*]: ~ *lama*, rachar

a abóbora; *tau ~*, apanhar abóboras

**tau-hari**, folha de abóbora

**tau-kafu**, semente da abóbora, pevide

**tau-ara**, aboboreira, caule da abóbora

**taule**, ampola (bolha na pele); calo;

cicatriz [mac. *boli*, tét. *fokar*]

**tausole**, medroso

**tauru**, enforcar, atar, enforcar-se

**tava**, ele; ela; aquele [mac. *lal*]: ~ *i hini*,

*dele, dela* [mac. *lai gige'e*]; ~ *hala*,

privilégio (só ele); ~ *hecatere*, ambos, os dois

**tavaru**, eles, elas; aqueles [mac. *wera*]: ~ *ta (tavarata)*, eles que

**tavacene**, juro, usura

**tavane**, mais, abundante, muito

[mac. *gali*]: *eluhe-t ~?* queres mais?

**taya**, deitar-se, estar deitado, dormir, descansar, adormecer [mac. *tia, tae*]: ~ *po akam ~*, deitado mas não dorme

**taya-alivana**, quarto de dormir, dormitório

**tain-petele**, insónia

**tayanu**, o que está deitado, postrado

**te**, como, onde [mac. *netani, nai*]: ~ *mara?*

onde vais? ~ *na'e?* onde está; ~ *na'en*

*ma'u?* donde veio? ~ *hici?* donde?

**teva'ane?** como?

**te ... acu**, tanto quanto

**tee**, competir, desafio [mac. *tate gene*]:

*nita ~*, desafiar, competição, certame

**tee** (= **sukati**), medir: *i maluerenu ~*, medir a largura; *i lohainu ~*, medir o comprimento

**teene**, distribuir, dividir, repartir: *tua ~*, dar de beber vinho, servir vinho

**teenu**, medida (para as trocas que se usam nas vendas)

**tefe** (= **cefele**), tirar, cortar [mac.

*se'e*]: *a la'a tua ~ o purupale*, tenha

cuidado quando for buscar a tuaca;

*ete-holi ~*, cortar o pau

**tefue**, quebrar, partir, estalar [mac. *tefu*]:

*ete hai ~*, partiu o pau; *tana hai ~*,

partiu-se-lhe o braço

**tei**, sagrado, intangível [mac. *falun*, tét.

*lulik*]: ~ *touru*, todos os teís, romaria

**teipa'i (tei fa'i)**, benzer, consagrar

**tei-fiarana**, herança

**tei-tei fa'i**, adorar

**teipa'i**, santificar: *nee ~*, santificar o nome, honrar

**teinu**, santo, sagrado

**teile, teteile**, devagar, com vagar

[mac. *raana, rarana*]

**teka**, teca [mac. *teka*, tét. *ai-teka*]

**tekihe, tekie**, apertar, encostar [mac.

*tegi*, tét. *habesik*]: *nita ~*, aproximar-se,

encostar-se; *nekisa em nita ~*,

estar muito apertado; *ufuru ~*, aperto no corpo

**tekihu**, pecado que se deve expiar

**telete**, qualidade [mac. *fudu*]

**telira (i ~)**, alheio, outro, distinto

[mac. *gi selu*, tét. *seluk*]

**telu (i ~)**, o resto, os outros

[tét. *balun, resin*]

**telupene**, doido [mac. *nogo-nogo*]

**temuru, temur**, leste: ~ *hici*, de leste

**temuru-tue, temur-tue**, segunda

sementeira, mês de Setembro

**ten = teni**

**tenaka, teneke**, muleta, cajado,

- bengala, bordão [mac. *dianaka*, tét. *ai-tonka*, oen, *ai-tato'an*]
- tena'e**: ver **te**
- tene**, se, quase [mac. *raudawa*. tét. *karik*]: *ana araraha* ~ *molu*, temo perdê-lo; ~ *tutu umu*, está quase a morrer; lee ~ *cone*, se a casa está longe; *moco* ~ *upe*, se não tem filho
- tenen**, **tenenu**, direita (parte da direita) [mac. *tane*, tét. *kuana*]: ~ *mara*, vai para a direita
- teni**, **teni'i**, qual, quem é que [mac. *nai gau*, tét. *ida-ne'ebê*]: ~ *a fa'i?* qual é ue fizestes? ~ *ta rau?* qual é o melhor?
- tepere**, silêncio, sossego, paz [mac. *teba*]
- tepetepere**, silêncio absoluto [mac. *teba-teba*]
- tepike**, assustar-se [mac. *danara*]
- tepitepike**, espantado, medroso
- teru**, sobre: ~ *laki*, escavar sobre
- terune**, encosta
- terusu**, terço
- tetei**, **teitei**, lento, afrouxar, vagaroso [mac. *rarana*]: ~ *la'a*, vai devagar
- tetele**, **tetere**, cortar, tosquir [mac. *luana*]: *cau-leu* ~, cortar o cabelo; *taru* ~, cortar a corda
- tete'u** (**meturu**), metro, medida, régua [mac. *meturu*]
- te'u**, nível, plano, direito [mac. *tetunu*, tét. *tetuk*]
- teva'ane**, igual, como, semelhante [mac. *netani*]: ~ *la'a an ta ta'a*, vou contarte como (foi que aconteceu); ~ *tua* (reforçante de **teva'ane**)..., como é que
- tevere**, bocado, partícula [mac. *nai*]: *kausila* ~, bocado, parte
- tia**, mascar [mac. *tia*, tét. *mama*]: *laiku* ~, mascar areca; *maluhu* ~, mascar bétel
- tikal**, espernear
- tikua**, piolho [mac. *tumu*]
- tiele** (= **ciele**), pontapé, chutar, pisar [mac. *tiala*]: *lanu* ~, dar pontapés ao colega; *pola* ~, dar pontapés à bola
- tifare**, correr, fugir, fuga [mac. *ria*]: ~ *fa'i*, expulsar, espantar, enxotar
- tifatifare**, sempre a correr [mac. *ria-ria*]
- tifue** = **tefue**
- tí'ilana**, réu, condenado, cativo
- tí'ile**, castigar
- tí'ilu**, o que está preso; jugo [mac. *kastigu*, tét. *dadur*]
- tila**, pelar, descascar [mac. id.]
- tilika**, **ia**~, calcanhar [mac. *iti-nafa*]: *hin ia*~ *na mire*, sentar-se de cócoras
- tilitafa**, **tilitafu**, fel, bilis [mac. *diru-diru*]
- timese**, chupar [mac. *fei*, *tim*]
- vehe-timese**, sanguisuga
- timine**, quente; calor; febre [mac. *koulu*, *ba'ara*]: ~ *fa'i*, calentar, aquecer
- timinu-uru**, verão (em Loré diz 'mês de Novembro')
- timiraka**, **timirika**, chumbo, estanho
- tina**, acender
- timuna**, melão silvestre [tét. *boru-ae*]
- tini**, terminação reforçante [mac. *detel*]: *ina'e* ~, aí, momentinho, depois: *ana forite* ~, que eu seja forte
- tinita**, tinta
- tintala** (port.), quintal [mac. id., tét. *kintál*]
- tipale**, **tipatepale**, acariciar [mac. *basala*]
- tipalu**, pandiro
- tipare** = **tifare**
- tiriku**, trigo, farinha para pão [mac. *tirigu*]
- tiritika**, espernear
- tiri-tiri**, tremer, nervosismo [mac. *ruru*]
- titi**, grito para os cães
- titi luku-luku**, mexeriqueiro, bisbilhoteiro
- titike**, mandar ir: ~ *la'a pura fa'i*, mandar ir fazer compras; ~ *titike*, mandar ir embora; *moco* ~, abandonar o filho
- titilare**, nome de arroz sequeiro
- Titilari**, uma povoação do suco de Fuiloro
- titiriri** = **tiri-tiri**
- titiru**, pratos da banda da música

## titilu

[mac. *titi*, tét. *nakli'i*]

**titilu**, isqueiro [mac. *titil*]

**too, too fa'i**, um canto da festa de meci me

**toe = tohe**

**toe**, pôr: *lopo* ~, pôr no curral; *velika* ~, está na mão esquerda;

**atu-toe**, grávida, *atu* ~ *aracane umu*, aborto

**tomore**, pontaria

**tohe**, estéril, infecundo, maninho

[mac. *to'oru*, tét. *kiuk*]

**toloku: o'o-~**, bochechas

**tomoke**, mole, brando; abrandar

[mac. *roge*]: *pari* ~, o vento abranda

**cau-tomoke**, esperto, sábio, inteligente [tét. *ulun-mamar*]

**tomotomoke**, muito mole

**topolele**, vergar (a árvore vergada dos frutos) [mac. *be'ele*, tét. *nair*]

**tore = toure**

**toru = touru**

**tote, totote, totupa'i**, partir-se: *taru hai tote*, partiu a corda; *hilu taru totupa'i*, partir o laço [mac. *tauru*]

**toto**, olhar, observar, vigiar

[mac. *isiluma*]

**totonu**, olheiro, o que observa

**totole**, cortar [mac. *lasi*]

**toure, touri**, multidão, manada, grei; fazer-se grande, fermentar [mac. *riala*]: *ma'ar tapi* ~, muitíssimo; ~ *acita'a*, dizer público

**arapou-touri**, manada de búfalos

**touru, toure**, multidão, muitos

**tu**, que (integrante); para (final): *tava acita'a tu...*, dizer a ele que...; *hai lukuluku*, ~ *navare*, já disse, por isso sabe

**itu**, depois [tét. *dun*]

**tua** (v. **hinua**), já que, pois, porque (motivação): *ana hai katuasu* ~, porque eu já sou velho; *laficaru* ~, é de autoridade, plenos poderes; *ana mahane* ~, porque tenho medo

**tua**, vinho, tuaca (vinho de palma) [mac. *maa*]: ~ *nava*, beber vinho; ~ *kuruse*, jurar com uma cruz no vinho

**tua-akahu**, vinagre

[mac. *maa-aga*, tét. *tua-siin*]

**tua-araki**, aguardente

**tua-fa'anava**, embriagar-se

**tua-kahi, tua-kahu**, álcool

**tua-lee**, taberna [tét. *hemu-tua fatin*]

**tua-maru, tua-marau**, palmeira que dá tuaca

**tua-noko**, palmeira de que já mais de uma vez tiraram a tuaca

**tua-piti**, vingo branco (ordinário)

**tua-sabi**, bêbado [mac. *fanu-lain*]

**tuana**, sementeira

[mac. *ma'aka*, tét. *kuak kuda ona*]

**tuare**, trocar [mac. *tađu'a*, tét. *truka*]: *nita vehe* ~, beber vinho com sangue dos dois (amizade mútua); *pai mokom pipi* ~, trocar um porquinho com um cabrito; ~ *tuare*, trocar o dinheiro

**tufa**, bambu de zarabatana

**tufe** (v. **fulutete**), cuspir: *sapurika i* ~, o miolo branco da casa de laranja; *vele mura, i* ~ *hala, descasca*, basta o de dentro

**tufoo**, palavra misteriosa ao cuspir no masule

**tufu-tufu**, roer, ranger

**tufute**, estalar, estalo

[mac. *book*, tét. *botu, hakbo'as*]

**tufutu**, nome de uma espécie de trepadeira e parasita que tem frutas pequenas e amarelas

**tuku**, hora, golpe [tét. id.]: ~ *lime*, às cinco horas

**tuku, lee-~**, parte baixa da casa de Timor onde costumam sentar-se e refrescar-se

**tuh'i'i**, fecha-a, veda-a

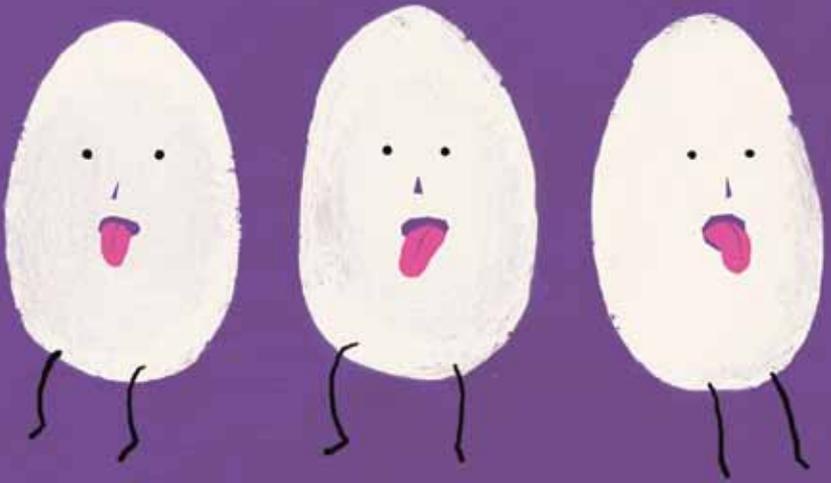
[mac. *goe detu*, tét. *taka lai*]

**tule = cule**

**tulune**, auxiliar, auxílio [mac. *tulunu*]:

- Nosasinora afi* ~, Nossa Senhora Auxiliadora
- tulunana**, o auxílio
- tumire, tumure** (v. **utupa'i**), tapar, cobrir [mac. *tuni*]: *lee* ~, pôr o telhado à casa
- tunaci, tuunaci**, desmazelado, desleixo [tét. *baruk haree*]
- tunu** (v. **repoke**), dobrar, enrolar [mac. *boka*]: *petu* ~, enrolar a esteira; *faru* ~, dobrar o vestido
- tupa** (v. **lelise**), furar, roer [mac. *ta*]: *ifi unu i uanu* ~, um verme lhe rói o coração
- tufa-fofo**, uma variedade de bambu
- tupalaha**, empurrar, encontrar
- tupetu**, hera (planta), trepadeira
- tupuka**, cabeçaço, colina: *vacu hai* ~, meio-dia, sol no zénite
- tupukuru**, mocho [mac. *tou-otu*]
- tupure, tupur**, mulher, fêmea [mac. *tufuræ*]: ~ *horu helere*, fugir com uma mulher; ~ *vava'ane*, maricas, afeminado
- tupurara**, as mulheres
- tupur-miri**, noiva
- tupur-paru**, viúva
- cotupure (cone)**, rapariga que não tem ligação de parentesco com o noivo
- tura**, prefixo reforçante: mais, sem
- turufe**, borrifar
- turuku = tuare**
- turupasa**, intérprete [mac.tét. *durubasa*]
- tute**, bater [mac. *tutu*]: *ica-kafu* ~, bater no peito
- tutana**, o que se partiu, picado, moído: *cele* ~, milho picado, milho moído
- tutefe = hututefe**
- tutu**, (1) beber [mac. *kehe*]: *ira* ~, beber água; (2) gostar: *a nica akam* ~, não gosto, desgosta-me; *ica afi* ~, gostam de nós
- ica-tutu**, gosto, gosta de ter
- tutunii**, bebida do juramento
- tutu**, coluna
- tutu**, quase, perto a: ~ *umu*, às portas da morte; ~ *apanavare*, envelhecer
- tutuana** (v. **utuana**), sementeira [mac. *saunu*]
- tutufa**, zarabatana [mac. *guguu*]
- tutunkolo**, cachação, nuca [mac. *tutukolo*, tét. *kakorok-tutun*]
- tuture**, empurrar [mac. *dudulu*]: *kareta* ~, empurrar o carro
- tuturika**, alavanca [mac. *mumu-dia*]
- tuu (= faa)**, (prefixo reforçante) abundante [mac. *bese*]: *pari* ~ *sune*, ventania, vento furacanado; ~ *n-aci*, amparar
- tuu-tuu: ~ laine**, devasso (playboy); ~ *caya*, sonolento
- tuu (= valahe)**, depressa: ~ *la'a*, vá depressa; ~ *eme*, toma depressa; ~ *ca'a*, fala depressa; ~ *ma'u*, vem já

**aca-ucu utue upulu**, três ovos com língua >



U



**ua, uane, uhanune**, debaixo, baixo:  
*ua more*, está abaixo de [mac. *gia wau*]  
**ua-ua**, mugir: *arapou* ~, o búfalo muge  
**uca**, matar, massacar: *jen* ~, suicidar-se  
**ucane, ucanu**, rês, animais para serem  
abatidos [mac. *gusa*]  
**ucale**, migar, partir [mac. *dabunu*, tét. *sah*]  
**ucu**, cera [mac. *usu*]  
**ucu-pacu**, vela [mac. *usu-badu*]  
**ucu**, ovo [mac. *oha*]  
**aca-ucu**, ovo de galinha, de ave:  
~ *rakase*, fritar ovo  
**ucu-kia**, gema do ovo  
[mac. *oha-mata*]; ~ *opose*, ovo goro  
**ucue**, pôr ovos: *a* ~ *nakale*, tenhas  
prole abundantíssima  
**ucuate**, grosso, grossura, largura  
[mac. *aba'a*]  
**ucute**, pedir, invocar, rogar, suplicar  
[mac. *seti*]: *akam nacun* ~, nada peço;  
*ina* ~? que pedes?  
**ucutenu**, o pedido, o que se pretende  
**ukani**, um [mac. *ù, isaku*]: *aya-ira* ~,  
um ano  
**ukani-ukani**, cada um: *pasar* ~, cada  
semana, por semana; *aya-ira* ~,  
nualmente, todos os anos  
**ukahani**, tudo meu (apoderar-se)  
**ukanapa'i**, fazer um só, unicamente  
**uku**, espinho: ~ *ulumuha*, entre espinhos  
**api-uku**, espinha do pescado  
[mac. *afi-safa*]  
**uku** (reforçante: **naunuku**) tudo, todos  
[mac. *goba*]: ~ *kaparpa'i*, arruinar tudo;  
~ *keve* [mac. *iluku*], unhar, beliscar;  
~ *paise*, esgotar; ~ *cana*, queimada,  
queimar tudo; ~ *mee*, saquear tudo,  
tirar tudo; ~ *navare*, onisciente;  
*navar* ~ *fa'i*, onipotente, pode fazer  
tudo; ~ *i moco i hini*, herdar, herança  
para o filho; ~ *keluhe*, embirrar, não  
querendo tudo [mac. *goba tule*];  
~ *hiare*, pagar tudo, expiar [mac.  
*goba seluru*]; ~ *rau-rau*, prosperidade,

tudo passa bem; ~ *nava*, tragão,  
glutão, comer tudo [mac. *goba nava*];  
~ *kaparpa'i*, estragar tudo, derrubar  
[mac. *goba nokorau gini*]; ~ *culu*,  
todo molhado  
**ukupai**, terminar, acabar tudo  
**ukule**, chamar, gritar: *nekisa* ~, chamar-lhe  
em voz alta  
**ukune**, mandar (no reinado) [mac. *ukunu*]  
**ukunana, ukunu**, mandato, lei,  
mandamento: *ukun fa'i*, decretar  
**ukure**, secar ao fogo, aquecer, enxugar:  
*lau* ~, secar a roupa ao lume  
**ukusina (a kusina)**, igual: *nita kusina*,  
são iguais, da mesma altura  
**ukusori**, cortar (com faca) [mac. *tau sei*]:  
*taru* ~, cortar a corda  
**ufale**, segurar, pegar, apanhar [mac. *gedifa*]:  
*lavanu* ~, tomar conta do dinheiro  
**ufane**, alimentar, sustentar [mac. *fa'ana*]  
**ufarana**, sonho [mac. *uferene*]:  
~ *aci*, sonhar  
**ufu**, fechar: *n-o'o* ~, fechar a boca,  
cala-te [mac. *a'a tata lai*]  
**ufu-ufu**, botão de flor  
**ufure**, obstruir, entupir: *kuru hain* ~,  
o buraco entupiu  
**ufuru**, corpo  
**ufuru-afarika (i hafarika)**, membro  
do corpo  
**ufute**, evaporar [tét. *nakali sai*]  
**ufutina (humainu)**, vapor  
**uhi!** interjeição de alegria  
**uhuse**, perfilar, alisar, aperfeiçoar  
[mac. *safu*, tét. *kaweer, kabeer*]:  
*puhu* ~, alisar a panela de lodo; *ete* ~,  
devastar o pau  
**uhupa'i**, emendar, fazer melhor  
**uhucene**, esfregar, amansar  
[mac. *safa dane*]  
**uhu-uhucene**, afagar: *posi* ~, afagar  
o gato  
**uhuleve**, tomar com a colher  
[mac. *sulu*, tét. *suru*]

## uhuluku

**uhuluku**, aplacar [mac. *ralolo*]  
**uhure**, remendar, tapar o buraco  
[mac. *sulu*]: *apoinu* ~, tirar a comida para a terrinha  
**uhutaa, uhucuaa**, aplacar; dizer de novo, repetir  
**uhule, uhulen**, poder, aguentar [mac. *be'u*]: *uku* ~, tem poder para tudo  
**uhulana**, o poder  
**ula** (v. **tene**), talvez, quiçá, mais ou menos [mac. *tanee*]: ~ *iva'ane*, possível; ~ *ma'u*, virá, se calhar vem (inglês: will come); ~ *lar utue*, se calhar três vezes, umas três vezes  
**ulale**, acaso, se calhar, palpitar [mac. *raudawa*]  
**ulale'a**, por ventura, talvez  
**ulafuka**, cauda, rabo [mac. *ula*]  
**ulafuka-kava**, rabicho, cauda curta  
**loiasu-ulafuka**, ré, popa do barco  
**petu-ulafuka**, extremo da esteira  
**ula uca-uca**, verdugo  
**ula-ucanu**, criminoso; crime, massacre  
**ulane** (= **urane**), arredor, desviar, ao longo [mac. *riu*]  
**ulanenu**, ao longo, intervalo  
**ulanca'a**, relatar, confessar [= tét. *haktuir*]  
**ulapa**, nome de uma tribo; cinza (= **ulupa**)  
**ulavari**, cintura, quadris, anca [mac. *boru-boru*]  
**ulavere**, vestir [mac. *gutu*]: *faru i miri* ~, vestir fato novo  
**ulaverenu**, vestido, vestuário [mac. *gutu-gutu*]: ~ *mura*, tira esse vestuário ou vestido  
**ulu**, umbigo; centro, meio [mac. *ilumana*]: ~ *rekise*, cortar o cordão umbilical; *i* ~, o miolo, o centro  
**ulune**, no meio, ao centro  
**ulumuha**, entre, no meio; *i* ~ *na'e*, está entre; ~ *mane*, pôr o do meio, entalar; *ini* ~ *na'e*, está entre nós, no meio de nós

**tahi-ulu**, ao largo (mar)  
**ete-ulu**, nó da árvore, miolo da árvore  
**ulupela'a**, ir para o centro, ir ao meio  
**uluneru**, caneleiro  
**ulupainu**, feito no meio  
**uluere**, queixar ao tei um sujeito que roubou ou de outros motivos: ~ *fa'i*, eliminar, fazer morrer por meio do seu *tei*  
**ulumeru**, nome de uma espécie de árvore que é muito boa para as mobílias  
**ululunpa'i**, fazer zangar, chatear  
**ulupa**, pó, cinza, poeira, pólen [mac. *loe-limu*]  
**aca-ulupa**, cinza  
**Ulupa-Uru**, mês de Agosto (no Loré)  
**ulurapi**, raia (pesce), porco-espim  
**ulure** = **lure**  
**uluru**, fruta-pão com castanha [mac. tét. *kulu*]  
**uluru-kafu**, castanha de fruta-pão  
**ulusururana**, paus do soalho da casa  
**umani**, quem? *a* ~? quem es tu? ~ *acita'a*? a quem dirá? quem diz? *en* ~ *i jeu lau tana*? da mulher de quem este pano? = Revista de novo os panos que se juntaram no momento antes de dar aos pais do novo  
**umu**, morto; morte; morrer [mac. id.]  
**umunu** (plur. **umunoro**), cadáver, morto, difunto  
**umue**, beijar; chupar [mac. *mun*]  
(Em Timor fazem-se os beijos com o nariz ao nariz); *tana* ~, beijar a mão  
**umanafa** (plur. de **umani**)  
**un** = **unu**  
**una**, comer; beber [mac. *naval*]: *ira* ~, beber água; *cele* ~, comer milho; *vari* ~~~, já comemos muitas vezes  
**unanu, unananu**, comida, alimento, mantimento  
**uname**, prender [mac. *sifa*]  
**unu** (suprime-se às vezes o *u* antes ou depois do *n*), um [mac. *ù*]

- uni'i**, um, outro, um tal [mac. *uwese*]
- unutoho** (= **cau-atarana**), cabeça, crânio
- upa**, cana de açúcar [mac. *ufa*]: ~ *lemese*, a cana de açúcar é doce; ~ *i ulu*, a polpa da cana de açúcar
- upahe**, bastar, ser suficiente; murchar, aquecer por baixo: *vaci kafa hain ~*, passando oito dias chega
- upata**, o que pertence, os haveres, bagagem; gado, animais [mac. *nai-nai*]: ~ *fa'i*, entreter-se; ~ *hoto*, animais selvagens
- upe**, não, sem, nada: ~ ... *nara*, se não (isto) ..., então; *serika navare ~*, não sei nada; *hain ~*, já acabou, não há mais
- upu**, costas, revesso, avesso [mac. *laikoro*]: ~ *hicine*, detrás; *an ~ hicine mara*, vai atrás de mim; *i fanu i ~ mesene*, mostra a cara e o [?]
- upu-piti**, (monte de) terra branca; Upupiti, nome de povoação, agora usada como cemitério de Fuliloro
- tana-upu**, envés da mão
- upulu** (= **ipilu**), língua [mac. *ifileri*]
- upuru**, mosca [mac. *ufula*]: ~ *ere*, enxotar as moscas
- ura**, afastar-se, arredar, para atrás [mac. *sol*, tét. *hasai*, *haksis*]: *macenu ~*, tira a comida; *ira ~ kirihe*, abre a torneira da água; ~ *lauhe*, ressuscitar, voltar à vida; ~ *ha!* afasta-te!; ~ *cuale*, retirada dos animais; ~ *cuare*, sentar-se mais atrás [mac. *dofini*]; ~ *mohe*, correr para trás; ~ *n aci*, olhar para trás
- uranere**, os que estão atrás
- uracene**, trocar
- uracenu**, troco
- urake** = **ureke**
- ureke**, verde; teimoso, matulão [mac. *gu'uru*]: *ete-mana ono ~*, o fruto ainda está verde
- u'ureke**, muito verde, falta muito para amadurecer
- urri!** grito para animar os cães
- uru**, lua; mês [mac. id.]: ~ *hain umu*, eclipse; ~ *naun upahe*, mensal; ~ *unu*, noutro mês, noutra lua
- uru-haranu**, luar, lua cheia
- uru-molu**, eclipse
- uru-polu**, lua cheia
- uru-tahume**, lua nova
- Uruvacu**, Deus: ~ *i luku-lukunu*, doutrina; ~ *i luku-lukunu ta'a*, pregar; ~ *i ukunana*, mandamentos
- uruha**, o último
- uruhua (no narunu)**, mortal, dos mortos
- Uruha'a**, nome duma tribo em Lautém que os avós eram os primeiros a fazer tei com pau forte
- ete-uraha'a**, imagem sobre o sepulcro
- urumoko-vacumoko**, gafanhoto de uns 20 ou 30 cm
- urute**, fazer estrondo, ressoar [mac. *ururu*]
- urutu**, estrondo: ~ *lafai*, grande estrondo
- uru-uru**, ruído, barulho, trovoadas [mac. *duguru*]
- uru-urunu**, tumulto, barulho
- ususeke** (v. **hoi**), espeto; espetar [tét. *ai-tatu'u*, *ai-meik*]
- uta**, tecer pano [mak. *seru*, tét. *soru*]: *lau tapi ~*, tecer muito bem
- uta** (= **ura**), detrás, atrás, tras [mac. *gutu*]: *koco ~ palake*, esconder detrás do muro/da parede; *lee-o'ó ~ nate*, estar detrás da porta
- uta**, tocar, sacudir; chover [mac. *uta*, *base*]: *vili ~*, tocar o sino; *aya akam ~*, não chove
- utanu**, choviscada: *aya mu'a taran ~*, primeiras chuvas; Dezembro (nalguns lugares)
- utale**, sacudir, fazer cair
- utae**, cortar (a pancada) [mac. *lasi*]
- utu**, (1) diante, a frente de: *e fanu ~*, diante de ti; *Uruvacu i fanu ~ na'e*,

## utu-utune

na presença de Deus; (2) cortar a palavra; impedir; ~ *nate*, impedir, oposição, defender; ~ *kirihe*, fechar a torneira; ~ *ci'ile (isile)*, tapar a boca (dum saco); ~ *n aci*, suspender uma ordem; ~ *n ciare (hiare)*, pagar uma dívida, perdoar

**utu-utune:** *i fanu* ~, na sua presença, ante ele

**utunate**, estar em pé diante de

**utune**, proteger, guardar, defender:

*lee-o'o* ~, trancar a porta; *nalu i moco*

~ *poroke*, a mãe defende muito bem

o filho; *tapa a fanu naun* ~, afastate

da minha presença

**utunana**, guarda, o que se guarda

**utunpa'i**, guardar

**utun-pali**, sem defesa

**utunpa'ínu**, defesa, escudo

**utupa'i**, cobrir, tapar: *hai* ~, está

coberto; *n-o'o* ~, tapa a boca

**utu**, procurar [mac. *guta*]: *ira* ~, buscar água, procurar água

**utuhi'i**, represar, tapar

**utu-citi**, represa de água

**utumohé**, tapar: *tana cucu* ~, tapar o bambu com a mão

**utue**, três [mac. *lolitu, iutu*]

**utuatere, utuafu**, três pessoas,

três coisas

**ututane**, oposto três vezes

**ta'an ukani utue**, treze

**ta'an ece utue**, vinte e três

**ta'an fate utue**, quarenta e três

**ta'an utue utue**, trinta e três

**ta'an siva utue**, noventa e três

**rah utue**, trezentos

**rah utue-ita-ukani**, trezentos e um

rehun utue, três mil

**utuu (i ~)**, terceiro: *i hafarika i ~*,

capítulo terceiro; *sorotu i ~*, três livros

**utuva**, no terceiro dia depois de

amanhã [mac. *iturek*, tét. *baintolu*,

*aban bainrua*]

**utue**, semear: *cele* ~, semear milho;

*ete* ~, plantar árvore; *ali* ~, transplantar

**utuana**, sementeira, o semeado

**utujete**, cair deitado

**utune:** ver **utu**

**utupe**, ir ao encontro cruzando-o [mac.

*gutuda*]: *kaparana* ~, afugentar o mal

**utupenu**, escudo, defesa, protecção

[mac. *gi guda*]

**utute**, bater, murro, dar pancada

[mac. *tutu*]: *o'o* ~, bater a porta; *cele* ~,

triturar o milho (com pedra, sobre pedra)

**ututefe**, soprar, assoprar [mac. *gu'uru*]:

*aca* ~ *po akam tana*, sopra no fogo

mas não arde

**ututu**, zomba

[mac. *hia-hia*, tét. *hotar, hase'i*]

**utuu, utuva:** ver **utue**

**u'ureke = ureke**



V



**va'a** (v. **teva'ane**), assim [mac. *dede*]  
**va'amini**, tanto, quanto, tudo quanto, cada um: ~ *eluhe*, quanto queiras; ~ *i taunu fa'i*, faz todo o bem para cada um; ~ *i sorotu me*, cada um tome seu livro; ~ *jene*, o particular de cada um; *ukani-ukani tei* ~ *jejene*, cada um tem o seu ídolo; ~ *lee mara*, cada qual vai para casa  
**va'ane**, como, idêntico: *i* ~, igual, assim, isso mesmo; *e* ~, é como digo, é assim; *nita* ~, igual, idêntico a  
**va'ava'ane**, igual  
**va'ava'anenu**, perfeitamente igual  
**va'apa'i**, imitar, reproduzir, seguir o exemplo: *a eme a hani* ~, faça como o meu; *e* ~, faz como isto; *tapa eme i* ~, não faça assim; *Uruvacu tu e nim i* ~ *tua*, Deus te criou assim  
**va'are = ava'are**  
**va'ate** (v. **neru**), ciranda, escorolar [sic], joeira  
**vacaku = vasaku**  
**vaci**, dia [mac. *watu*]: ~ *unu i na'e*, no seu dia; ~ *n uku*, cada dia; ~ *hai tali*, há muitos dias, passado; *hai* ~ *utue*, há três dias; *ena'e hai* ~ *utue*, aqui já a três dias  
**vaci ia, vacia**, hoje [mac. *eani*]: ~ *aya lafai*, hoje chove muito  
**vaci-hici, vacu-hici**, a tarde [mac. *rai-nale*, tét. *lokraik*]  
**vaci-lafai**, dia de festa [= tét. *loron-boot*]  
**vaci-vaci**, todos os dias, cada dia  
**vacu**, sol [mac. *watu*]: ~ *hia suke*, sai já o sol, já é de dia, sol fora  
**vacu-haranu**, luz do sol  
**vacu-hiamoi**, nascer do sol  
**vacu-hiamoinu**, leste, nascente  
**vacu-hiasukana**, leste, nascente  
**vacu-hici**, a tarde [mac. *raimale*]  
**vacu-isinu**, poente, oeste

**vacu-molu**, eclipse do sol  
**vacu-mucucane, vacu-mucucanana**, posta do sol  
**vacu-piti**, meio-dia  
**vacu-timine**, calor do sol, o sol quente  
**vacu-vacu**, morno [tét. *loro-lain, mamut*]  
**vahane = va'ane**  
**vahе**, verter, trasbordar, extravasar [mac. *kisiki*]: *horu* ~, fugir juntos  
**vaha-vaha**, cinzento, pardacento; confuso [mal. *loere*]  
**vahi**, cima: ~ *moreni*, deitar por cima; ~ *tehani*, cair por cima  
**vahilanu**, macho, masculino [mac. *nami*]  
**vahime**, partir com a mão por flexão, estalar [tét. *silu*]: *tanafuka* ~, estalar os dedos [tét. *silu liman-fuan*]  
**vahinu, vahin**, dente [mac. *wasi*]: ~ *apame*, arrancar dentes; ~ *pukale*, cair os dentes, arrancar dentes [mac. *wasi pugala*]  
**vahinu-panake**, dor de dentes  
**vahinu kisa-kisa**, ranger de dentes [mac. *wasi-ga'ele*]  
**vahin-cipi acane**, incisivos inferiores [mac. *wasi-fanu gutu*]  
**iparu-vahinu**, dentes caninos [mac. *defa-wasi*, tét. *nehan-asu*]  
**moru-vahinu**, dentes molares [mac. *wasi neli-mutu*, tét. *nehan hasan-hun*]  
**vahi sele-sele**, caretas, chiste  
**vahin-manaheni**, procurador  
**vahin-helere**, dentes de leite [mac. *wasi-seluru*]  
**vahivahimana**, navalha [mac. *nawaila*, tét. *tudik-oan*]  
**vahire**, colher, colheita, dobrar [mac. *basiri*, tét. *silu, bituk*]: *cele* ~, colher o milho; *aca* ~, apanhar lenha; *petu o'o-vali* ~, dobrar as bordas da esteira  
**vahu**, lavar, purificar [mac. *bane*]: *tana* ~, lavar as mãos; *fanu* ~, lavar a cara; *ia* ~, lavar os pés

## vahuvahun

**vahuvahun:** *ana i ~ kayare*, cansei-me de vos lavar  
**vahu**, peixe da ribeira  
**va'i**, colo [tét. *ko'us*]: *ana hai ~*, o filho que gerei [tét. *ha'u ko'us ona*]  
**va'iva'in:** *ana i ~ kayare*, cansei-me de vos educar  
**vaiho**, cantar, entoar [mac. *masu, rusu*]  
**vaihohonu, vaihohoni**, canção, cântico  
**vaihula**, janela [mac. *taba-las*]: *~ lohai*, a janela está alta  
**vaine**, remar [mac. *waini*]: *~ mara*, ir remando  
**vainu**, remo [mac. *wainate*]: *loiasu i ~ fate*, a barca tem quatro remos  
**vaite**, levar a cabeça; *calu nee ~*, levar o nome do avô  
**vaka**, veado [mac.tét. *bibi-rusa*]  
**vaka-arapou**, vaca (boi) [mac. *waka-arabau*]  
**vaka-calu**, veado macho  
**vaka-nalu**, corça  
**vakahe**, leve [mac. *a'ehel*]: *enii ci'ire fanu in ~*, isto é pesado, aquilo é leve  
**ica-vakehe**, sossegado, descansado (lit. alma leve)  
**vakaheni**, muito leve  
**vakavakahe**, demasiado leve: *ufuru ~*, corpo regalado, descansado  
**vaka-vaka fa'i**, jogo de rapazes imitando caças de veados, alguns fazem-se de cães, outros de veados, outros cavaleiros sobre paus  
**vakile**, saltar [mac. *namase'ele*]  
**vakisa**, carvão [mac. *ata-isa*, tét. *anar*]: *~ koi*, carvão apagado; *~ hain upe*, já não há carvão  
**vaku**, carreiro estreito de animais: *hafana ~ na'e*, no carreiro há uma armadilha  
**valahe**, dar de barlaque  
**valale**, pressa, depressa, rápido [mac. *bese-bese*]: *~ fa'i*, fazer urgentemente; *~ umu*, morrer cedo;

*~ ca'a*, dizer depressa; *~ ene*, buscar depressa

**valavalale**, urgentíssimo, o antes possível: *~ po kapare*, apressado é mal; *~ fa'i*, fazer com pressa  
**vale, vali**, parir (o animal), nascer, criar; casar-se [mac. *wala*]: *pai hai ~*, a porca já pariu; *ocava ~*, tem dono; *jeu ~, mu'a ~*, está casada, casar-se; *atu kuru ~*, ter dívida; *cuma en tutu ~*, a ovelha vai criar; *kuca en tutu ~*, esta égua está para parir vale, ter; em: *fahu ~*, em casca; tem casca  
**vali** (v. **koko**), contra, remexer [mac. *tai gin*]: *nita ~*, encontrar-se; *kareta nota ~*, os carros vão ao encontro; *apoinu ~*, remexer a comida; *~ haca*, mais uma vez; *~ pali*, continuar, seguir sem parar; *~ pali ta'a*, enumerar, contar, diga sempre  
**valinu, valin**, o contrário; ao encontro: *~ cene*, retribuir; *~ sirike*, afastar-se; *~ kere-kere*, escrever ao contrário; *~ ca'a*, replicar, refilar  
**valinpa'i**, ofensa, contradição  
**valinpe**, separar  
**valinpe-la'a**, afastar, repelir  
**mavalinu**, inimigo [tét. *funu-maluk*]  
**vali**, orelha [mac. *wal*]: *~ kohe*, negar com a cabeça; *valin haranpa'i*, abrir os ouvidos, fazer ouvir  
**o'o-vali**, praia, bordo [mac. *ra'isa*]  
**vali-ceu**, surdo [mac. *wali-diku*]  
**vali-ara**, queixo junto à orelha  
**vali-ara manu**, papeira  
**vali-kasa**, orelha [mac. *wali-kasa*]; *~ kilae*, orelhas sujas  
**vali-kave**, noivo; flirtear, namorar [tét. *lia atu kaben*]  
**vali-koforu**, lóbulo da orelha  
**vali-titile**, obsecação  
**valiru**, pau para apertar a trama  
**valiuru**, selvagem, bravo, cruel [mac. *inahau*]  
**valu-valu**, ferver [mac. *uluru*, tét. *nakali*]

**vana**, noite: ~t *ulumuha*, meia-noite;  
~ *tulu*, noite escura

**vani**, abelha [mac.tét. *wani*]

**vani-capu**, vespa

**vani-fahu**, favo

**vani-ira**, mel

**vara** (= **nauvara**), além disso

**varaca**, choupana grande coberta de palha [tét. *uma-piku*]

**Varasira**, lugar de aeroporto entre Com e Moro/Lautém

**varate**, oeste, poente

**varese**, limpar, limpo [mac. *sare*]:

~ *fa'i*, limpar

**vavarese**, impoluto: *ufuru* ~, pulcro, corpo limpo

**varesenpa'i**, limpar, purificar

**vari**, (1) partícula que se antepõe a verbos que indicam repetição frequente do verbo [mac. *naga*, tét. *nahi*, *fila-fila*, *beibeik*]: ~ *mace-mace*, estar sempre a comer [tét. *nahi hahán*]; ~ *tahatahane*, sofrer eternamente; ~ *nana'e*, sempre ali; ~ *la'a-la'a*, ir sempre; ~ *caicaya*, sempre deitado; ~ *au-aufu*, sempre completo; (2) mui, muito: ~ *eroho*, muito cedo; ~ *kesi*, resistente, muito forte  
**varinu**: *macenu cele* ~, o comer é sempre milho

**varivarinu**, sempre, sem fim, eterno

**vari**, (2) ouvir; obedecer [mac. *wali*]: *hai* ~ *ana?* ouvistes? [tét. *rona ona ka lae?*]; ~ *olo?* ouvem ou não? *kam ihini* ~, distrair-se, não querendo ouvir; *hin palu* ~, honra seu pai

**varinu**, o sentido do ouvido

**vari**, ninho, envoltura [mac. *wali*]: *ono fahu* ~, ainda está na casca; ~ *ece*, dois ninhos

**olo-vari**, ninho de passarinho

**aca-vari**, ninho para a galinha

**variene** (v. **etekaure**), deixar [mac. *deixar*]

**varite**, cortar as ramas: *ete-tani* ~, cortar os ramos das árvores

**varu**, orvalho [mac. *wa'ara*]

**vasaku**, **vacaku**, nervo; polpa: *kailemu i* ~, polpa de tamarindo

**vata**, coco, copra [mac. *bata*]: ~ *huhuleve*, coco de copra ainda mole

**vata-ara**, coqueiro [mac. *bata-fuu*]

**Vata-Asa Uru**, mês de Junho

**vata-asa**, folha de coqueiro [mac. *bata-asa*]

**vata-fatulu**, envoltura do pé das folhas

**vata-hopu**, cacho de cocos

**vata-ira**, água do coco [mac. *bata gi ira*]

**vata-kaleri**, invólucro floral dos cocos

**vata-kisu**, casca do coco

**vata-kuru**, funil

**vata-voru**, óleo de coco

**vatau**, espreitar, curiosar

**hutu-vatau**, espelho

**vati**, caminho dos animais

**vati-leu**, **ina-~**, **ina-vatinu**, sobranceiro [mac. *nana-namu*]

**vaure**, dança folclórica de Timor

[mac. *wauru*, tét. *bidu*, *lore*, *neul*]

**Vauru**, nome de uma povoação do suco de Bauro

**vau-vau**, solavanco, balancear

**vava'ane** = **va'avanu**

**vavarese**: ver **varese**

**vavate**, trotar

[mac. *doo-doo*, tét. *todok*, *halai todok*]

**vaya**, sumo [mac. *vake*]

**ete-vaya**, seiva

**ina-vaya**, lágrima

**pai-vaya**, banha de porco, toucinho

**sapurika-vaya**, sumo de laranja

**vayasu**, sumo, fazer-se água

[mac. *ira*, tét. *haween*]: *o'o* ~, fazer-se água na boca

**vaya-vaya**, o líquido que sai do cadáver ou morto [tét. *bukraak*]

**vayake**, **vayamai**, **acavayake**,

pendurar, suspenso [mac. *gatadoi*]

**vayane**, o que está pendurado

**vayanu**, cunhado, irmão da mulher

## vazanu

ou esposo da irmã [mac. *mali*, tét. *rian*]

**vazanu** = **vayanu**

**-ve, -e**, sufixo dos nomes para na chamada indicar amizade [ed.: sufixo vocativo] [mac. *woe*]

**paluve!** paizinho! [mac. *boba woe!*]

**naluve!** mãezinha! [mac. *ina woe!*]

**Uluvacue!** meu Deus

**Antonie!** ô António

**veci-veci**, desempenhado, pessoa muito direita [mac. *wedu-wedu*]

**vehe**, sangue [mac. *wai*]: *nita* ~ *tutu*, pactar misturando sangue no vinho que tomavam; ~*m akuse*, ter diarreia sanguinosa [tét. *tee-raan*]; *nita* ~ *tuare*, trocar-se o sangue; *vehula* ~ *ula*, do mesmo sangue

**vehe-ma'ú**, segra [sic], menstruação

**vehe-pali**, pálido

**vehire**, envolver

**vei**, arco

**aravei**, arco-íris

**veire**, mole, flexível [mac. *aanumu*]

**veiveire**, muito molengas: *hikar* ~, catana flexível

**vele**, pele, casca [mac. *uli*]: *i* ~*m ura*, ~ *seke*, descascar; *arapou i* ~ *sapata fa'i*, com a pele do búfalo fazem-se sapatos

**vele**, desviar

**velika**, esquerda [mac. *weli*]: ~ *hicine*, para a esquerda; ~ *mara*, vira para a esquerda

**velikame**, canhoto: *ma'ar* ~ *mace*, canhoto que come

**venu**, semente [mac. *inu-daru*]

**ete-venu**, **venu-ete**, árvore de seiva vermelha

**venu**, secundinas, placenta

**veraka**, gruta

**verasa**, capim

**verese**, vaidoso [mac. *niguara*]

**vereverese**, brincadeira, pândego, mangar, tagarelar [mac. *muri-muri*]

**verire**, pendurar [mac. *namadoi*, *gatadoi*]: *celem lee na* ~, pendurar o milho na casa

**veriru**, laço no que o animal fica pendurado

**veru**, regato, ribeira

**veru-ira**, **verira**, água da ribeira

**ira-veru o'ó-vali**, margem da ribeira [mac. *lori-mata*]

**veru-lafai**, rio

**veru**, capim para cobrir as casas

**veteru**, tropeçar, embicar [mac. *fa'unuta*]: *matar na* ~, tropeçar na pedra

**veti-veti**, oscilar

**mu'a veti-veti**, mirmilião [sic], formiga-leão

**vetivetike**, vibrar [mac. *gi fetill*]: *silaku i lere* ~, as patas do gafanhoto vibram

**vetivetiku**, oscilação, movimento vibratório dos bichos, tremer

**veture**, amortalhar [mac. *lole rasa*]

**veturu**, **veturana**, amortalha [mac. *lole*]

**vevehana**, educação

**vevehana-pali**, maleducado, impertinente

**vihilu**, tumor, furúnculo [mac. *fikulu*]

**vihile-ahinaku**, pus do furúnculo

**vili**, sino; guiso, cascavel [mac.tét. *sinu*]: ~ *uta*, tocar o sino

**vili-moko**, campanha

**vinanu**, carga, as coisas de dentro da casa [mac. *dera*, tét. *sasán*]

**virahana**, adorar; arroz presenteado aos ídolos [mac. *usara*]

**virite**, **virí-virí**, palpitar [mac. *riu-riu*]:

*aracane*, *akam viri-viri*, caiu e já não se mexeu mais

**uanu viri-viri**, palpitar do coração

**vise**, **ivise**, rasgar, rasgado, roto [mac. *fisaka*]: *hai* ~, está rasgado; *sapata* ~, sapatos rotos

**visi**, rebentar, abrir os botões das árvores [mac. *luru*]

**viturana** = **veturana**

**vonu**, incerto, indiferente, indefinido

[mac. *ga'awai* ù]: ~ *mara*, ir ao calhar

**voru**, azeite, óleo [mac. *enlau*]

**vouvoule**, molengas [mac. *ououlu*]

**vouvoure**, ladrar do cão [mac. *ko'uru*]:

*iparu* ~, o cão ladra





Z



**zazane**, mastigar [mac. *falini*]

**Ze** (deve ser *je*), nome de pessoa, mal pronunciado. O fataluco autêntico diz *je*, ex. *Jekoro!* não é Zekoro.

Concluído de passar do caderno (3º) rascunho, na Câmara Eclesiástica no dia 19 de Março de 1984, festa soleníssima de São José, ano 1984 às 17.40 horas. *Laus Deo, Beatæ Mariæ Virgini et Sancto Joseph. Amen!* Repassada em Lospalos, Fuiloro desde dia 8 de Janeiro 1992 e acabada aos 29 de Janeiro de 1992. (Justino V.)



EMBAJADA DE  
ESPAÑA EN INDONESIA  
Y TIMOR ORIENTAL



**aecid**  
OFICINA TÉCNICA  
DE COOPERACIÓN



Salesianos de  
Don Bosco  
Timor Leste